



LÚLIO

FÉLIX, OU O LIVRO DAS MARAVILHAS

PARTE I







RAIMUNDO LÚLIO
(RAMON LLULL)

FÉLIX, OU O LIVRO DAS MARAVILHAS

PARTE I

DEUS – OS ANJOS – O CÉU – OS ELEMENTOS
AS PLANTAS – OS METAIS – AS BESTAS

TEXTO INTEGRAL

Tradução
Ricardo da Costa






escala

www.escala.com.br

Diagramação: Kleber Ribeiro de Sousa
Revisão: Maria Nazaré de Souza Lima Baracho
Capa: Kleber Ribeiro de Sousa
Colaborador: Luciano Oliveira Dias
Coordenação Editorial: Ciro Mioranza



A TRADUÇÃO, AS REVISÕES, ASSIM COMO A APRESENTAÇÃO E A
INTRODUÇÃO DESTE LIVRO FORAM REALIZADAS POR MEMBROS DO
 INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA
“RAIMUNDO LÚLIO” (RAMON LLULL)
WWW.RAMONLLULL.NET

Av. Profª Ida Kolb, 551 – Casa Verde
CEP 02518-000 – São Paulo – SP
Tel.: +55 (11) 3855-2100 - Fax: +55 (11) 3857-9643
Caixa Postal: 16.381 - CEP 02599-970 – São Paulo – SP
Site: www.escala.com.br - E-mail: escala@escala.com.br





ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
VIDA E OBRAS DO AUTOR	21
FÉLIX, OU O LIVRO DAS MARAVILHAS	27
PRÓLOGO	29
LIVRO PRIMEIRO: DE DEUS	31
COMEÇA O SEGUNDO LIVRO, DOS ANJOS.....	105
COMEÇA O TERCEIRO LIVRO, DO CÉU	115
COMEÇA O QUARTO LIVRO, DOS ELEMENTOS	125
COMEÇA O QUINTO LIVRO, DAS PLANTAS	149
COMEÇA O SEXTO LIVRO, DOS METAIS	167
COMEÇA O SÉTIMO LIVRO, DAS BESTAS.....	181







APRESENTAÇÃO

A NOVELA NA IDADE MÉDIA: *O LIVRO DAS MARAVILHAS* (1288-1289) DE RAMON LLULL

Ricardo da Costa (Ufes)

Félix ou *O Livro das Maravilhas* é uma das primeiras novelas de cunho filosófico-social escritas na Europa medieval (CARRERAS Y ARTAU, 1939, vol. I: 630). *Novela*, em catalão medieval, uma boa nova, uma novidade (*novell, novella*) (GGL, vol. III, 1984: 436). A obra foi escrita por Ramon Llull (1232-1316) em Paris em 1288-1289, durante sua primeira visita àquela cidade. Llull tinha então cerca de 56 anos: já era um homem velho para os padrões medievais. Sua visão sobre a sociedade cristã, sobre a monarquia e sobre os poderes constituídos já estava solidamente consolidada.

Um homem velho para o seu tempo sim, mas cheio de idéias novas, desejando conhecer e, sobretudo, *reformular* o mundo. Assim, é pouco provável que a corte de Filipe IV, o *Belo* (1268-1314), tenha alterado substancialmente sua visão política forjada em seus anos de formação em Maiorca e Aragão.

A redação do *Livro das Maravilhas* se insere num momento muito especial da vida de Ramon: em 1287 ele entrou na cena política européia (HILLGARTH, 1971: 47), quando visitou inutilmente a cúria romana – o papa Honório IV (1285-1287) acabara de falecer – e também a corte de Filipe, o *Belo*, saindo de seu mundo





mediterrâneo de Maiorca e adjacências. Até então, Llull tinha ido somente a Montpellier (1274-1275), para atender a um chamado de Jaime II de Maiorca para que seus livros fossem analisados – e aprovados – por um frei menor mestre em teologia.

Além disso, pela primeira vez Llull leu sua *Arte* na Universidade de Paris, e tentou uma aproximação com Filipe, o *Belo* – sinteticamente, a *Arte* luliana é um sistema de pensamento aplicável a qualquer tema ou problema específico, uma tentativa de unificar todo o pensamento da cultura medieval e um instrumento para investigar a verdade das criaturas tendo como pressuposto apriorístico a verdade de Deus, *Arte* assim criada com base na Santíssima Trindade e com o principal objetivo de *converter os infieis*. Ela era mais que uma doutrina: era uma técnica, um sistema, um *modo de exposição técnico de uma ciência*. Possuía cinco usos, segundo seu próprio criador: 1) *Conhecer e amar a Deus* – amar a Deus era um preceito cristão (Mc 12: 30 e Lc 10: 27), mas amar e *conhecer* a Deus era uma característica da teologia muçulmana, o que indica uma influência islâmica no pensamento de Ramon; 2) *Unir-se às virtudes e odiar os vícios*, um processo que, segundo Llull, refrearia as paixões com a virtude da *temperança*; 3) *Confrontar as opiniões errôneas dos infieis por meio das “razões convincentes”, ou “necessárias”*; 4) *Formular e resolver questões* e 5) *Poder adquirir outras ciências em um breve espaço de tempo e tirar as conclusões necessárias segundo as exigências da matéria*. Isto fazia da *Arte* luliana uma *ciência das ciências*, proporcionando o critério para um ordenamento preciso e racional de todo o conhecimento (COSTA, 2000).

Provavelmente Llull tinha o objetivo de convencer o rei da França a fundar escolas em seu reino que ensinassem línguas orientais a missionários à semelhança do colégio de Miramar em Maiorca, como havia tentado na cúria romana um ano antes. Uma passagem da *Vida Coetânia* (1311), autobiografia ditada a um amigo da cartuxa de Vauvert, em Paris, afirma esta intenção:

Depois disso, Ramon foi à corte de Roma para ver se poderia conseguir do senhor papa e dos cardeais que fossem construídos





pelo mundo monastérios similares (a Miramar) para o ensino de diversas línguas. Contudo, quando chegou à corte, soube que o papa, o senhor Honório, acabara de morrer. Por isso, deixou a corte e dirigiu-se a Paris a fim de comunicar ao mundo a Arte que Deus havia-lhe dado (Vida Coetânia, 18)

Isto também está claro em três cartas de Llull a Filipe, o Belo, à Universidade de Paris e a um prelado desconhecido, datadas de 1287-1289 (HILLGARTH, 1971: 50), em que sua petição – escrita num latim elegante (o que indica que provavelmente solicitou os préstimos de um latinista parisiense) – corresponde à seguinte passagem autobiográfica no *Livro das Maravilhas*:

Filho – disse o ermitão – um homem que durante um longo tempo havia trabalhado para a utilidade da Igreja Romana veio a Paris e disse ao rei da França e à Universidade de Paris que fossem feitos monastérios onde fossem ensinadas as línguas daqueles que são infiéis, e que se traduzissem a essas línguas a Arte Demonstrativa e que com aquela Arte Demonstrativa fosse aos tártaros e que lhes predicasse e lhes ensinasse a Arte; e que se levassem alguns deles a Paris e lhes ensinasse a nossa língua e a nossa escrita antes que retornassem à sua terra. Todas estas coisas e muitas outras solicitou este homem ao rei e à Universidade de Paris, e que fosse confirmada pelo santo apóstolo e fosse uma obra perdurável. Dessa maneira, filho, poderia crescer a fé romana, porque converteríamos os tártaros e aqueles da Licônia e outros gentios, e aqueles destruiriam os sarracenos, e assim, pela via do martírio e pela grandeza da caridade, todo o mundo poderia ser entregue à cristandade (RAMON LLULL. “Fèlix o el Libre de meravelles”. In: OS, vol. II, p. 291).

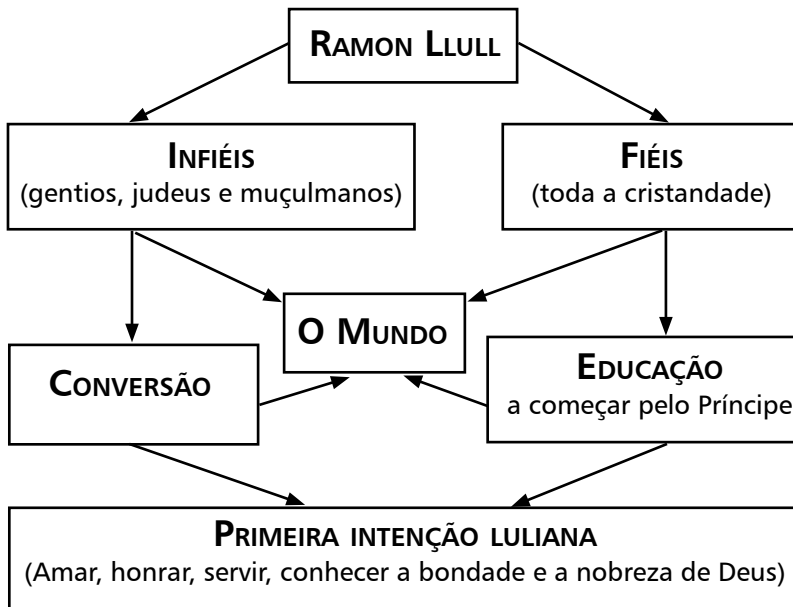
Ramon menciona os tártaros – mongóis – porque neste período, com o fim das cruzadas na Palestina em 1291, existia uma intensa atividade diplomática entre os reinos europeus e o grande Khã mongol da Pérsia (também em domínio dos tártaros),



que possuía então uma simpatia pelo cristianismo (VILLOSLADA, 1963: 547-552; CAHEN, 1989: 301-315). Esta possível aliança mongol com os reinos cristãos tinha o objetivo político de expulsar os mamelucos egípcios da Síria e da Palestina. Toda esta atividade diplomática suscitava o interesse de Ramon Llull pelo fato de sua proposta de conversão dos infiéis poder ser aí inserida.

Estas passagens explicam muito a respeito da proposta de reforma social luliana – reforma que alicerça todo o *Livro das Maravilhas*. Para Llull, o mundo só poderia ser reformado se, por um lado (o da cristandade), os fiéis fossem educados na religião (a começar pelos príncipes) e, por outro, os infiéis fossem convertidos, através do diálogo, pela razão. Assim, seus projetos de reforma social possuíam um forte alicerce espiritual (BONNER, 1989, vol. II: 09):

O PROJETO UTÓPICO DE REFORMA SOCIAL LULIANA





Assim, o *Livro das Maravilhas* se insere num novo contexto político e numa nova fase da vida de Ramon Llull: a corte parisiense de Filipe, o Belo e a própria Universidade de Paris, onde o autor leu sua *Arte* pela primeira vez para um público “internacional” de estudantes e doutores de diversas nações (HILLGARTH, 1971: 46). Contudo, por problemas de comunicação em sua exposição (“sua maneira arábica de falar”) esta tentativa de divulgar sua *Arte* em Paris foi um fracasso, à semelhança de sua estada em Roma pouco antes (*Vida Coetânea*, 18, 19).

O *Livro das Maravilhas* é uma das obras mais conhecidas de Ramon Llull. Seu *Prólogo*, como o da *Árvore da Ciência* (1295-1296), é autobiográfico, num tom lamurioso, e explica as circunstâncias da redação da obra – uma das características literárias do pensamento luliano (BATLLORI, 1957: 313). Ramon, numa *estranha terra* (que todos os especialistas estão de acordo tratar-se de Paris), chora e se lamenta que tão poucos adorem a Deus:

Em tristeza e em languidez estava um homem em terra estranha. Fortemente se maravilhava ao ver como as gentes deste mundo conheciam e amavam tão pouco a Deus, que criou este mundo e com grande nobreza e bondade o deu aos homens a fim de que por eles fosse muito amado e conhecido. Este homem chorava e se lamentava por Deus ter neste mundo tão poucos que O amem, O sirvam e O louvem. E para que fosse conhecido, amado e servido faz este Livro das Maravilhas... (RAMON LLULL. “Félix o el Libre de meravelles”. In: OS, vol. II, p. 19)

Numa sensibilidade tipicamente franciscana, o homem (Ramon) pede então ao filho, de nome Félix – considerado por alguns como uma extensão metafórica e literária do próprio Llull (BATLLORI, 1957: 312) – que vá correr o mundo para descobrir (“se maravilhar”) o porquê os homens cessaram de amar e conhecer a Deus:

– Amável filho, quase mortas estão a sabedoria, a caridade e a devoção, e poucos são os homens que se encontram na finalidade para a qual





Nosso Senhor Deus os criou (...) Vá pelo mundo e maravilhe-se dos homens que cessam de amar e conhecer Deus (...) Félix foi, obediente a seu pai (...) E com a doutrina que seu pai lhe transmitiu andou pelos bosques, montes e planícies, pelos lugares ermos e povoados, encontrou príncipes e cavaleiros pelos castelos e cidades, e se maravilhava das maravilhas que existem no mundo. Perguntava o que não entendia, explicava o que sabia e metia-se em trabalhos e perigos a fim de que a Deus fossem feitas reverência e honra. (RAMON LLULL. "Fèlix o el Libre de meravelles". In: OS, vol. II, p. 20)

Assim, Félix sai pelo mundo como um errante, questionando o porquê das coisas, como um herói cristão, cheio de estoicismo religioso e uma simplicidade frugal. Esse protagonista da novela – que Llull criou com base em lendas célticas e bretãs trazidas para a Catalunha por trovadores provençais – flui agradável e singelamente por entre o misticismo e o realismo, uma característica das criações literárias espanholas (ALFONSO, 1968: 77-81).

Félix é uma novela de crítica social. De intenção reformista, didática e moral, não possui diretamente os objetivos de conversão tão próprios do pensamento luliano, pois foi escrita para o próprio mundo cristão. E exatamente por apontar criticamente para as instituições existentes e para os ofícios daqueles que possuíam as "rédeas do poder" (príncipes, prelados e ricos burgueses), já foi dito que a obra possui um "ar áspero e contracultural" (BONNER, 1989, vol. II: 10).

O conteúdo de *Félix* é enciclopédico, e inclui todo o universo medieval. Os temas de seus dez livros o indicam: 1. Deus, 2. Anjos, 3. Céu, 4. Elementos, 5. Plantas, 6. Metais, 7. Bestas, 8. Homem (capítulo que ocupa quase 60% de toda a novela), 9. Paraíso, 10. Inferno. A seqüência da viagem de Félix pelo mundo é intencional: é um caminho cosmogônico, pois ilustra a ordem da criação, onde o próprio mundo e todas as coisas existentes são entendidas como uma expressão viva da obra de Deus (GALERA: http://terravista.pt/Guincho/7933/bgaleria.htm#_ftnref14).

O objetivo da redação do *Livro das Maravilhas* é bastante claro: que Deus seja conhecido pelas pessoas, que seja amado e servido. Assim,





Ramon quer que os homens de seu tempo, ao lerem *Félix*, tenham a sua alma salva (BONNER, 1989, vol. II: 12). Deve-se ainda ter em mente que o ato de *maravilhar-se*, conceito que percorre todo o *Livro*, é a forma luliana de contemplação do mundo, ao lado da meditação solitária tipicamente medieval, uma “evasão metafísica e transcendental do mundo real” (BATLLORI, 1957, vol. I: 311). O *maravilhoso* em Ramon Llull é, sobretudo, a pura admiração, um ato de experimentar sentimentos de admiração, um prolongamento do *thaumázein* platônico – em Platão, o homem se alegra por conhecer as coisas por reflexo da divindade; no caso de Llull, se “maravilha” (COLOMER, 1975: 28. Em português, a palavra *maravilha* possui ambos os sentidos: é um ato ou fato admirável e assombroso – a maravilha da natureza – e também pode ser entendido como um milagre, uma coisa prodigiosa que causa encanto e fascinação. Maravilha em português é também uma coisa bela, o que indica uma reminiscência do pensamento medieval que associava a verdade com a beleza e a bondade [*Unum, Verum, Bonum*], tudo retroagindo ao uno, isto é, a Deus).

O objetivo da obra é salvar as almas perdidas, pois à medida que o leitor caminhar com o protagonista da novela conhecerá Deus e suas obras. O tom lamurioso do escrito – que se deve ao fato do autor acreditar que os homens de seu tempo não conheciam nem amavam a Deus – percorre toda a obra. Félix se maravilha porque o mundo não adora a Deus e especialmente porque seus governantes (príncipes, clérigos e os ricos burgueses) não dão o exemplo e são os responsáveis pelo estado lamentável que o mundo se encontra (BONNER, 1989, vol. II: 12).

Exemplo, *exemplum*, *exempla*: o *Livro das Maravilhas* é construído inteiramente com base nesse tipo de narrativa, típica do século XIII. Eu gostaria de enfatizar o caráter inovador de Llull na forma da exposição de seus *exempla*. Mas antes, em primeiro lugar, quero ressaltar que os *exempla* medievais são textos importantes para uma análise da vida cotidiana do homem medieval. A utilização do *exemplum* (e suas metáforas), como documento histórico





é claramente defendida por Jacques Le Goff, um dos grandes especialistas deste tipo de fonte histórica (LE GOFF, 1994: 267).

Embora o *exemplum* luliano esteja inserido na pregação urbana característica do século XIII, ele não se enquadra exatamente na definição do *exemplum* clássico medieval – um relato breve e verídico para ser inserido num sermão ou discurso de fundo teológico com o objetivo de convencer uma platéia através de uma lição moral (BREMONT, 1998: 21-28; CAZALÉ-BÉRARD, 1998: 29-42; GREGG, 1997 e LE GOFF, 1999: 324-344). Oriundo da retórica antiga – a partir de Aristóteles (*exemplum – paradeigma*) (CURTIUS, 1996: 97) – o *exemplum* medieval possuía uma estrutura literária bastante rígida e repetitiva, pois era normalmente destinado a um auditório iletrado (SCHMITT, 1999: 144). Por sua vez, o *exemplum* luliano nunca é realista e não pretende ter um valor de documento histórico. Embora o objetivo seja o mesmo, o de converter ou reformar através de histórias moralizantes, Ramon busca sempre uma atemporalidade e uma utopicidade aplicáveis universalmente (BONNER I BADIA, *op. cit.*: 118-119).

Esta tendência de Lull de transformar *exempla* em *parábolas fantásticas* também se explica na forma escolhida de transmissão (a palavra escrita em prosa), e pela vontade explícita de entreter o ouvinte/leitor (GONZÁLEZ CASANOVAS, 1998: 64). Por esse motivo, a forma do desenvolvimento do *exemplum* luliano possui um dinamismo e um entrelaçamento textual que o distingue bastante do *exemplum* clássico trecentista definido acima.

Para uma conceitualização, talvez possa definir o *exemplum* luliano como um *phantasticus exemplum*. Ramon Lull muitas vezes cria diálogos abstratos entre as virtudes, os vícios, os animais e o homem – já foi visto que, da mesma forma que o mundo dos homens é reflexo e vestígio (*vestigium*) do mundo divino, o mundo dos animais é também reflexo do mundo dos homens (MALAXECHEVERRÍA, *op. cit.*). Como na visão do homem medieval todos estes mundos estão interligados, é possível então o diálogo entre os componentes das partes – embora nesse aspecto Ramon não fosse original: Jacques de Vitry (†1240), bispo de Acre e pregador de grande reputação na primeira metade do





século XIII, já se havia valido dos *exempla* animalescos, uma vez que a associação com o mundo dos animais conferia uma grande eficácia ao *exemplum* narrado (LE GOFF, 1994: 271-272). De qualquer modo, este é o caso de muitas narrativas contidas no *Félix*. E ressaltado ainda que o fato do *exemplum* luliano não ser real, isto é, não estar baseado em diálogos reais — apesar das passagens claramente autobiográficas — não invalida seu caráter e sua base *no* real.

Explico. Para criar essa atmosfera literária sedutora, com os textos exemplaristas se encadeando numa sucessão rítmica vertiginosa — que muitas vezes faz com que o leitor se veja obrigado a voltar ao início do diálogo para entender novamente os porquês das respostas — Lull com certeza ambientou os personagens e os diálogos na vida cotidiana que presenciou, em Maiorca, Aragão, França, África ou Avignon. O objetivo era torná-los reais apesar de não serem reais. Somente essa familiaridade com as cenas e os diálogos (entre reis, príncipes, nobres, burgueses, ferreiros, sapateiros, eremitas, judeus, muçulmanos, camponeses, clérigos) faz com que o leitor/ouvinte sintasse em seu mundo — o de Lull e o seu próprio. Caso contrário seria necessário um esforço de abstração que, de certa forma, anularia a circularidade criada entre leitor e escritor, em que pese as dezenas de passagens filosóficas e metafísicas onde o autor tenta ambientar sua *Arte* no mundo real e palpável do leitor.

Na verdade, o *Livro das Maravilhas* é um grande espetáculo, onde o mundo medieval e especialmente os diálogos medievais são postos em cena — talvez nunca o conceito de *teatrocracia* de Balandier, a idéia de que o grande ator político, reconhecido pela sua força dramática e que “comanda o real através imaginário”, produzindo um espetáculo político, esteja tão bem encaixado num documento (BALANDIER, 1982). O protagonista — Félix — é, sobretudo, um anfitrião que recebe em seu caminho todo o espectro social do século XIII. E o mais importante: essa enciclopédia do conhecimento em forma de literatura fantástica que é o *Livro das Maravilhas* tem como epicentro o homem — quase 60% da obra é reservada à Humanidade, pois para Lull e para todos os homens do século XIII somos o ápice da criação divina.





Isso desfaz em grande parte o mito que a Idade Média não pensou o homem. A idéia luliana de natureza humana como o ponto de encontro entre a primeira causa (“...amá-Lo, honrá-Lo, servi-Lo e conhecer a Vossa bondade e a Vossa nobreza...” [RAMON LLULL, *ORL*, vol. I, 1906, cap. 45, 2, p. 227) e sua operação determina qual a definição do homem e sua relação com Deus e o mundo: em relação à criação, o homem é o centro, em relação ao criador e ao mundo, o homem é criativo enquanto produz coisas (ferramentas e obras de arte) (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1997: 288).

Para Lull, o homem é o centro de toda a criação, pois “...nele tem lugar a união da realidade espiritual com a natureza corporal e, por isso, ele é o vínculo que sustenta toda a criação...” (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1997). Daí a desproporção entre o capítulo “Do Homem” e os demais capítulos da obra. Naturalmente, o ser é visto numa escala evolutiva e ascendente: devemos nos conhecer e conhecer o mundo para buscar sempre amar e honrar a Deus. Por isso – e apesar disso – Félix descobre todas as formas possíveis do entendimento humano, iniciando aristotelicamente com as potências da alma, passando pelos sentidos e pela apreensão do real até as virtudes necessárias e os vícios que devemos evitar para chegarmos ao estado perfeito, o da temperança. O que e como pensamos, por e para que existimos, como e porque existe o mundo. E depois dessa epopéia humana, o *Livro das Maravilhas* termina dantesicamente com o Paraíso e o Inferno.

Por fim, não se deve deixar de levar em conta que apesar de todas as suas andanças e das maravilhas que encontra em seus múltiplos caminhos, Félix é essencialmente um ser que ao questionar o mundo e os homens, contempla. Solitário, ele medita as questões que surgem à medida que caminha. Pois para os medievos, o ato de trilhar um caminho para imaginar uma utopia era uma das formas mais perfeitas de reflexão (apesar de os medievais não terem pensado o conceito de utopia, cunhado por Thomas More em 1516 para designar uma ilha imaginária cujo nome remete a “nenhum lugar”, me vali da definição do medievalista Hilário Franco Jr. (“...toda sociedade idealizada, concebida como evasão do concreto ou como proposta de mudanças nele.”





[FRANCO JR., 1992: 11]). A utopia medieval fornecia um caminho para se chegar à perfeição, tratava-se sobretudo de *um modelo*. No entanto, o importante não era saber se o andarilho chegaria a realizar seu modelo utópico no fim de sua caminhada e sim tentar trilhar sempre o caminho escolhido. Por esse motivo, no fim, Félix morre e outro o substitui, pois a descoberta de nosso eu, do porque estamos aqui e qual o nosso destino são perguntas eternas que a filosofia sempre tentará responder. E o novo Félix sai novamente pelo mundo, dessa vez contando e recontando o *Livro das Maravilhas*, para "...louvar, glorificar, exaltar e santificar o nome de Jesus Cristo e de sua mãe Santa Maria."

Ramon Llull é um dos grandes utópicos de seu tempo – apesar do forte filão aristotélico de sua filosofia (JAULENT, 2001: 22-23). Devemos ter em mente que o utopista, para conseguir idealizar sua sociedade perfeita, necessita pelo menos duas qualidades próprias: grande capacidade de imaginação e resfriamento de suas paixões (CARRERAS Y ARTAU, *op. cit.*, vol. I: 630). Isso se traduz numa serenidade generosa – no caso de Llull e de seu *Félix*, contemplativa e auto-reflexiva –, que consegue perceber as possibilidades latentes de uma determinada sociedade através de sua percepção da realidade vigente e ao mesmo tempo propor um modelo ideal com base numa dura crítica dessas potências adormecidas.

Dessa forma, Llull, apesar de não abandonar a característica do entretenimento exemplarista como uma forma possível de edificar e reformar a sociedade, sugere um retorno utópico a uma igreja desligada dos poderes seculares, não essa igreja do século XIII, mas uma igreja reformada, não só espiritualmente mas também acima de todas as questões mundanas que dilaceravam os poderes monárquicos de seu tempo. Pois seu modelo que serve de base para sua reforma são os apóstolos e mártires. Não é à toa que para Llull o papa deveria ser como uma espécie de árbitro "internacional" das questões litigiosas entre os reinos cristãos.

A supremacia papal luliana se baseava fundamentalmente no conceito de *Christianitas*, a idéia de uma espécie de sociedade jurídico-espiritual de todos os cristãos (num sentido político-social). Assim, a





crisandade seria muito mais do que um simples conglomerado de reinos e povos cristãos, pois estes estariam unidos pela submissão espiritual à Igreja Romana (OLIVER, 1957: 237). Esta era uma idéia grandiosa que havia sido gerada a partir do pontificado de Gregório VII (1187), terminando com o próprio Bonifácio VIII, isto é, durante boa parte do período em que Ramon escreveu suas obras. Assim, como possui um objetivo unificador com fins missionários, Ramon evitava todo e qualquer tipo de polêmica em seus escritos. Por esse motivo, sua hierarquia social encimada espiritualmente pelo papa deve ser vista muito mais como um meio para se chegar a um fim — a unidade da crisandade. Este era seu objetivo maior, juntamente com a paz, para poder realizar a propagação da fé cristã. Entendo que sua hierarquia não deve ser analisada como uma tese hierocrática, tão ao gosto dos teólogos, decretistas e decretalistas de seu tempo (*decretal* era uma carta ou constituição pontifícia, emitida em resposta a consultas sobre questões de moral ou direito).

Assim, convido-os a uma bela viagem poética e maravilhosa nos caminhos de Félix (<http://ricardocosta.com/sumfelix.htm>). Vamos conhecer o mundo medieval através da sensibilidade e da percepção de um homem medieval, e não utilizando esquemas teóricos genéricos que muitas vezes deturpam o tempo passado com a visão do tempo presente. Trata-se de perceber o percebido na ótica do tempo vivido, compreender a forma da experiência passada nos moldes daqueles que a viveram, deixando que o homem fale por si. Nesse caso, o historiador deve falar apenas para elucidar as palavras, os gestos, as cenas descritas nessas múltiplas narrativas que às vezes são tão reais.

O *Livro das Maravilhas* é tanto uma obra significativa de seu tempo que conheceu uma grande “popularidade”, na Idade Média e no Renascimento. Existem manuscritos que chegaram até nós em castelhano (um do século XV), francês (um do século XV), italiano (três do século XV, um do XVI e um do XVII) e catalão (três do século XIV, dois do XV e cinco do XVII), sem contar a grande difusão e posterior impressão do *Livro das Bestas*.





VIDA E OBRAS DO AUTOR

Raimundo Lúlio, Llull em catalão, nasceu na ilha de Maiorca em 1232. A sua família, da nobreza barcelonesa, havia participado do lado do rei Jaume I de Aragão e Catalunha, da reconquista da ilha, onde se instalaram definitivamente. Apesar de casado e pai de dois filhos, levou uma vida dissipada até a idade de trinta anos, quando em razão de umas visões, converte-se e reforma a sua vida.

O servidor dos sete pecados capitais, como ele se autodefine, transforma-se em um pregador infatigável do cristianismo entre os infiéis. Abandonando família e patrimônio, peregrina até Santiago de Compostela e Rocamadour. À sua volta, e durante muitos anos, dedica-se ao estudo do latim, do árabe, da filosofia antiga e da teologia cristã e muçulmana.

Após este período de formação, retira-se para meditar e recebe uma “iluminação divina” que lhe inspira a sua “Arte de encontrar a verdade” e de refutar os erros dos infiéis. Este acontecimento, fundamental para entender a vida de Lúlio, lhe valerá o título de “Doutor iluminado”.

A partir de então, sua atividade torna-se vertiginosa. Em 1275, obtém do infante Jaume, futuro Jaume II de Maiorca, então residindo em Montpellier – cidade que pertencia à coroa catalã -, e do qual Lúlio fora senescal, autorização e ajuda para fundar um mosteiro em Miramar, Maiorca. Treze monges franciscanos estudaram lá as línguas orientais com fins apologéticos e missionários.





Depois, pôs-se a percorrer os países mediterrâneos e africanos, pregou em terras muçulmanas, encontra papas e reis, vai às grandes universidades a fim de expor suas teorias, seus projetos de fundações, de reformas e de cruzadas. Escreveu, estudou, ensina e polemiza, sobretudo nas universidades de Montpellier, Nápoles e Paris.

Em 1311 participa do Concílio de Vienne, na França do Delfinado, convocado por Clemente V, sendo alguns de seus projetos reconhecidos oficialmente. Foi a caminho do concílio que escreveu seu poema *Lo consili*, com mil e duzentos versos, e sua *Disputatio clerici et Raymundi phantastici* na qual resume assim a sua vida: “Trabalhei durante quarenta e cinco anos incitando os governantes da Igreja e os príncipes cristãos ao bem público. Agora sou velho, sou pobre; mas persevero no mesmo propósito, e com a graça de Deus, nele me mantereí até a morte”.

Enfermo, não desistiu de suas viagens, suas pregações e seus escritos. Foi lapidado diversas vezes na África, e morreu, cinco anos depois de ter pronunciado essas palavras, perto de sua ilha natal em 1316, com 84 anos de idade.

Esteve Jaulent
Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência
“Raimundo Lúlio” (Ramon Llull)





FONTES

Bestiaris (org. por PANUNZIO, Saverio). Barcelona: Editorial Barcino, 1963, 02 volumes.

IBN AL-MUKAFA. *Calila e Dimna* (trad. e apres. de Mansour Challita). Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d.

RAMON LLULL. "Fèlix o el Libre de meravelles". In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Mallorca: Editorial Moll, 1989, vol. II, p. 19-393.

BIBLIOGRAFIA

ALFONSO, Martha. "Comparación entre el Félix de Ramón Llull y El Caballero Cifar, novela caballeresca a lo divino". In: *EL 12* (1968), 77-81.

BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Brasília: Editora UnB, 1982.

BATLLORI, Miquel. "Introducció". In: *Obres Essencials*. Barcelona: Editorial Selecta, 1957, vol. I, p. 311-317.

BONNER, Antoni. "Introducció". In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Mallorca: Editorial Moll, 1989, vol. II, p. 09-18.

BONNER, Anthony I BADIA Lola. *Ramon Llull. Vida, pensament i obra literària*. Barcelona: Editorial Empúries, s/d.

BREMOND, Claude. "L'Exemplum médiéval est-il un genre littéraire? I. *Exemplum* et littérature". In: BERLIOZ, Jacques e DE BEAULIEU, Marie Anne Polo (org.). *Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion, 1998, p. 21-28.

BURKE, Peter. *Sociologia e História*, Lisboa, Edições Afrontamento, 1980.

CAHEN, Claude. *Oriente y Occidente en tiempos de las cruzadas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

CARRERAS Y ARTAU, Tomás y Joaquín. *Historia de la Filosofía Española. Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*. Madrid: Real Academia De Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1939, vol. I.

CAZALÉ-BÉRARD, Claude. "L'Exemplum médiéval est-il un genre littéraire? I. *Exemplum* et la nouvelle". In: BERLIOZ, Jacques e POLO





DE BEAULIEU, Marie Anne (org.). *Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1998, p. 29-42.

COHEN, Gustave. *La vida literaria en la Edad Media (La literatura francesa del siglo IX ao XV)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

COLOMER, Eusebi. *De la Edad Media al Renacimiento. Ramón Llull – Nicolau de Cusa – Juan Pico della Mirandola*, Barcelona, Editorial Herder, 1975.

COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial — um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232?-1316?)*. Niterói: UFF, tese de doutorado, 2000.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DAGENAIS, J. "New considerations on the Date and Composition of Llull's *Libre de bèsties*". In: *Actes del Segon Col.loqui d'Estudis Catalans a Nord-Amèrica*. Yale, 1979 (Montserrat, 1982), p. 131-139.

DEMURGER, Alain. *Auge y caída de los Templarios (1118-1314)*, Barcelona, Ediciones Martínez Roca, 1986.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. "El discurso luliano sobre María". In: *Gli Studi di Mariologia Medievale Bilancio Storiografico. Atti del I Convegno Mariologico della Fondazione Ezio Franceschini con la collaborazione della Biblioteca Palatina e del Dipartimento di storia dell'Università di Parma* (a cura di Clelia Maria Piastra). Parma: Sismel, Edizioni Del Galluzzo, 7-8 novembre 1997.

DUBY, Georges. *A Idade Média na França (987-1460). De Hugo Capeto a Joana D'Arc*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*, São Paulo: Brasiliense, 1992.

GALERA, Andrés. *El Libro de Maravillas*. Publicado na INTERNET. Endereço: http://terravista.pt/Guincho/7933/bgalera.htm#_ftnref14.

GONZÁLEZ CASANOVAS, Roberto J. *La novela ejemplar de Ramón Llull: Interpretaciones literarias de la misión*. Barcelona: Ediciones Jucar, 1998.





GREGG, Joan Young. *Devils, women and jews: reflections of the other in the medieval sermon stories*. Albany, State University of New York Press, 1997.

HESPANHA, António Manuel. *História das Instituições. Épocas medieval e moderna*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

HILLGARTH, J. N. *Ramon Lull and Lullism in Fourteenth-Century France*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

HOLTZMANN, R. *Wilhelm von Nogaret, Rat und Grossiegelbewabrer Philipps des Schönen von Frankreich*, Freiburg, 1898.

JAULENT, Esteve. "Os problemas enfrentados por Lúlio em Paris: a cruzada e a luta contra o averroísmo.". In: RAIMUNDO LÚLIO. *Escritos Antiaveroístas (1309-1311). Do nascimento do menino Jesus. Livro da lamentação da Filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei. Um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

LOPEZ, Robert. *O nascimento da Europa*. Lisboa: Edições Cosmos, 1965.

MALAXECHEVERRÍA, Ignacio. *Fauna Fantastica de la Peninsula Iberica*. San Sebastian: KRISLU Editor, 1991.

OLIVER, Antonio. "Ecclesia y Christianitas en Inocencio III". In: *EL*, vol. I, 1957.

PERNOUD, Régine. *Os templários*, Lisboa, Publicações Europa-América, s/d.

RAMIS I SERRA, P. "Llibre de les Bèsties: El Príncipe y la sociedad". In: *EL*, vol. XXXI, 1991.

RUBIÓIBALAGUER, Jordi. *Ramon Lull i el lul.lisme*. Departament de Cultura de la Generalitat de Catalunya, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1985.





SANTAMARÍA, Álvaro. "Creacion de la corona de Mallorca: las disposiciones testamentarias de Jaime I". In: *Mayurqa 19*, Universitat Palma de Mallorca, Facultat de Filosofia i Lletres, 1989.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica II. Edad Media (800-1303)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1963.

WEBER, Max. *Economy and Society*, New York, 1968, 02 volumes.





FÉLIX, OU O LIVRO DAS MARAVILHAS

(1288-1289)¹

.....
(1) A presente tradução baseou-se na edição crítica *Obres Selectes de Ramon Llull* (1232-1316) (ed. introd. i notes de Antoni Bonner), Mallorca, Editorial Moll, 1989, volume 2, p. 19-393 (citada a partir de agora como OS). Várias notas colocadas aqui foram aproveitadas das citações de Bonner. Para diferenciá-las dos outros comentários (do tradutor e coordenador, dos revisores e de vários outros gentis colaboradores) destacamos o autor da citação. Caso contrário, isto é, quando a nota não tiver assinatura, é sempre de Anthony Bonner, retirada das OS.







PRÓLOGO

Deus, em virtude de Sua Bondade, Grandeza, Eternidade, Poder, Sabedoria e Vontade, começa este *Livro das Maravilhas*.

Em tristeza e em languidez estava um homem em terra estranha.² Fortemente se maravilhava ao ver como as gentes deste mundo conheciam e amavam tão pouco a Deus, que criou este mundo e com grande nobreza e bondade o deu aos homens a fim de que por eles fosse muito amado e conhecido.³ Este homem

.....
(2) A “terra estranha” era Paris: Lúlio escreveu o Livro das Maravilhas durante sua primeira estada parisiense, nos anos 1288-1289.

(3) Esta frase apresenta um dos temas centrais do livro: o ato de maravilhar-se. O conceito de maravilhoso (mirabile, mirabilia), isto é, algo que o homem pode admirar com os olhos, foi muito utilizado pelos pensadores de então. Por exemplo, no início do século XIII, Gervais de Tilbury, em sua obra *Otia imperialia*, definiu o mirabilia como algo que suscitava a admiratio, o maravilhamento por alguma coisa de novo, algo raro, inaudito. Sem dúvida, o maravilhoso suscitou a curiositas no espírito humano medieval, e foi uma das primeiras formas de espírito científico que se preocupava com a investigação (inquisitio) e a experiência (experimentum). Quando as línguas vulgares se tornaram literárias, a palavra maravilha apareceu em todas as línguas românicas. Este é o caso de Raimundo Lúlio, pois ele foi um dos primeiros no século XIII a escreverem em língua vulgar, amadurecendo com seus escritos a língua catalã. O maravilhoso em Lúlio é a pura admiração, um ato de experimentar sentimentos de admiração, um prolongamento do thaumázein platônico – na teoria das idéias platônicas, o homem se alegra por conhecer as coisas por um reflexo da divindade; no caso de Lúlio, se “maravilha”. É surpreendente a quantidade de palavras utilizadas pelo filósofo para exprimir este sentimento: maraveia, maravela, maravelar, maravella, maravellar, maravellat, maravellós, maravellosament, maravellosa, maravelós, maraveylar, maraveylós, maravillava, maravilles, maravillós, meraveilar, meraveilla, meravella, meravellar, meravellós, meraveylla, meraveyille, meraveyllant, meraveyllar, meraveylosament, meravillatz, maravilloza. Além de todo este universo semântico que tenta exprimir a estupefação do homem perante a natureza criada por Deus, o ato de maravilhar-se em Lúlio também significa curiosidade intelectual. Ver Ricardo da COSTA, *A Árvore Imperial: Um Espelho de Príncipes* na obra de Ramon Lull (1232-1316), Niterói, Universidade Federal Fluminense (UFF), tese de doutorado, 2000 – Ricardo da Costa.





chorava e se lamentava por Deus ter neste mundo tão poucos amantes, servidores e louvadores. E, para que Ele seja conhecido, amado e servido, faz este *Livro das Maravilhas*, o qual divide em dez partes, a saber: Deus, Anjos, Céu, Elementos, Plantas, Metais, Bestas, Homem, Paraíso e Inferno.

Este homem tinha um filho que muito amava e tinha por nome Félix⁴, ao qual disse estas palavras:

– Amável filho, quase mortas estão a sabedoria, a caridade e a devoção, e poucos são os homens que estão na finalidade para a qual Nosso Senhor Deus os criou.⁵ Não existem mais o fervor e a devoção que costumavam existir nos tempos dos apóstolos e dos mártires que, por conhecerem e amarem a Deus, definhavam e morriam. Convém que vás maravilhar-te onde a caridade e a devoção se foram. Vai pelo mundo e maravilha-te porque os homens cessam de amar e conhecer a Deus. Que toda tua vida seja em amar e conhecer a Deus, e chora pelas faltas dos homens que ignoram e desamam a Deus.

Félix foi obediente a seu pai, do qual se despediu com a graça e a bênção de Deus. E, com a doutrina que seu pai lhe deu, andou pelos bosques, montes e planícies, pelos lugares ermos e povoados, encontrou príncipes e cavaleiros pelos castelos e pelas cidades, e se maravilhava com as maravilhas que existem no mundo. Perguntava o que não entendia, explicava o que sabia e metia-se em trabalhos e perigos a fim de que a Deus se fizesse reverência e honra.

.....
 (4) O nome do protagonista é Félix porque ele é feliz em sua condição de homem em busca de Deus e da verdade. – Ricardo da Costa.

(5) "...poucos são os homens que estão na finalidade para a qual Nosso Senhor Deus os criou". Segundo Lúlio, uma das maneiras de conhecer as coisas é saber a razão por que elas existem, e um dos modos de sabê-lo é perguntar pelo seu fim. Na Arte luliana – que é um sistema para alcançar a verdade real das coisas – são feitas dez perguntas sobre aquilo que se quer entender. A quarta pergunta versa sobre o "porquê" e subdivide-se em duas espécies. Na segunda espécie, pergunta-se pelo "porquê", e se mostra o fim da coisa – Esteve Jaulent.





LIVRO PRIMEIRO: DE DEUS

1. SE DEUS EXISTE

Após Félix partir de seu pai, foi a um grande bosque e andou por muito tempo nele, até que encontrou uma bela pastora que guardava seu rebanho.

– Amiga, disse Félix, muito me maravilha como estais tão sozinha neste bosque onde existem muitas bestas más que poderiam causar dano à vossa pessoa, já que não teríeis força para defender vossas ovelhas dos lobos ou das bestas más.

Disse a pastora:

– Senhor, Deus é esperança, companhia e o conforto de meu coração; em Sua guarda e virtude estou neste bosque, pois Ele ajuda a todos aqueles que n’Ele confiam, e como tem todo o Poder, toda a Sabedoria e toda a Bondade, pus-me sob Sua guarda e Sua companhia.⁶

Muito agradaram a Félix as palavras que disse a pastora de Nosso Senhor Deus, e ele se maravilhou de como nela havia tanta esperança e sabedoria, e foi adiante em sua

.....
(6) Parte do vocabulário desta cena é derivado da pastorela provençal, uma forma literária de então que mostrava um cavaleiro cortejando de passagem uma camponesa, ou tentando cortejá-la. Ver Georges DUBY e Guy LARDREAU, Diálogos sobre a Nova História, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989, p. 66. Lúlio estava bastante familiarizado com essa forma literária. – Ricardo da Costa.





viagem. Após ter andado um pouco, ouviu a pastora gritar e chorar muito alto, e viu que ela corria atrás de um lobo que carregava um cordeiro. Félix se maravilhou de como a pastora tinha tanta coragem para perseguir o lobo. Enquanto a pastora perseguia o lobo e Félix corria para ajudá-la, o lobo largou o cordeiro, matou e devorou a pastora, foi às ovelhas e matou muitas ovelhas e carneiros. Assim que a grande maravilha aconteceu, Félix começou a pensar no que havia visto, e se lembrou das palavras que a pastora lhe havia dito de Deus, em quem tão fortemente confiava.

Enquanto Félix cogitava isso e se maravilhava por Deus não ter ajudado a pastora que n'Ele confiava, caiu em grande tentação, duvidou de Deus, e teve a opinião de que Deus não existia, porque lhe pareceu que, se Deus fosse algo, teria ajudado a pastora. Com tal tentação e opinião, Félix andou todo o dia até a noite, quando chegou a um eremitério onde se encontrava um santo homem que havia estudado por muito tempo Teologia e Filosofia e, com seus livros e sua sabedoria, contemplava e adorava Deus naquele eremitério.

O eremita saudou Félix muito agradavelmente à sua vinda, mas Félix não lhe pôde dizer nada, senão que, atônito, jogou-se a seus pés e assim permaneceu por muito tempo antes que pudesse falar. O eremita maravilhou-se ao ver que Félix não podia falar, e pelo seu semblante percebeu que alguma estupefação estava acontecendo. E Félix maravilhou-se em seu coração com a tentação que sofria e muito fortemente o atormentava. E quanto mais fortemente era tentado, mais forte considerava e afirmava que Deus não existia, porque se existisse, não o deixaria cair em tão grave tentação, sobretudo porque ele, por amor a Deus, havia proposto ir pelo mundo para que as gentes O amassem, O conhecessem, O honrassem e O servissem.

– Belo amigo, disse o eremita, que haveis convosco? E por que estais tão espantado?





– Senhor, disse Félix, estou muito maravilhado por Deus ter-me desamparado e ter-me deixado cair em tão grave tentação, e porque desamparou uma pastora que foi devorada por um lobo.

Naquele momento Félix recontou ao santo homem como havia caído na dúvida da existência de Deus, e pediu-lhe que o ajudasse a recuperar a devoção e a fé na qual estava acostumado.

– Félix, disse o eremita, em uma terra havia um rei que amava muito a justiça. Ele fez sobre a sua cadeira real um braço de homem que era de pedra, e que em sua mão tinha uma espada, e na ponta da espada havia um coração que era de pedra vermelha, tudo isso para significar que seu coração tinha vontade de mover o braço para que movesse a espada, que significava a justiça. E aconteceu que, por causa de uma grande serpente, o palácio foi abandonado e nenhum homem pôde habitá-lo. Um dia, um santo homem entrou naquele palácio, que procurara para poder fazer penitência e contemplar a Deus, e viu o braço, a espada e o coração que estava na espada. Muito se maravilhou do que significavam a espada, o braço e o coração. Contudo, por tanto tempo cogitou aquela figura que entendeu a razão por que ela fora feita.

– Senhor, disse Félix, que significa esta semelhança que dissestes?⁷

– Belo amigo, disse o eremita, devemos considerar que este mundo existe para ocasionar algum bem⁸; porque sem ocasião para o bem não poderia existir um mundo tão belo como este. E se Deus não existisse, o mundo existiria para ocasionar o mal, pois estaria mais cheio de mal que de bem. E como o bem convém com o ser e o mal convém com o não-ser, me parece que a causa do mundo ser bom seja Deus, e a não que a existência de Deus seria a causa

(7) Toda a obra é construída literariamente com base no conceito de semblança, entendido como sinônimo de exemplo, comparação. Ver Miquel COLOM MATEU, *Glossari General Lul.lià*, Mallorca, Editorial Moll, vol. V, 1985, p. 66 (a partir de agora citado como GGL) – Ricardo da Costa.

(8) "...devemos considerar que este mundo existe para ocasionar algum bem". Para o conceito de ocasião, ver RAIMUNDO LÚLIO, *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, Vozes: Petrópolis 2001, Livro I, n. 43 – Esteve Jaulent.





de existir no mundo mais mal que bem.⁹ Sem o ser de Deus, tudo quanto existe seria em vão, o bem existiria para que existisse o mal, o mal existiria por si mesmo e seria a finalidade do bem, e isso é muito inconveniente. Por tudo isso, está claro que Deus existe.

Félix considerou muito as palavras que o bom homem lhe dizia. Sua alma então começou a se alegrar, e em suspiros e lágrimas ele disse estas palavras:

– Existiam na pastora a virtude e a força da coragem quando ela perseguia o lobo. Se Deus fosse alguma coisa, ajudaria a virtude da pastora e não teria deixado falhar a virtude de amar a Deus que costumava existir em minha alma.

– Belo amigo, disse o eremita, em Deus existem Caridade e Justiça, e como a pastora amava e servia a Deus e n'Ele

.....

(9) "...E como o bem convém com o ser e o mal convém com o não-ser...". O princípio de conveniência impregna toda a obra luliana. Segundo esse princípio, algo tem de ocorrer, ou ser aquilo que é conveniente; e o que é inconveniente não pode ser. Obviamente, a aplicação deste princípio supõe o conhecimento do que é ou não é conveniente, e por este motivo Lúlio mostrará, oportunamente em cada caso, a conveniência ou não-conveniência entre duas realidades a partir dos princípios constitutivos do ser de cada uma delas. Para tanto, bastará comparar as duas realidades entre si. Tenha-se em conta, porém, que na metafísica luliana as realidades são atos; portanto, comparar realidades é comparar atos, isto é, ver até que ponto estes atos são congruentes. Por outro lado, a metafísica luliana é uma metafísica do Bem; isto quer dizer que toda realidade apresenta-se na natureza como um bem (ens bonum) e, portanto, é amável. Em consequência, a carência de ser será odiável. Quando a realidade se manifesta na mente (ens verum) também deve ser algo amável, e por isso a verdade será naturalmente amável. Com esses pressupostos, pode-se descobrir facilmente que o que é conveniente é sempre amável e o que não é conveniente é odiável.

Por exemplo: o que é mais conveniente, um grande bem que dure eternamente ou um grande mal que dure eternamente? Lúlio provavelmente responderia assim: "diz-se que algo dura quando tem de ser, e se como o mal é uma privação de ser, duração e mal são contrários. Por isso, a grandeza combina mais com um bem que dura do que com um mal que dura. Conclui-se, portanto, que é mais conveniente um bem que dure eternamente do que um mal que dure eternamente". Para o tema do princípio da conveniência em Lúlio, ver Francesc CANALS VIDAL, "El principio de conveniencia en el núcleo de la metafísica de Ramon Llull", em Actas del II Congreso Internacional de Lulismo, Palma de Mallorca, 1979, p. 199-207. Para o tema da perspectiva luliana do ato, ver Esteve JAULENT, "La nova perspectiva de l'acte a l'Ars lul.liana", em MIRANDUM, São Paulo, USP-Mandrúv, V, 1999, n.º 7, p. 21-34 – Esteve Jaulent.





confiava, Deus a tomou para Sua Glória. A vós deu-vos o modo de serdes forte contra as tentações e acreditardes em Deus, pois de outra maneira não poderíeis entender que quem assumiu tão alto negócio como vós deve ter uma coragem elevada e forte. Por isso, Deus deixou-vos tentar pelo diabo, para que vos acostumeis a serdes forte e firme de coragem contra a tentação e o vício.

Depois que o santo homem disse estas palavras, pegou uma vara, fez um círculo em volta de Félix e perguntou a ele se lhe parecia existir fora daquele círculo alguma coisa mais necessária que dentro. Enquanto Félix se maravilhava com a questão que o eremita lhe fizera, o eremita lhe disse que a grandeza concordava mais fortemente com o ser que a pequenez¹⁰, e como o que estava fora do círculo estava em maior grandeza do que aquilo que estava dentro, era mais necessário que existisse fora do círculo alguma coisa maior do que aquilo que existe dentro.

Após esta semelhança, o santo homem disse que a razão julga e entende que convém que exista alguma coisa além do firmamento, e esta coisa é Deus, pois o que está dentro do firmamento não existe em tão grande quantidade quanto o próprio firmamento, que contém tudo o que existe em si. E se Deus não existisse fora do firmamento, o não-ser seria maior coisa que o ser, porque fora do firmamento o não-ser estaria em infinita grandeza e o que existisse dentro do firmamento possuiria uma grandeza finita e terminada, e isso é muito inconveniente.

Enquanto o eremita dizia aquelas palavras, uma grande serpente passou ao lado de Félix, e Félix teve um grande temor e pavor da serpente, maravilhando-se fortemente ao ver que o eremita não tinha pavor.

.....
(10) "...a grandeza concordava mais fortemente com o ser que a pequenez". Veja nota anterior. Os princípios que constituem o ser das coisas ditam as concordâncias e as diferenças entre elas – Esteve Jaulent.





– Amável filho, disse o eremita, se Deus não existisse, não existiria ressurreição¹¹, o mundo seria eterno e existiria por si mesmo, e todos os homens após a morte estariam em privação e não-ser. Assim, o mundo existiria para que houvesse mais homens não-existentes do que existentes, porque estariam em não-ser para sempre, e em ser apenas enquanto vivessem no mundo. Portanto, podeis considerar e saber que se Deus não existisse vossa natureza não teria tido pavor da serpente, pois seria uma coisa natural desejar morrer, já que a morte seria a oportunidade de chegar ao mais alto estamento para o qual existimos, isto é, estarmos para sempre em privação.¹² Mas como vossa natureza tem temor da morte, isto significa que Deus existe e que os homens justos permanecerão na glória que não terá fim após a ressurreição.

– Senhor, disse Félix, conforme vossas palavras maravilho-me de não teres tido pavor da serpente, pois naturalmente amais mais existir que não existir.

– Belo amigo, disse o eremita, é tão prazerosa coisa cogitar e amar a Deus que todos aqueles que sabem amá-Lo e conhecê-Lo desejam vê-Lo e tê-Lo em grande glória, menosprezando a vaidade deste mundo, que pouco dura. Por isso, amável filho, não tenho pavor da morte, pelo contrário, desejo morrer e estar com Deus, e por esse desejo podeis perceber que Deus existe, pois se Deus não existisse, eu teria tido pavor convosco. Tivestes pavor porque não sabeis amar nem conhecer a Deus.

.....

(11) “se Deus não existisse, não existiria ressurreição...”. Como Deus é amor, se Deus não existisse, não existiria amor na Terra, conseqüentemente nem a imortalidade, pois o amor exige imortalidade, como nos lembra o Cântico dos cânticos (8, 6): “Forte como a morte é o amor”. A ressurreição é a superioridade do amor sobre a morte – Esteve Jaulent.

(12) O sentido da palavra estamento (estament) é um pouco distinto do de estado (modo de ser ou estar). Em português, estamento significa exatamente a idéia dessa passagem: o estado em que cada um pode subsistir ou permanecer. Assim, apesar de um certo estranhamento no ato da leitura, optamos por preservar a palavra estamento, pois, além disso, também indica com bastante precisão a noção medieval de hierarquia social, a ordem à qual a pessoa pertencia, com seus estatutos e status jurídico próprio (N. do T.).





Muito agradou a Félix a demonstração que o eremita fez de Deus, e louvou e abençoou a Deus, que o havia iluminado com Seu conhecimento. Com contrição e com lágrimas rendeu-se a Deus como culpado e recebeu penitência do santo homem louvando a Deus, o qual o abençoou por ser tão bom contemplador naquele eremitério, e desejou que muitos eremitas tivessem grande sabedoria e amor para conhecer e amar a Nosso Senhor Deus.

2. O QUE É DEUS

– Senhor eremita, disse Félix, saberíeis dizer-me o que é Deus? Desejo muito sabê-lo, porque com o conhecimento que teria ao saber o que é Deus, minha vontade exaltar-se-ia para amar a Deus mais fortemente do que O amo, pois é natural que graças ao entendimento iluminado a vontade tenha mais força para amar aquilo que o entendimento conhece.

Por muito tempo considerou o eremita a pergunta que Félix lhe fizera. Enquanto o eremita considerava a maneira pela qual pudesse dar a entender a Félix o que é Deus, Félix se maravilhava que o eremita não respondia à pergunta que lhe havia feito, e disse estas palavras:

– Senhor, um homem encontrou uma pedra preciosa que valia mil *souls*, a qual vendeu por um dinheiro a um homem que conhecia bem a pedra e da qual obteve mil *souls*.¹³ Portanto, peço

.....
 (13) Um soul era uma moeda de ouro. Valia 12 dinheiros. O dinheiro (no original diner) era a moeda de prata (diners, do latim denariu [denário], antiga moeda romana de prata). GGL, vol. II, 1983, p. 141. O século XIII, tempo da evolução econômica e da difusão da economia monetária, viu, por esses motivos, o ressurgimento da moeda de ouro: Robert Lopez o chamou de o século do regresso ao ouro. Foi o retorno ao bimetalismo da Alta Idade Média (ver Guy FOURQUIN, História Económica do Ocidente Medieval, Lisboa, Edições 70, 1986, p. 184-199). Desde São Luís (1226-1270), o processo é visível na França (a reforma monetária da “boa moeda”, o chamado denário parisis, embora tenha sido um fracasso – ver Jacques LE GOFF, São Luís, Rio de Janeiro, Editora Record, 2000, p. 221-226), até as desvalorizações do período de Filipe, o Belo (1285-1314), a chamada “má moeda”, ou “moeda negra” (ver Robert LOPEZ, O nascimento da Europa, Lisboa, Cosmos, 1965, p. 334-335) – Ricardo da Costa.





a vós, senhor, que se sabeis o que é Deus o digais, para que eu, de acordo com o que Deus é, saiba amá-Lo e conhecê-Lo. E se não sabeis o que é Deus, é uma grande maravilha como o podeis amar tanto sem o conhecimento, e como podeis suportar uma vida tão áspera neste eremitério por Deus. Parece-me que se não sabeis o que é Deus, por qualquer motivo O menosprezais, como fez o homem com a pedra que não conhecia, trocando-a por um dinheiro que conhecia. Pelo conhecimento que tinha do dinheiro e pela ignorância que tinha da virtude da pedra, ele amou mais ter o dinheiro que a pedra.

– Amável filho, disse o eremita, em uma certa terra aconteceu que uma senhora ouviu louvarem a sabedoria, o poder e todos os bons costumes de um rei.¹⁴ Pelo grande bem que ouviu dizer do rei, teve vontade de ir àquela terra onde o rei estava. Ao chegar diante do rei e ver o grande ordenamento de sua corte, viu seu grande poder e seu bom regimento e mais: ao ver que o rei era muito belo, tinha bons costumes e estava cheio de virtudes, teve naquele momento muito maior amor ao rei do que antes de tê-lo visto. E vós, belo filho, que já haveis exposto a natureza pela qual a vontade ama mais fortemente o que se conhece do que aquilo que não se conhece, desejo que saibais que vim a este eremitério para poder ter conhecimento do que é Deus, pois há muito tempo muito o tenho desejado saber. E para que o possa saber, estudei por muito tempo Teologia e Filosofia, e neste eremitério faço tudo o que posso para entender e saber a essência de Nosso Senhor Deus.

O eremita disse ainda a Félix:

– Um rei tinha uma mulher que era muito bela e boa, e ele muito a amava. Aquela rainha também amava o rei muito

.....
(14) "...e todos os bons costumes do rei". Lúlio sempre utiliza o conceito de costume no sentido aristotélico de hábito: "Faz-se por hábito aquilo que se faz por se ter feito muitas vezes (...) O hábito é, de certa forma, muito semelhante à natureza, já que freqüentemente e sempre são próximos: a natureza é daquilo que é sempre; o hábito é daquilo que é freqüentemente (ARISTÓTELES, Ret. I, 10, 1369b 6 e 11, 1370a 7)". Nesse sentido, a virtude é o hábito que torna o homem bom e lhe permite cumprir bem a sua tarefa: é um hábito racional – Ricardo da Costa.





fortemente, e pelo grande amor que lhe tinha, tinha ciúme do rei e de uma donzela sua, com quem o rei gostava de conversar, pelas agradáveis palavras que a donzela dizia. Aquela rainha estava todos os dias em grande tristeza, e nada que o rei lhe fizesse ou dissesse a alegrava, coisa que maravilhava o rei. Muito se esforçou o rei, tanto quanto pôde, para satisfazer a rainha. Por fim, quando viu que não podia alegrá-la, suspeitou da rainha, e pensou que ela fizera algo contra a honestidade de sua pessoa.

– Belo filho, disse o eremita, quando o rei ficou com ciúmes e suspeitou de sua mulher, começou a desamar a rainha, e por causa da rainha desamou a donzela. Muito tempo esteve o rei sem falar com a donzela, e a rainha começou a se alegrar, pela qual alegria o rei muito se maravilhou, pois antes, quando concedia à rainha todos os prazeres que podia, não conseguia alegrá-la, e depois, quando largou aqueles prazeres, a rainha demonstrou um amor maior ao rei, amor com o qual ele não estava acostumado. Muito se maravilhou o rei com o estranho comportamento da rainha, mas deixou-se amar pela rainha, para que ela estivesse contente e satisfeita com seu amor. Assim, quando os homens deste mundo têm prazeres nos deleites temporais, mas não amam estes deleites pelo Criador que os criou para que com eles e neles saibam amá-Lo e conhecê-Lo, Deus se distancia daqueles homens, e por este distanciamento os homens não podem ter conhecimento de Deus, nem em Deus podem ter o deleite que teriam se O conhecessem. Porém, quando os homens deixam de amar os deleites deste mundo, usando dos deleites e do mundo para amar a Deus, então os deleites e o mundo interrogam o homem, e lhe ensinam o modo de amar e de ter o conhecimento de Deus.. Por isso, belo filho, disse o eremita, podeis ter neste mundo o conhecimento do que é Deus. Se amardes o mundo por ele mesmo, Deus fará que o mundo vos afaste do amor a Ele; se amardes o mundo para conhecer e amar a Deus, Ele fará que o mundo vos signifique Deus.

– Amável filho, disse o eremita, temos conhecimento do que é Deus se afirmamos que n'Ele não há nenhuma carência de Nobreza,





nem de Perfeição, de Bondade, de Grandeza, de Eternidade, de Poder, de Sabedoria, de Vontade, de Virtude, nem das outras perfeições que existem em Deus. Quando alcançamos o conhecimento que Deus é algo que não possui qualquer defeito, podemos ter conhecimento que Deus é aquilo no qual se completa toda a Bondade, toda a Grandeza e toda a Eternidade, e o mesmo do Poder, da Sabedoria, da Virtude, da Vontade e de todas as dignidades.¹⁵

– Belo filho, disse o eremita, um mercador tinha mil besantes¹⁶, e desejou poder ter outros mil. Quando teve dois mil, imediatamente desejou ter mais, e assim ganhou cem mil besantes, mas ainda não obteve a satisfação de sua alma. Por isso, o mercador ficou muito maravilhado e cogitou que a satisfação de seu desejo não estava nos dinheiros, e teve opinião que seu desejo ficaria satisfeito em ter castelos, vilas e posses, os quais desejou ter e teve, mas ainda assim não encontrou satisfação, pois quanto mais comprava e tinha, mais crescia sua vontade de ter vilas e castelos. Enquanto o mercador multiplicava suas riquezas vendo que não podia saciar-se, pensou que sua alma podia saciar-se tendo mulher e filhos. E teve mulher e filhos, e ainda não satisfeito, desejou ter honraria e muitas outras coisas. E quanto mais coisas tinha, mais sua alma desejava ter. Muito fortemente se maravilhou o mercador por não poder saciar sua alma com nada deste mundo, e no fim considerou ter Deus em sua alma. E então, quando amou e serviu a Deus com o que Deus lhe tinha dado, ficou satisfeito e pleno, e não quis ter mais nada. Assim, vós, belo filho, saibais que Deus é o que dá satisfação à alma neste mundo quando ela O ama e O serve com seu poder.

– Por uma floresta na qual estava um eremita passou um cavaleiro cavalgando em seu cavalo guarnecido com todas as armas. O cavaleiro encontrou o eremita colhendo as ervas com as quais vivia naquele eremitério. Aquele cavaleiro perguntou ao eremita o que era Deus, e o

.....
 (15) "...toda a bondade, toda a grandeza e toda a eternidade, e o mesmo do poder, da sabedoria, da virtude, da vontade e de todas as dignidades". Esta lista de dignidades possui as sete primeiras dignidades da lista da Arte demonstrativa (obra escrita entre 1283-1289 em Montpellier).

(16) Besante – originalmente a versão bizantina do solidus romano e, durante séculos, uma das moedas básicas do comércio no Mediterrâneo.





eremita respondeu que Deus é o que criou e ordenou tudo quanto existe; que Deus é quem ressuscitará os homens bons e maus e dará glória por todos os tempos aos homens bons e pena aos maus; e que Deus é aquela coisa que faz chover, florescer e frutificar, o que dá vida e sustenta tudo quanto existe. Quando o eremita satisfez o cavaleiro da pergunta que lhe havia feito, perguntou ao cavaleiro o que era ser cavaleiro. O cavaleiro lhe respondeu que o cavaleiro é o homem eleito para cavalgar no cavalo e ter justiça, para guardar¹⁷ e salvar o rei e seu povo de tal maneira que o rei possa reinar e seu povo possa amar e conhecer a Deus.¹⁸

– Senhor, disse Félix, um cavaleiro pediu a uma boa senhora, filha da castidade¹⁹, que lhe fizesse amor com seu corpo, e a mulher perguntou-lhe o que era o amor. O cavaleiro lhe disse que o amor era e é o que ajusta vontades diversas a um fim. A senhora perguntou ao cavaleiro se aquele amor que lhe pedia a ajustaria com Deus na glória quando traspassasse da vida deste século. O cavaleiro ficou confuso com a pergunta que a senhora lhe fizera, e disse estas palavras: “Por muito tempo estive submetido ao falso amor e tive ignorância do amor verdadeiro”. E disse à mulher que bem conhecia que o verdadeiro amor fazia ajustar o homem a Deus, e fazia-o distanciar-se da traição, da luxúria, da covardia e de todo o engano e falta. Mas o cavaleiro ainda desejava saber o que é o amor em si mesmo, pois uma coisa é o que o amor faz, e outra coisa é o que o amor é. Por isso pediu à mulher que lhe desse conhecimento do que é o amor, já que lhe tinha dado conhecimento do louco amor, o qual tinha amado sem ter dele conhecimento. Muito agradou à mulher a devoção do cavaleiro, e louvou Deus, que o havia acalentado com o fogo do verdadeiro amor,

.....
(17) Guardar – aqui também com o sentido de mirar, preocupar, vigiar, preservar (N. do T.).

(18) No que diz respeito à cavalaria, a definição n. 94 da Arte breve diz: “A cavalaria é o hábito com o qual o cavaleiro ajuda o príncipe a manter a justiça” – *Militia es habitus, cum quo miles iuvat principem, ut iustitiam possit tenere*, Raimundus Lullus: *Ars brevis* (lateinisch-deutsch), (Übers., eingel. und hrsg. von Alexander FIDORA) Hamburg: Felix Meiner, Philosophische Bibliothek 518, 1999, p. 90. Disponível na Internet: http://www.ramonlull.net/br/studies/t_ars.htm

(19) “...uma senhora, filha da castidade”, isto é, uma senhora que havia feito o voto de castidade (N. do T.).





e disse a Deus estas palavras: “Senhor, verdadeiro Deus glorioso, que por amor enamoraste este cavaleiro, rogo-Te que dê a ele o conhecimento do que é o amor, porque eu, por Tua graça e virtude, dei-lhe conhecimento da obra que faz o amor, mas ele deseja elevar mais alto seu entendimento ao amor para que assim melhor O possa amar, e ele também deseja saber o que é o amor em si mesmo”.²⁰

.....
(20) Gostaria de destacar alguns aspectos que considero importantes desse exemplum. É a primeira vez que Félix conta ao eremita uma história – o pequeno trecho da pedra que valia mil souls foi, na verdade, apenas um pretexto para Félix perguntar ao eremita “o que é Deus”. É também é a primeira vez no Livro das Maravilhas que os personagens de uma história que está sendo contada dialogam, o que indica uma gradativa sofisticação na forma dos exempla. Não coincidentemente, o diálogo refere-se ao amor, e justamente no capítulo que definirá “o que é Deus”. Curiosamente, Raimundo Lúlio parece seguir um caminho de Aristóteles para Platão, pois inicia o diálogo com o amor físico (amor, “inclinação afetuosamente da vontade a uma pessoa ou a uma coisa”, GGL, vol. I, 1982, p. 101), mas logo a seguir caminha para o amor espiritual e ao amor a Deus. Para Aristóteles, o amor é amor sexual, um afeto entre consangüíneos ou entre pessoas unidas por uma relação de amizade. A divindade, segundo Aristóteles, não necessita de amizade, pois é seu próprio bem para si mesma, enquanto para nós o bem vem do outro (Ethica eudemia, ed. Susemihl, 1879, VII, 12, 1245 b 14, o escrito mais antigo de Aristóteles que chegou aos nossos dias). Já para Platão, o amor dirige-se para a beleza, que é a aparência do bem, e a beleza mais elevada de todas é a Filosofia, que pode tornar o delírio erótico uma virtude divina (Fed. 265b).

Assim, quando Lúlio faz a “filha da castidade” perguntar ao cavaleiro se o amor que ele deseja dela, o carnal, a irá torná-la mais próxima de Deus quando partir desse mundo – deixando o cavaleiro atônico, pois reconhece que seu amor era falso – está acrescentando mais duas formas de amor à tradição platônica: o amor neoplatônico, definido como um “caminho preparatório que conduz a Deus” (ver PLOTINO, *Tratados das Enéadas*, São Paulo, Polar, 2000, VI, 7, p. 30-33), e o amor cristão, que é o próprio Deus. Santo Agostinho é o primeiro a identificar o Espírito Santo com o amor, introduzindo explicitamente o amor na essência de Deus: “o amor fraterno não só deriva de Deus, mas é Deus mesmo” (Da Trindade, VIII, 12). Por fim, parece que o pensamento luliano está associado a esta longa tradição filosófica neoplatônica, pois, além de associar o amor ao bem e ao Uno, Lúlio faz de sua contemplação amorosa um caminho em direção a Deus. Por exemplo, no Livro do Amigo e do Amado, Lúlio extasia o amor entre o homem e Deus, o supremo amor: “Disse o amigo ao Amado: “Tu que cumulas o Sol de esplendor, cumula meu coração de amor”. Respondeu-lhe o Amado: “Se não estivesses já repleto de amor, não estariam teus olhos em pranto, nem terias vindo a este lugar para ver o teu Amado (5)”; “O amor aquecia e inflamava o Amigo na lembrança de seu Amado, e o Amado o arrefecia com lágrimas e prantos, com o esquecimento dos deleites terrenos e com a renúncia das vaidades. E assim, cresciam os amores, quando o Amigo lembrava por Quem suportava as penas, as tribulações, os trabalhos e perseguições que os mundanos lhe infligiam (364)”, RAIMUNDO LÚLIO, *Livro do Amigo e do Amado* (introd., trad. e estudos de Esteve JAULENT), São Paulo, Edições Loyola/Leopoldianum, 1989, p. 61-62 e 128-129 – Ricardo da Costa.





Após Félix ter dito ao eremita as palavras de amor que aconteceram entre a mulher e o cavaleiro, este reparou que Félix não ficou satisfeito com o conhecimento que lhe tinha dado de Deus através das obras que Deus faz nas criaturas, e soube que Félix desejava conhecer o ser que Deus é em Si mesmo e em Suas obras. Por isso, o eremita disse a Félix estas palavras:

– Um filósofo tinha um filho que muito amava e ao qual ensinava por muito tempo a Filosofia. Quando seu filho se tornou um bom sábio na ciência da Filosofia, seu pai lhe mostrou um livro que havia escrito e perguntou-lhe se sabia que ele era homem por ter escrito o livro ou por ser seu pai. O filho respondeu que pelo livro sabia que ele era homem, porque ao homem pertence o ato de escrever, mas sobretudo sabia que seu pai era homem por ter engendrado um outro homem.

Depois deste exemplo, o eremita disse a Félix que Deus é aquele ao qual pertence uma obra que nenhum outro pode fazer, somente Deus, e tal obra é aquela que Deus faz nas criaturas. Mas aquilo pelo qual se tem maior conhecimento do que Deus é em Si mesmo é saber como Deus em Si mesmo e de Si mesmo engendra Deus, isto é, que Deus Pai engendra Deus Filho, e do Pai e do Filho procede Deus Espírito Santo, e todos os três são somente um Deus. Deus é aquela coisa que é Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, e que é um Deus, não três deuses. E Deus é aquela coisa que é Infinita, Eterna, Sábia, Voluntariosa, Virtuosa, completa em Si mesma de toda a Bondade, de toda a Infinitude, e tudo o que existe em Si mesma.

Muito agradou a Félix o conhecimento que o eremita lhe dera de Deus, louvou e abençoou Deus, que lhe havia feito conhecer a Si mesmo, e em sua alma sentiu o amor multiplicar-se ao amar a Deus, pois agora O conhecia melhor que antes.

3. DA UNIDADE DE DEUS

Disse Félix:

– Em uma terra havia um rei que era muito belo e tinha muito bons costumes nas virtudes. Aquele rei tinha grande poder





sobre as gentes e riquezas, era forte e tinha uma coragem muito nobre. Um cavaleiro seu tinha grande desejo de que existissem no mundo muitos reis semelhantes a ele, para que no mundo houvesse amor e concórdia entre um rei e outro, e que ao mesmo tempo o mundo estivesse em tal disposição que Deus fosse conhecido e amado pelas gentes.²¹

Após essas palavras, disse Félix:

– Senhor, desejo saber se existe somente um deus ou se existem muitos, pois maravilhar-me-ia muito se existissem muitos deuses, já que desejo conhecer e amar um deus no qual exista toda plenitude, e se fossem muitos, naturalmente deveria desejar muitos deuses e a muitos deveria conhecer e amar.

Disse o eremita:

– Se existe somente um Deus, pode existir nele toda plenitude, e se fossem mais de um, haveria um deus mais completo que todos caso tivesse em si mesmo toda a virtude que cada deus teria em si mesmo e por si mesmo. Portanto, é coisa conveniente que existam em um Deus toda a Nobreza, Bondade, Grandeza e Virtude que poderiam existir em todos os deuses, os quais entre todos não poderiam ter tanta grandeza quanto se encontra em um só, isto é, um Deus pode ser infinito e soberano em Bondade e em Poder. Mas se existissem muitos deuses iguais, conviria a cada um ser finito e terminado em outro, e nenhum seria poderoso em tudo quanto eles o seriam. E se existisse um Deus infinito, poderoso e soberano sobre todos os outros deuses, conviria que todos os outros deuses lhe obedecessem, porque não poderiam se lhe opor. Por isso, finalmente haveria somente um Deus.

– Um louco rei desejava ser rei e senhor do reino de um outro rei que era muito sábio, tinha bons costumes e mantinha seu reino em paz e justiça. Este rei que era sábio desejava ser rei do reino do louco rei, porque lhe parecia má coisa um rei reinar onde não

.....
(21) Os capítulos 3-4 e 6-10 do Livro das Maravilhas correspondem aproximadamente aos artigos de fé do Livro do Gentio (L. III).





existissem sabedoria, justiça e regimento.²² Aconteceu que ambos os reis combateram, aquele rei que tinha sabedoria e justiça foi vencido e o louco rei foi senhor do reino do rei vencido. O louco rei manteve os dois reinos que possuía em grande sofrimento²³, porque não era sábio em possuir a terra, e, por sua ignorância e mau costume, as gentes estiveram em guerras e na pobreza, e muito mal se seguiu.

Quando o eremita disse estas palavras, Félix se maravilhou fortemente e disse:

– Senhor, vossas palavras significam que existem muitos deuses, porque este mundo está quase todo em sofrimentos e em guerras, e existem nele muitos homens inimigos das virtudes e amantes dos vícios, uns de uma seita, outros de outra. Por isso, segundo vossas palavras, parece que existem muitos deuses, ou então existe um deus no qual não se encontra a plenitude da Sabedoria, da Justiça, da Bondade, do Poder e da Virtude, pois se existisse um deus que fosse virtuoso, sábio, justo e poderoso, teria seu povo no caminho da verdade, da paz e da caridade.

.....

(22) Optamos pela palavra regimento (ao invés de governo) pela proximidade léxica com o original (regiment) e por seu sentido em português, curiosamente, muito mais fiel ao sentido da palavra catalã do século XIII e ao próprio contexto histórico e político (monárquico) medieval. Senão vejamos: governo = de governar (do grego *kybernáo*, pilotar, pelo latim *gubernare*), 1) regular o andamento de; conduzir, 2) exercer o governo de; imperar em; dirigir, administrar; regimento = de reger (do latim *regere*, governar, dirigir, exercer como rei o governo de), ato, efeito ou modo de reger, de dirigir, 2) normas impostas ou consentidas, regime. Além disso, no próprio texto, Lúlio alterna as palavras *réger* e *governar*, mostrando sua sutileza no jogo do sentido das palavras e deixando o entendimento do sentido mais preciso para o leitor (de maneira semelhante com as palavras honra e honraria, como veremos). Essa opção também foi seguida por Josep E. Rubio em sua tradução da *Arte breve*. Ver RAMON LLULL, *Arte breve* (introd. y trad. de Josep E. Rubio), Pamplona, EUNSA, 2004 – Ricardo da Costa.

(23) Originalmente, “*Aquell foll rei tenc em gran treball los dos regnes que posseia*”. Além de significar o trabalho propriamente dito – esforço humano aplicado para produzir riqueza ou servir aos outros – a palavra *treball* também significa penalidade, tribulação, aflição, situação angustiosa ou de perigo, seguindo a tradição católica e ibérica de associar o trabalho ao sofrimento (ao contrário da tradição protestante, que glorifica o trabalho, pois assim o homem se aproxima de Deus). Ver GGL, vol. V, 1985, p. 249. Portanto, optaremos por um dos dois sentidos de acordo com a frase. Para esse tema, ver especialmente o clássico de Max WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004 (N. do T.).





– Belo filho, disse o eremita, todo homem tem alguma semelhança de Deus, porque todo homem é bom enquanto é criatura, e enquanto existe com entendimento e vontade. A bondade que o homem tem é semelhante à Bondade de Deus, porque a Bondade, que é Deus, coloca semelhança de Si mesma no entendimento e na vontade do homem. E como o homem tem alguma semelhança de Deus, tem por natureza amar e conhecer seu semelhante, isto é, Deus.²⁴ Mas como o homem não sabe nem deseja usar sabiamente a semelhança que tem de Deus, atenta contra sua própria semelhança e contra a semelhança de seu Deus. Por isso, cada homem deseja ser Deus, atentando contra Deus. Logo, a desordem dos homens que não amam um Deus faz o mundo estar em sofrimento, em desordem e em erro, e o Deus, que é Um, lhes dá a liberdade para que possam amá-Lo e conhecê-Lo, para que lhes dê uma grande glória se livremente e sem constranger sua vontade desejem amá-Lo e conhecê-Lo, pois Deus ama tanto sua semelhança no homem que proporcionou ao homem a possibilidade de multiplicar sua grande glória pela razão do mérito que obtém fazendo boas obras.

Um cavaleiro caçava, e por tanto tempo seguiu um javali que se afastou de todos os seus companheiros, e passou a noite em um bosque. À noite teve pavor, e isso fez com que se maravilhasse do que lhe causava pavor. Enquanto o cavaleiro tinha pavor, teve opinião que o Sol fosse Deus, pois pensou que de dia não tinha pavor, e pela ausência do Sol teve pavor. No dia seguinte, quando o cavaleiro retornava, por volta do meio-dia, se encontrou com um escudeiro, filho de um homem que tinha matado, e teve grande pavor com sua vinda, pois se perguntava muito fortemente se o escudeiro lhe faria dano, e também porque estava sem armas e o escudeiro todo armado. O cavaleiro pediu ao Sol que o ajudasse contra o escudeiro que vinha, mas não perdeu seu pavor, pelo contrário, temia fortemente morrer,

.....
(24) Essa passagem é um bom exemplo da doutrina exemplarista Iuliana.





quanto mais o escudeiro se aproximava rapidamente e vinha com a lança para feri-lo. Quando o escudeiro se aproximou dele e desejou feri-lo no peito com a lança, o cavaleiro clamou-lhe misericórdia e pediu que antes de matá-lo o escutasse, porque desejava contar uma aventura que lhe acontecera. O escudeiro reteve seu golpe e o cavaleiro contou-lhe como ele havia tido pavor no bosque pela ausência do Sol, e como pensou que o Sol fosse Deus. E depois lhe disse que sabia que o Sol não era Deus, porque se fosse Deus o teria ajudado em seu pavor quando o viu se aproximar. Após essas palavras, o cavaleiro perguntou ao escudeiro se ele era mais digno de morrer por ter matado seu pai ou por ter tido a opinião que o Sol fosse Deus. O escudeiro ficou muito maravilhado com a pergunta que o cavaleiro lhe fez. Enquanto se maravilhava e estava embaraçado com a resposta, o cavaleiro fez-lhe outra pergunta: se o escudeiro tinha culpa diante Deus por ter duvidado ao responder à pergunta, cuja resposta é simples para o homem que ama mais a Deus que seu pai. O escudeiro cogitou por muito tempo as duas perguntas que o cavaleiro lhe fez, e no fim disse que ele deveria matar o cavaleiro, pois havia matado seu pai; mas por ter desacreditado em Deus, opinando que o Sol fosse Deus, não deveria matá-lo, mas doutriná-lo e certificá-lo em conhecer e amar a Deus. Após isso, o escudeiro se reconheceu como culpado, pois duvidara muito para responder. Quando o escudeiro respondeu, o cavaleiro disse que por ser culpado tinha necessidade do perdão, e como o tinha doutrinado e dado o conhecimento de Deus, não deveria matá-lo. Depois, clamou por misericórdia pela culpa que tinha por ter matado seu pai. Ambos concordaram e se pacificaram em amar e conhecer a um Deus, e foram amigos por muito tempo amando a um Deus.

Quando o eremita disse estas palavras, disse ainda a Félix que o mundo existe em sofrimento e em desordenação porque as gentes são fracas no saber e na caridade e porque possuem diversas opiniões contrárias a Deus. Mas se os homens concordassem em conhecer e amar um Deus, o mundo estaria em bom estamento e





as gentes estariam na caridade, no amor e concordantes em um Deus, como o escudeiro e o cavaleiro, que convergiram em um Deus pelo perdão, pela caridade e pelo conhecimento.

4. DA TRINDADE DE DEUS

– Senhor eremita, disse Félix, numa santa festa que os homens chamam de “Santa Trindade”, vi pregarem sobre a Santa Trindade de Deus.²⁵ Fiquei fortemente maravilhado com a tal pregação, porque o bom homem que pregava disse que não se deve provar às gentes que Deus existe em Trindade, pois é melhor que as gentes acreditem na Trindade de Deus que entenderem-na por meio de razões necessárias.²⁶ Senhor, fiquei muito maravilhado com aquelas palavras, porque se o bom homem disse a verdade, haveria maior mérito em acreditar na Trindade de Deus que em conhecê-la, e a vontade poderia amar mais pela ignorância que pelo conhecimento.

O eremita disse que em uma cidade havia muitos costumes contra Deus, contra a justiça e contra o regimento do príncipe. Aqueles costumes eram franquias que o povo daquela cidade tinha,

.....
 (25) Todo o Livro das Maravilhas busca provar, por meio de razões necessárias, a existência da Santíssima Trindade, explicando a origem e o dinamismo de todos os seres vivos e de todas as coisas criadas mediante as semelhanças que nelas há dos atos eternos ad intra de Deus. Assim, ao longo de todo o Livro, Lúlio tentará periodicamente explicar a ação e o movimento eterno entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como base da existência de todo o universo, sobretudo neste capítulo – Ricardo da Costa.

(26) A Arte luliana é um sistema argumentativo baseado nas relações necessárias que se dão entre os princípios que constituem a realidade, que, na opinião do maiorquino, são os mesmos – embora em combinações e intensidades diferentes – para tudo o que existe, desde Deus, suprema Realidade, até a realidade mais ínfima. Estas relações obedecem a certas leis ou razões necessárias que permitem fundamentar um modo de argumentar que se apóia na realidade tal como ela é, não nas consistências mentais que a realidade pensada pode oferecer. Para o tema das razões necessárias ver RAIMUNDO LÚLIO, O Livro do Gentio e dos Três Sábios, op. cit., Introdução – Esteve Jaulent.





franquias pelas quais o rei daquela cidade não podia fazer justiça.²⁷ Um dia, aconteceu que um homem daquela cidade cometeu homicídio e o rei quis puni-lo, mas por algumas daquelas franquias o havia absolvido, aceitado dinheiro e perdoado aquele homem. Muito desagradou ao rei o fato de ter deixado de fazer justiça por causa do dinheiro e da franquias, e disse aos homens daquela cidade estas palavras: “Dois homens pecadores estavam diante de um altar: um rogava a Deus que lhe perdoasse, porque O temia, e o outro clamava por misericórdia, porque O amava. Desejo que vós, que contra a justiça alegais vossos maus costumes, me respondais a qual daqueles dois homens Deus deve primeiro perdoar”. Um Conselho foi feito naquela cidade para responder a pergunta que o rei fez²⁸,

.....
 (27) Na Idade Média, especialmente a partir do renascimento urbano ocorrido nos séculos XII-XIV, tornou-se costume da nobreza (especialmente das monarquias) conceder cartas de franquias às populações urbanas com o intuito de promover o desenvolvimento comercial, já que, com essas cartas, o comércio ficava livre da taxaço de impostos. Além disso, as monarquias utilizavam essas cartas para se contraporem ao poderio senhorial. Contudo, o exemplo luliano oferece uma contraposição: no caso narrado, é o rei que reclama a impossibilidade de exercer sua justiça plenamente por causa das franquias concedidas por ele a uma determinada cidade. Isso mostra que Lúlio era antipático às profundas mudanças sociais ocorridas em seu tempo, pois via a burguesia nascente como uma força social desordenadora. Para o tema das franquias, ver Pierre BONNASSIE, “Liberdade e servidão”, em Jacques LE GOFF e Jean-Claude SCHMITT (org.), Dicionário Temático do Ocidente Medieval II, Bauru, São Paulo / EDUSC, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 63-77 – Ricardo da Costa.

(28) O Conselho Urbano era, via de regra, um conglomerado dos cidadãos mais ricos da cidade, os representantes das confrarias e guildas. Por exemplo, no século XIII, a República de Siena era uma das mais prósperas cidades da Itália não-pontifical. Os sienenses haviam acabado de promover uma verdadeira revolução política: em 1262, os popolani – a gente nuova oriunda do efervescente comércio, mas até então sem nenhuma representatividade política – estabeleceram um “Conselho do Povo” (papolo), presidido pelo capitano del popolo, líder eleito diretamente. Em 1287, este Conselho tomou o poder do podestà (funcionário público que costumeiramente era indicado pelas famílias nobres mais ricas) e, logo a seguir, exilou da cidade boa parte da nobreza, instalando uma “Junta de Nove Governantes” chamada Governo Oligárquico dos Nove, oligarquia de banqueiros e mercadores que governou até 1355 – desde 1192 tem-se notícia de corporações de mercadores, artesãos e banqueiros na cidade. Ver Ricardo da COSTA, A Árvore Imperial: Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316), op. cit., p. 22-23 – Ricardo da Costa.





e foi acordado que dissessem ao rei que Deus devia perdoar mais fortemente ao homem que O amava que àquele que O temia.²⁹ Quando o rei ouviu que a resposta era contra os maus costumes, disse estas palavras: “Estou muito satisfeito com a vossa resposta; saibais que, conforme vossas palavras, devo mais amar a Deus que vos temer, porque amando a Deus poderei fazer justiça convosco, e por vos temer me convém ser inimigo da justiça”.

Quando Félix ouviu as palavras que o eremita lhe disse, fortemente se maravilhou de que o amor pudesse existir sem o temor e o temor sem o amor.

– Belo filho, disse o eremita, aqueles que amam crer na Trindade de Deus e não a desejam entender, amam mais a si mesmos que a Deus, pois como pensam ter maior mérito em crer no que não entendem, amam mais ter grande glória pela fé que ver Deus pelo entendimento. Por isso, belo filho, muitas vezes existe temor sem amor, isto é, o temor existe para que não se perca a glória e não haja pena, e como o homem não deseja conhecer nem amar a Deus por sua bondade e sua nobreza, existe temor sem amor.

– Senhor, disse Félix, muitas vezes tenho vontade de perguntar aos sábios de nossa lei a maneira segundo a qual Deus é Um em essência e existe em Trindade de pessoas. Mas por pavor de não poder entendê-lo, duvidava perguntar sobre a Santa Trindade. Assim, vos peço que me digais algumas palavras com as quais eu a possa entender.

Disse o eremita:

.....

(29) No caso em questão – a relação entre o amor e o temor – Ramon, como bom medieval, “...inverte a premissa maquiavélica – ou melhor, seria mais preciso dizer que Maquiavel (1469-1527) inverteu a premissa medieval. Pois temor sem amor provoca paixão nos corações dos homens e esta paixão ‘faz considerar muitas coisas contra o príncipe, das quais se nutrem desamor contra amor, e injúria contra justiça, e traição contra lealdade, e assim das outras coisas que acontecem por temor sem amor’ (Dos ramos da Árvore Imperial. 2. Do Amor) – Ricardo da COSTA, A Árvore Imperial: Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316), op. cit., cap. XI.3.4, p. 214-217 – Ricardo da Costa.





– Numa cidade, um mercador, que tinha ganhado muitos dinheiros³⁰ e com eles trabalhado por muito tempo, ficou muito doente, tanto corporal quanto espiritualmente. Ele estava doente espiritualmente porque duvidava da Santa Trindade de Nosso Senhor Deus, já que não podia entender que Deus pode ser Um em essência e em Trindade de pessoas. E como não entendia, e crer não sabia, duvidava da fé, pela qual dúvida estava em estado de danação.³¹ Ele estava doente corporalmente pela febre que tinha e pelas riquezas deste mundo, as quais lamentava e temia perder. Enquanto aquele mercador estava nesse grande perigo, desejou ter trabalhado tanto para amar e conhecer a Deus da mesma forma que tinha juntado as riquezas deste mundo, as quais sabia que não poderiam ajudá-lo, nem em sua grande tentação, nem em sua doença corporal. Assim, pelo grande desejo que o mercador tinha de servir a Deus, Ele lhe espirou a luz da fé em sua alma, com a qual entendeu que o que não entendia da Santa Trindade de Deus não devia descrever, pois Deus ordenou a fé nos homens para que com a fé eles acreditem no que não entendem, já que a Trindade é coisa tão elevada para se saber que os homens que são mercadores e negociantes de coisas mundanas não podem entendê-La.

Após o eremita ter dito essas palavras, disse ainda a Félix:

– Belo filho, se não podeis entender a Santa Trindade de Deus, é bom que nela acrediteis. Porque, se tudo o que o homem não pode entender não devesse crer, má coisa seria a fé, mas ela é uma virtude muito nobre, pois pela fé os homens estão no caminho da salvação, já que crêem o que não podem entender. Por isso, belo filho, basta a vós que creiais na Trindade, já que não podeis entendê-La.

– Senhor, disse Félix, se não posso entender as palavras que me dizeis da Santa Trindade de Deus, estou preparado para crer

.....
(30) "...tinha ganhado muitos dinheiros...". O dinheiro (no original diner) era a moeda de prata (diners, do latim denarius [denário], antiga moeda romana de prata). Veja nota 13.

(31) "Estado de danação", isto é, estava em condições de, após sua morte, ir para o Inferno (N. do T.).





e ter fé. Mas como desejo conhecer Deus porque é bom, por Sua Bondade desejo mais amá-Lo e conhecê-Lo que para ter glória ou fugir das penas infernais. Por isso, desejo aventurar-me em procurar a maneira pela qual possa conhecer e amar a Deus. Logo, senhor, peço que me digais o que sabeis da Santa Trindade de Deus.

Disse o eremita:

– Um filósofo ouviu falar de um santo homem cristão que era muito sábio em Teologia e em Filosofia. Aquele homem estava em um eremitério contemplando a obra que Deus tem em si mesmo. Um dia aconteceu que um judeu veio àquele santo homem e disputou com ele sobre a Santa Trindade de Deus.³² Naquele mesmo dia veio o filósofo ao santo homem enquanto o judeu disputava com ele, e o santo cristão provava ao judeu a existência da Trindade em Deus, mas o judeu não conseguia entender. E a razão pela qual o judeu não podia entender as razões que o santo cristão lhe mostrava da Santa Trindade era porque desamava a prova que o cristão lhe fazia, porque é coisa tão difícil provar a Trindade que nenhum homem pode entendê-la sem supor que se pode provar por meio de razões necessárias. O filósofo, ouvindo as razões que o cristão disse ao judeu, entendeu-as e se fez batizar, tornando-se cristão. Muito se maravilhou o judeu com aquele filósofo que se tornou cristão, pois o judeu o conhecia antes de ser batizado, e disse ao filósofo estas palavras: “Senhor, maravilho-me muito convosco por tão rápido ter sido convertido à fé dos cristãos. Rogo-vos que me digais a razão pela qual haveis recebido o batismo e haveis desamparado a seita na qual estáveis”. O filósofo disse ao judeu estas palavras: “Há muito tempo tenho desejado através da Filosofia conhecer Deus e as obras que Ele faz nas criaturas, mas apenas pela Filosofia nunca conheci a obra que Deus realiza em Si mesmo, pelo contrário, através da Filosofia eu nada soube. Ora, pela Teologia que o senhor eremita disse em sua disputa contigo, e pela Filosofia que sei e que ouvi dele, veio a mim o conhecimento da Trindade de Deus,

.....
(32) “...e disputou com ele sobre a Santa Trindade de Deus”. O sentido medieval da palavra disputar é discutir, duas ou mais pessoas, sobre algum ponto, sobretudo científico. Ver GGL, vol. II, 1983, p. 102-103 (N. do T.).





conhecimento que tu podes receber se supões existir a Trindade e se tens prazer em que Ela exista em Deus, porque não é possível provar a Trindade sem esta suposição, nem se pode prová-la a um entendimento rebelde que exista no coração do homem orgulhoso".³³

– Senhor, disse Félix ao eremita, entendi bem vossas palavras e a razão pela qual me dissestes os exemplos. Não duvideis de semear em mim palavras de saudável bênção, pois estou preparado para entender e supor o que me dizeis da Santa Trindade de Deus. Eu teria um grande prazer de poder entendê-la por meio de razões necessárias, pelas quais razões eu poderia mortificar a dúvida e a tentação sempre que a mim ou a outro viessem contra a Trindade de Nosso Senhor Deus, o qual desejo amar, servir, honrar e conhecer todos os dias de minha vida.

Após estas palavras, o eremita fez em sua face o sinal-da-cruz, na esperança da ajuda de Deus, e disse a Félix estas palavras sobre a Trindade:

– É coisa manifesta que Nosso Senhor Deus criou tudo quanto existe para dar conhecimento e amor de Si mesmo às gentes. Por isso, por Ele ser Um em essência e em Trindade de pessoas, deseja que o mundo seja um em essência e que exista em três coisas diversas, que são a sensualidade, a intelectualidade e a animalidade.³⁴ A sensualidade pertence às coisas sensuais, que são corporais e sensíveis; por intelectualidade entendemos o que é a alma do homem ou a dos anjos, e pela animalidade entendemos o homem e do que ele é composto, de coisas corporais e espirituais. Nessas três coisas está todo o mundo, que é uno e existe nessas três coisas ditas acima, sem as quais o mundo não se encontraria na unidade na qual existe, nem as três coisas seriam o que são sem que cada uma fosse em si mesma uma coisa em três coisas. Todo corpo é um e existe em três coisas, que são a matéria, a

.....
(33) Esta é uma informação interessante acerca das limitações da razão para provar a Santíssima Trindade e da relação entre a fé e a razão (N. do T.).

(34) A sensualidade, a intelectualidade e a animalidade são as três categorias da criatura no triângulo azul da figura T (Arte demonstrativa, Dist. I, Fig. T, par. 2). Ver também o Livro do Gentio e dos Três Sábios (Livro I, árvore 2).





forma e a conjunção que nasce da matéria e da forma ao ser um corpo ajustado de matéria e forma.³⁵ A alma é uma em essência e existe em três coisas diversas, e essas três coisas são a memória, o entendimento e a vontade, coisas sem as quais a alma não poderia ser uma substância.³⁶ O animal é feito de três coisas, o corpo, o espírito, e a conjunção pela qual o corpo e o espírito se ajustam e formam um animal, isto é, um homem, um leão, uma ave, e todas as outras coisas ajustadas de corpo e alma. Nesses números um e três está o mundo e tudo quanto foi criado em ser substancial para significar que a substância de Deus é uma e existe em três pessoas distintas, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Pois se Deus não existisse em Unidade de substância e em Trindade de pessoas, não teria criado tudo quanto existe à Sua semelhança para poder ser conhecido e amado pelos homens, e haveria carência em Deus se os homens não pudessem conhecê-Lo por falta de semelhança, da semelhança do mundo e do que o mundo contém em si mesmo.

.....
(35) "...ao ser um corpo ajustado de matéria e forma". Lúlio utiliza os conceitos aristotélicos de matéria e forma. Forma – essência necessária ou substância das coisas que têm a matéria. No sentido aristotélico, a forma pressupõe a matéria, é mais "natureza" que a matéria. Assim, forma são todas as substâncias naturais em movimento, não as substâncias imóveis (Deus e as inteligências motrizes), pois estas são isentas de matéria. Os escolásticos não se prenderam rigorosamente a essa terminologia aristotélica, e estenderam o termo a qualquer substância, falando de formas separadas (para indicar as idéias existentes na mente de Deus) e formas subsistentes (os anjos que não têm corpo e, portanto, não têm matéria). Por sua vez, a matéria é um dos princípios que constituem a realidade natural, isto é, os corpos. Em Aristóteles e Platão, matéria é receptividade, ou passividade. Aristóteles chama a matéria de sujeito: "Chamo de Matéria o sujeito primeiro de uma coisa a partir do qual a coisa não é gerada acidentalmente" (Física, I, 9, 192 a 31). Ver Nicola ABBAGNANO, Dicionário de Filosofia, op. cit., p. 468-470 e 646-649 – Ricardo da Costa.

(36) "...sem as quais a alma não poderia ser uma substância". Forma e matéria são os componentes da substância, a primeira das categorias aristotélicas. Aristóteles diz: "Temos ciência das coisas particulares só quando conhecemos a essência necessária das mesmas, e com todas as coisas ocorre o mesmo que ocorre com o bem: se o que é bem por essência não é bem, então nem o que existe por essência existe, e o que é uno por essência não é uno; e assim com todas as outras coisas" (Met., VII, 6, 1031 b 6). Assim, tudo é o que é em virtude de sua essência necessária, tudo o que há de real ou de cognoscível nas coisas faz parte da essência necessária e existe necessariamente – Ricardo da Costa.





Quando o eremita explicou a Félix o significado das criaturas através da Unidade e da Trindade de Deus, elevou-se e desejou mostrar a Félix a Unidade e a Trindade de Deus através de Suas dignidades, dizendo estas palavras:

– Amável filho, na natureza de Deus existem a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria, a Vontade, e muitas outras dignidades estão no ser de Deus, e cada uma delas é Deus e em nenhuma delas existe ociosidade. Por isso, a Bondade não cessa de fazer bem, isto é, produzir o bem em si mesma e de si mesma, e pela Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade, ela faz o bem e o engendra de Si mesma com a Eternidade, o Poder, a Sabedoria, a Vontade. Este bem engendrado é a pessoa do Filho, e o engendrador é a pessoa do Pai; e do Pai e do Filho nasce o Espírito Santo. O mesmo faz a Bondade, a Imensidão, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade, e ao mesmo tempo o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma natureza divina, uma divindade, um Deus. E em Deus existe uma pessoa, o Pai, por toda a Bondade, a Grandeza, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade, pois aquele que engendra o Filho e faz nascer o Espírito Santo é a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade. O mesmo ocorre com o Filho e o Espírito Santo, que são cada um deles a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade. Por isso, nesta obra que Deus realiza dentro de Si mesmo, são suficientes uma paternidade, uma filiação e uma procissão.³⁷ E como nessa obra existem a Infinitude e a Eternidade, não pode haver ociosidade, nem desigualdade, maioridade ou menoridade. Pois se houvesse Bondade em Deus sem a criação do bem, e Infinitude sem a criação do infinito, e o mesmo da Eternidade, do Poder, da Sabedoria e da Vontade, existiria em Deus ociosidade de Bondade, Infinitude, Eternidade, Poder, Sabedoria e Vontade, e tal ociosidade seria contra a Bondade, a Infinitude,

.....
(37) No original processió – ato ou efeito de proceder, especialmente a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, do Pai e do Filho. GGL, vol. IV, p. 242.





a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade de Deus. Por isso, assim como é suficiente Deus ser em Unidade, basta à Unidade uma paternidade, uma filiação e uma espiração³⁸, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade. E como o Pai engendra o Filho com toda a Sua Bondade, Sua Infinitude, Sua Eternidade, Seu Poder, Sua Sabedoria e Sua Vontade, existem no Filho toda a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade do Pai. O mesmo ocorre com o Espírito Santo, que é toda a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade do Pai e do Filho, procedendo, assim, infinita e eternamente todo o Espírito Santo de todo o Pai e de todo o Filho e por todo o Pai e por todo o Filho. É natural existir amor entre pai e filho, e naturalmente o homem ama a virtude que nasce de seu ato de lembrar, entender e amar. Ora, se o pai ama o filho que é engendrado de seu corpo e do corpo da fêmea³⁹, quanto mais amaria seu filho se o engendrasse

.....
 (38) "...uma paternidade, uma filiação e uma espiração". No original *espiració*. O verbo *espirar* em catalão medieval – e especificamente na filosofia luliana – se refere ao ato de amor divino de criar o Filho e o Espírito Santo, mas também o ato do Espírito Santo de iluminar a criatura humana (ver GGL, vol. II, 1983, p. 355). Portanto, ultrapassa e muito o sentido em português, que é o de exalar, desprender, emanar, emitir sopra – Ricardo da Costa.

(39) "...engendrado de seu corpo e do corpo da fêmea". No original *fembra*, GGL, vol. II, p. 434. Lúlio utiliza quatro palavras para designar a condição feminina: *dona* (senhora), *donzella* (donzela), *muller* (mulher) e *fembra* (fêmea), quando cita a jovem e virgem (*donzella*), a esposa do nobre ou do burguês (*senhora* e *mulher*) e a prostituta (*louca fêmea*). Deve-se entender *dona* (senhora) com três acepções: 1) com o sentido respeitoso de "esposa de alguém", 2) como título nobiliárquico ou 3) como uma mulher pertencente a alguma ordem religiosa; *muller* (mulher) para dar a idéia de esposa, mas sobretudo com o sentido carnal (mulher casada, subentendida "que não é mais virgem") e *fembra* (fêmea) – quase sempre acompanhada do adjetivo "louca" (*folla*) – com um sentido dúbio, pois além de fêmea mesmo (mulher no sentido mais carnal da palavra) também designa prostitutas e cortesãs. Lúlio utiliza a palavra *fembra* para designar a qualidade "mais baixa" da mulher, aquela que a mulher preferiu em detrimento da mulher ideal cristã, a boa virgem. Em várias passagens do Félix há citações dessa natureza. Assim, Lúlio nada mais faz do que repetir a ladainha eclesiástica medieval da condição feminina. Para todas essas questões, ver, sobretudo, Georges DUBY, *Eva e os Padres. Damas do século XIII*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001 – Ricardo da Costa.





somente de si mesmo, de todo si mesmo e igual a si mesmo! E se a alma ama seu lembrar, entender e amar que nascem de sua virtude, mais amaria, se seu lembrar, entender e amar fossem sua própria virtude e fossem ela própria!⁴⁰

– Belo filho, disse ainda o eremita, em vossa própria natureza podeis entender e sentir como amais ser um homem, não dois nem mais, e como amais vossa humanidade, amais que esta exista em três coisas: a alma, o corpo e sua conjunção, sem as quais três coisas não poderíeis ser um homem. Logo, de acordo com a natureza pela qual sentis e sabeis o que amais ser, em vós mesmos podeis entender e saber o que existe em Nosso Senhor Deus, que nos criou para que O amássemos e O conhecêssemos. Se Deus não entendesse nem amasse a Si mesmo, não seria Deus. E se Deus entende e ama a Si mesmo, convém que bonifique, que magnifique, que eternize e que dê poder a Si mesmo, pois, se não o fizesse, existiria em Deus mais nobre Virtude, Sabedoria e Vontade que Bondade, Infinitude, Eternidade e Poder, e isso é impossível, pois Deus é todo igualdade. Por essa igualdade a Bondade bonifica a Si mesma, em Si mesma e de Si mesma; isto é, a Bondade, que é o Pai, engendra o Filho e faz nascer o Espírito Santo de Si mesma, em Si mesma e por Si mesma, e o mesmo ocorre com a Infinitude, a Eternidade e o Poder.

– Um sábio perguntou a um filósofo qual coisa era mais nobre, a essência de Deus ou a obra de Deus. O filósofo considerou por

.....
(40) Naturalmente, o leitor há de perceber que a intenção de Lúlio nesta passagem, ao repetir tanto os nomes das dignidades (atributos) de Deus (eternidade, poder, sabedoria...), é a memorização – devemos levar em conta também o contexto cultural da época: os livros manuscritos eram escassos e as cópias preciosas. Portanto, os leitores viam-se obrigados a ter passagens inteiras de uma determinada obra na memória. Além disso, a repetição dessa forma, encadeada, também tinha o objetivo de criar no leitor um movimento circular de ascensão espiritual; falando, repetindo as coisas relativas ao bem absoluto, o espírito se elevava em busca de Deus. Por todos esses motivos, propositalmente optamos deixar nossa tradução exatamente como o texto original. Embora a modernidade em boa parte perdeu hoje essa idéia de transcendência para o Absoluto – muito forte em Lúlio – há de se fazer um pequeno esforço de compreensão dessas categorias mentais de uma época em que as energias humanas estavam voltadas para essa orientação ontológica – Ricardo da Costa.





muito tempo a pergunta que o sábio lhe fez, e respondeu que Deus é tão eterno como o mundo e o mundo como Deus. A razão pela qual o filósofo disse que o mundo é eterno foi para atribuir a Deus uma obra eterna. Por isso, alguns filósofos opinaram que o mundo é eterno, por não lhes parecer que Deus, que é tão nobre em Bondade, Infinitude, Eternidade, Poder, Sabedoria e Vontade, pudesse ou devesse estar ocioso. Mas se os filósofos tivessem conhecimento da obra que Deus faz em Si mesmo, o Pai engendrando o Filho e fazendo nascer o Espírito Santo do Pai e do Filho, não teriam essa falsa opinião de acreditar que o mundo exista sem um princípio.⁴¹

– Dois grandes sábios estavam diante de um grande rei. O rei desejou saber qual deles era mais sábio e perguntou-lhes qual era a mais nobre coisa que se podia pedir a Deus. Um sábio disse que era ser Deus; o outro disse que o maior dom que se poderia querer seria que Deus fizesse a vontade e o poder do homem serem uma mesma coisa, sem nenhuma diferença, pois se a vontade do homem fosse igual ao seu poder, o homem poderia ser Deus se assim o desejasse.

– Portanto, belo filho, disse o eremita, deveis saber que, como Deus é uma mesma coisa com Seu Poder e Seu Querer, pode tudo o que deseja Sua Vontade, e convém que Sua Vontade queira tanto quanto pode Seu Poder, porque se assim não o fosse, o Querer seria menor que o Poder, e não uma mesma coisa com o Poder. E como o Poder é infinito e eterno, pode tudo em Si mesmo, convém que o Querer queira que o Poder, que é Pai, engendre o Filho, e faça nascer o Espírito Santo por toda a sua Infinitude e Eternidade, pois sem tal Querer, a Vontade não seria toda a Infinitude e toda a Eternidade pela Bondade, pela Sabedoria e pelo Poder.

– Um cavaleiro mostrou a seu filho um grande salto que um escudeiro havia feito. Muito se maravilhou o filho com o salto do

.....
(41) "...se os filósofos tivessem conhecimento da obra que Deus faz em Si mesmo, o Pai engendrando o Filho e fazendo nascer o Espírito Santo do Pai e do Filho, não teriam essa falsa opinião de acreditar que o mundo exista sem um princípio". Veja o Livro do Gentio e dos Três Sábios (Livro II, n. 12).





escudeiro, e o pai quis saber se seu filho tinha discernimento para se dispor a ter sabedoria. Assim, perguntou-lhe por que se maravilhava com o salto do escudeiro. “Senhor”, disse o filho, “maravilho-me com o salto que o escudeiro fez conforme a força do meu corpo, mas não me maravilho conforme a força do corpo do escudeiro, que esteve em tão elevada virtude quanto foi preciso para o salto que fez”. O pai teve muito prazer com a resposta de seu filho.

Félix disse ao eremita que estava muito satisfeito com o conhecimento que obtivera da Santa Trindade, considerando a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade de Deus, e o que convém à obra que Deus faz em si mesmo por toda a Sua Bondade, Sua Infinitude, Sua Eternidade, Seu Poder, Sua Sabedoria e Sua Vontade. Depois dessas palavras, Félix disse ao eremita:

– Senhor, maravilho-me fortemente com os filósofos que foram gentios e tiveram grande sabedoria, mas ignoraram a Trindade de Deus. Por essa virtude que eles tiveram, os filósofos cristãos podem ter conhecimento da Trindade de Deus e os filósofos gentios não.

– Belo filho, disse o eremita, por fé os filósofos não supõem nada em Deus, somente seguem razões necessárias. Por isso, seu entendimento não pode se elevar tão alto até Deus como o entendimento dos filósofos cristãos católicos e teólogos que, por sua fé, começam supondo existir a Trindade em Deus. E como a fé é a luz do entendimento, ela eleva o entendimento para entender mais alto que o dos filósofos gentios, que não podem entender.

5. ONDE EXISTE DEUS

Félix perguntou ao eremita onde existe Deus, pois fortemente se maravilhava por não vê-Lo. O eremita respondeu que Deus está e existe em Si mesmo e em tudo o que existe, essencial e presencialmente. Mas como Deus não é coisa corporal, é invisível aos olhos corporais, mas, como é coisa espiritual, é visível aos olhos espirituais.





Após estas palavras, o eremita contou este exemplo:

– Um homem louco perguntou a um homem sábio se Deus está no inferno ou nos lugares imundos onde existe putrefação e fedor, e se está na pedra ou nos homens pecadores. E muitas outras perguntas lhe fez, porque não lhe parecia que Deus, que é tão elevado em santidade e em nobreza, pudesse estar nos lugares em que existem a vilania e a imundície. O homem sábio provou ao louco que Deus é infinito em Grandeza, Bondade e Santidade. Por Sua Infinitude convém que esteja em todos os lugares e fora deles; por Sua Bondade, Sua Santidade e Sua Pureza, convém que esteja em todos os lugares que sem imundície em Si mesmo, pois se o Sol passa pelos esterco e não se contamina com a imundície, se o homem justo não se macula imaginando e desamando o pecado, e se o entendimento do homem pode entender a pãra e imaginar em si mesmo a semelhança da pedra sem que a natureza do entendimento seja semelhante à pedra, quanto mais Deus, que é muito mais nobre, maior, mais poderoso e mais justo que o homem, pode estar em todos os lugares sem ter imundície ou limitação em Si mesmo!

O eremita ainda disse que Deus está em Si mesmo querendo ser Deus, porque querendo ser Deus engendra Deus e, por isso, Deus está em Deus, e existe somente um Deus que é Deus que é Pai, Deus que é Filho e Deus que é Espírito Santo. E Deus, que é Filho e Espírito Santo, existe em Deus Pai, e Deus Filho existe em Deus Espírito Santo, e Deus Espírito Santo existe em Deus Filho. Essa existência acontece pela razão da geração e da espiração, e o mesmo ocorre com a essência das dignidades e virtudes de Deus, pois a Bondade que é Pai está em Si mesma engendrando o Filho e espirando o Espírito Santo de Si mesma; a Bondade que é Filho e Espírito Santo está em Si mesma, e o mesmo acontece com a Grandeza, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade.

– Esta existência, belo filho, disse o eremita, não pode ser vista com os olhos corporais, mas com os olhos espirituais. Por isso, belo amigo, eu me maravilho quando dizeis não ter visto Deus, porque, segundo o que podeis lembrar, eu vos tenho provado a existência de Deus, e as perguntas que me haveis feito sobre o Ser,





a Unidade e Trindade de Deus vos satisfiz completamente, e deu-se tal satisfação sem precisarmos ver Deus espiritualmente.

Disse Félix:

– Quando considero o erro, a vilania, a imundície do mundo e a pouca devoção, caridade e amor que as gentes têm a Deus, parece-me que Deus não está no mundo, porque quando o Sol está no ar, ilumina o ar e a terra, aquecendo o ar, a água e a terra. Portanto, se o Deus da glória, que é claridade e resplendor, pureza de toda pureza, caridade e fonte viva de vida, está no mundo, como pode o mundo estar nesse estado tão conturbado?

Disse o eremita:

– Em uma alta montanha estava um homem que sentia muito frio por causa da neve que havia naquele monte. Aquele homem viu fogo em uma outra montanha e se maravilhou porque o fogo que via não o aquecia e a neve onde estava o esfriava, teve uma louca maneira de se maravilhar. Portanto, vós, filho, conforme esta semelhança, podeis considerar como Deus está neste mundo: Ele se manifesta às gentes por muitas semelhanças e maneiras, isto é, através das guerras, das pestilências de fome e das doenças que acontecem no mundo, para que as gentes O vejam através daquelas coisas e se aproximem d’Ele pelas boas obras, fugindo daquele calor, ardor e das vaidades que existem no mundo, e se aquecendo e se purificando em ter e amar a Deus.

6. DA CRIAÇÃO DO MUNDO

– Senhor, disse Félix, quando considero que o mundo foi criado do nada⁴², eu me maravilho de que algo possa ser criado do nada.

.....
(42) "...o mundo foi criado do nada". No original no-res (não-coisa), isto é, o nada, em sua primeira acepção filosófica (o nada como não-ser). Na Idade Média – especialmente em Escoto Erígena (c. 810-877), no místico dominicano Mestre Eckhart (1260-1327) e no Zohar (um dos livros da Cabala judaica) – o nada exprime a negação total das formas conhecidas de ser, julgadas inadequadas à natureza de Deus. Esta idéia baseava-se em Platão, que afirmou que o nada era a alteridade do ser, a negação de um ser indeterminado (Sof., 242d) – Ricardo da Costa.





Disse o eremita:

– Um rei enviou um cavaleiro à terra de um outro rei para travar uma batalha em sua corte contra um escudeiro que o havia acusado de traição. Daquela terra voltou um pajem, que disse ao rei que o cavaleiro havia combatido e havia vencido a batalha. O pajem disse ao rei tais notícias para que ele ficasse contente com sua vinda, mas aquelas palavras não eram verdadeiras. Logo, se o rei pode ter alegria com algo que não é nada⁴³, quanto mais Deus, que possui soberano poder e pode criar o mundo do nada!

Disse Félix:

– Um eremita que por muito tempo havia estado em um eremitério andava por uma cidade, e viu que um ferreiro fazia um canivete e um sapateiro fazia um sapato. O eremita cogitou que o ferreiro não poderia fazer o canivete sem ferro, nem o sapateiro poderia fazer o sapato sem couro. Enquanto ele assim cogitava, pareceu-lhe que seria grande nobreza se o mundo fosse feito de alguma coisa, pois o mundo existe para que Deus seja amado e conhecido. Pois se o canivete, que é feito para servir o homem, é feito de algo, quanto mais o mundo deve ter sido feito de algo, pois ele existe para que Deus seja servido!

O eremita disse:

– Um clérigo comprou um escravo e lhe perguntou o que desejava comer.⁴⁴ O escravo respondeu que ele comeria o que agradasse ao clérigo. O mesmo respondeu quanto aos atos de beber, vestir, cogitar, desejar e obrar; o escravo sempre lhe respondia que desejaria o que o clérigo desejasse. No fim, o clérigo perguntou ao seu submetido se tinha alguma vontade própria. Ele respondeu que não, pois seu senhor o havia comprado para desejar o que a vontade de seu senhor desejava.

.....
 (43) "...se o rei pode ter alegria com algo que não é nada...", isto é, como o rei poderia ter alegria com algo que não havia acontecido, algo que não existiu? Para Lúlio, palavras que não são verdadeiras não correspondem à realidade que significam (N. do T.).

(44) No original "Un clergue comprà un serf...". A palavra serf, contudo, apesar de literalmente significar servo (do original servu latino), traduz-se por escravo.





Após esse exemplo, o eremita disse a Félix que Deus desejou ter criado o mundo do nada para que o homem fosse mais submetido a querer o que Deus desejava fazer com o homem e com o mundo. Pois se o mundo fosse feito e não criado, aquilo do qual o mundo seria feito seria eterno, e o homem, que é feito do mundo⁴⁵, não estaria tão predisposto a ser humilde e submisso a Deus, como o está agora, num mundo criado do nada.

– Senhor, disse Félix, qual é a principal razão para Deus ter criado o mundo?

Disse o eremita:

– A principal razão para Deus ter criado o mundo foi para ser amado e conhecido pelo homem.

Disse Félix:

– É coisa manifesta que outras coisas são mais amadas e conhecidas pelos homens que Deus. Portanto, parece que o homem não foi criado principalmente para conhecer e amar a Deus. Pelo contrário, parece que a principal razão pela qual o mundo foi criado foi para que sejam conhecidas e amadas pelo homem aquelas coisas que o homem ama mais que a Deus, e das quais possui maior conhecimento que de Deus.

O eremita ficou por muito tempo maravilhado com as palavras que Félix disse. Enquanto o eremita assim se maravilhava, Félix disse estas palavras:

– Em uma santa festa, pregava um santo homem, e dizia: “A intenção final pela qual todas as coisas foram feitas quase se inverteu, pois pelo pecado as gentes se desviam da intenção para a qual foram criadas, que é conhecer e amar a Deus. Mas mesmo que os homens pecadores se desviem da finalidade para a qual existem, Deus não desvia Sua obra daquela finalidade para a qual criou os homens, porque a uns homens Ele perdoa e dá glória, e a outros dá pena, pois O desconhecem e O desamam. E assim, quer por misericórdia, quer por justiça, cumpre-se a

.....
(45) Isto é, o homem é um ente natural, um ente que participa do cosmo – Esteve Jaulent.





finalidade para a qual Deus criou o homem, que é conhecer e amar a Deus e Suas obras”.

– Senhor, disse Félix, por que Deus não criou o homem em tal estado que não pecasse, nem morresse, tivesse fome, calor, frio, doenças, pobreza, ira e as outras coisas semelhantes a estas? Como Deus é bom e não mau, estou muito maravilhado por Ele não ter esquivado o mal, que é contrário à Sua Bondade.

Disse o eremita:

– Um abade foi deposto de uma grande abadia, e foi-lhe dada uma pequena abadia. Naquela grande abadia havia muitos monges dissolutos e que não eram obedientes à ordem. Na pequena abadia estavam os monges de bons costumes, que obedeciam muito bem a sua ordem. Aquele abade que foi deposto da grande abadia estava muito descontente e irado por ter sido deposto da grande abadia, e esteve por muito tempo em ira e tristeza, até que considerou que a santidade de sua ordem não estava na multiplicação das pessoas, das riquezas, nem das honrarias mundanas, mas na santidade de pessoas bem regradas, de bons costumes em servir, amar e conhecer a Deus. Portanto, belo amigo, disse o eremita, por essa semelhança respondo à vossa pergunta. Deus, ao criar o mundo para uma multidão de gentes, não teve a intenção que alcançassem a glória sem ter tido uma vida santa, e não se pode ter essa vida santa sem ter fome, sede, sofrimentos, doenças e morte, já que só este mundo não é suficiente para se alcançar a grande glória para a qual o homem foi criado, isto é, a glória inestimável e que não tem fim no Paraíso.

Disse Félix:

– Senhor, por que Deus não criou o mundo antes? E por que não o criou maior e mais belo, melhor e mais nobre, já que a Bondade e o Poder de Deus existem em plenitude e em grandiosa virtude?

Disse o eremita:

– Uma rainha era mulher de um nobre rei muito poderoso por possuir reinos e grandes tesouros. Aquela rainha não podia





ter infantes⁴⁶, e temia morrer sem tê-los. Em grande tristeza estava a rainha por não poder ter infantes que reinassem após a morte do rei. Um dia aconteceu de o rei entrar em seu quarto e encontrar a rainha chorando e lamentando por não poder ter infantes. Aquele rei confortou a rainha dizendo-lhe estas palavras: "Rainha", disse o rei, "um bispo estava em uma nobre cidade e tinha uma grande renda e um grande senhorio naquela cidade e em muitos outros lugares. Aconteceu que um arcediogo, sobrinho do bispo e de muito maus costumes, morreu. Aquele bispo ficou muito irado com a morte do arcediogo, pois desejava que este fosse bispo quando ele passasse desta vida". Perguntou o rei: "Rainha, te parece que o bispo deveria estar muito irado com a morte de seu sobrinho?" Respondeu a rainha: "Senhor, o bispo deveria estar descontente com a morte do arcediogo, porque ele era seu sobrinho, mas não deveria estar pela louca intenção que o arcediogo fosse bispo após sua morte, já que ele era um homem pecador". O rei teve muito prazer com a resposta da rainha, e disse estas palavras: "Rainha, a razão pela qual estou no ofício de rei não é para ter um filho que seja rei, mas para reinar como um rei e ter justiça e paz em minha terra de tal maneira que Deus seja amado e conhecido. Por isso, se porventura eu tivesse um filho que fosse rei após a minha morte, e ele fosse de maus costumes e não reinasse como um rei, faria muito mal, pois seria contra a razão pela qual sou rei. Por isso, Deus, que é sábio em todas as coisas, ordena que após a minha morte venha um tal rei que seja digno de ser rei, e siga a finalidade pela qual o homem está no ofício de rei". A rainha teve muito prazer com as palavras do rei e com elas se consolou, se alegrou, e colocou toda a sua esperança na vontade e na ordenação de Deus. Por causa dessa esperança que a rainha teve

.....
(46) "Aquele rainha não podia ter infantes". Traduzimos sempre a palavra infant como criança, mas nesse caso específico, diferenciamos o infante como a criança nobre, especialmente o filho herdeiro de um rei, termo que permanece em uso até os dias atuais – Ricardo da Costa.





em Deus, Deus deu-lhe um filho, que foi um rei muito sábio e por muito tempo reinou para servir e amar a Deus.⁴⁷

Ao fim de todas as palavras, o eremita disse a Félix que o mundo não era para ter sido criado antes, e nem para ser maior ou mais belo, mas para que Deus fosse conhecido, amado e servido. Por isso ele foi criado na época em que Deus quis ser conhecido e amado, e criou-o tal qual é, em tão grande quantidade como convém à quantidade segundo a qual Deus deseja ser amado e conhecido pelo seu povo.

7. DA ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS EM NOSSA SENHORA SANTA MARIA

Após Félix ter muito convenientemente certificado a existência de Deus pelas palavras do santo homem eremita, despediu-se dele, e o eremita o persignou, o abençoou e o despediu na guarda e na bênção de Deus.

Após a despedida, Félix desceu do monte onde estava o eremita. Ao pé daquele monte, havia um grande bosque pelo qual Félix andou até a hora do meio-dia. Após ter rezado a hora da nona⁴⁸, Félix repousou perto de uma água, considerando que assim como aquela água escorria até o mar, as almas dos infiéis estão escorrendo noite e dia do mundo para o fogo perdurável, e com a perda dessas almas não está sendo cumprida como

.....
(47) Neste exemplo, Lúlio faz uma analogia entre o momento da criação do mundo (um tema importante na teologia) e o momento da gestação da rainha. O rei e a rainha, antes de saberem que ela não podia ter filhos, não se preocupavam com a educação do infante voltada para a justiça e para o amor a Deus, o que só ocorreu após saberem esse fato. Da mesma forma, houve um momento adequado – “conveniente”, nas palavras lulianas – para que Deus concebesse o mundo, nem antes, nem depois. Agradeço a instigante aula ministrada no curso de extensão “Entre História, Literatura e Filosofia – Félix ou o Livro das Maravilhas (1289) de Ramon Llull”, no dia 12/12/2001, quando debati com os alunos do curso de História da Ufes este interessante ponto metafísico – Ricardo da Costa.

(48) “Hora da nona”, nona hora, isto é, aproximadamente três da tarde.





deveria a ordenação de Deus de que aquelas almas viessem para o caminho da salvação.

Muito se maravilhou Félix por Deus não enviar mensageiros aos infiéis para lhes mostrar a verdade da santa fé católica, e por que os católicos não tinham um amor a Deus tão grande que fizesse os infiéis amá-Lo e conhecê-Lo.

Enquanto Félix assim se maravilhava, uma louca fêmea passou pelo lugar onde Félix estava.⁴⁹ Aquela fêmea estava cavalgando em um palafrém⁵⁰, muito bem vestida, e viajava para se encontrar com um prelado, e o palafrém que cavalgava lhe foi entregue por um clérigo a mando do prelado. Quando Félix viu a louca fêmea perto de si, levantou-se com o vivo propósito de saudá-la, e a saudou. O palafrém que havia entrado na água se esquivou, e a louca fêmea caiu na água e molhou todas as suas vestimentas, afogando-se. No entanto, Félix e o clérigo que andava com a fêmea ajudaram-na e a tiraram da água. Aquela louca fêmea chorou e lamentou-se muito fortemente por ter molhado suas vestimentas, e blasfemou e maldisse Félix, pois seu palafrém esquivou-se por causa de seu gesto e ela caíra na água. Félix maravilhou-se de como a louca fêmea blasfemava, pois ele não se havia levantado com a intenção de fazê-la cair na água, e como a havia livrado da morte, maravilhou-se de como ela o blasfemava e não agradecera. O clérigo também se maravilhou muito com a paciência de Félix, que bendizia a fêmea enquanto ela o blasfemava.

Enquanto a louca torcia e enxugava suas vestimentas, Félix perguntou ao clérigo aonde ia aquela fêmea.

– Senhor, disse o clérigo, ela vai a um prelado para que ele possa pecar com ela. Fui conduzido a ela por uma mensagem dele.

– Belos amigos, disse Félix, muito me maravilho por terdes acolhido tal mensagem, que é danação para vossas almas, e

.....
(49) "...uma louca fêmea". Também em latim se dizia *fatuae mulieres* para se referir a prostitutas. Ver nota 40.

(50) "...aquela fêmea cavalgava em um palafrém". Palafrém, do latim *tardio paravederus*. O termo indicava tanto o cavalo de parada dos nobres quanto o cavalo destinado às damas, não o cavalo de batalha – Ricardo da Costa.





me maravilho muito mais com o prelado, que está no ofício de amar e conhecer a Deus, como pode caber em seu coração algo desagradável a Deus.

– Senhor, disse o clérigo, o prelado do qual vos maravilhastes possui grande renda e senhorio, e é um homem que ama muito esta louca fêmea e com ela tem pecado por muito tempo. E como ele me proporciona algum benefício, sou obediente a todos os seus mandamentos.

– Amigo, disse Félix, grande maravilha me causais, pois vós, com o ofício do diabo, desejais um benefício que não deve ser dado ao homem inimigo de Deus, já que aquele ofício foi criado para Deus ser conhecido e amado.

Quando Félix entendeu o motivo pelo qual a louca fêmea viajava, foi à fêmea e disse estas palavras:

– Oh, louca fêmea! Como me fazes muito maravilhar! Choraste quando caíste do palafrém na água e molhaste tuas vestimentas, ornamentadas para poder usá-las na sujeira da luxúria. Louca fêmea, por que não choras por cair da celestial glória para a qual foste criada? Tu mesma te enterraste no caminho pelo qual cairás no abismo infernal, pois tens destruído e sujado teu lembrar, teu entender e teu amar no fedor da luxúria. Chora, louca fêmea, porque perdeste Deus e porque sujaste tua alma em tal vil obra.

Félix disse estas palavras e muitas outras à louca fêmea, e quanto mais fortemente pregava, mais fortemente ela o desonrava e menos estimava suas palavras. A louca fêmea então montou em seu palafrém e retomou sua viagem.

Félix considerou muito a respeito do prelado que andava com a louca fêmea. Depois considerou a pobreza na qual Jesus Cristo e os apóstolos estiveram no mundo. Enquanto Félix assim cogitava, teve opinião que o prelado não acreditava em Jesus Cristo nem na fé católica, porque se acreditasse, veria que por causa da louca fêmea ele estava contra Deus e contra sua ordem. Enquanto Félix assim cogitava, teve a tentação de pensar que a vinda de Jesus Cristo foi em vão, e começou a duvidar de sua fé, dúvida que o fez cair em uma grande meditação.





Enquanto Félix assim duvidava, outra fêmea veio chorando e se lamentando muito. Ela viajava até um santo homem que tinha o nome de Blaquerna.⁵¹ Aquele santo homem estava em um eremitério contemplando a Deus. Aquela fêmea havia perdido, por morte, um filho que muito amava, e pela ira que tinha pela morte de seu filho, viajava até Blaquerna para que ele lhe dissesse palavras devotas e de consolação de tal maneira que ela pudesse ter paciência com a morte de seu filho.⁵² Félix disse à fêmea:

– Por que chorais?

– Senhor, disse a fêmea, choro a morte de meu filho, pois o amava mais que qualquer outra coisa deste mundo. E pela dor, ira e tristeza na qual estou por sua morte, choro e estou desconsolada tão fortemente que quase não vivo. Assim, para que a minha ira possa ter algum remédio, vou até um santo eremita de nome Blaquerna, que é um homem muito santo e de grande sabedoria. As gentes destas terras, quando têm algum desconsolo ou duvidam de alguma coisa, vão a ele e perguntam-lhe o que duvidam, e o bom homem consola os irados com as palavras de Deus e dá conselhos àqueles que duvidam do que não entendem.

Félix teve muito prazer com o que a fêmea disse e com ela viajou até Blaquerna para que ele lhe desse o conhecimento da Encarnação do Filho de Deus, da qual duvidava.

Enquanto Félix andava com a fêmea pelo bosque, veio-lhe uma tentação muito grande de pecar com ela. Muito se maravilhou Félix da tentação que tinha, e consigo próprio disse ao Senhor Deus estas palavras:

– Senhor Deus glorioso, que tem toda perfeição, por que desamparaste o teu servidor Félix, que todos os tempos de sua vida propôs Te conhecer e Te amar? Agora Félix está em pecado e em

.....
(51) Blaquerna é o nome do protagonista da primeira novela escrita por Lúlio, em 1283, na cidade de Montpellier (Libre d'Evast e d'Aloma e de Blanquerna) (publicada em OE, vol. I, p. 123-302), uma das primeiras novelas biográficas da literatura ocidental da Idade Média.

(52) Para paciência e ira, veja o capítulo 75 mais adiante.





erro, porque duvida da Tua Santa Encarnação, caiu no desejo do deleite carnal, e deseja corromper sua virgindade. Como e por que Félix está caído em tal vil estado? Onde está a fé que costumava ter? E onde anda a virgindade que tanto amava?⁵³

Enquanto Félix falava consigo mesmo e de si mesmo se maravilhava, a fêmea, que com ele chorava e lamentava, disse a Deus estas palavras:

– Altíssimo Senhor, que com justiça faz todas as coisas, minha vontade está contra a Justiça quando desama a morte de meu filho que Tu fizeste morrer com justiça, e Tua Justiça está em tudo o que deseja a Tua Vontade. Louca é a minha vontade, que desama o que desejou a Tua Vontade com a morte de meu filho; desobediente é a minha vontade à Tua Justiça. Assim, como minha vontade foi criada para desejar tudo o que deseja a Tua Vontade, muito me maravilho com a impaciência de minha vontade, que atenta contra as obras da Tua Vontade e da Tua Justiça.

Muito se maravilhou Félix com as palavras da fêmea, pois eram palavras muito devotas e de grande sabedoria. E maravilhou-se de como diante de tais palavras poderia haver impaciência com a morte de seu filho, e como ele podia ter o movimento da luxúria de pecar com tal fêmea, que tão santas e tão devotas palavras dizia de Deus.

Enquanto Félix estava neste pensamento maravilhoso, ele e a fêmea chegaram ao eremitério no qual estava o santo homem Blaquerna. Aquele santo homem estava debaixo de uma bela árvore com um livro que continha muita ciência de Teologia e de Filosofia, com as quais contemplava o rei da glória. Félix e a fêmea saudaram Blaquerna, e Blaquerna agradavelmente devolveu suas saudações.

.....
(53) É a primeira vez que a condição virginal de Félix é anunciada no Livro das Maravilhas. Félix é feliz porque é virgem, porque dedicou sua vida a seguir o conselho de seu pai, isto é, sair pelo mundo, maravilhar-se como o mundo se encontra em um estado tão corrompido, e finalmente, porque decidiu “amar e conhecer a Deus, e chorar as faltas dos homens que ignoram e deixam de amar a Deus”.





Ambos sentaram-se ao lado do santo homem, e a fêmea falou primeiramente, dizendo estas palavras:

– Senhor Blaquerna, em uma alta montanha se encontraram o Amor e o Temor, alegremente se saudaram e caminharam juntos um trecho do caminho.⁵⁴ O Temor perguntou ao Amor o que ele desejava e por que tinha vindo àquela montanha. O Amor respondeu que a razão pela qual tinha vindo àquele local era para edificar naquela montanha um belo palácio no qual permaneceria todos os dias de sua vida. O Temor entristeceu-se com aquelas palavras, e o Amor maravilhou-se com a tristeza do Temor. O Amor perguntou ao Temor por que estava triste. O Temor respondeu com estas palavras: “Maior coisa é o temor na alma que teme ofender a Deus que o amor na alma que ama as coisas mundanas. E porque amais os deleites deste mundo e tenho temor da justiça de Deus, tenho tristeza porque desejais edificar esse palácio e estar nessa montanha onde também propus edificar e estar todos os dias de minha vida”.⁵⁵

Após essas palavras, a fêmea contou a Blaquerna como estava em tristeza e em dor com a morte de seu filho, e como tinha maior amor a seu filho que temor a Deus. Por isso, foi até Blaquerna, para que ele a consolasse de tal maneira pela morte de seu filho que ela tivesse maior temor a Deus que dor com a morte de seu filho.

.....
(54) A personificação dos sentimentos é um dos traços mais característicos dos textos lulianos. Em várias outras passagens do Livro das Maravilhas há esse interessante recurso literário.

(55) No caso em questão – a relação entre o amor e o temor – Raimundo, como bom medieval, “inverte a premissa maquiavélica – ou melhor, seria mais preciso dizer que Maquiavel (1469-1527) inverteu a premissa medieval. Pois temor sem amor provoca paixão nos corações dos homens e esta paixão “...faz considerar muitas coisas contra o príncipe, das quais se nutrem desamor contra amor, e injúria contra justiça, e traição contra lealdade, e assim das outras coisas que acontecem por temor sem amor (Dos ramos da Árvore Imperial. 2. Do Amor)” – Ricardo da COSTA, *A Árvore Imperial: Um Espelho de Príncipes* na obra de Ramon Llull (1232-1316), op. cit., cap. XI.3.4 – Ricardo da Costa.





Muito se maravilhou Blaquerna com a bela semelhança que a boa fêmea fez em comparação ao seu estado⁵⁶, e maravilhou-se de como o conhecimento que a fêmea tinha de sua queda não a consolava e não a fazia estar obediente à vontade de Deus, pois seria coisa natural o conhecimento dar correção e ordem ao caminho da salvação e fazer o temor a Deus estar acima do amor que as gentes têm a este mundo e a seus seguidores. Depois que Blaquerna teve esse pensamento, disse à fêmea estas palavras:

– Em uma cidade, havia um bailio que era muito luxurioso, orgulhoso, injurioso e avarento, e tinha muito maus costumes.⁵⁷ O rei daquela cidade era muito sábio, justo, largo⁵⁸, humilde e pleno de todos os bons costumes. Naquela cidade veio um peregrino que se albergou no hospital⁵⁹ de um homem que disse estas palavras a um cavaleiro que reclamava do bailio porque havia enganado

(56) A fêmea passa a ser “bela” quando dá mostras de sua sabedoria em relação às coisas divinas.

(57) Na Baixa Idade Média, a justiça e as finanças eram administradas por dois tipos de pessoal. Na Catalunha, a justiça era exercida pelo viguier, enquanto o bailio (batlle) administrava o patrimônio real – seria uma espécie de prefeito, porém com outros encargos e subordinado ao monarca. Em latim clássico, bajulare significa “carregar nas costas”, e bajulus “carregador”. Em francês medieval bailir (no sentido de administrar), no Sul bajulus e no Norte bailli, baillivus, com o sentido genérico de administrador, servidor. Ver Bernard GUENÉE, *O Ocidente nos séculos XIV e XV*. Os Estados, São Paulo, EDUSP, 1981, p. 154-155 – Ricardo da Costa.

(58) “O rei daquela cidade era muito sábio, justo, largo...”. Largo, isto é, generoso, a maior das virtudes nobres para os medievais (N. do T.).

(59) Como se sabe, na Idade Média, um hospital era uma espécie de hospedaria dedicada a receber pobres, doentes e, sobretudo, peregrinos e viajantes – especialmente os que iam para a Terra Santa. Por exemplo, a Ordem do Hospital de São João de Jerusalém, criada em 1048 e transformada em uma ordem monástico-militar em 1120, tinha exatamente essa atividade: o obsequium pauperum, o serviço dos pobres e a atividade hospitalar (além da tuitio fidei, a proteção da fé ou dos fiéis e de seus territórios). Ver Ricardo da COSTA, *A Guerra na Idade Média*. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica, Rio de Janeiro, Edições Paratodos, 1998, p. 123 e Annie SAUNIER, “A vida quotidiana nos hospitais da Idade Média”, em Jacques LE GOFF (apres.), *As doenças têm história*, Lisboa, Terramar, 1985, p. 205-220. No entanto, a palavra hospital também designa simplesmente a residência de alguém. Assim, o que determinará o significado da palavra será o contexto da frase. Neste caso, como foi um peregrino que se hospedou, provavelmente em um hospital, não uma casa – Ricardo da Costa.





sua filha, com a qual pecara: “Grande é a justiça do rei quando deixa o bailio usar mal seu ofício, porque quando o bailio ofende o rei e seu povo, multiplica a pena que o rei dará a ele, e o povo, que tem paciência com os maus costumes do bailio, mais premia o rei quanto mais o bailio atua contra seu povo”. Enquanto o hospitaleiro dizia essas palavras, o cavaleiro disse que o bailio, que era mau, significava a maldade do rei, e que este teria costumes semelhantes àqueles que o bailio tinha. Toda aquela noite estive o peregrino pensando as palavras que tinha escutado, não sabendo diferenciar qual delas significava mais fortemente o estado do rei: a fala do cavaleiro ou a do hospitaleiro.

Após Blaquerua ter dito esta semelhança, disse esta outra semelhança:

– Uma donzela era muito bela e muito cobiçada pelo deleite carnal. Aquela donzela tinha em sua vontade o amor à virgindade a fim de servir a Deus naquilo em que era mais cobiçada e mais contrariasse as vaidades deste mundo. Aconteceu que um louco homem falou mal daquela donzela e difamou-a com o pecado da luxúria. A donzela ficou muito irada com aquele louco homem, e teve tão má vontade que caiu em ira, que é pecado mortal. Enquanto a donzela estava em pecado mortal, isto é, no pecado da ira, veio-lhe a vontade de pecar com um cavaleiro que a havia amado durante muito tempo. Muito se maravilhou a donzela com a vontade que tinha de pecar com o cavaleiro e corromper sua virgindade, que muito conservara. Aquela donzela se confessou com um santo religioso, e disse estas palavras: “Senhor, estou muito atormentada com o pecado da luxúria, o qual me acostumei desamar muito fortemente. Agora não sei por que estou com vontade de pecar com um cavaleiro que me tem amado por muito tempo. Por misericórdia vos peço que me digais de onde vem o pecado, e como ele me arrebatou a ponto de inverter meu bom estado em mau estado”. O santo homem perguntou à donzela sobre os outros pecados mortais, para conhecer a razão pela qual a donzela tinha concebido o pecado da luxúria. A donzela disse ao santo homem que estava no pecado





da ira contra um homem que a difamara, e assim o santo homem entendeu que a donzela estava desamparada de Deus e caída em uma louca vontade. O santo homem disse à donzela que perdoasse aquele homem e que o amasse em seu coração para ter paciência e fortaleza e não se entregar à vanglória pela sua virgindade.

Após Blaquerna ter terminado essas palavras, a fêmea entendeu sua doutrina através daquelas semelhanças. Félix se maravilhou fortemente com as semelhanças que o eremita disse à fêmea, e através delas entendeu a razão pela qual caíra na tentação da fé e da luxúria. Assim, louvou e bendisse a Deus pelas semelhanças que havia escutado, e disse a Blaquerna estas palavras:

– Senhor, em uma terra aconteceu que um cristão religioso disputou a fé por tanto tempo com um rei sarraceno que lhe deu a entender que a lei dos sarracenos era falsa. O rei entendeu, por meio de razões necessárias, que o religioso lhe disse que estava em estado de danação. Aquele rei pediu ao religioso que lhe provasse, por meio de razões necessárias, ser verdadeira a fé dos cristãos, que então ele se converteria ao cristianismo, seria batizado e sua terra se renderia ao mandamento da santa Igreja. Aquele religioso respondeu que não poderia demonstrar a verdade de sua fé por meio de razões necessárias. Muito desagradou ao sarraceno o que disse o frade religioso, e disse que havia feito mal ao tirar-lhe a fé dos sarracenos, na qual costumava crer, sem poder-lhe dar as razões necessárias da fé romana. Disse ainda que era coisa grave trocar sua fé por outra, mas que abandonar sua fé falsa por outra verdadeira, onde pudesse existir a necessidade da razão, era muito conveniente, isto é, abandonar o crer pelo entender. Aquele rei disse ao frade que, se ele não lhe fizesse entender a fé dos cristãos, ele o faria morrer uma má morte. Aquele frade fugiu e o rei morreu no erro, seguindo-se muito dano a ele e a toda a sua terra.⁶⁰

.....
(60) Esta estória do rei sarraceno que não foi convertido por um frade porque este não conseguiu provar racionalmente a fé cristã se repete seis vezes em outras obras de Raimundo Lúlio. Apesar de metafórica, trata-se de uma dura crítica do maiorquino aos métodos de conversão praticados então pelos dominicanos.





Félix contou a Blaquerna essa semelhança para que Blaquerna lhe provasse a encarnação e para que ele dali em diante não caísse mais na dúvida de fé, pois é uma tentação muito grave e perigosa.

Após essa semelhança, Félix disse uma outra para nunca mais cair na tentação da luxúria:

– Senhor, disse Félix, um eremita esteve quarenta anos em um eremitério levando uma vida muito áspera. Um dia aconteceu que o eremita tirou seu cilício⁶¹ e, ao se ver muito magro, ficou atormentado pela grande aflição que praticava. O eremita pensou que Deus lhe daria uma grande glória pela grande penitência que suportava. Aquele eremita deu-se conta da tentação na qual caíra por ter-se vangloriado da penitência que fazia, e pensou uma maneira de mortificar tão forte tentação de vanglória para nunca mais cair em semelhante tentação. O bom homem vestiu seu cilício e foi a uma cidade que estava ao pé da montanha na qual esteve por quarenta anos. Por aquela cidade andou o bom homem, gritando se havia alguém que desejasse comprar o mérito que ele havia adquirido com quarenta anos de penitência. Todos os que o ouviram se maravilharam, e pensaram que ele havia perdido sua lucidez. Aquele eremita perguntou a um homem se, pela glória que ele havia ganhado servindo a Deus por quarenta anos, este lhe daria os dois pães que levava. Ele respondeu que não lhe daria nenhum pão. Por causa disso, o eremita censurou-se tão fortemente da tentação de vanglória que a partir de então não caiu mais nessa tentação, e subiu à montanha para fazer sua penitência como estava acostumado.

Félix disse essas palavras a Blaquerna para que Blaquerna lhe desse uma penitência tão forte para que nunca mais ele caísse na tentação da luxúria que havia caído. E Félix recontou ao eremita a tentação da fé e da luxúria que havia caído.

Blaquerna gostou muito dos dois exemplos que Félix lhe contou, e disse estas palavras:

.....
(61) Cilício – pequena túnica, cinto ou cordão de crina, de lã áspera, às vezes com farpas de madeira que, por penitência, trazia-se vestida diretamente sobre a pele (N. do T).





– Sob uma bela árvore, perto de uma fonte, estavam um filósofo e um pastor. O filósofo disse ao pastor palavras de Filosofia que o pastor não podia entender. Enquanto o pastor se maravilhava com as palavras que o filósofo dizia, vieram lobos e devoraram muitas ovelhas do pastor.

Após essa semelhança que Blaquerna disse para Félix não cair mais numa tentação de fé, lhe disse outra semelhança para que não caísse na tentação da luxúria:

– Em um homem muito rico existiam dois pecados: um era a avareza, outro a ira. Um dia aconteceu daquele homem ouvir em uma pregação do Evangelho como Deus mandou um homem amar seu inimigo. Aquele homem propôs a seu coração amar a outro que lhe queria mal. Assim que amou aquele homem que desamava, Deus o iluminou para sair do pecado da avareza, pois a mortificação de um pecado é ocasião para a destruição de outro pecado.

– Portanto, quem desama a luxúria, disse Blaquerna, desama qualquer outro pecado, porque um pecado é a ocasião de outro.

– Félix, disse Blaquerna, diante de um pagão um cristão, um judeu e um sarraceno disputavam sobre a encarnação do Filho de Deus. O judeu e o sarraceno negavam ao cristão a encarnação, e o cristão a provava segundo estas palavras: “Coisa manifesta é Deus ter criado o mundo para ser conhecido e amado. Em Deus existe Grandeza, Bondade, Eternidade, Poder, Sabedoria e Vontade. Pela Bondade, Deus quis que o mundo fosse bom, e que fosse boa coisa conhecer e amar a Deus; pela Grandeza, Deus quis que Sua Bondade, Sua Grandeza, Sua Eternidade, Seu Poder, Sua Sabedoria e Sua Vontade fossem muito conhecidas e amadas; pela Eternidade, Deus desejou que os homens que O amassem e O conhecessem fossem duráveis na glória sem fim; pelo Poder, Deus desejou que todas aquelas coisas com as quais Ele pudesse ser mais conhecido e amado fossem verdadeiras; pela Sabedoria, Deus desejou que fossem mais sábios os homens que mais O amassem e O conhecessem e, pela Vontade, Deus quis que estivessem no caminho da verdade os que têm maior fé e mérito, e que a Bondade e todas





as dignidades de Deus fossem mais intensamente significadas, pois existem em Deus grande Virtude e Nobreza, Misericórdia e Justiça. Por fim, a Vontade de Deus desejou que estivessem no verdadeiro caminho os homens que tivessem se conservado no amor a Deus e às virtudes, e desamado os vícios". O cristão disse ainda que a maior bondade que Deus pôde fazer ao homem foi fazê-lo ser Deus na pessoa do Filho; que a maior grandeza que pôde existir no homem foi ser uma pessoa com Deus, que é infinita grandeza; que a maior duração que a criatura pôde ter foi durar sem fim sendo Deus; que o maior poder que o homem pôde ter foi poder ser uma pessoa com o Filho de Deus; que a maior sabedoria que a criatura pôde ter foi saber que é uma pessoa com o Filho de Deus, e que tudo o que foi criado, o foi para que ele fosse homem e Deus⁶²; que o maior amor que a criatura pôde ter para com Deus e com si mesma foi amar ser uma pessoa com Deus, e o mesmo com a virtude, a verdade, a perfeição e a nobreza. Nenhum homem pode ter maior inclinação para conhecer e amar a Deus que aquele que, sendo Deus, morre para que Deus seja conhecido, amado, e o povo de Deus redimido; nenhum povo é mais obrigado a conhecer e amar Deus que o povo que acredita ter sido redimido e salvo pela encarnação e paixão do Deus-Homem.

Após ter mostrado ao pagão o significado da encarnação de Deus, o cristão disse ainda estas palavras: "Um rei enviou à corte de Roma um cavaleiro que muito amava. Aquele cavaleiro serviu muito bem ao rei na corte do apóstolo⁶³ e, durante seu retorno, ladrões o mataram e se apoderaram de tudo que levava. Aquele cavaleiro tinha mulher e filhos, e quando ela soube da morte de seu

.....
(62) "...e que tudo o que foi criado, o foi para que ele seja homem e Deus". Esta passagem trata do primado de Cristo na Criação (N. do T).

(63) "...na corte do apóstolo...". Lúlio sempre se refere ao papa como o "apóstolo", pois o papa da Igreja romana, na qualidade de sucessor do apóstolo Pedro, mantém o vestígio dessa dignidade – o apostolado – isto é, a missão de prosseguir a propagação da fé católica e a evangelização dos não-crentes, além de ser aquele único capaz de ligar o Céu e a Terra. Por esse motivo, manteremos o substantivo tal qual o texto original – Ricardo da Costa.





marido, veio diante do rei com seus filhos chorando e lamentando sua morte, e pediu ao rei que, pelos méritos de seu marido, a ajudasse a ter suas necessidades. Por muito tempo o rei chorou com a mulher do cavaleiro e seus filhos, e porque o cavaleiro foi morto por causa de seus negócios, e por amor a ele, sustentou fortemente a senhora e seus filhos”.

Após essa semelhança, o cristão perguntou se o pagão se sentia naturalmente movido a amar e conhecer mais Deus pelas palavras que disse de sua fé ou pelas palavras que o judeu e o sarraceno disseram de sua fé contra a fé dos cristãos. Pois se o pagão se sentisse mais aquecido pelo amor de Deus e mais iluminado com suas obras pelas palavras do cristão que pelas palavras do judeu e do sarraceno, conviria necessariamente que suas palavras fossem verdadeiras, pois, se fossem falsas, a Bondade, a Grandeza e as outras virtudes de Deus seriam contrárias a Si mesmas e às suas obras, e tal contrariedade é impossível.

O pagão cogitou por muito tempo as palavras dos três sábios. Pelas palavras do cristão, ele entendeu que Deus participava mais fortemente ao homem e a todas as criaturas Sua Bondade, Sua Grandeza, Sua Eternidade, Seu Poder, Sua Sabedoria, Sua Vontade e todas as outras virtudes divinas que pelas palavras do judeu e do sarraceno. Assim, tornou-se cristão e desejou morrer para honrar e conhecer Deus.⁶⁴

Muito agradou a Félix a bela semelhança com que Blaquerna lhe provou a encarnação do Filho de Deus, e isso se confirmou na fé que costumava ter. Assim, louvou a Deus, que tanta sabedoria dera a Blaquerna que, através de semelhanças, respondia e provava as questões que lhe faziam, e por aquelas semelhanças doutrinava as gentes nos bons costumes e no amor, na honra e no conhecimento de Deus.

.....
 (64) De certa forma, essa passagem em que o gentio se converte ao cristianismo em detrimento do islamismo e do judaísmo conclui o enigma do final do Livro do gentio e dos três sábios!





8. DA SANTA PAIXÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

– Senhor, disse Félix, estou muito convencido a respeito da prova da Santa Encarnação do Filho de Deus, a qual entendi através dos exemplos que significaram aquela encarnação. Mas maravilho-me fortemente por a natureza divina ter deixado crucificar, atormentar e matar aquela humanidade com a qual era uma única pessoa, já que a deidade ama aquela natureza humana acima de todas as outras criaturas, e é natural ao amor evitar a pena e a morte daquilo que ama.

Blaquerna respondeu que na santa humanidade de Jesus Cristo a natureza divina colocou mais bondade do que em todas as outras criaturas, e a grandeza daquela natureza humana é maior na virtude de durar, de poder, de entender e de amar, que em todas as outras virtudes criadas por Deus. Por isso, convém que assim como a Bondade de Deus exaltou a Bondade da natureza humana de Jesus Cristo acima de toda bondade criada, da mesma forma, para honrar a Bondade divina, a bondade e a humildade de Jesus Cristo se entregaram para suportar tão grande mal de pena. Assim, convém que este mal de pena seja maior que qualquer outra pena que possa ser sentida.

– Belo filho, disse Blaquerna, assim como Deus Filho exaltou a humanidade de Cristo na maior grandeza que pôde, fazendo-a ser uma pessoa com Ele, a humanidade de Cristo quis se humilhar até a maior pequenez que pôde se humilhar. E fez isso para honrar a imensa grandeza do Filho de Deus, pois a maior humilhação consiste em querer ser encarnado numa pobre fêmea⁶⁵, nascer e ser pobremente alimentado, e mais tarde ter intimidade com poucos e pobres homens⁶⁶, pregar pouco, ser pouco honrado, fazer poucos milagres em vista dos muitos que poderia fazer, ser pobre e viver pouco. E segundo a honra que lhe pertencia, Ele teve menos honra

(65) "...querer ser encarnado numa pobre fêmea", isto é, Maria – Ricardo da Costa.

(66) "...intimidade com poucos e pobres homens", isto é, os Apóstolos – Ricardo da Costa.





que qualquer outro homem desse mundo, desejou se humilhar na morte, que convém com a pequenez, e fez tudo isso para honrar a grandeza do Filho de Deus. Pois como Deus quis ser homem, quis que todos os homens que existiram, existem e existirão, perdurassem sem fim, para que aquela humanidade de Cristo fosse honrada na glória sem fim e fosse amada e conhecida por todos os santos que estão na glória, os quais têm glória na glória daquela natureza divina e humana de Cristo. Por isso, a natureza humana de Cristo desejou esforçar-se muito neste mundo, para dar mais honra aqui à natureza eterna.

Disse Blaquerua:

– Um rei estava em guerra com um conde que tomara todas as suas terras, exceto um forte castelo onde o conde estava. Aquele conde era um homem muito mau e muito orgulhoso, e havia feito muitas vilanias e injúrias ao rei, que era seu senhor. Um dia aconteceu que o conde ouviu um santo homem pregar a Santa Paixão de Jesus Cristo. Após o sermão, o conde foi ao palácio, e enquanto viajava até lá, seu cão caçador, que ele muito amava, correu atrás de um pequeno cão, que se revirou na terra para que o cão caçador não lhe fizesse mal. Apesar disso, o cão caçador matou e esquarterjou o pequeno cão na frente do conde, que ficou tão irado com o cão que mandou matá-lo, que disse a seus cavaleiros estas palavras: “Nunca vi nem ouvi dizer que uma besta fizesse tão grande crueldade como este cão caçador, que matou o pequeno cão que se humilhou a ele para não ser morto”.

Aquele conde tinha em sua corte um velho⁶⁷ e sábio cavaleiro que era homem de vida santa, e que disse ao conde estas palavras: “Senhor conde, a mais nobre criatura, a que tem um poder maior que tudo o que foi criado é Jesus, o filho de Nossa Senhora Santa Maria, e a menor besta que existe no mundo é o homem pecador. Jesus Cristo, que tem a maior grandeza de poder que todas as

.....
(67) No original “...un savi cavalier, antic de jorns” (literalmente “Um sábio cavaleiro antigo em dias”), interessantíssima expressão medieval para se referir à passagem do tempo. Adaptamos – Ricardo da Costa.





criaturas, se entregou e se humilhou na morte para salvar os judeus e todos nós. Aqueles judeus eram pecadores, e fizeram Jesus Cristo ser crucificado e morto com a morte mais dolorosa que puderam”.⁶⁸ O conde cogitou muito as palavras que o cavaleiro lhe disse, e pela virtude da Santa Paixão de Jesus Cristo sentiu em seu coração coragem, humildade e contrição. Aquele conde montou em seu cavalo e, sozinho, foi até o rei, lançou-se a seus pés e clamou misericórdia e perdão. Ele confessou suas faltas e clamou misericórdia diante do rei e de seu Conselho.

O rei se maravilhou muito com a vinda do conde e com suas palavras, e disse ao conde estas palavras: “Um escudeiro ofendeu um cavaleiro que era seu senhor, e teve grande contrição e arrependimento da falta que cometeu contra ele. O cavaleiro perseguiu o escudeiro, que fugiu por temor da morte. Um dia, aconteceu que o cavaleiro, ao voltar da caça, passou diante de uma hospedaria e viu o escudeiro que lá se escondera. O escudeiro saiu da hospedaria e veio se ajoelhar e humilhar diante do cavaleiro, clamando misericórdia e dizendo estas palavras: ‘Senhor, a falsidade e o engano me inclinaram à falta que cometi contra vós, o pavor da morte me fez fugir, mas o bom amor, que por muito tempo vos tive, retornou ao meu coração. Não peço misericórdia para viver, mas para acusar-me de ser digno de morte. Assim, vos peço misericórdia para que perdoais minha alma e façais morrer meu corpo uma má morte, mas que depois se tornará vida’. O cavaleiro se maravilhou grandemente com o escudeiro, porque nunca viu antes um homem que tão bem e com tanta fé clamasse por misericórdia como o escudeiro, que chorava fortemente. O cavaleiro desceu de seu cavalo e beijou o escudeiro nos olhos que

.....
(68) Repare que o filósofo maiorquino faz uma sutil, mas importantíssima distinção: os “judeus pecadores” de seu texto não são os judeus em todos os tempos e de todos os lugares, mas somente os judeus “...que fizeram Jesus Cristo ser crucificado e morto com a morte mais dolorosa que puderam”. Em outras palavras, os que perseguiram “...os descendentes dos tais ‘rabinos decididas’ fizeram isso contra a ordem de Cristo e cometeram um pecado tão grande quanto o deles” (Olavo de CARVALHO, “Falsos amigos”, em Revista Bravo, abril de 2004) – Ricardo da Costa.





choravam e na boca que verdadeiramente clamava misericórdia.⁶⁹ O cavaleiro fez o escudeiro cavaleiro, deu-lhe muitos dons e fez dele o superior de toda aquela hospedaria”.

Quando o rei terminou de dizer aquelas palavras, o conde que clamava misericórdia contou-lhe a razão pela qual veio à sua corte clamar misericórdia e disse o sermão que ouvira sobre a Paixão de Cristo, a morte do cão caçador e do pequeno cão, e as palavras que o cavaleiro dissera da Paixão de Jesus Cristo. Após o conde ter contado todas aquelas coisas, disse ao rei e à sua corte estas palavras: “Em tão grande soberba tem estado o meu coração orgulhoso que nunca pude humilhá-lo até que o poder da Santa Paixão de Jesus Cristo o humilhasse para que eu clamasse misericórdia e permanecesse de joelhos diante de vós e de vossa corte. Pois se Cristo, que é Deus e Homem, se humilhou até a morte diante de homens pecadores sem ter culpa nem desvios, sou digno de oferecer-me à morte, por causa do meu coração orgulhoso e falso que muitas vezes me fez cometer traição e engano contra meu leal senhor e seu leal Conselho”. Agradaram muito ao rei e a seu Conselho estas palavras do conde, que foi perdoado, teve suas terras devolvidas e o rei o fez membro de seu Conselho. O rei e sua corte louvaram o poder de Deus, que com humildade venceu um coração tão orgulhoso.

Um dia aconteceu que aquele conde passava perto de um nobre mosteiro onde estavam muitos bons homens em penitência. Um bom hortelão estava a serviço daqueles santos homens e transportava esterco para a horta. Enquanto passava pelo caminho, o conde lembrou a Santa Paixão de Cristo e a santa vida dos santos homens que viviam naquele mosteiro e sentiu devoção para, assim como Jesus Cristo que se entregou à humildade e menosprezou as vaidades deste mundo, desamparar este mundo e entregar-se ao mais vil ofício que pudesse. O conde desceu de seu cavalo e disse ao

.....
(69) Repare que o beijo na boca (osculum) era a confirmação do voto de vassalagem entre o senhor e seu vassalo. Ver F. L. GANSHOF, *Que é o Feudalismo*, Lisboa, Publicações Europa-América, s/d, p. 107-108.





hortelão que lhe desse suas vestes e seu cabaz⁷⁰, no qual carregava o esterco, e que aceitasse seu cavalo e suas vestimentas.⁷¹ O hortelão respondeu ao conde com estas palavras: “Senhor conde, lembrai-vos de como vosso sobrinho, que fizestes cavaleiro e desejastes fazer herdeiro de tudo quanto tinha, esteve tanto tempo perdido?”. O conde respondeu que se lembrava do seu sobrinho e de tudo o que o hortelão lhe falava, e disse que muitas vezes procurou o sobrinho por diversos reinos sem ter nenhuma notícia. “Senhor”, disse o hortelão, “eu sou aquele que tanto costumáveis amar”. O conde reconheceu que o hortelão era seu sobrinho, mas pelo muito tempo que não o via e por estar magro pela grande penitência que sofria, não o reconheceu em sua chegada.

O conde teve muito prazer com o fato de ter encontrado seu sobrinho, e maravilhou-se por ele estar em tão vil ofício. Enquanto o conde assim se maravilhava, lembrou como ele mesmo desejou ter aquele ofício no qual estava seu sobrinho, e maravilhou-se consigo pelo fato de se maravilhar em outro a mesma coisa que tinha desejado para si. “Amável sobrinho”, disse o conde, “eu desejo que daqui por diante sejais conde e senhor de toda a minha terra, pois desejo ser hortelão todos os dias de minha vida”. O hortelão respondeu ao conde com estas palavras: “Senhor conde, no dia em que me fizestes cavaleiro, ouvi um santo homem pregar que a melhor coisa que havia, em termos de sabedoria humana, era conhecer a humildade e saber um ofício em que se sirva a Deus, do que ser rei da França. Por isso, senhor conde, não desejo expulsar tal saber de minha alma em troca de vosso condado nem por tudo o que puderdes me dar, pois amo mais este cabaz e estas

.....
(70) Cabaz – cesto de junco ou vime, de variadas formas, geralmente com tampa e asa – Ricardo da Costa.

(71) Essa passagem, pelo menos indiretamente, faz uma alusão à lenda de São Martinho de Tours (316-397). Na Legenda Áurea, o santo, em Amiens, encontra um pobre e vê um sentido profundo nesse encontro. Então, rasga seu manto com sua espada e compartilha-o com o pobre homem, cobrindo com a outra metade. Na noite seguinte, o santo tem uma visão de Cristo, que lhe diz que Ele próprio foi coberto pela metade do manto: os pobres representam o próprio Cristo. Ver JACOPO DE VARAZZE, Legenda Áurea: vida de santos, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 929.





pobres vestimentas que o vosso cavalo e as vossas vestimentas, já que com meu cabaz e minhas pobres vestimentas sou mais agradável à sabedoria de Deus do que com vosso cavalo e vossas vestimentas”.

– Em uma cidade vivia um nobre burguês que tinha mulher, filhos e grandes riquezas. Aquele burguês desejava muito fortemente ser um servidor de Deus, e não desejava ter em seu coração nenhum outro amor, somente o amor a Deus. Mas por causa de sua mulher, de seus filhos, das honrarias e riquezas que tinha, ele não podia amar a Deus da forma que desejava. Aquele burguês rompeu com sua mulher, que o autorizou, e ele deu a ela e a seus filhos tudo o que tinha, exceto um albergue e uma vinha que reteve para as necessidades de seu corpo. Assim, o burguês pôde muito mais contemplar a Deus do que antes, mas o albergue e a vinha que possuía algumas vezes o impediam de cogitar em Deus. Então o burguês deu o albergue e a vinha que possuía, por amor a Deus, e pôde cogitar mais em Deus do que antes. Mas seus filhos e parentes ainda impediam suas cogitações, e o burguês não podia satisfazer sua vontade de amar a Deus. Até que ele foi a uma terra estranha, e ficou tão pobre que não tinha mais nada, mas teve Deus inteiramente em sua vontade, e nada mais o impediu de amar a Deus.⁷²

Quando Blaquerna contou a Félix com essas semelhanças o motivo pelo qual a deidade quis que a humanidade de Cristo estivesse neste mundo em pobreza, em paixão, em desonra e em morte, Félix entendeu a razão dessas semelhanças que Blaquerna disse, louvou e bendisse a Deus, propôs em seu coração ser pobre todos os dias de sua vida, e desejou morrer para dar conhecimento e amor do Filho de Deus que, pela Santa Humanidade que tomou para Si, desejou ser tão conhecido e amado.

.....
 (72) Salvador Galmés já assinalou que esta é uma passagem autobiográfica e um resumo da vida de Lúlio, desde sua conversão até sua saída de Maiorca. No Livro das demonstrações (Libre de demostracions, IV, 37), Lúlio estabelece a mesma analogia entre a Paixão de Cristo e o drama de um homem que deixa sua família para ingressar em uma vida contemplativa.





9. DO PECADO ORIGINAL

– Senhor, disse Félix, ouvi contar que por causa de Adão, nosso pai, que cometeu pecado mortal ao comer do fruto e ser desobediente a Deus, estamos todos sob a pena corporal, isto é, que todos sofremos fome, sede, frio, calor, doença e morte. Ainda ouvi dizer que todo homem que não foi batizado está perdido pelo pecado original. Ora, como a alma de cada homem não se originou da alma de Adão e como, segundo me parece, nenhum homem deve carregar a pena do pecado que não cometeu, maravilho-me do motivo pelo qual o homem carrega a pena pelo pecado de Adão.

Blaquerna respondeu e disse:

– Com grande culpa, um rei tomou o castelo de um cavaleiro. Aquele rei morreu e deixou seu filho como herdeiro. O cavaleiro que havia perdido o castelo pediu ao rei que lhe devolvesse o castelo que seu pai lhe havia tomado. O rei respondeu que ele não tinha culpa dos pecados de seu pai, porque o pai não havia tomado o castelo com a vontade do filho, e sim com sua própria vontade. “Senhor”, disse o cavaleiro, “assim como sois rei por vosso pai, sois obrigado a dar satisfação de tudo o que vosso pai fez. E como reinais pelo direito que vosso pai tinha, sois obrigado a ter justiça em tudo o que fez vosso pai, o rei”.

Quando Blaquerna disse esse exemplo, aplicou-o a seu propósito dizendo estas palavras:

– Antes que Dom Adão⁷³ engendrasse Caim e Abel, toda a natureza humana estava nele e em nossa mãe, Dona Eva. E a natureza humana foi exaltada em ambos acima de todas as bestas, as aves, as plantas, os peixes e as outras coisas. E pelo que temos de nossos pais, isto é, de Dom Adão e de Dona Eva, estamos todos na nobreza e acima de todas as outras criaturas sensíveis. Portanto, assim como somos honrados pelo bem que recebemos de Adão e Dona Eva,

.....
(73) Curiosamente, para tratar Adão e Eva, o filósofo utiliza a forma de tratamento cortês recorrente na Idade Média para a nobreza (masculino, Dom, feminino, Dona, Senhora). Ver GGL, vol. II, 1983, p. 228 – Ricardo da Costa.





honraria que não temos por nós mesmos, convém, conforme a ordenação da justiça, que sejamos atormentados e aviltados mais fortemente que qualquer outra criatura pelo mal e pelo pecado que Dom Adão e Dona Eva fizeram contra o Seu Criador. Por isso, convém que todos carreguemos pena corporal pelo pecado original.

– Belo amigo, disse ainda Blaquerna, se o homem não carregasse pena na alma por causa do pecado original e, se não fosse batizado, estaria em condição mais vil que a da besta ou a de outra criatura, sendo o homem o que é. Assim, Deus não poderia satisfazer plenamente o uso de Sua grande Justiça, que convém ser tão grande como Sua Bondade pode, pela graça, exaltar a natureza do homem acima de toda criatura corporal. Assim, a justiça de Deus pode rebaixar e punir universalmente a natureza humana, até fazer que todo homem que não tenha sido batizado esteja em uma condição mais vil que qualquer besta ou criatura. É nesta vil condição, destinada à condenação, que se encontra todo homem não batizado, pois pela ausência do batismo ele está condenado à danação.

– Senhor, disse Félix, como a paixão de Cristo pode ter o poder tão grande de redimir toda a linhagem humana, já que a natureza humana de Cristo é um só homem e não muitos?

Blaquerna disse que a natureza humana de Cristo não conseguiu somente por Si mesma redimir toda a linhagem humana, mas como Ela era e é uma só Pessoa com o Filho de Deus, por esse motivo, por causa da nobreza do Filho de Deus, a natureza humana de Cristo foi tão exaltada em honraria, virtude e poder, que pode não somente conseguir redimir um século⁷⁴, mas também um milhão de séculos e muitos mais ainda.⁷⁵

– Senhor, disse Félix, já que a paixão de Cristo possui tão grande poder para salvar seu povo, como todos os homens desse mundo podem não estar no caminho da salvação? E por que existem mais infiéis que não acreditam na sua vinda que cristãos? Por esses motivos, parece que sua vinda não foi suficiente para redimir o mundo.

(74) "...um século", expressão medieval que significa "este tempo", "este mundo" (em oposição ao outro mundo, o "outro século") – Ricardo da Costa.

(75) Veja o Livro do Gentio e dos Três Sábios (Livro III, art. 6).





Blaquerna disse que um rei tinha muito bons costumes em sua pessoa e tinha seu reino conforme os bons costumes. Aquele rei tinha um filho que amava muito, o qual introduziu em seus hábitos e ao qual nutriu o mais belamente que pôde.⁷⁶ Aquele rei morreu, seu filho reinou por muito tempo, foi um rei muito sábio, de bons costumes, e teve a sua terra em paz e em justiça pelos bons costumes em que seu pai lhe habituara. Depois da morte desse rei, reinou um rei louco que não tinha bons costumes, e gastou e dissipou quase todo o seu reino pelos maus costumes que tinha.

Blaquerna disse ainda que um sábio rei cavalgava por uma cidade com um grande grupo de cavaleiros. No caminho pelo qual passavam, eles encontraram um clérigo que trazia o corpo de Cristo. Aquele rei desceu de seu cavalo, se ajoelhou na terra e a beijou para fazer reverência ao corpo de Jesus Cristo. Um louco cavaleiro se maravilhou com o que o rei fazia, e não quis descer de seu cavalo, nem reverenciar o corpo de Jesus Cristo. Muito se maravilhou o rei com o orgulho do cavaleiro, e então o expulsou de sua corte e retirou seu benefício pela desonra que havia feito a Cristo.⁷⁷

Após Blaquerna ter dito essas palavras, disse ainda que a paixão de Cristo bastava ao rei para dar exemplo de caridade, de

.....
 (76) No original nutrir, ato de alimentar, amamentar, mas também – e, sobretudo nesta passagem – com um sentido espiritual, típico da concepção pedagógica medieval. “O nutrimento moral é um costume antigo”, GGL, vol. III, 1984, p. 440. Nutrir envolve, além de uma educação baseada especificamente nas virtudes cristãs, todos os afetos e sensibilidades baseadas nas Sagradas Escrituras. Assim, “nutrir belamente” indica uma educação virtuosa que tem por objetivo a busca da aproximação com o Belo, isto é, Deus. Ainda, como a educação tratada neste exemplum ideal era a de um infante, isto é, herdeiro de uma coroa, “nutrir belamente” significa, sobretudo, o desejo de educar o futuro rei no anseio de aproximar seu reino, terrestre e imperfeito, do reino dos céus, perfeito, espelho de todos os reinos e, assim, salvar tanto sua alma real quanto as almas de todos os seus súditos. Contudo, normalmente traduziremos nutrir como educar. Veja também as notas 169 e 407 – Ricardo da Costa.

(77) Benefício – no feudalismo, em troca de uma série de serviços, o senhor concedia ao seu vassalo um benefício, isto é, um feudo, na maior parte dos casos uma terra, mas também uma renda, e o direito de cobrar um determinado imposto, enfim, um benefício – Ricardo da Costa.





justiça, de devoção e de humildade, e também deveria bastar para o cavaleiro que não quis descer de seu cavalo. Todavia, o cavaleiro não quis receber o exemplo nem a virtude. Por isso, o mundo está em erro não por falha da paixão de Cristo, mas porque as gentes não desejam seguir os bons costumes que Cristo possuía em si mesmo e que deixou aos apóstolos, mártires e aos santos homens.

10. DE NOSSA SENHORA SANTA MARIA

Félix estava diante de Blaquerna e cogitava e se maravilhava por Nossa Senhora ter permanecido virgem após o nascimento de seu filho, e disse a Blaquerna estas palavras:

– Senhor, muito me maravilho com o fato de Nossa Senhora ter tido seu Filho sem corromper Sua virgindade.

Blaquerna disse que assim como o Filho de Nossa Senhora entrou nela sem corromper sua virgindade, foi conveniente que nascesse sem essa corrupção, porque, se não fosse assim, seu nascimento seria contra a natureza da geração, e Nossa Senhora seria mais nobre no começo da concepção de Cristo que no fim, isto é, no nascimento de seu Filho. Além disso, a escolha que Nossa Senhora fez de ser virgem não seria plena com o nascimento de seu Filho. Portanto, para que Nossa Senhora não fosse corrompida, nem seu desejo de ser virgem perdido, seu Filho desejou conservar a virgindade de Nossa Senhora, tanto antes quanto depois do parto.

Enquanto Félix se maravilhava com essas palavras, Blaquerna disse que um estudante perguntou a seu mestre como a claridade do Sol pode entrar na claridade do fogo sem corromper essa claridade, e sem escurecer a claridade do Sol, que não está dentro da claridade do fogo, ainda que esteja dentro dela. Esse mestre era muito sábio na ciência da Filosofia, e disse estas palavras: “É natural que em todo corpo composto pelos quatro elementos, um elemento entra no outro sem que um corrompa o outro, e que de todos esses quatro elementos saia o composto, isto é, um corpo composto daqueles quatro elementos. Da mesma forma, o Filho de Nossa Senhora Santa





Maria, que estava em seu ventre virgem, teve seu corpo unido à carne de Nossa Senhora, entrando um elemento no outro, tudo isso no ventre virgem de Nossa Senhora, como o corpo composto gerado dos elementos em outra espécie, sem ser nenhum daqueles elementos, nem naquele corpo corromper essencialmente algum deles”.⁷⁸

– Senhor, disse Félix, o quanto Nossa Senhora sofreu ao ver seu Filho tão amado, pendurado, pregado, ferido, escarnecido, crucificado e morto? Por que Nossa Senhora não morreu de dor quando viu Seu filho morto na cruz?⁷⁹

Blaquerna disse que em uma cidade havia um burguês que era muito ciumento de sua mulher, com a qual tinha um filho. A mulher do burguês era uma senhora muito casta, que tinha bons costumes e amava seu filho acima de todas as coisas. Aquele burguês tinha um sobrinho que muito amava, mas que tinha difamado sua boa senhora para que o burguês detestasse seu filho e assim ele fosse o herdeiro depois da morte de seu tio. Um dia aconteceu que o sobrinho disse a seu tio que tinha visto um clérigo sair do quarto da senhora, difamando a boa senhora de seu tio. O burguês ficou muito irado com as palavras de seu sobrinho, e disse a ele estas palavras: “Belo sobrinho, se tu me amas e desejais possuir minhas riquezas após minha morte, convém obedeceres meu mandamento. Vai à minha mulher e diante dela

.....
(78) A composição da matéria foi sempre objeto de estudo da ciência e da filosofia. Os pré-socráticos propuseram a teoria dos quatro elementos (água, ar, fogo e terra), que durou até o século XVII. Essa teoria pretendia explicar os corpos naturais mediante a combinação das propriedades elementais desses elementos (úmido, seco, frio e quente). A partir do século XVIII, quando a ciência começou a dispor de recursos experimentais mais elaborados, conseguiu isolar alguns metais e gases elementais. Em 1869, Dimitri Mendeleiev apresentou a conhecida Tabela Periódica dos Elementos, uma lista dos tipos fundamentais de átomos que constituem a matéria. Nessa tabela, que ainda estava incompleta, os elementos também se encontravam ordenados por suas propriedades. Os espaços vazios sugeriam a existência de novos elementos que, de fato, foram descobertos com o passar dos anos. Como se vê, a idéia dos antigos de classificar os elementos pelas suas propriedades apontava basicamente um caminho correto – Esteve Jaulent.

(79) O tema do sofrimento de Maria durante a crucificação era recorrente na teologia medieval e motivo de sensibilidade para os católicos, servindo, por isso, como tema constante na arte Mariana – Ricardo da Costa.





coloca tua mão no ventre de seu filho e arranca seu coração de tal maneira que, pela morte de seu filho, ela morra de tristeza e de dor". Aquele mau homem foi até à boa senhora que tinha o filho no colo e com ele se consolava do sofrimento que seu marido lhe dava por causa de seus ciúmes. O mau homem arrancou o filho da senhora, e diante dela atravessou com um cutelo o ventre da criança. Depois colocou sua mão, tirou o coração da criança e o jogou no colo da senhora. Enquanto o mau homem matava a criança dessa forma, ela gritava, chorava e olhava para sua mãe, pedindo que impedisse aquele homem de matá-la. No entanto, a boa senhora não podia ajudar seu filho e, por causa da grande dor que sentia, maravilhava-se por não morrer. Aquele boa senhora preferia morrer a ver seu filho morto, mas como aquela boa senhora teve grande paciência e agradecia a Deus pelos sofrimentos que padecia, Deus não quis que a boa senhora morresse naquele momento, pelo contrário, a fez viver por muito tempo em sofrimentos e dor para que, em sua fortaleza, castidade e dor, Ele a pudesse coroar, em glória, com uma grande coroa de glória.

– Senhor, disse Félix, como as gentes desse mundo podem ter tão grande esperança em Nossa Senhora? Pois existem muitos homens que têm maior esperança em Nossa Senhora do que em seu Filho.

– Belo filho, disse Blaqueria, a carne que o Filho de Deus tomou de Nossa Senhora vale muito mais, sem qualquer comparação, que todos os anjos e arcanjos, mais do que todos os homens que existem, existiram e existirão, e mais que tudo quanto Deus criou – e Deus não poderia criar nada com tanto valor quanto a carne com que o Filho de Deus se revestiu no ventre de Nossa Senhora. Por isso, convém que Nossa Senhora seja a criatura mais elevada e excelente, plena de justiça, caridade, virtude, santidade e poder, e que seja suficiente para satisfazer a esperança que os justos e pecadores têm. Todo homem, pecador ou justo, necessita das preces de Nossa Senhora, pois seu Filho deseja escutar mais aquelas preces que as de qualquer outro santo ou de todos os santos juntos. E mais: Nossa Senhora é mais diligente em pedir a Seu Filho pelos justos e pecadores que qualquer outro santo. Por isso, Ele deseja que as gentes tenham tão grande esperança em Nossa Senhora.





Depois dessas palavras, Blaquerua disse a Félix esta semelhança para que ele entendesse melhor as palavras que acabara de dizer:

– Em uma terra havia um rei muito sábio, e naquela terra havia muitos homens maus, mas aquele rei tinha uma grande justiça naquela terra para poder castigar os pecados mortais daquelas gentes.⁸⁰ Muitas vezes o rei ficava descontente com a justiça que aplicava, e muitas vezes tinha o desejo de perdoar, mas não havia em sua corte ninguém que soubesse fazer pedidos com os quais ele pudesse perdoar, e as gentes, que sabiam que ele era muito justo, se desesperavam quando o ofendiam, não clamavam misericórdia e o rei lhes fazia justiça. Aconteceu porém que o rei tinha uma filha muito bela, de bons costumes, e disse a ela estas palavras: “Bela filha, tenho desejado muito perdoar, mas minhas gentes não sabem a maneira de pedir perdão. A mim convém que deis um sinal de grande amor, para que as gentes que cometeram alguma falta contra mim passem a confiar em vós e que eu, por vossas preces, algumas vezes deseje perdoar. E a vós, filha, convém que façais as gentes se enamorarem de vós e de mim, para que, por vossos bons costumes, eu deva escutar-vos, e que as gentes, por vossa boa educação e pela esperança que terão em vós, se castiguem pelas faltas que cometem. E convém ainda que mostreis a maneira como devem clamar misericórdia”.

11. DOS PROFETAS

– Senhor, disse Félix, por que não existem profetas nestes tempos em que vivemos?

.....
(80) O leitor deve ter em mente que o governo monárquico medieval – especialmente sua justiça – mesclava os assuntos propriamente governamentais com as questões religiosas. Nesse sentido, a esfera da religião nunca estava separada das outras esferas de foro público. Alain Guerreau chega mesmo a afirmar que a palavra “religião” é insuficiente para dar conta de realidades religiosas e sociais anteriores ao século XVIII. Ver Alain Guerreau, “Feudalismo”, em J. LE GOFF & J.-C. SCHMITT (coord.), Dicionário Temático do Ocidente Medieval I, Bauru, São Paulo / EDUSC, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 437-455 – Ricardo da Costa.





Blaquerna disse que havia um rei muito nobre que tinha um filho que muito amava. Aquele rei enviou solenes mensageiros por todo seu reino, para que anunciassem às gentes que ele deveria estabelecer uma nova corte em honra de seu filho, pois desejava torná-lo cavaleiro e herdeiro de seu reino. Depois da cavalaria do jovem rei e da realização da corte, os mensageiros que o rei tinha enviado pelas terras, para que as gentes viessem fazer honraria a seu filho, terminaram sua missão.

– Senhor Blaquerna, disse Félix, por que aquele rei que dissestes não fez antes a corte, já que seu filho era digno de ser cavaleiro antes? E por que os mensageiros terminaram sua atividade antes da realização da corte, se a tinham anunciado por tanto tempo?

Blaquerna respondeu que a corte tinha sido feita principalmente para a honra do rei, e seu filho merecia muito maior honraria que as gentes que vinham à sua corte lhe poderiam dar, pois aquela corte havia sido estabelecida de acordo com a alta honra que convinha aos dois reis que naquele tempo desejaram realizar a corte.⁸¹

Félix perguntou a Blaquerna o motivo pelo qual os profetas falaram tão obscuramente da vinda de Jesus Cristo, porque se houvessem falado mais claramente, muitos homens teriam acreditado nela, mas agora, ignorantes de sua vinda, estão no fogo perdurável.⁸² Blaquerna disse que o entendimento e a fé são criaturas de Deus, e quanto mais forte e obscuramente

.....
(81) O filho do rei merecia “honraria e ao rei convinha a “alta honra”. Lúlio distingue “honra” de “honraria”, palavras que somente à primeira vista possuem o mesmo significado. E curiosamente, em muitos aspectos nossa língua preservou as sutilezas do vocabulário medieval: também em português, “honra” significa “consideração e homenagem à virtude, ao talento, à coragem, às boas ações ou às qualidades de alguém” e honraria “dignidade, distinção, graça ou mercê que nobilita”. No caso desse exemplum do príncipe e do rei, certamente ao príncipe convinha honraria por sua coragem ou talento, e ao rei convinha a honra (ou melhor, a “alta honra”), pela dignidade de ser rei. Essas pequenas sutilezas lingüísticas do Livro das Maravilhas nos mostram o quanto o filósofo maiorquino era preciso com a utilização das palavras (e o quanto a nossa própria língua também possui especificidades que a também tornam, de certa forma, uma língua “filosófica” – Ricardo da Costa.

(82) No “fogo perdurável”, isto é, no Inferno – Ricardo da Costa.





os profetas falaram da vinda de Jesus Cristo, deixaram o entendimento humano melhor preparado para exaltar sua sutileza e procurar conhecer as obras que Deus tem em Si mesmo e fora de Si mesmo. Além disso, o entendimento pode entender melhor essas obras, se a vinda de Cristo for mais secretamente anunciada. O mesmo se aplica à fé, que pode ser maior na crença da vinda de Cristo se os profetas mais sutilmente falaram dela.⁸³

Blaquerna disse que uma vez aconteceu de o santo pai apóstolo pedir a um santo homem que escolhesse dentre dois bispados qual mais lhe agradava. Um bispado encontrava-se em uma cidade onde havia muitas gentes e, por isso, produzia uma grande renda, mas seus prelados e súditos eram muitos e tinham maus costumes. O outro bispado tinha uma renda pequena e os clérigos e leigos eram poucos, mas tinham bons costumes. O santo homem preferiu ser bispo do pequeno bispado que do grande, pois amava mais o senhorio de poucas pessoas de bons costumes do que o de muitas nutridas de maldade.

Disse Félix:

– Senhor, conforme a semelhança de que falastes, está significado que, para estar em Sua glória, Deus ama mais homens de vida muito elevada e santa que muitos homens que neste mundo não alcançaram uma grande santidade ou virtude. E como Deus é totalmente bom, poderoso, grande, e com vontade perfeita, é uma grande maravilha Ele não ter ordenado que neste mundo haja mais homens de santidade muito grande que aqueles que aqui estão.

Blaquerna respondeu que havia um abade que era um homem muito santo e devoto, e que tinha abaixo de si alguns monges sem tanta honestidade nem santa vida como convinha à sua ordem, mas também tinha muitos monges de vida convenientemente boa. Aquele abade fazia muitas abstinências

(83) Esta é a primeira vez no Livro das Maravilhas que Lúlio alude à sua teoria da obscuridade dos exemplos. Veja a nota 98, mais adiante.





e jejuns, tinha muita santidade e pregava muito com os maus monges para que, com sua santa vida, eles se convertessem a um bom estamento, e para que os que eram bons se esforçassem em alcançar uma mui elevada perfeição de vida e assim, através de uma grande santidade e conversação, eles pudessem significar a alta santidade de seu Criador.

– Senhor, disse Félix a Blaquerna, por qual razão os judeus não se fazem cristãos, já que têm a velha lei que é o fundamento da nova?⁸⁴ Pois é uma grande maravilha que eles tenham os princípios da nova lei e que com esses princípios sejam contrários ao fim daqueles princípios.

Blaquerna disse que no tempo dos profetas a fé reinava fortemente porque as gentes não tinham tanta sabedoria como as gentes de hoje.⁸⁵ Por isso, os judeus, por sua fé, cuidam conservar sua velha lei, e têm feito muitas glosas contra o texto sagrado, e seus descendentes seguiram seus primeiros pais, que falsamente contradisseram a nova lei. E como estão contra a sua finalidade, estão em cativeiro, como explicou um sábio judeu a um outro judeu, de acordo com estas palavras: “Havia um sábio judeu que por muito tempo estudou sua lei, e maravilhou-se muito fortemente com o longo cativeiro em que eles têm estado, pois no tempo antes de Cristo estiveram em dois cativeiros por algumas grandes faltas que cometeram. Contudo, aqueles cativeiros tiveram fim, pois em um estiveram quatrocentos anos e em outro, setenta, mas neste em que estão hoje, estão por mais de mil e duzentos anos, sem que saibam o porquê”. Aquele judeu acreditava que estavam no atual cativeiro pela morte de Cristo, e por isso escreveu a um outro judeu para lhe perguntar por qual razão estavam em tão longo cativeiro, pois temia que o motivo não fosse terem ocasionado a morte de Cristo.

– Senhor, disse Félix, um cristão era usurário e tinha mulher e filhos. No dia de sua morte, seu confessor lhe disse que não

.....
(84) Para a Lei Velha dos judeus, veja o Livro do gentio e dos três sábios (Livro II, n. 1).

(85) Lúlio defende a tese que, no tempo dos apóstolos, havia uma crença mais simples e ingênua, ao passo que em seu tempo (o século XIII), para crer os homens passaram cada vez mais a necessitar de uma base racional.





poderia se salvar caso não devolvesse tudo o que tinha ganhado com a usura. Aquele malvado usurário respondeu que mais amaria ser danado que restituir o que procedia da usura, pois assim sua mulher e seus filhos ficariam pobres. Então, eu me maravilho fortemente com a constituição feita aos judeus⁸⁶: que, ao se converterem, devem se despojar de tudo o que têm, pois muitos judeus seriam cristãos e não o são devido àquela constituição.

Respondeu Blaquerua:

– Havia um rei que tinha uma cidade onde havia muitos judeus, dos quais recebia todos os anos um grande tesouro proveniente da usura que os judeus praticavam com os cristãos.⁸⁷ Aconteceu que um judeu muito rico tornou-se cristão com sua mulher e seus filhos, e o rei obteve todos os seus bens. Sua mulher, os filhos e ele mesmo tornaram-se tão pobres que, mendigando pelas portas, morriam de fome. Com grande maravilha maravilharam-se as gentes pelo rei ter recebido os dinheiros provenientes da usura, e não dá-los ao homem que havia sido judeu para que vivessem ele e seus filhos.

.....
(86) No original, "...la constituició que hom feta als jueus", isto é, à lei da época que determinava que os judeus, para se converterem, deveriam perder tudo o que tinham – Ricardo da Costa.

(87) Logo após os exempla do "cativéis dos judeus" e do usurário cristão, Lúlio narra a história de um judeu convertido e cita a famosa associação medieval usura/judeus. "O judeu francês do século XIV Levi ben Gershom concordava: era um mandamento positivo onerar o gentio com juros 'porque não se deveria beneficiar um idólatra (...) e lhe causar tanto dano quanto possível sem se desviar da honradez'. Outros adotavam essa linha. Porém, a justificação mais comum era a necessidade econômica", Paul JOHNSON, História dos Judeus, Rio de Janeiro, Imago, 1989, p. 176.

O Quarto Concílio de Latrão (1215) determinou que "...querendo desta maneira impedir aos cristãos de serem tratados desumanamente pelos judeus, decidimos (...) que, se sob um pretexto qualquer, os judeus exigirem dos cristãos juros pesados e extorsivos, todo o comércio entre os cristãos e eles será proibido até que os tenham ressarcido", citado em Jacques LE GOFF, A Bolsa e a Vida. Economia e religião na Idade Média, São Paulo, Editora Brasiliense, 1989, p. 36-37. Contudo, apesar da citação supracitada, Le Goff atenua a relação judeu/usurário, e afirma que, até o século XI, o empréstimo a juros estava associado aos judeus, mas a partir do impulso econômico do século XII, os usurários cristãos se multiplicaram – Ricardo da Costa.





– Senhor, disse Félix, um eremita de vida muito santa entrou em uma cidade onde havia muitos judeus. Aquele eremita andava por toda a cidade para ver e alegrar-se das coisas em que Deus era amado e conhecido, e das coisas contrárias a Deus, chorar e clamar misericórdia para que ordenasse ser mais amado e conhecido. Um dia, aconteceu que aquele eremita entrou na sinagoga dos judeus e ouviu que eles maldiziam Jesus Cristo. Os judeus não se preocuparam com sua presença, pois julgaram que ele fosse judeu. Aquele santo eremita teve grande desprazer ao pensar como o rei cristão sofreria ao saber que em sua cidade havia homens que eram contra a lei do rei e que desonravam o Senhor que era senhor do rei. Quando aquele santo homem eremita saiu da sinagoga dos judeus, viu que o corregedor⁸⁸ fazia justiça a um cristão que havia matado um judeu na sexta-feira de Páscoa, porque lembrava a desonra que os judeus haviam feito a Jesus Cristo na cruz, na qual O deixaram morto e nu a fim de que Lhe fosse feita grande desonra. Muito se maravilhou o santo homem com o fato de o rei e os cristãos daquela cidade poderem conviver com tais gentes, tão contrárias à alta honra que convém a Jesus Cristo, pensando que serão honrados por Ele por todos os tempos na glória de seu Pai, que tanto ama sua honraria e todos aqueles que O honram nesse mundo, e que tanto desama todos aqueles que Lhe fazem desonra.

12. DOS APÓSTOLOS

– Senhor, disse Félix a Blaquerna, maravilho-me fortemente como os apóstolos, que eram poucos em número, puderam converter tantas gentes, e agora, quando existem tantos cristãos, não podemos converter os infiéis que estão no mundo.

Disse Blaquerna:

– Um discípulo de um filósofo acendia fogo diante dele e maravilhou-se de como uma fagulha podia multiplicar-se em

.....
(88) Magistrado que recebia jurisdição do rei para administrar a justiça em uma comarca ou distrito do reino. GGL, vol. V, 1985, p. 302 – Ricardo da Costa.





um fogo tão grande. Ele disse então ao filósofo estas palavras: “Senhor, por qual natureza o fogo tem tão grande virtude que com uma fagulha se poderia queimar toda a lenha que se colocasse naquele fogo?”. O filósofo respondeu: “No tempo de Jesus Cristo, havia alguns homens santos que eram chamados apóstolos, e todos eles eram inflamados com a santa graça e a inspiração de Deus. E Deus deu-lhes a maneira pela qual a caridade e a devoção se multiplicavam no mundo. E eles, com todo o poder de sua alma, se esforçaram para fazer Deus ser amado e conhecido”.

– Senhor, disse Félix a Blaquerna, por que não existem agora homens tão inflamados em amar a Deus para que Deus ilumine por eles tantos homens que não O amam nem O conhecem?

Disse Blaquerna:

– Um rei, muito poderoso de tesouros e de gentes, caçava por vontade própria. Um dia, aconteceu que ele perseguiu tanto um urso que se separou de seus companheiros. À noite, ele foi sozinho se albergar na casa de um camponês⁸⁹: disse que era cavaleiro da corte do rei e pediu ao camponês que o albergasse pelo amor do rei. “Senhor”, respondeu o camponês, “eu sou rei, e aquele que chamais rei não é rei”. Muito se maravilhou o rei com as palavras do camponês e pediu que expusesse o significado das palavras que dizia. “Senhor”, disse o camponês, “o ofício de rei é fazer todo o bem que pode a seu povo e evitar todo o mal que pode evitar. Mas o rei do qual falastes tomou outro ofício que o de rei, pois só se dedica a perseguir as bestas selvagens para as quais não é rei, e todos os dias está em tristeza e sofrimento por não as poder ter como gostaria. E eu, senhor, sou rei de minha vontade, pois me sinto com tal poder que, se fosse rei, faria tanto que todos os dias de minha vida e toda a minha terra ordenaria de tal modo que Deus fosse amado e conhecido”. Disse o rei ao camponês: “Os reis

.....
 (89) Esta é a primeira vez que surge no texto a palavra camponês (pagès, do latim pagense, derivado de pagus). Neste trecho, trata-se de um rico camponês, pois possui uma casa (hostal = hospital) confortável e suficiente para acomodar um rei “muito poderoso” – Ricardo da Costa.





e os grandes senhores deste mundo freqüentemente estão ociosos e, para não terem maus pensamentos nem fazerem o mal, vão à caça para que cesse o mal". Disse o camponês: "Na caça, senhor, o mal não cessa, pelo contrário, multiplica-se, conforme as palavras que disse um clérigo a seu prelado".

– Belo amigo, disse o rei ao camponês, peço-vos que me digais quais foram as palavras que o clérigo disse a seu prelado.

– Senhor, disse o camponês, um bispo trabalhava muito quando devia estar em seu bispado e usar de seu ofício. Aquele bispo rogou ao apóstolo que lhe permitisse sair de seu bispado, para seu descanso e diversão. Um clérigo, oficial seu, era homem de vida má e que fazia muitas maldades. Um dia, outro clérigo lhe disse estas palavras: "Senhor, maravilho-me muito fortemente pelo bispo ter-te confiado seu bispado, pois podes fazer muito mal nele e, além disso, nem tens consciência do mal que fazes". Respondeu o oficial: "É o bispo quem tem de dar conta de suas ovelhas, até mesmo se estas se perderem por minha causa". O clérigo ficou muito maravilhado com aquelas palavras e foi dizer ao bispo o que o oficial havia lhe dito.

– Belo amigo, disse o rei, que significam aquelas palavras que o oficial do bispo disse ao clérigo?

– Senhor, disse o camponês, numa ermida encontraram-se a Vontade e o Poder e uma grande disputa aconteceu entre ambos, pois o Poder dizia que valia mais que a Vontade e a Vontade dizia que valia mais que o Poder. Ambas elegeram como juiz o eremita daquele lugar, que disse estas palavras: "Havia um sábio homem que estava sob o senhorio de um rei. Aquele sábio homem tinha uma grande vontade de fazer o bem, e desejava ter tão grande poder quanto o do rei, para que pudesse completar o bem que o rei deixava de fazer ao seu povo, pois o rei não tinha uma vontade de fazer o bem igual ao seu poder".

Quando Blaquerna disse as semelhanças acima, Félix entendeu a razão pela qual os cristãos não possuem a centelha que os apóstolos tinham para converter os errantes e induzi-los ao caminho da salvação, e disse a Blaquerna estas palavras:





– Em uma cidade aconteceu que um rico homem morreu e deixou muitas riquezas aos seus filhos e à sua mulher. No dia de sua morte, tendo voltado sua mulher e seus filhos da igreja e tendo chorado muito aquele dia pela sua morte, enquanto descansavam em uma grande sala, um gato, diante deles, brincava com uma pluma de tal maneira que a mulher, os filhos e os outros que os acompanhavam ficaram na sala rindo do gato e da pluma.

Blaquerna respondeu que um dia um santo homem peregrino estava diante da cruz e a olhava com seus olhos corporais, e com seus olhos espirituais relembra que a cruz significava a Santa Paixão de Jesus Cristo. Enquanto o peregrino assim estava, viu entrar na igreja dois capelães que falavam de coisas temporais e alegravam-se com o que diziam, estendendo-se muito nesse assunto. Aquele peregrino disse aos dois capelães estas palavras: “Senhores capelães, sabeis que depois da morte de Jesus Cristo a Santa Igreja foi confiada à guarda de São Pedro, e depois da morte de São Pedro até agora tem havido muitos apóstolos que sucessivamente têm sido pastores da Santa Igreja. Ora, como a cruz significa a grave Paixão de Jesus Cristo e a desonra que recebeu neste mundo, fortemente maravilhoso de como um filho da Santa Igreja pode estar em alegria, já que Jesus Cristo neste mundo foi tão aviltado, ultrajado e menosprezado por tantos homens descrentes e por tantos homens que não lhe agradecem a alta honra que Ele lhes tem feito neste mundo”.

– Senhor peregrino, disse um dos capelães, uma vez ouvi contarem que um rei muito honrado e muito rico jogava xadrez. Um sábio homem perguntou àquele rei por que estava ocioso e não fazia todo o bem que podia fazer em honra de Deus, já que Deus havia criado o mundo para que aqui fosse honrado. O rei disse que jogava para não fazer nem cogitar o mal, e para passar o tempo. O sábio disse ao rei que Deus não lhe havia feito rei para fazer nem cogitar o mal, nem para estar ocioso, mas para fazer o bem durante toda a sua vida. Enquanto o sábio dizia essas palavras ao rei, um outro sábio considerava em seu coração quanta bondade se perdia na ociosidade do rei, e quanta maldade se seguia disso, e disse ao rei estas palavras:





“Senhor rei, o Poder, a Sabedoria e a Vontade se encontraram perto de uma bela fonte. Após estarem por muito tempo naquela fonte e terem falado muitas coisas, o Poder contou a grande virtude que tinha nas diversas maneiras de fazer o bem e de evitar o mal. A Sabedoria chorou, pois sua virtude se perdia e porque a Vontade não movia o Poder a usar daquela virtude. Enquanto a Sabedoria assim chorava, a Vontade cantava e se alegrava, e o Poder ocioso estava”.⁹⁰

– Senhor Blaquerna, disse Félix, como e de que maneira aconteceu de os sarracenos conquistarem e ainda terem por tanto tempo a posse da Terra Santa de Ultramar que Jesus Cristo nasceu, foi crucificado e enterrado? Pois muito me maravilho de os cristãos por tanto tempo terem suportado isso.

Disse Blaquerna:

– Um sarraceno, que era soldado e senhor daquelas terras, escreveu ao apóstolo e aos reis cristãos uma carta na qual dizia como ele se maravilhava muito fortemente com o fato de os cristãos tentarem conquistar aquela terra pela força das armas corporais sem armas espirituais semelhantes às dos apóstolos que, pregando e sofrendo a morte, converteram toda aquela terra de Ultramar que depois perderam por força das armas corporais. Com efeito, de acordo com a usança de Maomé, seus descendentes conquistaram aquelas terras pela força das armas, as têm e as possuem contra todos os cristãos deste mundo e contra a alta honra que convém a Jesus Cristo e a seus seguidores.⁹¹

.....
(90) O jogo de xadrez era considerado por Lúlio (e pelos moralistas, como Bernardo de Claraval, por exemplo) um fútil passatempo, um símbolo da cavalaria profana, além de ser muito prejudicial à sociedade quando jogado pelos senhores do poder. Para a história do xadrez na Idade Média, ver LAUAND, Luiz Jean. *O Xadrez na Idade Média*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

(91) Lúlio repete essa mesma estória em Blaquerna (cap. 80) e na *Ars notatoria*, onde diz que o sultão era da Babilônia – designação na época do sultão do Cairo, isto é, do Egito. A estória reaparece no Livro de Santa Maria (final do cap. 20), quando o personagem recebe o título de califa de Bagdá. Contudo, essa cidade fora destruída em 1258 pelos mongóis, e como tinha um papel secundário no Kanato mongol da Pérsia – e Lúlio estava bem informado sobre a dinastia persa – a referência é um tanto misteriosa. Veja também o Livro da contemplação (cap. 112, 10-11).





– Senhor, disse Félix, fortemente me maravilham o motivo e a natureza de os homens deste mundo desejarem tão fortemente serem honrados, pois somente a Deus convém honraria, e se a algum homem convém honraria, que lhe convenha para que naquela honra Deus seja honrado.

Blaquerna disse que um grande e nobre rei fez uma grande corte e reuniu muitas gentes para que todos o honrassem naquela corte e vissem a alta honra que convém ao rei e à sua senhoria. Aquele rei era muito sábio e quis honrar um filho seu para mostrar seu poder. Assim, o fez rei semelhante a si em poder e honraria, e ordenou a todos que haviam chegado àquela corte que honrassem seu filho como convinha à honra do rei. Os demais homens daquela corte tiveram inveja da honra do filho do rei e desejaram ter a honraria que o filho do rei tinha, honraria que as gentes desejavam ter para honrar a si mesmas, não a Deus.

– Senhor, disse Félix, como pode ser que os imperadores, reis, príncipes, condes, barões e até os prelados, que são tão honrados neste mundo, depois de sua morte o sejam tão pouco, e os apóstolos, que foram homens pobres e ultrajados enquanto viveram neste mundo, foram e são depois de sua morte tão honrados, cultuados e celebrados?

Blaquerna disse que o Anticristo virá ao mundo com a intenção de ser honrado com a honraria que convém tão somente a Jesus Cristo. O Anticristo desejará ser honrado contra Cristo e, por isso, depois de sua morte será muito desonrado neste mundo e no outro.⁹²

– Senhor, disse Félix, um homem, grande clérigo, dizia às multidões que o Anticristo já havia nascido, que em breve deveria vir e reinar no mundo e após sua morte deveria acontecer o fim

.....
(92) Na Doutrina para crianças há uma viva descrição do Anticristo (cap. 96), além do próprio Livro do Anticristo. Os especialistas acreditam haver uma conexão entre as idéias de Lúlio sobre esse tema, os espirituais franciscanos e as doutrinas de Joaquim de Fiori.





deste mundo.⁹³ Ora, como Deus criou este mundo para que os homens santos e de elevada vida se multiplicassem e estivessem para sempre com Deus na sua glória, e como tem havido tão poucos homens santos, fortemente maravilho-me que Deus deseje dar fim ao mundo tão cedo sem querer que ele dure por muito mais tempo até que tenham existido muitos santos homens mártires por seu amor.

Blaquerna disse que um rei edificava um grande palácio. Aquele rei ordenou a muitos homens que trabalhassem por muito tempo naquele palácio e grande foi a renda que destinou para edificá-lo. E como convinha que o palácio fosse muito grande em quantidade e em nobreza, convinha também que os homens que o construíssem fossem muitos e de grande sabedoria e nobreza. Aconteceu que enquanto eles edificavam aquele palácio, vieram muitos homens maus que mataram e destruíram os homens que construía o palácio. Aquele rei ordenou que outros homens edificassem o palácio, e outra vez os homens maus foram lá e os mataram, destruíram o palácio e gastaram seus bens. O rei ficou muito indignado com os homens que mataram os obreiros do palácio, e disse que como sua vontade desejava que a construção do palácio terminasse, convinha necessariamente que a obra durasse muito até que o palácio fosse concluído, para que assim sua vontade de concluir o palácio fosse observada.

– Senhor, disse Félix, nos tempos dos apóstolos muitos eram os milagres, e após suas mortes existiram muitos homens santos que também fizeram muitos milagres, através dos quais foram convertidos muitos homens à Igreja romana. Agora, nestes tempos nos quais estamos, fazem-se poucos milagres e poucos são os homens que se convertem à nossa fé, o que me causa grande maravilha.

.....
(93) Essa passagem já foi interpretada como uma alusão a Arnau de Villanova (1238-1311), o médico mais famoso da época – e professor de medicina de Montpellier entre 1291 e 1299.



Disse Blaquerna:

– No tempo dos profetas, convinha que os homens convertessem as gentes pela crença, porque eles acreditavam facilmente. No tempo de Cristo e dos apóstolos, os milagres eram convenientes, porque as gentes não se baseavam muito nas Escrituras e, por isso, amavam os milagres, que são demonstrações de coisas visíveis corporalmente. Agora chegamos a um tempo em que as gentes amam as razões necessárias, porque estão baseadas nas grandes ciências da Filosofia e da Teologia. Por isso, convém conquistar as gentes que, por causa da Filosofia, caíram em erro contra a santa fé romana, e destruir suas falsas opiniões com razões necessárias, razões obtidas pela Filosofia e pela Teologia.⁹⁴

Félix ficou muito satisfeito com as palavras de Blaquerna e louvou e bendisse a Deus que o havia iluminado com a encarnação do Filho de Deus, da qual duvidava quando foi a Blaquerna. Félix

.....

(94) Interessante passagem sobre a evolução do cristianismo – de uma fé mais simples dos primeiros tempos para a fé com tons racionalistas do século XIII. É possível também que Lúlio aqui esteja se referindo indiretamente aos averroístas parisienses. Averróis (1126-1198) foi o principal intérprete de Aristóteles na filosofia árabe e seu pensamento influenciou a filosofia judaica e cristã. Na segunda metade do século XIII se formou no mundo latino uma orientação filosófica chamada averroísmo latino, que defendeu, entre outras teses, a teoria da dupla verdade (uma, a correspondente ao dogma e à fé, a outra, a correspondente ao exercício da razão), a eternidade do mundo, a unidade do entendimento na espécie humana (ou monopsiquismo) e a negação da imortalidade pessoal e do livre-arbítrio, o que lhe valeu a condenação por parte da Igreja. Assim, os averroístas diziam que não se podia afirmar, entre outras coisas, que o mundo foi criado no tempo, que Deus é providência, que a alma é imortal, que a produção dos seres provém de um ato de liberdade e que existe revelação de verdades por parte de Deus. Por sua vez, eles defendiam a eternidade do mundo, o intelecto único enquanto comum a todos os homens, o determinismo universal e a negação da liberdade e da Providência. Ver especialmente Rafael RAMÓN GUERRERO, *Filosofias árabe e judia*, Madrid, Editorial Síntesis, s/d, p. 215-246, e Giovanni REALE e Dario ANTISERI, *História da Filosofia I*, São Paulo, Edições Paulinas, 1990, p. 536-541. Duas das principais obras de Raimundo Lúlio contra o averroísmo (*Do nascimento do menino Jesus e o Livro da Lamentação da Filosofia*) estão publicadas em RAIMUNDO LÚLIO, *Escritos Antiaveroístas*, Porto Alegre, Edipucrs, 2001. Todas as obras desse período estão publicadas em ROL V-VIII. A melhor discussão sobre o tema encontra-se no prefácio da ROL VI – Ricardo da Costa.



despediu-se de Blaquerna e andou pelo mundo à procura de maravilhas com as quais pudesse conhecer e amar a Deus.

Findo o *Primeiro Livro*, segue-se o *Segundo Livro*.





COMEÇA O SEGUNDO LIVRO, DOS ANJOS

Quando Félix partiu de Blaquerna, foi andando por um vale onde encontrou um caminho. Andou todo aquele dia sem encontrar nada que o maravilhasse. Enquanto percorria o vale, desejava ver alguma maravilha, e como não via, propôs em seu coração maravilhar-se considerando alguma coisa maravilhosa. Enquanto assim cogitava, chegou a uma pequena igreja, onde estava um eremita que tinha e lia o *Livro dos Anjos*⁹⁵ para ter conhecimento sobre os anjos.

Félix foi até a porta de uma igreja, onde havia um altar dedicado a São Miguel. Sobre a porta daquela igreja viu uma pintura de um homem com asas segurando uma balança, simbolizando São Miguel pesando as almas. Félix ficou muito maravilhado com aquele significado, e, após ter feito convenientemente o santo sinal-da-cruz e ter saudado o homem, disse ao eremita estas palavras:

– Senhor eremita, o que significa esta pintura que está sobre a porta de vossa igreja?

O eremita disse a Félix que aquela figura significava o anjo São Miguel pesando as almas. Félix perguntou ao eremita se o anjo era alguma coisa, porque muito o desejava saber.

.....
(95) Ver RAMON LLULL, *O Livro dos Anjos*, (trad. Eliane Ventorim e Ricardo da Costa), São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2002.





13. SE O ANJO É OU NÃO ALGUMA COISA

Quando Félix pediu ao eremita que lhe dissesse se o anjo é algo, o eremita explicou-lhe que o anjo existe, dizendo:

– Belo filho, é natural a toda criatura amar sua semelhança, e quanto mais semelhantes são, mais elas se amam. Por isso, aconteceu que um rei tinha dois filhos: o mais velho lhe era mais semelhante em aparência que o mais novo e, por isso, o rei amava mais o filho mais velho que ao mais novo. O filho mais novo era semelhante à rainha, que o amava mais que ao mais velho. E como o rei amava mais o filho mais velho, a rainha ficava descontente com o rei, maravilhando-se de o rei amar mais o filho mais velho. A rainha disse então ao rei estas palavras: “Senhor rei, maravilho-me grandemente de vós por amardes mais um filho que outro, já que ambos são vossos filhos”. Aquele rei, que era muito sábio, perguntou à rainha por que ela amava mais o filho mais novo. A rainha respondeu que amava mais o filho mais novo porque lhe era mais semelhante. “Rainha” disse o rei, “nenhuma criatura é tão semelhante a Deus como o anjo, pois o anjo não possui corpo, é invisível e tem maior poder para entender e amar a Deus que todas as outras criaturas. E se os anjos não existissem, Deus não amaria tanto o que lhe é mais semelhante que dessemelhante. E vós, rainha, teríeis maior virtude e disposição em amar vossa semelhança que Deus em amar a sua, e tal coisa é impossível”.

– Senhor, disse Félix ao eremita, muito me agrada seu exemplo, que mostra a existência dos anjos, mas maravilho-me muito fortemente com a rainha por não compreender por que o rei amava mais sua semelhança que sua dessemelhança, já que em si mesma ela compreendia.

– Belo filho, disse o eremita, tão grande é a participação entre a vontade e o entendimento que, pela vontade da rainha, que amava mais o filho mais novo, seu entendimento desejava reconhecer na vontade do rei uma natureza semelhante à sua vontade na vontade do rei; além disso, a rainha lembrava mais





freqüentemente o filho que mais lhe era semelhante que o filho que parecia com o rei.

14. O QUE É O ANJO?

– Senhor, disse Félix, qual é o ser dos anjos? Que coisas são os anjos?

O eremita disse estas palavras:

– Existia um rei que não sabia o que era ser rei nem qual era o ofício de rei. Aquele rei cometeu uma grande falta contra o seu ofício, falta pela qual se seguiu um grande dano a toda sua terra e a muitas outras. O rei ficou muito irado com a falta que cometera, porque não pôde reparar tantos danos que dela se seguiram. Muito se maravilhou com tanto dano que se seguiu do erro que tinha cometido, e maldisse seu pai que o havia gerado e sua mãe que o havia concebido por não lhe terem mostrado em sua juventude a ciência suficiente para saber o que é o ofício de rei e o que é ser rei. E como o haviam colocado num ofício que desconhecia, maldizia seu pai e sua mãe.

Muito fortemente se maravilhou Félix com aquela semelhança que o eremita dissera, porque não lhe parecia que viesse a propósito de sua pergunta sobre o que é o anjo. O eremita entendeu que Félix se maravilhava e que não entendia a semelhança que dissera, e disse esta semelhança a Félix:

– Em um grande mosteiro, vivia um santo religioso que com sua santa vida sobrepujava todos os outros religiosos que estavam naquele mosteiro. Pela elevada vida daquele santo homem, ele tinha o privilégio de estar totalmente só em uma cela na qual comia, repousava e a Deus rogava todas as vezes que queria. Aconteceu que um dia ele se maravilhou pelo fato de ver, cheirar, degustar e sentir. Estando aquele santo homem nesta consideração, um rei veio vê-lo por causa da grande fama que ouvira a respeito de sua santidade. O rei viu aquele santo religioso pobremente vestido e viu seu pobre leito no qual repousava.





O abade daquele mosteiro louvou muito o santo homem pela áspera vida que suportava no comer, no repousar, no vestir e nas outras coisas que afligem o corpo. Muito se maravilhou o santo homem dos louvores do abade, porque, louvando-o, acusava a si mesmo e à sua ordem contra a alta penitência estabelecida na ordem pelos santos homens que por ela passaram, que foram todos homens de grande penitência.

Enquanto aquele santo homem estava maravilhado com o abade que o louvava, o rei disse ao abade estas palavras: “É da natureza das coisas corporais vivificarem os sentidos corporais quando o homem usa deles conforme o modo pelo qual obtém prazeres sensuais. Por isso, os homens mundanos constroem para a vista belos palácios, usam belas vestimentas e desejam ver coisas belas para que a vista tenha maior prazer quanto mais belo é o que vê. O mesmo fazem os homens mundanos com relação aos outros sentidos corporais, pois pela razão do ato de ouvir desejam escutar palavras de louvor; pelo ato de cheirar desejam nobres odores; pelo ato de degustar desejam comidas delicadas e beber nobres vinhos, e pelo ato de apalpar desejam ter suaves tecidos, leitos e vestimentas macias e entregam-se aos deleites carnis”.

Nas palavras que o rei dizia sobre o ofício da sensitiva⁹⁶, o santo homem entendeu que ela era a virtude através da qual os homens sentem as coisas sensíveis, isto é, que a virtude sensitiva ama naturalmente sentir grandes deleites e felicidades naquelas coisas que lhe são semelhantes, pois é natural que todas as coisas amem com grande felicidade o que é semelhante a elas.

– Senhor, disse Félix ao santo eremita, muito me maravilho com vossos exemplos, porque me parece que não respondem ao propósito da minha pergunta.

– Belo amigo, disse o eremita, conscientemente vos faço tais semelhanças para que vosso entendimento se eleve ao ato de entender,

.....

(96) Sensitiva – A faculdade de sentir: “Sensitiva é o poder das coisas que sentem, assim como o homem que tem a capacidade de sentir calor ou frio”, GGL, vol. V, 1985, p. 75 – Ricardo da Costa.





pois quanto mais obscura é a semelhança, mais elevadamente o entendimento entende o que aquela semelhança explica.⁹⁷

Após essas palavras, o eremita disse a Félix:

– Amável filho, Deus (Bendito seja!) é muito fortemente relembável, inteligível e amável. Por isso, Ele fez o anjo, que é a conjunção de três essências: a memória, a inteligência e a vontade. Com a memória ele lembra, com a inteligência entende, e com a vontade ama a Deus. Assim, belo filho, o anjo, com todo seu ser, contempla a Deus, lembrando, entendendo e amando. E pelo fato daquela contemplação ser muito grande, Deus desejou que o anjo fosse ente espiritual sem corpo, para que o corpo não lhe oferecesse nenhum obstáculo para contemplá-Lo.

– Belo amigo, disse ainda o eremita, nenhuma criatura pode ser mais semelhante a Deus que a memória, o entendimento e a vontade, que são um ente ajustado que é o anjo. Essas três naturezas do anjo significam as três Pessoas divinas, e a unidade do anjo significa a

.....
 (97) Nesta extraordinária frase, Lúlio trata da forma do entender. O conteúdo entendido não está desligado do modo de expressá-lo, pelo contrário, a forma de uma expressão encontra-se sempre essencialmente ligada ao conteúdo da mesma de tal maneira que só entendemos um conteúdo se simultaneamente entendemos a forma de sua expressão. Lúlio pensa que o ato de entender é sempre expressivo: se não conseguimos expressar o que entendemos, é porque não o entendemos. Ainda caberia dizer que quanto mais esforço exige a compreensão da forma, mais o conteúdo se amalga a ela, e mais inteligível ele se tornará. A forma, portanto, liberta o conteúdo. Ver Esteve JAULENT, "O viajante imóvel", em Francesc FAUS, A roda e o vento. (La roda i el vent. La roue et le vent), Editora Giordano, São Paulo, 1995. Por outro lado, esta doutrina fundamenta a arte da memória: ao surgirem ligados por um mesmo esforço de compreensão, a forma e o conteúdo tornam-se inesquecíveis. A doutrina da obscuridade dos exempla lulianos têm relação com a memorização, processo medieval de raciocínio e fixação do conteúdo apreendido conhecido como mnemotécnica. Neste caso específico, isto é, os exempla do Livro dos Anjos, a dificuldade que Félix sente em entender as respostas do eremita deve-se ao fato de o tema tratado ser angelical. Em outras palavras, como o assunto é elevado e refere-se ao mundo incorpóreo, a já limitada compreensão humana é ainda mais limitada. Portanto, o esforço de entender também deve ser maior. Daí o fato de o eremita responder à pergunta "o que são os anjos" com exemplos tão obscuros: ele está querendo que Félix se esforce ainda mais para entender. E isso também tem relação com o processo de mnemotécnica, porque quanto mais a pessoa se esforça para entender algo difícil, melhor deixará registrado em sua memória aquele entendimento caso consiga atingi-lo – Ricardo da Costa.





Unidade de Deus, que é Una em três Pessoas. Portanto, belo filho, para que tivéssemos conhecimento de Deus e de Sua obra, e para que, através desse conhecimento, o amássemos, o louvássemos e honrássemos, Deus criou os anjos à Sua semelhança, para que naquela semelhança o conhecêssemos e amássemos.

Quando o eremita mostrou a Félix o que é o anjo, ele retornou às semelhanças ditas acima, e disse que as asas na figura humana significam que o anjo é um espírito que se move para qualquer lugar que deseje, sem que os lugares impeçam seu movimento; as balanças significam que o anjo benigno leva ao Paraíso as almas justas, e o anjo maligno leva as almas que morrem em pecado. A ciência do rei significa que existe o anjo bom, que sabe o motivo pelo qual foi criado e ama como foi criado; a ignorância do rei significa que existe o anjo maligno, que, por sua malícia, faz muitos homens pecarem e errarem, como a ignorância do rei, de onde se seguem muitos males. Os deleites dos sentidos corporais significam que o anjo se deleita em lembrar, conhecer e amar a Deus, e o anjo maligno atormenta-se no seu lembrar, conhecer e desamar a Deus.

15. DO ENTENDIMENTO DO ANJO

– Senhor, disse Félix, o anjo me dá uma grande maravilha: como pode ter conhecimento das coisas corporais sem os olhos corporais?

Disse o eremita:

– Em um caminho dois homens encontraram um peregrino que vinha de Jerusalém. Um deles era filósofo, o outro jurista. O filósofo perguntou ao peregrino de onde ele vinha. O peregrino disse ao filósofo que vinha de Jerusalém e seus arredores; contou ao filósofo qual era a disposição da cidade de Jerusalém, de acordo com o que viu e o que sua imaginação lhe indicava. Entretanto, o jurista disse ao filósofo que se maravilhava de como o peregrino podia ter conhecimento da disposição de Jerusalém sem vê-la





corporalmente. O filósofo respondeu que a virtude da imaginação é imaginar o que o homem viu e não vê mais, imaginação pela qual o entendimento pode entender as coisas corporais, mesmo que não as tenha visto corporalmente.

– Senhor, disse Félix, por ter visto Jerusalém, o peregrino pôde imaginá-la, e com sua imaginação pôde representá-la para que o entendimento a entendesse. Mas o anjo não possui olhos corporais e, por isso, não pode imaginar o que não vê. Assim, por falta de imaginação não pode entender.

O eremita disse que um mestre ensinava uma séria lição a seus discípulos. Entre aqueles discípulos havia um que era presunçoso, orgulhoso, vanglorioso, e não entendeu a lição que os outros alunos entenderam. Aquele discípulo pensou que o mestre não entendia o que dizia, e defendeu o contrário da verdade da lição. Aconteceu então uma grande disputa entre o mestre e o discípulo, e o mestre disse a ele estas palavras: “Contam que o anjo entende pela vontade, e a vontade deseja por meio do entendimento, pois amando Deus, o anjo O entende, e entendendo Deus, O ama. Por isso, Deus lhe deu o poder de, ao amar alguma coisa, imediatamente a entender, e ao entender alguma coisa, logo amá-la se for amável, ou desamá-la se for desamável. Pois, assim como existe uma ordem entre a imaginação e a visão corporal para que o homem possa imaginar o que viu corporalmente, da mesma forma, e muito melhor, Deus fez uma ordem entre o entendimento do anjo de modo que este O entenda, e a vontade do anjo, de modo que esta O ame. Graças a essa ordenação, o anjo, amando ou desamando, entende o que ama e o que desama”.

Após o mestre dizer essas palavras, o discípulo entendeu a razão pela qual não havia entendido a lição do mestre: ele desamava entender através da humildade, e amava entender através do orgulho e da vanglória. Aquele discípulo disse ao mestre e aos outros discípulos estas palavras: “Um cavaleiro e um clérigo questionavam a posse de um castelo, e cada um dizia que o castelo era seu. De acordo com a verdade,





o castelo era do cavaleiro, que entendia ser seu o castelo. O clérigo acreditava que o castelo era seu, e procurava entender o que não entendia.⁹⁸ Ambos foram diante de um juiz, que desejava dar a sentença do castelo. Enquanto ele desejava dar a sentença, entendeu que o clérigo amava mais possuir o castelo que o cavaleiro, e ficou muito maravilhado porque, conforme a razão natural, deveria existir maior vontade naquele que entende o que ama do que naquele que crê no que ama. Enquanto o juiz estava por tanto tempo maravilhado, disse: “Se o clérigo tivesse o entendimento do anjo, desamaria ter o castelo, pois o anjo benigno, conforme ama, entende, e, conforme entende, ama”.

16. DA PALAVRA DOS ANJOS

– Senhor eremita, disse Félix, peço-vos que me digais se o anjo possui palavra; pois se um anjo fala com outro, tenho grande maravilha, já que a palavra não convém senão àquilo que possui boca e língua, que movem o ar no qual a palavra é formada.

Disse o eremita:

– Lê-se no *Evangelho de São João* que no princípio era a Palavra, a qual Palavra é a Pessoa do Filho de Deus. Deus é o Pai que engendra a Palavra que é o Filho, sem possuir boca nem língua, porque é espiritual e, entendendo a si mesmo, engendra a Palavra, isto é, o Filho. Por isso, Deus deu tal virtude e natureza aos anjos para que Lhe fossem semelhantes em ter palavra sem boca, sem língua e sem movimento do ar. Portanto, assim como Deus Pai entendendo a Si mesmo engendra a Palavra, da mesma forma o anjo, amando e entendendo a Deus e a si mesmo, fala com Deus e louva a Deus, e um anjo fala com outro sem boca, sem língua e sem movimento de ar.

(98) “...e procurava entender o que não entendia”, porque o que não é verdadeiro é ininteligível – Esteve Jaulent.





Disse o eremita:

– Um santo religioso estava em oração quando o demônio o tentou com a luxúria. Aquele santo homem se lembrava de uma senhora muito bela que se confessara com ele do pecado da luxúria. Ele sentiu o aquecimento de sua carne ao lembrar as palavras que a senhora lhe dissera. A vontade daquele religioso teve prazer com aquilo que a memória lembrava, até que o entendimento teve consciência daquela lembrança, daquela vontade e daquele calor. Pela grande consciência do entendimento, a vontade se transformou em desamor e a memória esqueceu os prazeres da luxúria. Assim, o santo homem conheceu a maneira pela qual o entendimento fala espiritualmente com a memória e a vontade, mesmo que o entendimento, a memória e a vontade não possuam boca, língua, nem movam o ar.

O eremita disse a Félix que um pastor dormia ao Sol, e pelo grande calor do Sol sua umidade teve paixão, pois a secura do calor consumiu a umidade no ventre do pastor.⁹⁹ Assim, por causa da pouca umidade, o pastor, dormindo, sonhava ir a uma bela fonte na qual bebia um leão, do qual teve grande pavor. O pastor imaginava a beleza da fonte e tinha ira contra o leão, porque não saía da fonte. Dessa forma, o pastor falava espiritualmente com sua alma.¹⁰⁰

– Senhor, disse Félix, de que maneira o anjo fala com o homem?

Disse o eremita:

– Um cavaleiro era bailio e estava em uma cidade que pertencia a um nobre rei.¹⁰¹ Aquele rei era muito justo e muito sábio. E, no princípio, quando fez o cavaleiro bailio, aquele cavaleiro era

.....

(99) Lúlio segue aqui a cosmologia da época. Ver nota 104.

(100) Interessante passagem na qual Lúlio mostra o sonho com um canal para a consciência do pastor e como uma expressão de sua individualidade. “O sonho insere-se nos quadros sociais e culturais de uma sociedade, mas é também uma das principais vias pelas quais o indivíduo veio a afirmar-se”, Jacques LE GOFF, “O cristianismo e os sonhos”, em O imaginário medieval, Editorial Estampa, 1994, p. 330 – Ricardo da Costa.

(101) Para o cargo de bailio ver nota 58.





um homem justo e leal. Aconteceu depois que aquele cavaleiro tornou-se um homem muito injusto e avaro em seu ofício. Um dia, o bailio considerou o mau estado em que se encontrava e maravilhou-se fortemente por ter-se desviado do bom estado que costumava estar. Enquanto cogitava isso, sentiu tristeza e contrição em sua alma, e teve uma grave paixão. Por muito tempo esteve o bailio em tristeza e dor pelas faltas que havia cometido contra seu ofício, e, enquanto teve essa contrição, não cometeu injúria nem usou mal de seu ofício. Um dia aconteceu que um mercador lhe trouxe uma bela taça de prata cheia de dinheiros¹⁰² para que seu filho, que havia cometido um assassinato, não fosse enforcado. Enquanto o mercador lhe presenteava a taça, o bailio sentia sua alma alegrar-se com a imaginação da taça, e quando quis ganhar a taça se propôs não fazer justiça com o filho do mercador, e então sentiu sua alma se entristecer, pois teve consciência das faltas que cometia. Assim, o bailio teve conhecimento da maneira segundo a qual o bom espírito e o espírito maligno falavam com sua alma.

.....
(102) "...taça cheia de dinheiros", ver nota 13.





COMEÇA O TERCEIRO LIVRO, DO CÉU

Após falar por muito tempo com o eremita a respeito dos anjos, Félix retomou o caminho à procura de maravilhas com as quais aprendesse a amar e conhecer a Deus. Enquanto Félix andava por um grande bosque, relampejava, trovejava e chovia. Perto do caminho por onde ele andava, havia uma caverna onde estava um pastor guardando seu bestiário. Félix foi àquela caverna, porque a chuva e o vento dificultavam seu caminhar. Félix saudou o pastor, que recebeu agradavelmente a saudação. Félix sentou-se perto do pastor, e aguardou que ele lhe dissesse algumas palavras. Por muito tempo Félix e o pastor estiveram um diante do outro sem dizerem nenhuma palavra. Muito se maravilhou Félix com o fato de o pastor não lhe dizer nada e estar assim pensativo.

– Belo amigo, disse Félix, por que estais assim? E em que pensais?

O pastor respondeu a Félix:

– Senhor, sou filho de um nobre burguês, dono deste bestiário. Ele deseja dar-me uma mulher, e quer que eu herde grandes riquezas. Mas eu, por ter-me proposto deixar a vaidade deste mundo e ter Deus virginalmente em meu coração, vim para este bosque para amar e conhecer a Deus.

Félix maravilhou-se muito fortemente com a elevada capacidade de compreender do pastor, e disse estas palavras:

– Em um mosteiro estava um santo homem religioso que vivia todos os dias muito alegre, porque amava a Deus e sentia-se sem pecado mortal. Aquele santo homem, lembrando a graça que Deus lhe fizera e a esperança que tinha na glória celestial, estava todos os





dias alegre e satisfeito. Por isso, belo amigo, disse Félix ao pastor, deveis estar muito alegre e satisfeito com a graça que Deus vos fez, de ter deixado as riquezas e glórias temporais para amá-Lo e conhecê-Lo.

17. DO CÉU EMPÍREO

– Senhor, disse o pastor, maravilho-me grandemente com a existência do céu imperial e a maneira pela qual os anjos e as almas dos homens santos estão nesse céu empíreo diante de Jesus Cristo e de Nossa Senhora. Parece-me que este céu está muito bem disposto para glorificar e estar em grande bem-aventurança, e, por isso, imagino essa sua disposição conforme estas palavras: “Senhor Deus”, disse o pastor, “Vós sois luz e fonte de vida. Por isso, penso que aquele lugar onde Vós vos representais aos santos da glória seja iluminado de luz, luz que aparece nas estrelas que estão no firmamento e nos planetas. Naquela luz, Senhor, estarão os corpos glorificados que serão iluminados pela luz do céu empíreo, e aqueles corpos, por sua vez, iluminarão ainda mais aquele céu que já é luminoso”.¹⁰³

.....
 (103) Influenciada por Aristóteles e, sobretudo, por Ptolomeu (c. 100-170), a cosmologia medieval – parte mais elevada da Astronomia (a sétima das artes liberais) – distinguia duas regiões em todo o universo com características distintas: 1) a esfera sublunar, que continha as substâncias sujeitas à corrupção devido à contrariedade natural existente entre os quatro elementos (fogo, ar, terra, água) e 2) a esfera supralunar (ou celeste), povoada pelos astros, pelos santos que estão na Glória Eterna, os anjos e Deus (esfera que Lúlio denomina céu empíreo). Na esfera sublunar, os corpos se separavam devido à tendência de seus elementos compostos de ocuparem seu lugar próprio; fora dali estavam separados, inacabados, desejando sua perfeição completa, que conseguiam somente ao alcançar os distintos níveis supralunares. No lugar central e inferior, estava a Terra, elemento frio e seco. Entre a Terra e a Lua estava a água, cujas qualidades eram o frio e a umidade; mais acima o ar (quente e úmido), e por fim a parte mais elevada, o fogo (quente e seco). Na esfera celeste, a matéria dos corpos era distinta; a forma dos corpos celestes preenchia totalmente a potencialidade de sua matéria, motivo pelo qual não lhes era permitida nenhuma possibilidade de mudança fora da rotação circular das esferas. Sem os meios tecnológicos que permitem hoje medições precisas e uma variedade de pontos de vista interplanetários, o modelo astronômico medieval se mantinha muito próximo das primeiras percepções ao se olhar para o céu. Os medievais concebiam o sistema do universo como um conjunto de esferas concêntricas e cristalinas, isto é, transparentes, cada uma das quais contendo um planeta: a Terra ocupava o centro (e não era considerada um planeta); a seguir, a Lua



– Belo amigo, disse Félix, a luz significa sabedoria, e a sabedoria significa luz; e a luz, por sua vez, significa a glória, e as trevas significam pena e ignorância.

Nas palavras que Félix dizia sobre a luz, o pastor entendeu que Félix tinha sabedoria, e disse a Félix que um nobre rei, muito iluminado de sabedoria, tinha em seu Conselho homens muito sábios, justos e honrados, nos quais havia muita bondade. Aquele rei estava em um grande palácio que tinha muitas janelas, pelas quais entrava a luz do Sol, que iluminava todo o palácio, no qual havia muitas pessoas honradas diante do rei, que, por sua vez, as iluminava com bons

.....
 (primeira esfera), depois os planetas, na seguinte ordem de esferas: 2) Mercúrio, 3) Vênus, 4) Sol, 5) Marte, 6) Júpiter, 7) Saturno. Na oitava e última esfera, estavam as estrelas fixas e as constelações do Zodíaco (ou os doze signos, como Lúlio os chama), que, portanto, possuíam intensa luminosidade (na cosmologia de Dante, por exemplo, havia ainda o nono círculo [Primum Mobile ou Céu Cristalino], céu concêntrico e o mais veloz de todos, pois não continha nenhuma matéria, e que comandava o movimento dos oito céus inferiores; acima do nono círculo, estavam o Empíreo [imóvel], com a Rosa Mística [a glorificação dos beatos] e, por fim, os nove círculos angélicos [concêntricos], rodando Deus.

Considerava-se que as esferas eram perfeitas e não possuíam rugas ou manchas (por esse motivo a surpresa quando da descoberta de manchas no Sol por Galileu). Os eixos de cada esfera estavam encaixados na esfera seguinte, pensamento orientado pela maneira como os astros, vistos da Terra, reproduziam com seus movimentos as aparências da realidade. Como as esferas não necessitavam obter nenhuma outra forma para buscar sua perfeição, pois sua matéria tinha toda a sua potencialidade realizada e as rotações não tinham fim, os movimentos celestes obedeciam a uma forma natural. Portanto, sua causa tinha que ser atribuída a alguma substância separada da matéria: eram os anjos. Com sua inteligência e poder, os anjos podiam conceber e realizar o fim daquele movimento incessante. Esse fim era obtido ao se completar o número dos eleitos, já que ao mover os céus, provocavam as mudanças das estações e tudo o que a Terra necessitava para a vida dos homens – Manuel Maria DOMENECH IZQUIERDO, <http://idd0098d.eresmas.net>. Para o tema da astronomia medieval, ver Ricardo da COSTA, “**Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final — Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do Cosmo**”, em *Dimensões* – Revista de História da Ufes 14. Dossiê Territórios, espaços e fronteiras, Vitória, Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2002, p. 481-501; Amâncio FRIAÇA, “A unidade do saber nos céus da Astronomia medieval”, em Lênia Márcia MONGELLI (coord.), *Trivium & Quadrivium. As artes liberais na Idade Média*, Cotia, São Paulo, Editora Íbis, 1999, p. 289-329; do mesmo autor “A corte e as estrelas: a Astronomia durante o Renascimento Carolíngio”, em *Signum* 2. Revista da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, São Paulo, 2000, p. 149-166, e Alain DE LIBERA, *Pensar na Idade Média*, São Paulo, Editora 34, p. 235-286 – Ricardo da Costa



costumes. E aqueles homens que tinham mais sabedoria, justiça, caridade e humildade estavam mais perto do rei. Aquele rei falava com seu povo, que estava à sua frente, sobre a nobreza e a grandiosidade de Deus e da obra que realizava em Si mesmo e em Suas criaturas. E falava da caridade, da justiça e da sabedoria que devem existir entre o rei e seu povo. Tantas boas palavras circulavam entre o rei e seu povo, e tão grande era o resplendor do Sol que entrava no palácio, que todo o palácio resplandecia de luz e de bons costumes, e em todos os homens que ali estavam havia uma grande alegria.¹⁰⁴

Félix maravilhou-se muito com a bela semelhança que o pastor deu do céu empíreo, de Jesus Cristo e dos santos da glória, e disse ao pastor as palavras que se seguem.

.....
 (104) Este trecho do Livro das Maravilhas é uma grande e bela metáfora do tema reino terrestre-reino celeste, alegoria comum nos textos medievais sobre o poder monárquico – para esse tema ver Ricardo da COSTA, *A Árvore Imperial – um Espelho de Príncipes* na obra de Ramon Llull (1232-1316), Niterói, Universidade Federal Fluminense (Uff), tese de doutorado, 2000. Para provar a existência do céu empíreo, o lugar de Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora, Ramon cria nesta passagem a analogia com a corte real, lugar onde a luz (que significa a glória) e a luminosidade significam a sabedoria do bom príncipe. Este, como um instrumento de bem-estar social, a irradia para todos os seus governados. Lúlio alude aqui ao que já foi chamado de “a metafísica medieval da luz”, a busca da segurança luminosa. No imaginário medieval, “...a beleza é luz, que tranqüiliza e é sinal de nobreza” (Jacques LE GOFF, *A civilização do Ocidente Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, vol. II, p. 101).

Em outra obra (*Liber de lumine*, escrita em novembro de 1303 em Montpellier), Lúlio tratou do tema da luz. Este gosto dos medievais pela cor e, especialmente, pela luz, expresso belamente nesta passagem de Ramon sobre o Conselho do príncipe, foi magnificamente estudado por Umberto ECO (*Arte e beleza na estética medieval*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1989, p. 61-70) e Michel PASTOREAU (*Figures et couleurs. Études sur la symbolique et la sensibilité médiévales*, Paris, Léopard, 1986), e tem origem no grande sucesso medieval dos escritos do Pseudo-Dionísio, o Areopagita, autor desconhecido – provavelmente um monge neoplatônico do final do século V – que escreveu uma obra intitulada *A hierarquia celeste*, onde desenvolveu o tema dos anjos e das coisas divinas. A hierarquia celeste foi traduzida por João Escoto Erígena, no século IX, e ganhou grande fama ao longo de toda a Idade Média, influenciando um sem-número de autores. Logo em seu primeiro capítulo, há uma passagem que trata da luz divina e explica e mostra qual a corrente filosófico-cristã que pode ter influenciado Lúlio: “Todo bom dom e toda a dádiva perfeita vem de cima e descende do Pai das luzes. Mais ainda, a Luz procede do Pai, difunde-se copiosamente sobre nós e com seu poder unificador nos atrai e nos leva para o alto, nos fazendo retornar à unidade e deificante simplicidade do Pai, congregados Nele”, *Obras completas del Pseudo Dionísio Areopagita*. Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), Madrid, MCMXC, cap. I, p. 119 – Ricardo da Costa.





18. DO FIRMAMENTO

Félix perguntou ao pastor porque o firmamento se move, isto é, se se move por si mesmo ou por outro. O pastor disse que o fogo move-se para cima, porque todas as suas partes são movidas pela forma e movíveis pela matéria, sendo deste modo, por toda a sua forma e matéria, uma forma capaz de elevar-se.¹⁰⁵

Disse Félix:

– Por que o firmamento se move dando voltas?

O pastor respondeu que o fogo se move para cima e em linha reta porque todas as suas partes estão retamente direcionadas para cima. Por isso o fogo não se move em círculos, pois se o fizesse, seria composto de partes circulares, assim como é o firmamento.

Disse Félix:

– O que sustenta o firmamento?

O pastor respondeu que o firmamento é sustentado pelo seu natural movimento circular.

– Belo amigo, disse Félix, por qual natureza as estrelas e os planetas que estão no firmamento influenciam os quatro elementos e o que é composto pelos elementos?

O pastor disse:

– Como o Sol e o fogo se assemelham em claridade¹⁰⁶, o fogo esquentam a si mesmo e os outros mais fortemente no verão que no inverno, pois o Sol é mais resplandecente nos lugares onde é verão do que nos lugares onde é inverno. Portanto, a influência de que perguntas se deve à multiplicação da claridade feita no fogo e à participação da essência dos corpos celestiais nos corpos terrenos.

.....
(105) No original "...estando por toda a forma e matéria a forma levitiva". Lúlio cria mais uma terminologia, a "forma levitiva", isto é, a capacidade que a matéria do fogo tem de subir. Adaptamos – Ricardo da Costa.

(106) A palavra original, lugar, significa tanto claridade, luminosidade quanto resplendor – Ricardo da Costa.





Félix perguntou ao pastor se nos doze signos e nos sete planetas existem o calor, a umidade, o frio e o seco.¹⁰⁷ O pastor respondeu que os astrônomos associaram as quatro qualidades ditas acima aos doze signos e aos sete planetas, uma vez que ocasionam a multiplicação das quatro qualidades dos elementos mais fortemente em um tempo que em outro. E isso ocorre pela razão da influência que os corpos terrenos recebem dos celestiais.

Félix ainda perguntou ao pastor se o destino e os astros eram coisas necessárias.¹⁰⁸

O pastor respondeu dizendo que Deus ordenou que tudo quanto é O amasse e O conhecesse, e Deus deu virtude para que algumas criaturas tivessem poder sobre outras, para que Ele fosse conhecido e amado.

.....
 (107) Os doze signos a que Ramon se refere são os do Zodíaco. Os sete planetas são: Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno – no sistema geométrico ptolomaico vigente na Idade Média, a Terra não era considerada um planeta. O calor, a umidade, o frio e o seco são as qualidades primárias dos quatro elementos (fogo, ar, água e terra).

(108) A teoria da influência dos astros na vida dos homens remonta à Antigüidade. Aristóteles afirmou que "...este mundo está necessariamente em continuidade de uma maneira ou de outra com aquele que se move no alto, de modo que todos os seus impulsos são comandados do alto. Esse é, com efeito, o princípio de onde parte, para todos os seres, o movimento" (Metereológicos, I, 2, 339a 22-24), sem, contudo, estender essa influência aos assuntos humanos. Parece, pois, que Aristóteles se referia às cheias dos rios, às marés, à configuração dos continentes e dos mares. Já Ptolomeu, em sua obra *Opus Quadripartitum* disse claramente: "Eis aqui uma proposição muito evidente e que não tem necessidade de uma longa demonstração: uma força emanada da natureza etérea e eterna se transmite a todas as coisas que cercam a Terra e que são constantemente submetidas à mudança. Os primeiros elementos que estão sob a Lua, o fogo e o ar, são cercados e agitados pelos movimentos do éter; por sua vez, eles envolvem e arrastam em sua agitação todos os corpos que estão abaixo deles, a saber, a terra, a água e todos os animais e vegetais que aí se encontram" (I, cap. 1). Portanto, Ptolomeu acrescentou ao tema aristotélico o conceito de emanação, mais tarde definida pelo neoplatônico Plotino (205-270) como a eterna geração de seres inferiores por parte do ser perfeito. De qualquer modo, como bem disse Alain de Libera, estas poucas linhas de Ptolomeu tornaram-se o manifesto do astrologismo medieval (passagens citadas em Alain DE LIBERA, *Pensar na Idade Média*, op. cit., p. 246-247). Lúlio, no entanto, não compartilha totalmente a opinião corrente na época, pois defende uma influência parcial dos astros restringida ao que os homens têm de corporal, preservando desta maneira a liberdade das ações humanas – Ricardo da Costa.





Nas palavras que disse o pastor, Félix entendeu o significado das palavras “destino” e “astro”, e então disse ao pastor estas palavras:

– Um cavaleiro havia cometido falta contra um nobre rei. O rei manteve preso por muito tempo aquele cavaleiro, pois se propunha fazer justiça. Quando chegou a hora que convinha fazer justiça, o cavaleiro enviou algumas cartas ao rei nas quais estavam contidas estas palavras: “Deus deu virtude ao poder do rei para que o rei pudesse julgar¹⁰⁹ e perdoar. Aquela virtude é semelhante ao poder de Deus, que pode deixar os corpos do firmamento influenciarem sua virtude nos corpos terrenos. E o poder de Deus pode restringir aquela virtude a uma influência contrária, conforme deseje julgar ou perdoar os homens, nos quais sua natureza nada pode contra a justiça e o poder de Deus”.

– Amigo, disse Félix, o que são as estrelas que correm pelo ar?

Disse o pastor:

– Uma vez aconteceu que enquanto eu estudava Teologia e Filosofia, a chama de uma vela acesa desceu pela fumaça de uma vela apagada, a qual chama, queimando a umidade, o frescor e a secura da fumaça que se movia por trás da chama, desceu e acendeu a vela.

Félix se maravilhou muito com a sabedoria do pastor, e lhe disse estas palavras:

– Belo amigo, maravilha-me grandemente como deixais as ciências da Teologia e da Filosofia para estar sós e pobrememente vestido neste bosque e vos submeterdes para guardar o besteiário.

– Senhor, disse o pastor, os filósofos estão nas cidades para exercitarem seus cinco sentidos corporais em apreender as diversas obras que as multidões de gentes fazem nelas. Através daquelas obras corporais que os homens vêem e ouvem, multiplicam o saber nas almas dos homens. Aconteceu uma vez que um filósofo, tendo terminado seus estudos, saiu da cidade

.....
(109) Neste caso, o sentido que Lúlio aplica à palavra jutjar (julgar) é condenar
– Ricardo da Costa.





e viu um boi comendo durante muito tempo em um campo de trigo. Quando o boi ficou satisfeito, saiu do campo de trigo, entrou no deserto e deitou-se perto de uma árvore, ruminando e mastigando o que havia comido no campo de trigo. Aquele filósofo retornou à cidade e, pelo exemplo que havia aprendido do boi, subiu a uma alta montanha com todos os seus livros. Naquela montanha, o filósofo permaneceu por muito tempo lembrando o que havia aprendido, e descobriu novas ciências. Por isso, guardava o bestiário para ver se percebia mais coisas observando o comportamento das bestas que guardava. Andava humildemente vestido, para ser humilde e para que sua ciência não o movesse à vanglória; deitava-se pobremente, para não dormir muito; comia e bebia pouco, para viver muito; respirava o ar puro, para ser são e para que seu entendimento pudesse ser sutil ao ditar os livros de Filosofia que compunha para poder entender melhor os livros de Teologia.

Félix teve muito prazer com a vida do pastor, e em suas palavras entendeu que o pastor era filósofo.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza o Sol parece maior pela manhã que ao meio-dia?

O pastor respondeu e contou que um filósofo, após ter comido, foi passear por um belo jardim. Ele se alegrava com a beleza das árvores e de suas folhas e flores, e em ouvir o canto das aves que cantavam naquele jardim. O filósofo fazia isso para poder digerir melhor o alimento que havia comido e para recrear e purificar seu espírito que estivera trabalhando e estudando pela manhã. Enquanto o filósofo assim andava e se divertia pelo jardim, um discípulo seu veio fazer-lhe uma pergunta muito séria, e o filósofo lhe disse estas palavras: “Ao amanhecer, quando acaba a noite e vem o dia, os vapores da terra sobem, vapores estes que não foram absorvidos, que são espessos e que não foram purificados pela falta do calor. Esses vapores tornam o ar espesso, e nessa grossa espessura mostra-se, ao amanhecer, a figura do Sol, que naquela sensação e impressão de ar espesso





e confuso parece-nos maior que ao meio-dia, quando o Sol e o fogo depuraram e absorveram o ar, e então o Sol nos parece menor que na manhã, porque a impressão de sombra é menor no ar sutil e depurado que no espesso e confuso”.

– Senhor, disse Félix ao pastor, por que a Lua é maior em umas horas que em outras?

O pastor maravilhou-se por Félix chamá-lo de “senhor”, já que no começo não o fez assim, sendo ele o mesmo do princípio, quando se encontrou com Félix, quanto agora, na hora de Félix partir. Enquanto o pastor assim se maravilhava, entendeu que a honra melhor convém com sábias palavras que com vis vestimentas. Quando o pastor considerou estas coisas, disse a Félix estas palavras:

– Uma senhora se ornava e se arrumava com cores que passava em sua face para parecer mais bela aos homens. Por essa beleza, ela queria que a desejassem para o deleite carnal. O marido daquela senhora impediu que ela passasse cores para que as gentes não a cobiçassem para o pecado da luxúria e para que a senhora não fosse orgulhosa. Aquela senhora teve muito desprazer e não se atreveu a se pintar, a se arrumar e a se ornar. Um dia aconteceu que a senhora reclamou com seus amigos da atitude de seu marido, e este disse diante deles estas palavras: “Aconteceu um dia que o Sol iluminou toda a Lua com sua luminosidade, e como a Lua ficou cheia e redonda como o Sol, ela pensou que a luminosidade que o Sol influía nela fosse de sua própria natureza. Por isso, a Lua ficou orgulhosa contra o Sol, o qual não tirou sua luz até colocar a terra entre ele e a Lua, para que a Lua não ficasse orgulhosa por uma luminosidade alheia e fracassasse em ter luminosidade e uma forma arredondada”.

– Senhor, disse Félix, de que é feita aquela sombra que há na Lua?

Respondeu o pastor:

– Um dia uma senhora maravilhou-se ao tentar entender o quê era a sombra que há na Lua. Enquanto ela se maravilhava, olhou-





se em um belo espelho que tinha, no qual via sua face. Estando assim a se olhar e a se maravilhar com a sombra da Lua, a senhora cogitou que aquela sombra fosse a disposição da terra figurada na Lua, como sua face no espelho.





COMEÇA O QUARTO LIVRO, DOS ELEMENTOS

Após ter estado longamente com o pastor e ter recebido este conhecimento dos corpos celestiais, Félix se despediu desse pastor que o acompanhara por tanto tempo através daquela grande floresta. O pastor andou tanto com Félix que chegou a um caminho que ele indicara e pelo qual vinha uma donzela cavalgando em seu palafrém.

– Senhor, disse Félix ao pastor, sabeis onde vai dar este caminho?

O pastor respondeu que aquele caminho levava a uma vila muito perto daquele lugar.

– Naquela vila estão estudando dois filhos de um rei muito nobre e muito sábio. O filho mais velho aprende as naturezas, e o filho mais novo aprende as armas. A donzela que vedes foi enviada pela rainha para o filho mais novo do rei, pois a rainha ama mais o filho mais novo que o mais velho.

Félix maravilhou-se com o fato de a rainha amar mais o filho mais novo que o mais velho. O pastor disse a Félix que a rainha amava em seu filho mais a cavalaria que a sabedoria. Muito se maravilhou Félix com tal amor, porque pelas armas os homens estão em perigo de morte, e pela sabedoria o homem sabe se esquivar dos perigos e da ocasião da morte.

– Senhor, disse Félix, qual é foi a razão pela qual o rei mostrou a filosofia ao filho mais velho e as armas ao filho mais novo?

O pastor respondeu que um rei tem maior necessidade de ter sabedoria natural que a ciência das armas, pois através





da ciência natural o rei pode ter o conhecimento de Deus e de sua pessoa, e pode conhecer a maneira com a qual saiba reinar e governar, a si mesmo e a seu povo. E como o rei necessitava mais de homens bem habituados aos feitos de armas, fazia mostrar ao filho mais novo os feitos e as armas, para que fizesse com as armas a guarda do filho mais velho, que seria rei após sua morte. Félix teve muito prazer com a conduta do rei e de seus filhos, e desejou que muitos reis tivessem semelhante conduta.

Enquanto Félix e o pastor conversavam, viram o rei se aproximar, vindo de onde seus filhos estavam, os quais tinha visto serem bem doutrinados nas ciências que aprendiam. Félix e o pastor fizeram a reverência que convinha ao rei, o rei os saudou e disse a Félix estas palavras:

– Belo amigo, qual é a razão pela qual me fizestes reverência e honra? E como sabeis que sou digno de me fazerdes honra?

– Senhor, disse Félix, em uma cidade estava um rei de muito maus costumes. Enquanto aquele rei passava pela praça da cidade, um peregrino, que também passava por aquela praça, não lhe fez reverência semelhante à que os outros lhe faziam. O rei ficou muito irado porque o peregrino não lhe fez a reverência como os outros. Aquele peregrino disse ao rei estas palavras: “Dois peregrinos saíam de Jerusalém no dia em que eu entrava. Ambos choravam e lamentavam a desonra que todo o cristianismo recebe com a posse que os sarracenos têm de Jerusalém, os mesmos sarracenos que honram a Maomé, seu profeta, que disse que Jesus Cristo não é Deus. Enquanto os dois peregrinos assim choravam, um disse ao outro que existem no mundo seis homens que são cristãos e que são reis, e que poderiam dar aos cristãos, se assim o desejassem, aquela Santa terra de Ultramar. No entanto, eles não possuem tão grande desejo de honrar a Jesus Cristo como a si mesmos e, por isso, não são dignos de





honra. E sois um daqueles reis e, portanto, não sois digno que vos façam reverência e honra”.¹¹⁰

Após Félix dizer estas palavras ao rei, ele disse que ser rei é algo digno de honra, pois Deus o tem honrado para honrar a Sua honra:

– E como vós, senhor rei, educastes vossos filhos para honrar a Deus, sois digno de que vos façam honra.

Depois disso, Félix partiu do rei e do pastor, foi-se pelo caminho e chegou à vila onde estavam os dois filhos do rei. Félix chegou então ao palácio do rei, onde o filho mais velho ouvia uma lição de Filosofia.

19. DA SIMPLICIDADE E DA COMPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS

Em uma cadeira estava um filósofo que lecionava Filosofia para o filho do rei e os filhos de outros barões¹¹¹, e dizia estas palavras:

– Dos quatro elementos, o fogo é o elemento simples enquanto tem forma própria e matéria própria, e tais forma e matéria têm

.....
(110) Nesta passagem, Lúlio faz uma crítica à ambição desmedida dos reis de seu tempo, envolvidos constantemente em guerras. Por exemplo, na época em que Félix foi escrito, Jaime II de Maiorca havia perdido a posse das ilhas Baleares devido ao seu envolvimento na guerra entre Aragão e Maiorca, guerra que a coroa francesa e até a Sicília participaram (o rei só recuperou as ilhas em 1298). Durante esse período, Jaime II fixou sua corte em Perpignan e Montpellier, cidades que Lúlio passou a frequentar. Em contrapartida, quanto ao Sacro Império – modelo ideal de todo o imaginário político do século XIII – após a morte de Frederico II, e especialmente a partir da eleição de Rodolfo I de Habsburgo (1273), a idéia de monarquia imperial enfraqueceu-se lentamente. Como exemplo disso, mesmo o papa Bonifácio VIII (1294-1303) nunca coroou nenhum imperador – condição sine qua non para o reconhecimento desta dignidade. Ver Ricardo da COSTA, *A Árvore Imperial – Um Espelho de Príncipes* na obra de Ramon Llull (1232-1316), op. cit.

(111) Para os conceitos de simplicidade e composição, veja a *Arte breve* (Parte X, Cem formas, n. 10-11), e *Arte demonstrativa* (Dist. II, n. 4), bem como a definição contida na *Taula d’esta Art* (ORL XVII, 397). Este capítulo do Livro das Maravilhas proporciona uma excelente introdução à teoria luliana dos elementos, que o leitor encontrará mais desenvolvida na *Arte demonstrativa* (Dist. I, figura elemental; Dist. II, parte i; Dist. IV, parte i, e especialmente a obra *Començaments de medicina*).





apetite¹¹² para estarem uma na outra sem mescla de qualquer elemento. O mesmo ocorre com a simplicidade que existe nos outros elementos, isto é, no ar, na água e na terra, pois todos os elementos estão mesclados, e cada um está no outro. Por isso, o fogo simples não pode estar em um lugar sem os outros elementos com os quais é composto, doando seu calor ao ar, recebendo a secura da terra e aquecendo a água para destruí-la. E aquecendo o ar, o fogo aquece a água, pois o ar dá umidade aquecida à água, e a água a recebe, mortificando seu frio.¹¹³ Esta água mortifica aquele calor em si mesma e passa este calor à terra que, por sua vez, recebe o frio da água, e, resfriada, recebe o calor do fogo que entra na água através do ar. Aquela terra recebe da água a umidade e o frio, e esta umidade entra na água, pois ela recebe a umidade do ar. Esta umidade opõe-se à secura da terra, com a qual mortifica a umidade do ar. E o fogo, recebendo a secura da terra, também recebe a umidade do ar que passa na água, e recebe o frio que passa na terra, readquirindo o calor que coloca no ar, calor que o ar coloca na água, que a água coloca na terra, e a terra no fogo. Tal calor é digerido e mortificado quando passa por todos os outros elementos.

No exemplo que o filósofo disse do fogo e do calor, o filho do rei teve conhecimento da simplicidade e da composição do fogo e dos outros elementos. E repetiu a lição com uma semelhança, de acordo com estas palavras:

– O fogo tem apetite para engendrar o grão de pimenta, e ajusta três pontos de si mesmo com três pontos da terra e dois pontos do ar. Ele ajusta ainda dois pontos de si mesmo, e com um ponto de si mesmo ajusta outro da água. Por isso, existem quatro

.....
(112) Apetite, no sentido de “instinto natural”, mas também como “tendência à satisfação de uma necessidade, desejo”, GGL, vol. I, 1982, p. 125 – Ricardo da Costa.

(113) Mortificar era uma palavra corrente na Química e Medicina medievais para significar o ato de destruir a vitalidade ou alterar o caráter de uma qualidade, um humor ou um elemento. “Tirar a vitalidade, reprimir a ação própria de um elemento, produzir uma ação contrária ao ato de vivificar”, GGL, vol. III, 1984, p. 377. Na verdade, Lúlio está explicando a relação entre os quatro elementos presentes na esfera sublunar – Ricardo da Costa.





graus na pimenta¹¹⁴: o calor no quarto grau, a secura no terceiro, a umidade no segundo e o frio no primeiro. O fogo é composto do calor que existe na pimenta no quarto grau, a terra é composta do que existe no terceiro grau, o ar é composto do que existe no segundo grau e a água é composta do que existe no primeiro grau. A essência do fogo, que existe pelo quarto, terceiro, segundo e primeiro graus, é o fogo simples; a essência da terra, que existe pelo quarto, terceiro, segundo e primeiro grau, é a terra simples; a essência do ar, que existe por todos os graus, é o ar simples, e a essência da água, que existe por todos os graus, é a água simples.

20. DA GERAÇÃO E DA CORRUPÇÃO DOS ELEMENTOS

O filósofo disse que a geração dos elementos acontece quando estes engendram a si mesmos em alguma coisa elementada¹¹⁵, como o fogo, que ao engendrar o grão de pimenta engendra, sob a compleição do calor natural, a compleição da secura, da umidade e do frio natural, corrompendo na terra a compleição fria e úmida, no ar a compleição úmida e fria, e na água a compleição também úmida e fria.¹¹⁶

.....
 (114) Na Idade Média, o termo grau designava a intensidade dos quatro elementos. Os escolásticos usavam a palavra quando se referiam ao grau de perfeição do universo, prova dos graus da existência de Deus. Santo Anselmo (1033-1109), arcebispo da Cantuária, disse em seu *Monologium*: "Se não se pode negar que algumas naturezas são melhores que outras, a razão nos convence que há uma tão excelente que nenhuma outra haverá que lhe seja superior. De fato, se essa distinção de graus prosseguisse ao infinito, de modo que não houvesse um grau superior a todos, a razão seria levada a admitir que o número dessas naturezas é infinito. Mas como isso é considerado absurdo por qualquer um que não seja carente de razão, deve haver necessariamente uma natureza superior que não possa ser subordinada a nenhuma outra como inferior (*Mon.*, 4)", citado em Nicola ABBAGNANO, *Dicionário de Filosofia*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 262-263. A base dessa prova era o princípio (platônico) de que tudo o que possui certa qualidade participa, em essência, do grau máximo – Ricardo da Costa.

(115) Cosntituída pelos elementos.

(116) Complexió – compleição, número de combinações das qualidades que davam a uma coisa ou pessoa a sua natureza ou seu caráter específico – Ricardo da Costa.





Após o filósofo mostrar o significado da geração e da corrupção dos elementos no grão de pimenta, o filho do rei repetiu a lição nessa semelhança:

– A justiça quis engendrar a caridade num homem pecador que era injurioso. Ela então moveu a memória daquele homem para lembrar, seu entendimento para entender, e sua vontade para amar a caridade de Deus. A sabedoria deu a maneira de conhecer a justiça, para que ela movesse a memória a lembrar, o entendimento a entender e a vontade a amar. Aconteceu que a injúria se opôs à justiça, e a ignorância se opôs à sabedoria, mas a fortaleza ajudou a justiça e a sabedoria com a temperança, e com essa ajuda foram vencidas a injúria, a ignorância, a fraqueza e a gula, e foi engendrada a caridade, na qual estiveram a justiça, a sabedoria, a fortaleza e a temperança.

Félix se maravilhou muito com a grande ciência do filho do rei, e perguntou-lhe como os elementos, que não são grandezas descontínuas, podem engendrar e corromper os corpos elementados, e como sabem figurá-los e colori-los conforme a disposição que têm, porque eles não poderiam fazer aquela obra sem discrição. O filho do rei disse que Deus ama Sua semelhança em Si mesmo, e por esse amor Deus Pai engendra Deus Filho, e o Filho engendra o Pai de Sua própria sabedoria. Por isso, Deus deu virtude aos elementos, para que na virtude divina cada um tivesse apetite para engendrar suas semelhanças que existem nos corpos compostos, conforme a disposição daquelas espécies.

– Senhor, disse Félix ao filho do rei, por qual natureza a vela acesa acende outra vela sem diminuir sua luz?

O filho do rei respondeu que a forma e a matéria do fogo desejam igualmente manter a vela acesa, e na outra vela que não esteja acesa a forma do fogo pode engendrar outra forma de si mesma, e de sua matéria pode engendrar outra matéria na vela acesa. Por isso, a luz que engendra outra luz na vela que está acesa não diminui.





No instante que o filho do rei dizia essas palavras, seu mestre o repreendeu por não responder a Félix através de uma semelhança. Por isso, o filho do rei disse a Félix estas palavras:

– Deus deu natureza ao homem, à fêmea e às plantas, para que cada um engendre seu semelhante sem corrupção de seu ser específico, como o homem e a fêmea que engendram filhos sem que o pai e a mãe se corrompam na geração do filho.¹¹⁷ O mesmo acontece com a geração das árvores, pois a árvore engendra de si mesma uma árvore semelhante sem a corrupção de seu ser específico. Essas gerações são assim ordenadas para que dêem alguma semelhança, da mesma forma que a geração do Filho de Deus não teve nenhuma corrupção.

21. DO MOVIMENTO DOS ELEMENTOS

O filósofo ensinou que Deus criou quatro essências: *ígneas*, *aéreas*, *aquáticas* e *terrestres*¹¹⁸, conforme o que está descrito no livro chamado *Caos*.¹¹⁹ Essas quatro essências foram criadas ao mesmo tempo, e formam um *hyle*¹²⁰ chamado *caos*. Cada uma dessas quatro essências existe na forma e na matéria: a forma é pura ação, e a matéria é pura paixão, a forma movendo-se por toda a matéria e a matéria sendo movida por toda a forma.

.....
(117) No sentido luliano, *corruptio* significa “ato ou efeito de corromper”, isto é, “alterar por decomposição, de bem em mal”, GGL, vol. I, 1982, p. 447-449 – Ricardo da Costa.

(118) No original *ignitas*, *aeritas*, *aquetas* e *terrestritas*. Lúlio substantiva adjetivos com o objetivo de dar a noção abstrata do conceito. Assim, *ignitas* é o que diz respeito ao fogo, *aeritas* o que diz respeito ao ar, e assim por diante – Esteve Jaulent.

(119) Esta obra, o *Liber chaos* (parte do *Lectura super figuras Artis demonstrativae*, escrito entre 1285-1287 em Montpellier), trata em detalhes a idéia das quatro essências que constituem o mundo sublunar, tema corrente na Idade Média, no qual o céu, os planetas e as estrelas constituíam a “quinta essência”, que não estaria sujeita à geração e à corrupção.

(120) Do grego *ύλη* do latim *materia*, originalmente com o sentido de “madeira, material para construção”. Daí derivou a palavra castelhana *madera* e a portuguesa *madeira*. Platão e Aristóteles usaram a palavra num sentido mais geral e filosófico. A partir daí, entre os escolásticos medievais, desenvolveu-se um sentido adicional de “matéria primordial”, a matéria primeira do universo, sinônimo de *caos*.





Félix ficou muito maravilhado com essas palavras, pois lhe parecia que o movimento não poderia existir na forma e na matéria do fogo, já que toda matéria está na forma e a forma na matéria. Félix pediu ao filósofo que lhe expusesse isso com mais palavras, e o filósofo pediu ao filho do rei que tirasse a dúvida de Félix através de alguma semelhança.

O filho do rei disse que na essência de Deus existem três pessoas, conforme o que é contado no *Livro do Gentio* e no *Livro dos Artigos*: Aquelas três pessoas existem sem qualquer movimento, o Pai engendrando de Si mesmo o Filho, e o Espírito Santo nascendo do Pai e do Filho. E como Deus Pai, totalmente de Si mesmo e em Si mesmo, engendra o Filho e faz nascer o Espírito Santo infinita e eternamente, não pode ter movimento. Logo, como o significado que na obra de Deus tem dentro de Si mesmo não tem movimento, Deus desejou criar nos elementos a natureza do movimento que existe dentro dos elementos por virtude e por natureza, até que a forma esteja na matéria e a matéria esteja na forma. Este movimento pode existir intensamente, pois a forma e a matéria são distintas por essência, por dignidade, por maioridade e por menoridade.

Félix perguntou ao filho do rei como o fogo podia descer, quando coisa natural seria mover-se para cima, e como existe a esfera do ar e a esfera da água entre o fogo e a terra. O filho do rei respondeu que os elementos são mesclados uns nos outros nos corpos elementados, assim como o vinho e a água estão mesclados na taça, estando cada parte do vinho em cada parte da água e cada parte da água em cada parte do vinho, descendo e subindo as partes do fogo por todo o corpo composto do vinho e da água. Quem faz tal queda é o fogo simples, para que possa subir as partes do fogo composto que estão abaixo das partes do ar, da água e da terra.

22. DO RAI0

O filósofo disse que o raio é a queima súbita de vapores secos, nos quais a forma e a matéria do fogo são próprias do





raio sem mescla de outros elementos. Logo, quando os vapores sobem tão alto que quase o Sol e o fogo lhes consomem o frio e a umidade, o grande calor do fogo se move daquele lugar soberano e cai subitamente, queimando pela linha onde se encontram mais vapores secos; e os queima de tal maneira que a forma do fogo está na matéria simples do fogo sem os outros elementos.¹²¹

Quando o filósofo disse essas palavras e muitas outras sobre o raio, pediu ao filho do rei que repetisse a lição através de alguma semelhança:

– Senhor mestre, disse o filho do rei, uma vez aconteceu de um filósofo ir se divertir em uma bela planície com grande número de discípulos. Nessa planície havia muitas rachaduras que o calor do Sol tinha feito na terra, consumindo da terra sua umidade e frio. O filósofo perguntou a um de seus discípulos se o Sol tivesse abundância de calor poderia subitamente ter feito aquelas rachaduras na terra. O discípulo respondeu que se o fogo fosse pouco demoraria uma hora para queimar, e um outro fogo com grande quantidade de calor poderia queimar em um momento.

– Senhor, disse Félix ao filho do rei, por qual natureza o raio cai torto e não desce em linha reta?

O filho do rei respondeu que uma vez aconteceu de um mestre ver uma névoa por uma janela se mover obliquamente até chegar a terra. O mestre perguntou a um discípulo por qual natureza a névoa caía por linha oblíqua e não por linha reta. O discípulo respondeu que a névoa, por ser fina e ampla, cai pelo ar obliquamente, cortando-o de forma tênue e revolvendo-o com sua amplitude.

– Senhor, disse Félix ao filho do rei, que acontece com o relâmpago que é engendrado no ar e parece ser fogo quando relampeja?

O filho do rei disse que um outro discípulo formulou aquela mesma questão a seu mestre, o qual jogou água no meio de um tufo de estopa e ateou fogo, e ela subitamente queimou até o meio onde estava molhada. O mestre fez essa semelhança para o

.....
(121) Ver também os Proverbis de Ramon (cap. 183).





discípulo a fim de significar que o fogo, que está em sua região pela abundância de seu grande calor, queima os vapores quentes e secos nas nuvens, mas não pode queimar os vapores onde existe grande umidade e frescor.

23. DO TROVÃO

Naquela lição, o filósofo disse que o trovão é um ferimento feito de vapores quentes e secos no ar movido por combates de ventos, uns contra os outros. Esses ventos são movidos pelo peso das nuvens que eles comprimem, tendo a água e a terra appetite voltado para o seu centro.¹²²

O filho do rei repetiu a lição através desta semelhança:

– Um rei tinha sitiado um castelo, trazendo muitas catapultas. Naquele castelo tinha uma catapulta que estava sendo usada contra a hoste do rei. Uma vez, de noite, aconteceu que a pedra que caía do castelo na hoste do rei e a pedra da catapulta do rei lançada ao castelo encontraram-se no ar e se feriram com tão grande força que ambas racharam e fizeram um fogo tão grande que iluminou toda a hoste do rei. O choque das pedras foi tão grande que despertou todos da hoste do rei que dormiam, e houve grande pavor do golpe que ouviram e da luminosidade que viram. Esse fogo queimou os vapores quentes e secos que estavam no ar onde ambas as pedras se encontraram.

24. DAS NUVENS

O filósofo ensinava a lição e dizia que as nuvens são engendradas de vapores que nascem do mar e da terra. Naqueles vapores os quatro elementos são encadeados e entrelaçados. Pelo fogo e pelo ar sobem os vapores, pois o fogo e o ar são leves e o entrelaçamento

.....

(122) Nesta passagem, Lúlio mostra um indício do conhecimento do conceito de gravidade da Terra, de certa forma antecipando Newton em alguns séculos – Ricardo da Costa.





que a água e a terra têm com o fogo e o ar os faz subir. O fogo e o ar que estão em suas regiões atraem os vapores da água e da terra para si de maneira que possam depurar o fogo e o ar que estão mesclados naqueles vapores com a água e a terra. Quando aqueles vapores são atraídos para cima e o fogo e o ar os digere, a água e a terra se ajustam, formam um corpo amplo e tênue que está na figura da nuvem. A nuvem é sustentada no ar como o navio sobre a água, e aquelas nuvens têm do fogo e do ar o apetite para subir, e na água e na terra têm apetite para descer. Por isso, as nuvens são movidas por si mesmas e também pelos ventos, com os quais participam, e movem as nuvens no ar como o navio na água.

O filho do rei repetiu a lição e disse:

– Em uma montanha estava um pastor. Pela manhã ele viu que acima de si uma nuvem estava sendo engendrada e subindo. O pastor se maravilhou muito fortemente com aquela nuvem e a forma como ela subia. Enquanto assim se maravilhava, ele viu um grande fogo de onde saía uma grande fumaça que subia e se espalhava pelo ar. Aquela fumaça subia porque o fogo a movia e porque o fogo e o ar que estavam na fumaça tinham apetite para subir. Assim, a fumaça não podia se converter em nuvem porque já havia muito vapor quente e seco por causa do fogo do qual a fumaça saía.

Félix disse ao filho do rei:

– Senhor, por qual natureza as nuvens possuem diversas cores?

O filho do rei disse que uma água passava por um lugar cheio de pedras vermelhas e depois por outro lugar que tinha pedras brancas. Por isso, a água, conforme os lugares por onde passava, diversificava sua cor.

25. DA CHUVA

A lição que o filósofo lecionou para o filho do rei dizia que a chuva é engendrada bem alto no ar, nas nuvens que se transformam naquelas partes próprias elementais, isto é, o fogo se depura nas





nuvens por sua qualidade quente e seca, o ar por sua qualidade úmida e quente, a água por sua qualidade fria e úmida e a terra por sua qualidade seca e fria. Por isso, as parte dos elementos que estão mescladas nas nuvens se dividem conforme sua diversidade e contrariedade, e ajustam-se conformes sua diversidade e concordância. Portanto, o fogo e o ar se dividem nas nuvens da água e da terra e se movem para cima por sua leveza. A chuva é engendrada e dividida no ar em muitas partes de água e de terra porque seu peso faz a água e a terra se moverem para baixo, e ela possui maior quantidade de frio e de secura do que calor e umidade.

Félix se maravilhou muito de o mestre ter dito que na chuva existe maior secura que umidade, pois a chuva é composta de frio e de umidade. Enquanto Félix assim se maravilhava, o filho do rei repetiu a lição com estas palavras:

– A terra é de natureza seca e a água de natureza fria. Nas alturas onde as nuvens são dissolvidas e engendram a chuva, a água e a terra participam mais intensamente que no espaço no qual a chuva se move para o centro, porque no ar onde se movem a água e a terra, a umidade da chuva se multiplica. E pelo movimento da água, que se move para baixo, e pela apropriação que a terra faz para o seu centro, a umidade não pode impedir a queda da chuva.

Félix se maravilhou muito com a sabedoria do filho do rei, que repetiu a lição dessa maneira, esclarecendo sua dúvida.

– Senhor, disse Félix ao filho do rei, por qual natureza a chuva é aproveitada pelas árvores, plantas e as outras coisas que habitam a terra?

O filho do rei respondeu que o fogo e o ar que estão abaixo da terra possuem apetite para ir para cima. Por isso, as plantas e os animais crescem para cima, porque as partes que são leves se movem para cima através do calor e da umidade. A umidade e o frescor são consumidos abaixo porque o fogo é quente e seco e a terra está abaixo dominando o ar. Por isso, a chuva cai de tal maneira que a umidade e o frescor se multiplicam nos





corpos elementais e o ar e a água concordam entre si através da qualidade úmida e fresca. Os corpos elementais crescem quantitativamente e de forma ampla e profunda através da qualidade úmida e fresca. Isso acontece dessa forma porque os corpos são grossos e espessos. Essa natureza é assim porque o ar tem a natureza de encher, a água de restringir o que é pleno e a terra, com sua capacidade de evacuar, faz o contrário que faz o ar. Por fim, o fogo, com sua capacidade de dispersão, é contrário à água, e através dele e da terra as plantas e as árvores existem de maneira correta, primeira e em elevada quantidade e posição.

26. DA NEVE E DO GELO

O filósofo disse que a neve é engendrada no ar quando a chuva desce, e no ar ela se converte em umidade pela grande abundância de frescor, que enche a água de ar, e a água retém aquele ar em si mesma. E porque o ar é de composição úmida e contém a claridade branca em si, a água se colore através da cor do ar. Por isso a neve é branca.

Félix perguntou ao filósofo por qual natureza o gelo surgia na água. O filósofo pediu ao filho do rei que respondesse, e ele disse estas palavras:

– Na água estão o fogo e o ar, que possuem o apetite de subir. Por isso, quando o fogo deseja subir com seu calor e com a secura que existe na terra, o ar e a água se opõem à ascensão do calor e da secura, e a água retém a umidade tão fortemente que engendra o gelo, que é um corpo sólido que impede a subida do vapor da água, vapor que o fogo e a terra têm apetite para subir.

Félix perguntou ao filósofo:

– Por qual natureza as bolhas de água sobem pela água da fonte?

O filho do rei disse que aquelas bolhas são cheias de ar por dentro, e aquela moldura que existe por fora é a água





restringindo-a de tal maneira para que o ar não saia. Pela leveza do ar, a água que vem de baixo da terra pode subir na leveza do ar, pois a água não poderia subir pelo corpo da água da fonte sem a leveza do ar que contém em si.

27. DOS VENTOS

O filósofo ensinava a lição e dizia que o vento é o ar movido pelo peso das nuvens que possuem o apetite ao centro da terra. Tal ar movido está entre as nuvens e a terra, e foge por aquele meio para outro lugar onde não exista a queda de nuvens. Em sua lição, o filósofo disse essas palavras e muitas outras a respeito do vento, e o filho do rei repetiu aquela lição de acordo com esta semelhança:

– Um homem perguntou a um sábio o que era o vento, e o sábio respondeu, mas o homem não entendeu o que era o vento por suas palavras. O sábio então encheu um odre¹²³ com vento e colocou em cima uma grande e pesada pedra que, por causa de seu peso, estourou o odre e o vento saiu dele.

Félix perguntou ao filósofo por qual natureza existem os quatro ventos principais, isto é, o *vento ao levante*¹²⁴, *ao poente*¹²⁵, *ao meio-dia*¹²⁶ e à *tramontana*.¹²⁷ O filósofo respondeu que os ventos são assim engendrados: o *vento ao levante* por vapores quentes e secos; o *vento ao poente* por vapores frios e úmidos; o *vento ao meio-dia* por vapores úmidos e quentes e o *vento à tramontana* por vapores secos e frios. A razão pela qual os ventos

.....
(123) Odre – saco feito de pele, originalmente destinado ao transporte de líquidos – Ricardo da Costa.

(124) Isto é, leste. Levante – relativo aos países do Mediterrâneo oriental – Ricardo da Costa.

(125) Isto é, ao oeste – Ricardo da Costa.

(126) Isto é, ao sul. Até o século XV, as terras e mares conhecidos pelos europeus situavam-se ao norte do Trópico de Câncer. Portanto, ao passar o Sol pelo meridiano local (meio-dia), fazia-o sempre na direção do sul – Ricardo da Costa.

(127) Estrela polar; vento ou lado do norte – Ricardo da Costa.





são engendrados assim por diversos vapores é porque, segundo a diversidade das regiões, as nuvens são diversas em qualidades concordantes e contrárias.¹²⁸

O filho do rei disse que daqueles quatro ventos principais eram engendrados outros quatro ventos, isto é: *Sudeste*¹²⁹, *Noroeste*, *Nordeste*¹³⁰ e *Sudoeste*.¹³¹ Estes quatro ventos existem conforme as mesclas das qualidades onde os ventos principais são engendrados. Destes oito ventos são engendrados mais oito por qualidades ajustadas. E existem outros ventos que segundo as disposições do Sol não são naturais, mas o são de acordo com as disposições das terras, das montanhas e dos acidentes pelos quais algumas nuvens são movidas contra as outras.

28. DAS ESTAÇÕES

Na lição que o filósofo ensinava estavam contidos os tempos, isto é, as quatro estações do ano: o verão, o inverno, a primavera e o outono. O tempo do verão existe por calor e secura, o tempo do inverno existe por frio e umidade, a primavera existe por ajuste¹³² da qualidade úmida e quente, e o outono existe por ajustamento da qualidade fria e seca.

Na estação do verão existe concordância entre o fogo e a terra, porque o fogo, que é quente e seco, sobe para a terra

.....
 (128) Lúlio estabelece uma relação entre as estações do ano, os ventos, os elementos e as qualidades: outono – leste – fogo – quente e seco – sul; inverno – oeste – água – frio e úmido – norte; primavera – sul – ar – úmido e quente – leste; verão – norte – terra – seco e frio – oeste. Ver Antoni BONNER, OS, op. cit., vol. 2, p. 94.

(129) Eixaloc (exaloc) – Vento do Sudeste. Do árabe as-šalok, GGL, vol. II, 1983, p. 397 – Ricardo da Costa.

(130) Grec – Nordeste, vento que procede da Grécia; também significa grego, nativo da Grécia – Ricardo da Costa.

(131) Lebeig (lebeg ou llebeig) – vento do Sudoeste. A palavra entra na Catalunha através do italiano libeccio, derivado do latim libis (vento da África, da Líbia), aparentada com o árabe labağ – Ricardo da Costa.

(132) Atrempament – ajuste, adequação – Ricardo da Costa.





através das plantas e consome o frescor delas com seu calor e com o resplendor do Sol, multiplicando-se em calor e em secura. No verão, a terra mortifica a umidade do ar nas plantas, porque o fogo concorda com a terra contra a água e o ar. Por isso, acontece no verão a digestão das plantas, seus frutos maduram, as sementes e os humores dos animais amadurecem e os homens colhem as espigas.¹³³

No outono, a terra é restringida pela água, e por esse estreitamento os vapores abaixo da terra que não podem subir renascem e então começa a geração das sementes que o homem semeia.

No inverno começam a sair as sementes que o homem semeou na terra através da umidade do ar, que são mescladas com o frescor da água por onde passa o vapor da terra ressecada e aquecida no outono. Por este vapor nascem as plantas que, por sua composição

.....

(133) Na Idade Média a medicina atribuía grande importância aos humores do corpo. Humor (do latim humore, em catalão humor, líquido) é qualquer líquido de um corpo ou planta. A medicina medieval baseava-se em Galeno de Pérgamo (c.129-179 d.C.), médico e anatomista grego. Em sua teoria – a famosa doutrina dos temperos – todas as coisas derivam dos quatro elementos e das quatro qualidades (quente, frio, seco e úmido) convenientemente temperadas (no sentido de interpenetração total das partes que se mesclam, e não a simples justaposição das partes) (Giovanni REALE e Dario ANTISERI, História da Filosofia I, op. cit., p. 361-368). Assim, o bem-estar do corpo estava condicionado aos fluidos corporais: sangue (úmido), fleuma (seco), bilis amarela (quente) e bilis negra (frio). Nesta teoria clássica dos humores, o homem era quente e seco – sua irascibilidade era decorrência da bilis amarela; a mulher era fria e úmida (ARISTÓTELES, Ética a Nicômanos, Livro 3, cap. 8, 1117a; Natalie ZEMON DAVIS, Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 122; Simon BLACKBURN, Dicionário Oxford de Filosofia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997, p. 165 e 329). Todos os temperamentos humanos pertenciam a um ou a outro dos quatro humores: sangüíneo, fleumático, colérico e melancólico. Em várias combinações com os signos do Zodíaco, que governava partes específicas do corpo, os humores e constelações determinavam os graus de calor e umidade do corpo, e a proporção da masculinidade e feminilidade de cada pessoa. (Bárbara W. TUCHMANN, Um Espelho distante. O terrível século XIV, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1990, p. 99). A medicina medieval era, portanto, um Humorismo, pois atribuía a origem das doenças e o estado de espírito de uma pessoa às alterações dos humores do corpo. Daí, hoje em dia, dizermos: “Fulano está de bom humor, sicrano de mau humor”. Desnecessário dizer que Lúlio adota a medicina de Galeno como base para suas observações da natureza. – Ricardo da Costa.





quente, seca e úmida sobem, crescendo sobre a terra.¹³⁴

Na primavera as árvores brotam, florescem, folheiam e ramificam, nascendo os frutos, porque o calor e a umidade sobem e o frescor e a secura as retêm nos lugares baixos nos quais maduram os frutos.

O filósofo disse essas razões e muitas outras a respeito das estações do ano, que está dividido nas quatro estações acima ditas, e em 12 meses, ou 52 semanas, ou 365 dias e seis horas.¹³⁵ Estas 6 horas fazem o ano bissexto no quarto ano, o qual tem 366 dias, com um dia natural de 24 horas.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza faz mais frio na alvorada que à meia-noite?

O filho do rei respondeu àquela questão e disse que como o Sol, que é quente com seu fogo, começa a sair na alvorada, os vapores, que são frios e úmidos, fogem do Sol, que é quente e seco por acidente. Aqueles vapores ajustam-se no local onde estão os homens no momento da alvorada. Por isso, a alvorada é mais fria, pois à meia-noite os vapores frios e úmidos não se ajustam, pois o Sol está mais distante que na alvorada.

O filósofo perguntou ao filho do rei por qual natureza fazia mais frio nas montanhas que nas planícies, pois o fogo do Sol está mais perto dos lugares altos que dos lugares baixos.

– Senhor mestre, disse o filho do rei, o fogo e o ar se depuram mais fortemente nos lugares altos, movendo-se acima da água e da terra, que se movem para baixo. O fogo e o ar não fazem o mesmo nos lugares baixos, pois não têm tanto poder como nos lugares altos. Por isso, quanto mais o fogo e o ar se depuram nos lugares altos, mais a água e a terra também se conjugam nos lugares altos, e por causa desta conjugação existe maior frio nas montanhas que nas planícies, conforme o que se manifesta nas neves e águas que existem nas montanhas.

.....
 (134) Este é o calendário botânico e agrícola do Mediterrâneo. Seu verão é quente e seco e mantém boa parte da vegetação. Seu inverno é úmido e sem neve, favorecendo o crescimento das plantas.

(135) Na verdade, não são 6 horas, e sim 5 horas, 48 minutos e 46 segundos. Foi essa pequena diferença de 11 minutos e 14 segundos que fez com que a reforma gregoriana de 1582 retardasse o calendário juliano 10 dias sobre o ano solar.





– Senhor, disse Félix ao filho do rei, por qual natureza o ar é mais sutil nas montanhas que nas planícies?

O filho do rei respondeu que existe mais ar parado nas montanhas que nos lugares baixos, e esta espera de ar está abaixo da espera do fogo e acima da espera da água, onde, por sua vez se encontra a espera da terra. Logo, o ar será mais depurado e mais leve¹³⁶ quanto mais distante estiver da mescla da água e da terra, que se mescla mais fortemente nos vapores que são frios e grossos que nos vapores que são quentes e leves.

O filósofo perguntou ao filho do rei por qual natureza a água do poço é quente no inverno e fria na primavera. O filho do rei respondeu que na primavera os poros da terra estão abertos e o calor da terra que o fogo e o Sol atraem para cima saem por eles. Assim, nos lugares onde o vapor do fogo sobe, mais se depura o frio que permanece embaixo. Esse vapor é mais frio nos lugares mais quentes. Mas como a água diminui a face da terra no inverno e não deixa passar o vapor do fogo, o vapor do fogo que está sob a terra esquenta a água dos poços e das fontes no inverno, assim como o fogo aquece a água na panela.

O filósofo pediu ao filho do rei que lhe dissesse por qual natureza o fogo aquece a água na panela. O filho do rei disse que a água possui calor naturalmente por causa do fogo composto com a água. Mas como o fogo, que é composto com a água, não tem tanto poder na água que está na panela como ela tem em si mesma antes dela aquecer, a água é mais fria que quente. Mas o fogo multiplica o calor na água e mortifica seu frescor pelo grande calor que tem e que está abaixo da panela, e porque seu calor passa à água pela panela.

O filósofo ensinava a lição e disse que o mar é salgado porque se move para cima e para baixo. Para cima porque o fogo e o Sol o aquecem e não atraem os vapores quentes e secos; para baixo porque a água, pesada por natureza, move seus vapores frios e úmidos. E porque a água é esférica, move-se em torno e ao largo, conforme a obliquidade de sua esfericidade, movendo as ondas para a terra e para o mar da

.....
 (136) "Mais leve", no sentido de "pouco denso" – Ricardo da Costa.





Inglaterra.¹³⁷ Isso acontece porque aquela obliquidade inclina uma parte das estações num tempo e outras estações noutra tempo. Por isso, o movimento acontece por causa da influência e a ajuda do vento, que move o mar, e pela pressão das nuvens, conforme já dissemos. Como isso acontece assim, e porque o movimento, a mescla e a perturbação dos ventos e das qualidades engendram o calor e a secura, a água do mar, que naturalmente possui composição fria e úmida, se converte acidentalmente em composição quente e seca, tornando-se salgada.

29. DA BATALHA QUE FOI FEITA DIANTE OS DOIS FILHOS DO REI

Quando o filósofo acabou a lição, entrou em um belo jardim com o filho do rei e os outros discípulos, e Félix foi em sua companhia. Enquanto o filósofo andava pelo jardim com seus discípulos, olhando as árvores, as flores, as águas e as outras coisas prazerosas de se ver, o mestre, que mostrava as armas ao outro filho do rei, veio com ele. E o filho do rei, que estudava Filosofia recriando-a no belo prado, praticou esgrima por muito tempo com seu mestre.

Após a arte da esgrima, o filho do rei montou em um belo cavalo e com muitos companheiros lutou em um torneio e praticou o jogo do lançamento das lanças curtas¹³⁸ e outros

.....
 (137) O "Mar da Inglaterra" é o Atlântico, e seus movimentos são as marés, um fenômeno quase ausente no Mediterrâneo. O leitor deve ter percebido que, através da observação do horizonte curvilíneo e das marés, Lúlio tinha consciência da circunferência da Terra, pois afirma nessa passagem que "...a água é redonda" – Ricardo da Costa.

(138) O sentido do termo no texto original (*trasc al taulat*) significa um exercício cavaleiresco que consistia em atirar lanças curtas ou outras armas sobre um cavalo contra um alvo fixo, geralmente um escudo – mas poderia ser também um simulacro de castelo – a fim de praticar a pontaria. Ver GGL, vol. V, 1985, p. 192. Quando da cerimônia de iniciação do cavaleiro, este era submetido a um exercício semelhante chamado *quintana*. Ver Ricardo da COSTA, "A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (c.1279-1283), de Ramon Llull", em Alexander FIDORA e J. G. HIGUERA (eds.) *erie de Pensamiento Español*, Pamplona, Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40. Já foram encontradas referências a esse esporte na literatura medieval castelhana (*Primera Crónica General*) e na catalã (Desclot, Muntaner), mas também na francesa e inglesa, o que sugeriu ao hispanista Raymond S. Willis uma origem muçulmana para essa prática cavaleiresca. Ver Antoni BONNER, OS, op. cit., vol. 2, p. 97 – Ricardo da Costa.





feitos de armas conforme o ensinamento de seu mestre. Por muito tempo o filho do rei divertiu-se¹³⁹ e usou das armas com seu irmão. Assim, estando em combate e jogando com seus companheiros, ele viu aproximar-se um grande número de cavaleiros. Entre eles havia um cavaleiro acusado de traição, falsidade e mentira por um escudeiro. Aquele cavaleiro era muito orgulhoso, muito forte e bem habituado às armas, e o escudeiro era um homem de pouca força e não era tão vencedor quanto o cavaleiro, mas tinha justiça, e confiava nela. O rei, pai de ambos os infantes, enviou o cavaleiro e o escudeiro a seu filho para que diante dele combatessem e, na batalha, seu filho aprendesse a arte do combate.

O cavaleiro e o escudeiro foram para o campo. No princípio da luta, o cavaleiro deu muitos golpes no escudeiro, e, no final, o escudeiro, com sua força e virtude, venceu e matou o cavaleiro.¹⁴⁰ O filho do rei, que aprendia a arte das armas, maravilhou-se muito com a vantagem do cavaleiro no início e, conforme a grandeza do cavaleiro, a pequenez do escudeiro e o maior costume do cavaleiro nas armas que o escudeiro, lhe parecia claro que o cavaleiro deveria vencer o escudeiro.

O filho do rei que aprendia a arte das armas estava assim pensativo e o filósofo entendeu que ele se maravilhava, e disse

.....

(139) No original deportar (entreter, recrear), ou seja, um passatempo educativo e militar, mas com o sentido medieval de um entretenimento instrutivo característico e exclusivo da nobreza. Ver GGL, vol. II, 1983, p. 50.

(140) Trata-se da idéia medieval que justificava o duelo judicial, também chamado de direito de desafio ou julgamento por combate. Este tipo de julgamento tem origem na tradição germânica. Com o passar do tempo, gradativamente o costume medieval colocou restrições ao desafio: várias comunidades concediam à corte o direito de proibir um duelo. A partir do século X, campeões pagos eram utilizados substituindo uma das partes do litígio – decorrência natural da idéia de que Deus decidia com Sua justiça o caso. Por exemplo, o imperador Oto I (912-973) decidiu a questão da castidade de sua filha num duelo de campeões. Provavelmente – por mais paradoxal que possa parecer – o duelo judicial tenha sido um método mais “racional” escolhido para substituir a vingança privada (faida), comum na Alta Idade Média especialmente na sociedade merovingia, e existente ainda no século XI (apesar de ser conhecido na História do Direito como prova irracional) – Ricardo da Costa.





estas palavras com as quais o filho do rei percebeu a razão pela qual o escudeiro havia vencido a batalha: “Um galo estava numa árvore com muitas galinhas. Uma raposa veio até aquela árvore e viu o galo e as galinhas. Aquela raposa se moveu tanto, correndo, saltando e se jogando¹⁴¹ debaixo da árvore e esteve tanto tempo naquele movimento que o galo, que olhava a raposa a todo o momento, perdeu sua virtude e caiu da árvore, e a raposa então prendeu e matou o galo”.

Quando o filósofo disse estas palavras a respeito da raposa e do galo, o filho do rei que aprendia Filosofia comentou as palavras que o filósofo disse:

– Ao olhar o galo, a raposa teve pavor, e quanto mais olhava para o galo e tinha pavor, mais mortificava a virtude do galo. O galo olhou por tanto tempo a raposa tendo pavor que sua virtude adormeceu e ele se enfraqueceu e caiu da árvore.

– Belo irmão, disse o filho do rei, por qual significado da batalha dissestes estas palavras?

O irmão respondeu que o cavaleiro, considerando sua falsidade contra o escudeiro, perdia sua força e virtude. Por essa consideração, sua consciência o feria e o derrotava. Por outro lado, a lealdade e a verdade confortavam e recuperavam a força e a virtude no escudeiro quanto mais ele cogitava a boa justiça que tinha.

Félix se maravilhou muito com o filho do rei que aprendia Filosofia e com seu irmão que aprendia a arte das armas, e entendeu melhor a natureza pela qual o cavaleiro foi vencido e morto. Então louvou e bendisse a ciência acima de todas as coisas. Félix perguntou ao filósofo por qual natureza o galo caiu da árvore e as galinhas não caíram. O filósofo pediu ao filho do rei que aprendia a arte das armas que respondesse a essa

.....
(141) No sentido de “fazer graça, passar o tempo, se divertir”, GGL, vol. III, 1984, p. 180. Assim, a raposa estava distraindo o galo.





questão, e o filho do rei ficou embaraçado¹⁴², pois não sabia o que responder, e pediu a seu mestre que respondesse. O mestre disse que ele ensinava o homem a usar seu corpo para desferir e suportar grandes golpes. E o filósofo disse que era mestre em dar doutrina ao entendimento de seu irmão, que assim entendia coisas elevadas e sutis.

Quando o mestre se recusou responder a essa questão, o filho do rei que aprendia Filosofia resolveu a questão e disse:

– Por um caminho andava um homem com sua mulher e encontraram uma grande serpente. A serpente era tão grande que o homem ficou morrendo de pavor de ser pego por ela. A fêmea também teve um grande pavor da serpente, e morreria de pavor, mas confiava que seu marido lhe ajudaria. No entanto, a serpente imediatamente pegou o homem, o matou, levou-o para fora do caminho e o comeu. Com grande pavor a fêmea fugiu, morrendo de pavor que a serpente deixasse seu marido e a alcançasse.

O filósofo perguntou a seus discípulos qual foi a principal razão de ter acontecido a batalha entre os dois homens. O filho do rei que aprendia Filosofia respondeu que a solução da questão estava solta nas palavras que foram contadas sobre a raposa, o galo e as galinhas, isto é, a consciência vence e fere todos aqueles que combatem de maneira errada os que mantêm a justiça. E a verdade e a lealdade fortalecem todos aqueles que combatem com justiça.

Félix disse ao filho do rei que algumas vezes alguns homens que agem de maneira errada na batalha vencem aqueles que agem com justiça. O filósofo respondeu e disse que havia um homem muito luxurioso. Aquele homem tinha um filho que amava muito, que Deus lhe deu através do pecado da luxúria. Para que fosse castigado de sua luxúria e para que

.....
(142) No original *empatxat*, obstáculo, dificuldade. Traduzimos como *embaraçado*, sinônimo na língua portuguesa; porém, o sentido mais correto da palavra na frase seria um “bloqueio mental momentâneo” – Ricardo da Costa.





tivesse paciência com a morte de seu filho, Deus desejou que o rapaz morresse. Tal morte proporcionou ao pai a castidade, a paciência e a caridade.¹⁴³

.....

(143) Existe uma passagem correspondente no livro VII (Das Bestas) capítulo 42 (Da batalha do Leopardo e da Onça). Aqui está, portanto, o fim do exemplum a respeito do duelo judicial. O leitor não deve estranhar o fato de o capítulo a respeito dos Elementos, isto é, sobre a natureza, seus ciclos e sua lógica, terminar com um exemplum cavaleiresco de finalidade moral e educativa. Uma maravilhosa explicação já foi dada a essa questão pela historiadora Régine Pernoud, a qual apenas transcrevo a seguir: “A ciência medieval apresenta-se-nos sob uma capa desconcertante, tão desconcertante que tememos em a levar a sério. É que, ao contrário das nossas ciências exactas, ela não é unicamente apanágio do intelecto; o seu domínio permanece ligado ao da imaginação e da poesia (...) (está é) a medida do que o homem da Idade Média gosta de descobrir na natureza: não um sistema de leis e de princípios, cuja classificação, provavelmente o teria aborrecido, a supor que a tivesse conhecido, mas um mundo fremente de beleza, profuso e secreto – não tão diferente, afinal de contas, daquele que os nossos instrumentos de laboratório detectam hoje. Certa ou erradamente, colocava no mesmo plano a verdade histórica e a verdade moral – preferindo, se necessário fora, esta àquela. Pense-se, por exemplo, na lenda, tão popular na Idade Média, de São Jorge vencendo o dragão: a questão de saber o que poderia ter sido exactamente esse dragão monstruoso e qual o grau de autenticidade que lhe devia ser atribuído nem sequer aflora os espíritos; o que importa é a lição de coragem que essa luta lendária deve inspirar ao cavaleiro cristão”, Régine PÉRNOUD, Luz sobre a Idade Média, Lisboa, Publicações Europa-América, s/d, p. 159-161 – Ricardo da Costa.







COMEÇA O QUINTO LIVRO, DAS PLANTAS

Félix partiu da corte onde os dois filhos do rei estudavam. Ele louvou e bendisse a Deus por ter escolhido um homem tão sábio como rei e ter feito uma graça a tão nobres infantes. Enquanto andava por um grande bosque em busca de maravilhas, Félix encontrou um escudeiro cavalgando um belo palafrém. Aquele escudeiro chorava e tinha grande dor.

– Belo amigo, disse Félix ao escudeiro, por que chorais? E por que estais tão desconsolado?

O escudeiro respondeu a Félix com estas palavras:

– Senhor, um sábio mestre em Filosofia tem sido meu senhor por muito tempo. Ele está a uma légua daqui e tem o propósito de estar ali pelo tempo que viver nesse mundo. Por isso, deixou suas riquezas, honrarias e bem-aventuranças que teve todos em os tempos de sua vida e agora se propõe suportar a pobreza e a desventura, e deseja estar só naquele bosque. Assim, pelo amor que tenho a meu senhor e por ter me separado dele, estou muito irado e desgostoso.¹⁴⁴

.....
(144) Passagem muito significativa que exprime belamente o amor medieval, o “amor dos homens entre si (...) das trocas amorosas entre guerreiros” (Georges DUBY, *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, Rio de Janeiro, Graal, 1987, p. 66), uma adaptação cristã do conceito grego de amizade (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômano*, Livros VIII e IX), já que com o advento do cristianismo, a importância da amizade como fenômeno humano primário declinou na literatura filosófica e o amor passou a ser o conceito mais amplo e importante definidor do sentimento masculino de compartilhar experiências comuns. Por sua vez, para um aprofundamento do tema do nascimento do amor cortês no século XII-XIII e das definições do amor na Idade Média, ver ANDRÉ CAPELÃO. *Tratado do amor cortês* (século XII), São Paulo, Martins Fontes, 2000, a principal fonte do período. Além disso, ver Georges DUBY, *Idade Média, Idade dos Homens. Do amor e outros ensaios*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, e o já clássico Denis de ROUGEMONT, *O Amor e o Ocidente*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988 – Ricardo da Costa.





– Belo amigo, disse Félix, sabeis a razão pela qual ele deseja estar só neste bosque e por que deixou as riquezas e as bem-aventuranças que tinha?

– Senhor, disse o escudeiro, ao separar-me de meu senhor perguntei-lhe por que vinha a este bosque e por que deixaria seus amigos e saía de uma cidade tão nobre para estar sozinho de uma forma tão honrada. Como perguntei estas coisas e muitas outras, meu senhor disse que vinha a este bosque para poder contemplar e conhecer Seu criador através das obras das plantas e das árvores, porque a honraria, seus amigos e as bem-aventuranças que tinha na cidade o impediam de entender o significado que as plantas dão de Seu criador.

Félix teve muito prazer com a santa devoção do filósofo, e desejou que existissem no mundo muitos como ele.

– Belo amigo, disse Félix, grande maravilha me haveis feito quando chorastes porque vosso senhor faz o bem. Vossas lágrimas significam que estaríeis alegres e riríeis se vosso senhor fizesse o mal. Deve-se chorar e entristecer por Deus ser tão pouco amado e conhecido neste mundo, pois o mundo foi criado para Deus ser conhecido e amado. Assim, amigo, não chorais, alegrai-vos com vosso senhor, porque deveis ter tido uma boa ventura com tão grande santo e tão sábio senhor, e pela sua santidade podeis seguir um caminho que seja agradável a Deus. Belo amigo, peço-vos que me mostreis o caminho pelo qual eu saiba ir até onde está vosso senhor.

O escudeiro mostrou a Félix o caminho e a direção do lugar onde o filósofo estava disposto a viver, e foi por ali. Chegando lá, viu que o filósofo estava perto de uma bela fonte e em uma bela pradaria onde havia muitas árvores. Ele tinha um livro, e o lia. Félix foi até o filósofo e o saudou humildemente e o filósofo acolheu agradavelmente sua saudação. Félix se aproximou dele e disse estas palavras:

– Senhor filósofo, estou muito maravilhado como podeis estar totalmente só neste bosque. Por que deixastes os deleites deste mundo? O que comeis e bebeis neste bosque? E onde está vosso quarto?

O filósofo respondeu a Félix e disse estas palavras:

– Devemos nos maravilhar dos homens quando eles estão em queda. Contudo, nos tempos atuais, quando tantas quedas acontecem





no mundo, convém que nos maravilhemos quando algum homem faz algo agradável e prazeroso a Deus. O maior delito que o homem poder ter neste mundo é não conhecer e amar a Deus, já que ele foi criado para isso. Há um eremita nesse bosque que faz penitência; ele tem um servo que lhe traz algumas comidas com a qual ambos vivem corporalmente.¹⁴⁵ À noite, se faz muito frio ou se chove, eles deitam em sua casa; de dia vou por aquela floresta, e olho o que a natureza faz nas árvores e nas ervas para que possa contemplar a Deus naquela obra segundo a arte da Filosofia e da Teologia. Esta arte está escrita no *Livro* chamado *dos Artigos*¹⁴⁶, que está ordenado segundo a *Arte demonstrativa*.¹⁴⁷

– Senhor, disse Félix, em uma cidade havia um nobre burguês que tinha dois filhos que eram grandes clérigos em Teologia e em Filosofia. Um deles escolheu a vida ermitã para contemplar a Deus, segundo a ciência que havia aprendido. O outro filho estava em uma cidade, e lecionava e ensinava e pregava de tal maneira que as gentes eram induzidas a conhecer e amar a Deus. Aconteceu então uma grande questão entre os dois sábios a respeito de qual tinha escolhido o melhor caminho.¹⁴⁸

(145) Observe-se que é a primeira vez no texto que aparece a palavra servo.

(146) O Liber de articulis fidei é uma parte do Liber Apostrophe (escrito por Lúlio em 23 de junho de 1296, em Roma).

(147) *Ars demonstrativa (Art demonstrativa), obra escrita por Lúlio em Montpellier por volta de 1283.*

(148) Trata-se do problema do melhor tipo de vida, a ativa ou a contemplativa, uma discussão de natureza filosófica oriunda do mundo antigo. No Livro VIII (Do homem), capítulo 62, esta questão é mais detalhada por Lúlio. Também nas obras Doutrina Pueril (1274-1276), cap. 87; Blaquerma (*Libre d'Évast e d'Aloma e de Blaquerma, escrito em 1283 em Montpellier*, caps. 53 e 60), nos Provérbios de Ramon (escrito por volta de 1296 em Roma, cap. 251), Lúlio trata do tema. Também no Livro dos Mil Provérbios (escrito em 1302 em seu retorno do Oriente Próximo), Raimundo compara os dois tipos de vida nos seis primeiros provérbios, dando ênfase, no nosso entender, à primazia da vida ativa para que a contemplativa seja perfeita: “1) A vida contemplativa ama a vida ativa e se enamora, 2) A vida contemplativa possui aquilo que ama e a ativa o que permite, 3) A vida ativa trabalha e a contemplativa repousa, 4) Tenha uma vida ativa para que seja contemplativa, 5) A vida ativa existe para que seja contemplativa e 6) A vida contemplativa perdoa e a ativa pune” – RAMON LLULL, *O Livro dos Mil Provérbios*, cap. XXXIX (Da vida) (trad.: Grupo II de Pesquisas Medievais da Ufes). Interessante observar que essa também foi a dúvida de São Francisco de Assis: seguir a vida ermitã ou a de pregador. Ver Antonio P. OLIVER, *Estudios Lulianos XI*, 1967 e também SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*, Petrópolis, Editora Vozes, 1997 – Ricardo da Costa.





O filósofo respondeu a Félix e disse estas palavras:

– Em uma cidade havia um filósofo que era grande mestre na arte da Filosofia. Há muito tempo ele lecionava a arte da Filosofia naquela cidade. Os discípulos daquele mestre não aproveitavam a ciência tão fortemente como o mestre desejava, pois eram homens mundanos e estimavam pouco a ciência da Filosofia. O mestre daqueles discípulos trabalhava muito nas lições que ensinava, e estava muito descontente, porque os discípulos não desejavam aprender de maneira aplicada. E pelo grande trabalho que suportava, o mestre desejou deixar a cidade e ir para um bosque para ali recriar sua alma e seu corpo contemplando a Deus. Por isso, o mestre amou mais estar na companhia das bestas selvagens e das árvores do que em companhia de homens malvados e pecadores.

Quando o filósofo deu a resposta a Félix através dessa semelhança, ele retornou à sua contemplação na qual estava antes de Félix ir a ele.

30. DA GERAÇÃO DAS PLANTAS

O filósofo estava sentado sob uma bela árvore carregada de folhas e flores. Uma bela fonte regava aquela árvore e havia ali muitas aves pequenas que cantavam docemente. Conforme a disposição da árvore, da fonte e das pequenas aves, o filósofo contemplava a Grandeza e a Bondade de Deus que estavam representadas naquela árvore através da maneira do criador e da criatura. Após o filósofo ter contemplado a Deus por muito tempo, Félix disse estas palavras:

– Senhor filósofo, dá-me grande maravilha a grandeza dessa árvore. Como pode nascer uma árvore tão grande como essa de uma coisa tão pequena como o grão de onde a árvore foi engendrada?

– Belo amigo, disse o filósofo, um pastor acendeu um fogo diante de um sábio mestre na arte da Filosofia. Aquele pastor





fez um grande fogo. Quando o fogo multiplicou-se em grande quantidade, o pastor maravilhou-se de como uma centelha de fogo podia se multiplicar tanto, e perguntou ao mestre a razão pela qual aquele fogo tinha crescido tanto. O mestre respondeu que é coisa natural o fogo converter à sua semelhança todas as partes que participam com ele, por mais que sua virtude seja maior que a virtude das coisas que participam com ele.¹⁴⁹ Por isso, o fogo converte muitas coisas para si, e multiplica-se a partir de muitas coisas.

Após o filósofo ter respondido a Félix através dessa semelhança, Félix disse ao filósofo que, segundo a forma como a semelhança expunha a questão, Jesus Cristo, enquanto esteve neste mundo e tinha maior virtude que todos os outros homens, deveria converter à santa vida todos os homens que conviveram com ele. E como Jesus Cristo converteu poucos homens ao caminho da salvação enquanto viveu neste mundo – e muitos permaneceram no caminho da danação após Sua morte – a árvore possui maior virtude para converter à sua semelhança as partes com as quais participa que a natureza de Cristo.

O filósofo teve muito prazer com a questão que Félix lhe fez, e entendeu que ele era um homem entendido e sábio e, por isso, esforçou-se para dizer a ele palavras e semelhanças de elevada exposição e entendimento.

– Belo amigo, disse o filósofo, um rei estava em um palácio comendo com muitos cavaleiros. Enquanto aquele rei comia, um homem que era procurador dos infiéis¹⁵⁰ chegou ao palácio

.....
 (149) Virtude sempre no sentido aristotélico de “capacidade de realizar alguma coisa”. Como vimos, Lúlio dá o mesmo exemplum no livro 1, capítulo 12, onde Félix responde ao filósofo a respeito de uma pira que inicia um fogo imenso, quando então é feita a menção aos apóstolos.

(150) “Procurador dos infiéis” era o título que Lúlio dava a si próprio em diversas passagens de sua obra. Por exemplo, no Livro das Demonstrações (Livro IV, Prólogo), em Blaquerna (capítulo 61 e 90), na Disputa entre Fiéis e Infiéis (MOG IV, 377), e nos Cem Nomes de Deus (capítulo 94, estrofe 9). Já foi dito que essa cena é autobiográfica e que o rei supracitado é Filipe IV da França, o Belo. Veja mais adiante uma passagem semelhante no Livro 7 (Das Bestas), capítulo 41.





vindo pelo caminho da salvação.¹⁵¹ Aquele homem disse ao rei, aos cavaleiros e aos clérigos que comiam naquele palácio que deveria ser criado um estabelecimento onde os infiéis pudessem vir e conhecer a santa fé romana.¹⁵² Aquele homem gritava e mostrava a maneira pela qual se deveria dar o conhecimento da verdade àqueles que estão no erro conforme o que se encontra na *Arte Demonstrativa* e no *Livro dos Artigos*. Todos os que estavam no palácio quiseram matá-lo, e escarneceram e menosprezaram o que disse. Aquele homem chorava e rasgava suas vestes e seus cabelos. Enquanto isso, no palácio andavam jograis cantando e tocando instrumentos de tal maneira que os homens que comiam ali se deleitavam.¹⁵³ Após ter comido e bebido muito, o rei saiu do palácio. Uma senhora viúva se ajoelhou aos seus pés clamando misericórdia para que salvasse

.....
 (151) O sentido literal da passagem é "...vindo por um caminho saudável", isto é, de uma forma que o corpo e o espírito estejam em uníssono no caminho da Salvação. Agradecemos essa observação feita pelo Prof. Dr. Moisés Romanazzi Tôres (UFOP).

(152) Ao se referir a um estabelecimento, Lúlio quer dizer uma escola, onde as culturas muçulmana e judaica pudessem estudar a fé cristã. Esse era um dos três objetivos que ele perseguiu durante toda a sua vida. Na *Vida Coetânia* (1311) encontra-se uma famosa passagem na qual Lúlio exprime esse desejo: "...considerando ele estar só neste exercício tão grande, por isso pensava que partiria ao santo Pai e aos príncipes dos cristãos a impetrar que fizessem diversos monastérios, onde homens sábios e literatos estudassem e aprendessem a língua árabe e as de todos os outros infiéis para que pudessem pregar e manifestar entre eles a verdade da santa fé católica", RAMON LLULL, *Vida Coetânia*, I, 7 – Ricardo da Costa.

(153) Jogral – palavra oriunda do provençal joglar – era, na Idade Média, o trovador ou intérprete de poemas e canções de caráter épico, romântico ou dramático. Às vezes era o próprio trovador que compunha e interpretava, outras vezes a interpretação era realizada por alguém sob seu pagamento. O jogral era, ao mesmo tempo, instrumentista, bailarino, cantor e até adestrador de animais amestrados. Frequentemente os jograis eram homens de alta posição e notoriedade, mas em muitos casos, de origem modesta: "Às vezes (...) um homem rude, lascivo e brutal (...) Mesmo se de origem modesta, ele se eleva ao nível social (...) e é tratado como igual dos grandes (...) alguns jogladores põem-se a serviço de trovadores célebres, que seguem em suas andanças, cantando seus versos e forjando sua lenda...", Roland DE CANDÉ, *História Universal da Música*, São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 260 – Moisés Romanazzi Tôres (UFOP).





seu filho condenado à morte.¹⁵⁴ Um cavaleiro a quem a senhora tinha dado dinheiro para pedir ao rei por ela, fez suas as palavras da senhora e pediu ao rei que perdoasse o filho dela. Naquela praça onde o cavaleiro fazia esse pedido ao rei, havia muitos homens que também pediam a ele que perdoasse o filho da senhora. Assim, o rei perdoou o jovem que, pelo direito, deveria morrer. O homem que era procurador da salvação dos infiéis¹⁵⁵, gritou alto e, chorando fortemente, disse estas palavras: “A senhora usou os dinheiros para converter a vontade do cavaleiro a amar coisas semelhantes às suas e o cavaleiro e os homens que a ajudaram a pedir a salvação de seu filho ao rei converteram a vontade do rei à sua semelhança. Nesta assimilação de vontades estão a avareza, a injúria, a vanglória e a gula”.¹⁵⁶ O louco¹⁵⁷ gritou, e disse: “Senhora, não há nesta praça ninguém que verdadeiramente ame seu filho”.¹⁵⁸

Então o filósofo disse estas palavras:

– O Filho de Nossa Senhora criou a liberdade na vontade dos homens através da encarnação, da morte e da criação, obrigando os homens a honrá-Lo nesse mundo e a terem satisfação com a honra que Nossa Senhora teve de Seu Filho, pois Ele, Filho de Nossa Senhora, não desejou destruir a liberdade da vontade.

Félix ficou muito satisfeito com a solução que o filósofo fez através de uma semelhança, e louvou e bendisse a Deus por ter dado tanta sabedoria ao homem.

.....
(154) O sentido da palavra “reter” é “conservar”. Assim, “...clamando mercê que lhe conservasse seu filho...” – Ricardo da Costa.

(155) “Procurador da salvação dos infiéis”, isto é, o próprio Raimundo Lúlio – Ricardo da Costa.

(156) Literalmente, “...a vanglória e o excesso de comer e beber”, isto é, a gula – Ricardo da Costa.

(157) Na obra *Blaquerna (Libre d’Evast e d’Aloma e de Blaquerna, escrito em 1283 em Montpellier, cap. 79)*, Lúlio se auto-intitula “Ramon, o louco”, e no Livro do Amigo e do Amado se refere ao amigo (ele) como louco (RAIMUNDO LÚLIO, Livro do Amigo e do Amado [introd., trad. e estudos de Esteve Jaulent], São Paulo, Edições Loyola/Leopoldianum, 1989).

(158) Segundo Bonner, percebe-se que esta passagem inteira é autobiográfica. Ver OS, vol. II, p. 104, nota 7.





31. DA CORRUPÇÃO DAS ÁRVORES

Félix e o filósofo conversaram por muito tempo a respeito da geração das plantas e como essa geração significa Deus, Deus Pai engendrando Deus Filho sem corrupção, estando essa corrupção também representada na corrupção das árvores.¹⁵⁹ Enquanto Félix e o filósofo conversavam por muito tempo a respeito dessa matéria, ambos andaram entretidos pelo prado e pela floresta, onde existiam árvores de diversas formas.

Em uma bela ribeira¹⁶⁰ estava uma bela árvore carregada de folhas e flores. Um homem cortava aquela árvore. Félix maravilhou-se: por que o homem cortava aquela árvore tão grande e bela?

– Belo amigo, disse Félix ao homem que cortava a árvore, qual é a razão de destruídes esta árvore tão bela?

O filósofo disse então um exemplo para que Félix entendesse a razão pela qual o homem cortava a árvore:

– Em uma cidade havia um cambista muito rico de bens temporais, mas muito pobre de virtudes espirituais. Um dia aconteceu que um pobre veio à mesa onde o cambista estava com muitos dinheiros.¹⁶¹ Aquele pobre pediu pelo amor de Deus ao cambista a esmola de um dinheiro, já que Deus lhe dera tantos dinheiros. O cambista não quis dar uma esmola ao pobre, pelo contrário, lhe disse muitas palavras vis e mal-educadas. O pobre teve paciência de sua pobreza e das coisas vis que o cambista lhe dizia, e considerou em seu coração quão grande danação era a vida daquele cambista e quão grande bem seria a sua morte, porque das grandes riquezas que o

.....
(159) A frase aparentemente não tem sentido, pois a incorrupção da Santíssima Trindade não pode estar representada na corrupção das árvores. Por esse motivo, uma das traduções castelhanas do Livro das Maravilhas (do século XVII), colocou "incorrupção" ao invés de "corrupção".

(160) No original "bela ribeira d'água". Como em português a palavra ribeira significa "terreno banhado por um rio", deixamos somente a palavra "ribeira" – Ricardo da Costa.

(161) Para a questão das moedas medievais, ver nota 13.





cambista tinha seguir-se-ia um grande bem após a sua morte. Num breve tempo, Deus matou aquele cambista que juntava muitos dinheiros, pois enquanto vivera ele não fizera nenhum bem, e depois de sua morte aquela riqueza foi dividida e fez muito bem a muitos homens.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza as árvores se corrompem? E onde estará a essência desta árvore que aquele homem cortava quando ela for corrompida ou queimada?

O filósofo disse a Félix a solução através desta semelhança:

– Um sábio cristão disputava com um sábio sarraceno. O sarraceno perguntou ao cristão se quando Deus Pai engendra o Filho há alguma corrupção nessa geração. O cristão disse que em Deus existe mais nobre geração que a que existe nas árvores, onde não pode existir geração sem corrupção, pois logo após a árvore ser cortada, ela se corrompe e toda a sua essência é transformada, e a natureza, também a corrompendo, engendra algumas coisas a partir dela. Assim, a essência daquela árvore é restaurada através daquelas coisas engendradas. E como Deus Pai engendra Seu Filho de Si mesmo, engendrando-O integralmente, infinito, eterno e completo de todo o bem, basta a Ele engendrar o Filho infinita, eterna e perfeitamente em todo o bem, e sem corrupção. E o Pai e o Filho permanecem todo o tempo uma mesma essência e uma mesma deidade e virtude.

Naquela ribeira onde o homem cortava a árvore que dava folhas e flores mas não produzia frutos, havia um pomar que era tão fortemente carregado de pomos¹⁶² que muitos ramos haviam quebrado.

Disse Félix:

– Senhor, por qual natureza nascem, apodrecem¹⁶³ e se corrompem tantos pomos nesse pomar, apesar de o pomar não comer nenhum dos pomos?

.....
(162) “Carregados de pomos”, pode ser de maçãs ou de pêras – Ricardo da Costa.

(163) Literalmente “...nascem tantos pomos que dividem-se em duas ou mais partes” – Ricardo da Costa.





O filósofo respondeu à questão conforme estas palavras:

– Em uma cidade havia um bispo e um cavaleiro que eram irmãos. O bispo era muito belo e muito letrado¹⁶⁴, e era semelhante à árvore que o homem cortava, pois se deleitava em suas letras e na beleza de sua pessoa e honraria. Aquele bispo não cuidava da intenção final para a qual era bispo, e não dava nenhum fruto. O cavaleiro era magistrado¹⁶⁵ da cidade e, por isso, podia ter a justiça, nela trabalhava noite e dia, e esse trabalho confundia e corrompia sua pessoa. Enquanto o bispo estava em seu repouso e em sua grande bem-aventurança, fazendo tudo quanto podia para viver por muito tempo, um louco fez a ele esta questão: “Senhor, por qual natureza vós, que sois bispo, amais repousar e viver muito – apesar de ser bispo para honrar a Jesus Cristo e ser mais semelhante a Ele enquanto vives neste mundo – que vosso irmão, que trabalha mais que vós, amando e servindo a Jesus Cristo que, para salvar Seu povo, desejou trabalhar neste mundo e quis ser pobre e morrer, e não amou viver neste mundo por mais tempo?”. O bispo disse então muitas palavras vis ao louco, e um clérigo sábio resolveu a questão de acordo com estas palavras: “Existiam dois pomares em uma vinha; um produzia muitas folhas e flores todos os anos, mas não dava tantos pomos quanto o outro pomar, que não portava tantas folhas e flores. Um dia aconteceu do senhor da vinha entrar e ver os dois pomares, um com muitos pomos e outro com muitas folhas e flores. O senhor da vinha ordenou que cortassem o pomar que não produzia pomos, e ordenou que pensassem bem a respeito do pomar que produzia muitos pomos. O homem que cortava o pomar perguntou ao senhor

.....
(164) Literalmente “O bispo era muito belo de pessoa e tinha muitas letras”. Adaptamos – Ricardo da Costa.

(165) No original *veguer* (do latim *vicarius*, escravo) – magistrado que recebia a jurisdição do rei para governar e administrar a justiça em uma comarca ou distrito do reino, isto é, tratava-se de um poder exercido por delegação de outrem. Ver GGL, vol. V, 1985, p. 312 – Ricardo da Costa.





da vinha por que ele mandou cortar o pomar que não levava frutos e ordenou que se pensasse bem a respeito do pomar que produzia frutos. O senhor da vinha disse que a questão que o camponês lhe fez era louca". Mas o bispo era ainda mais louco pois, ao descansar, pensava mais em viver que o cavaleiro seu irmão, que vivia para seguir a intenção final pela qual o rei o havia eleito juiz daquela cidade, já que havia maior virtude na intenção final que o cavaleiro conservava em suplicar a Deus uma longa vida, que a virtude que o bispo tinha em comer e descansar, assim como a árvore que levava pomos foi mais agradável a seu senhor por dar frutos que a árvore que não produzia frutos, e sim, folhas e flores.

– Senhor, disse Félix ao filósofo, por qual natureza há mais corrupção no corpo do homem morto que na árvore cortada?

O filósofo resolveu a questão através dessa semelhança:

– Em uma vila estava um mercador que tinha uma bela mulher que se escondia com um clérigo que era prior da igreja daquela vila. Por sua vez, o mercador tinha uma louca fêmea com a qual pecava. O prior censurou o mercador por não abandonar a louca fêmea com a qual pecava. Uma grande questão aconteceu naquela vila: quem tinha corrompido mais a vontade, o prior ou o mercador? E qual deles estava agindo mais contra a sua ordem?

32. DA VIRTUDE DAS PLANTAS

Em uma bela planície onde Félix e o filósofo entretinham-se, havia muitas ervas medicinais que tinham uma grande virtude.¹⁶⁶

Quando Félix viu aquelas ervas, perguntou ao filósofo:

– Com qual intenção Deus deu virtude às plantas?

Respondeu o filósofo:

– Para que signifiquem a Sua Virtude.

.....
(166) O leitor deve sempre ter em mente que o conceito de virtude, tal como Lúlio a utiliza, possui o sentido aristotélico de "capacidade de realizar alguma coisa". Ver nota 150.





– Senhor, disse Félix, qual virtude existe no açafraão que significa a Virtude de Deus?¹⁶⁷

O filósofo respondeu a essa questão através de uma semelhança, e disse estas palavras:

– Um burguês tinha um belo filho, bem educado¹⁶⁸ e pleno de bons costumes. Aquele rapaz¹⁶⁹ dava grande prazer a seu pai todas as vezes em que o via, e todas as vezes em que seu pai se lembrava dele sentia alegria em seu coração. Por essa grande alegria que

.....
 (167) Açafraão (Safrã, do árabe za'faran). Planta herbácea da família das iridáceas (*Crocus sativus*), de flores violáceas, com filamentos grossos e estigmas de cor escarlate. Estes estigmas, de cor tirante a amarelo forte, eram usados na Idade Média como corantes, na medicina e também para condimentar certos alimentos. GGL, vol. V, 1985, p. 20. No caso em questão, Lúlio se refere a propriedades medicinais do pó da planta, hoje praticamente desaparecida da Europa – com exceção de algumas regiões da Espanha. Ressalto ainda que a botânica medieval era muito mais variada que a de nossos dias, e tem-se a impressão que os médicos medievais – como Hildegarda de Bingen (1098-1179), por exemplo – eram mais atentos às qualidades medicinais e até mesmo terapêuticas das plantas, daí talvez uma preocupação maior com o doente que com a doença. A título de comparação da botânica em Lúlio com os aspectos medicinais da botânica de Hildegarda (e como a medicina medieval possuía esse entrelaçamento entre a botânica e a natureza humana), destaco o trecho a seguir, da historiadora Régine Pernoud: "...o leitor de hoje deve se preparar para alguma perplexidade ao abordar os diferentes capítulos da *Physica* ou da *Medicina composta* (de Hildegarda de Bingen). Deverá primeiro habituar-se a certos termos, para nós desconcertantes, como, por exemplo, os que permitem uma espécie de classificação sumária do temperamento das plantas, bem como do temperamento humano (...) Vê-se freqüentemente em suas obras (...) a preocupação de curar a 'melancolia' (...) de modo que há uma série de prescrições para eliminar essa bile negra, tão funesta (alguns remédios podem agir de imediato, como a rosa, no caso de um acesso de cólera: 'Reduzir a pó uma porção de rosa e um pouco menos de sálvia, e, no momento em que a cólera explodir, levar esse pó diante da narina. De fato a sálvia apazigua e a rosa alegre.' [...] Tudo isso pode parecer um pouco elementar e até simplista. Mas vemos a preocupação de cuidar do doente mais do que da doença [...] a beleza, a harmonia como necessárias ao desabrochar do homem"), Régine PERNOUD, Hildegard de Bingen. A consciência inspirada do século XII, Rio de Janeiro, Rocco, 1996, p. 86-88 – Ricardo da Costa.

(168) No original, "bem nutrido". Nutrir, ato de alimentar, mas Lúlio sempre utiliza esta palavra com um sentido espiritual, de educação espiritual. "O nutrimento moral é um costume antigo", GGL, vol. III, 1984, p. 440. Ver nota 77 – Ricardo da Costa.

(169) No original patge, pajem, "jovem que estava a serviço de um rei, um príncipe ou senhor feudal", mas também com o sentido de "solteiro, homem jovem", GGL, vol. II, 1983, p. 175.





tinha de seu filho, o burguês se alegrava com Deus, por ter lhe dado um filho em tão bela disposição e tão bem educado. Enquanto o burguês assim se alegrava, Deus quis que o rapaz morresse. Com a morte do rapaz, o burguês se entristeceu muito fortemente e perdeu a alegria que costumava ter em Deus. Aconteceu que aquele burguês ficou em tão grande tristeza com a morte de seu filho e deixou de se alegrar em Deus que ficou doente e perto da morte. Um médico que cuidava do burguês fez um letovari¹⁷⁰ de ouro, de peles e de pedras preciosas, no qual colocou açafão, pois o açafão possui a virtude de confortar e alegrar o coração, e também melhora o sangue. O médico fez aquele letovari para que o burguês se alegrasse através de sua natureza e virtude, mas o burguês tinha tanta tristeza com a morte de seu filho que, mesmo com a virtude do açafão e das outras coisas contidas no letovari, o remédio não pôde ajudá-lo contra a doença que tinha por causa de sua tristeza. Aconteceu um dia do burguês considerar a morte de seu filho e a maneira segundo a qual se alegrava com ele. Enquanto o burguês assim cogitava, relembrou como se sentia alegre com Deus, não por Ele em Si, mas por causa de seu filho.¹⁷¹ Por isso, o burguês teve a opinião que Deus levou seu filho porque era o meio pelo qual ele amava a Deus. O burguês retornou a Deus muito fortemente na condição de culpado, porque viu a grande falta que tinha cometido por amar a Deus por causa de seu filho, e não por Ele mesmo, pois Deus é tão bom e tão nobre que é digno de ser amado por Si só. O burguês propôs em seu coração fazer penitência da falta que havia cometido contra Deus e contra a paciência, e começou a alegrar-se com a Beleza e a Bondade de Deus e então esqueceu a morte de seu filho, dando graças

.....
(170) Um letovari (do latim tardio *electuariu*) era uma composição medicinal, um xarope em forma de uma mescla pastosa de pólvora e mel, e era ingerido oralmente. O efeito da droga, como sugere o texto, era como um antidepressivo. GGL, vol. III, 1984, p. 218. Não existe palavra correspondente em português – Ricardo da Costa.

(171) Literalmente "...mas não especialmente por Deus tão somente". Adaptamos – Ricardo da Costa.





por Deus tê-lo iluminado da falta na qual havia estado por tanto tempo. Estando uma hora em tal pensamento, o burguês sentiu-se são e alegre, e louvou e bendisse a virtude de Deus que havia restituído sua saúde e afastado sua tristeza.

– Senhor, disse Félix ao filósofo, por qual virtude o homem vive das plantas e dos frutos que come?

O filósofo disse que na conversão que a natureza faz das plantas em sangue, e de sangue em carne quando é feita a digestão no estômago, se renova a virtude de viver, isto é, o viver através da vida vegetativa. E para que Félix pudesse entender melhor a virtude que as plantas possuem em sustentar a vida do homem, disse este exemplo:

– Aconteceu em uma cidade que um mercador foi roubado em dez mil besantes. Em tão grande tristeza esteve o mercador por causa dos besantes que perdeu, e por tanto tempo cogitou a danação, que recebeu que perdeu os sentidos e ficou louco. Aquele mercador achou que seria conveniente ser colocado em ferros¹⁷² para que não se matasse ou fizesse mal às gentes. Um sábio médico disse aos amigos daquele mercador que ele o curaria se fosse bem pago. Os parentes do mercador contrataram o médico, e o médico, que tinha dez mil besantes, disse ao louco que aqueles besantes eram os ele que havia perdido. Então ele libertou o mercador dos grilhões e atirou os besantes na cabeça do mercador. A partir do momento que o mercador ficou por tanto tempo mexendo os besantes, a virtude da imaginativa começou a retornar, e pela vista e o tato do mercador com os besantes a imaginativa se multiplicou em virtude, e isso aconteceu durante tanto tempo que finalmente o mercador imaginou e então opinou que aqueles besantes eram os que havia perdido. Quando o mercador recobrou a virtude em sua imaginação, sua vontade começou a se alegrar por que a imaginativa voltou a imaginar e o

.....
(172) Ferràs, do verbo "ferrar", "sujeitar o infrator com correntes, grilhões ou qualquer coisa semelhante". GGL, vol. II, 1983, p. 449.





entendimento então se moveu ao ato de entender e a memória ao ato de lembrar, e assim, pouco a pouco, multiplicando a virtude nos poderes de sua alma, o mercador recobrou seu sentido.¹⁷³

– Senhor, disse Félix, por qual virtude a arnica¹⁷⁴, que é quente e seca, é boa para o calor e para a secura do fígado?

O filósofo respondeu que o mercador que ficara louco por causa dos besantes que havia perdido restituiu sua saúde apalpando e vendo os besantes porque seu coração enviou o sangue a todos os membros de seu corpo, isso graças à alegria que teve em apalpar e ver os besantes. Assim, seu espírito enviou aquela alegria ao coração e seu sangue afastou a tristeza e loucura na qual estava.

– Então, quando o fígado, que é muito quente e ressecado, sente a arnica, que é de sua compleição, se alegra com a participação da arnica e envia desordenadamente seu calor e secura por ter a concordância com a arnica. E no ponto natural e aborrecido que a arnica é digerida, ela retira do estômago o calor e a secura do fígado que estavam juntos e que provocavam a doença, para não multiplicar o calor e a secura do fígado que, por isso, estava doente.

Enquanto o filósofo falava das virtudes das ervas com Félix, um cão veio comer uma erva diante deles, expulsando assim a cólera que tinha no ventre. Muito se maravilhou Félix da habilidade do cão, da propriedade da erva e de como o cão sabia distinguir a

.....
(173) Para uma análise desse exemplum, ver Jordi GAYÀ, "Sobre algunes estructures literàries del 'Libre de meravelles'", Randa 10, Barcelona, 1980, p. 68-69.

(174) Riubarbre é o nome do rizoma da arnica. GGL, vol. IV, 1985, p. 386. Rizoma (do grego rhazoma, o que está enraizado) é um caule radiforme e armazenador das monocotiledôneas, que é geralmente subterrâneo, mas pode ser aéreo. Caracteriza-se não só pelas reservas, mas também pela presença de escamas e de gemas, sendo seu terminal bem desenvolvido: comumente apresenta nós e, na época da floração, exibe um escapo florífero. Em pteridófitos tropicais há rizomas aéreos. O gengibre e o bambu têm rizoma. A arnica (do grego pitarmiké, do latim medieval pitarmica) é uma planta cujo cheiro provoca espirro. Erva alpestre da família das compostas (arnica montana), originária da Europa, é cultivada no Brasil e contém arnicina. Foi muito empregada na medicina medieval como medicamento e mesmo alimento. Riubarbre pode ser também a tintura extraída dessa planta. Em todo caso, colocaremos na tradução arnica, e que o leitor tenha sempre em mente que pode tanto ser a planta quanto a tintura proveniente do caule da planta. – Ricardo da Costa.





erva boa para purgar o humor¹⁷⁵ pelo qual estava doente. Estando Félix nesta maravilha, ele perguntou ao filósofo por qual natureza o cão tinha a habilidade para comer aquela erva, já que não tinha entendimento. O filósofo disse a Félix estas palavras:

– Em uma cidade havia um herege que fazia grande aflição a seu corpo. Aquele herege estava naquela cidade de tal maneira que nenhum homem daquela cidade sabia que ele era herege. Aconteceu um dia que ele encontrou no caminho um cônego que estava muito nobremente vestido e cavalgava em um belo palafrém. Muito considerou o herege a áspera vida que tinha e as bem-aventuranças que o cônego tinha. Estando em tais considerações, o herege maravilhou-se fortemente e disse estas palavras: “Ah, como sou miserável!¹⁷⁶ De que me vale jejuar e andar na pobreza, pregar Deus mal vestido, cansado¹⁷⁷ e menosprezado entre as gentes? Por que este cônego, com vaidades e orgulho, riquezas e bem-aventuranças, está no mundo em uma igreja mais nobre e honrada que a minha? Parece-me que a fé dele é mais exaltada na virtude e ele não está na virtude de sua fé, porque se a sua fé fosse melhor que a minha, ele seria auxiliado a ter uma vida áspera para exaltar e honrar a igreja na qual vive, e nas vaidades de sua vida mundana, desonraria e destruiria a igreja na qual está. Sou louco! Devo fazer-me cristão, porque me parece que há maior virtude na fé dos cristãos do que na minha”.

.....
(175) A ciência médica medieval baseava-se na teoria dos humores: “...todas as substâncias terrestres derivam de quatro elementos essenciais (a terra, o ar, o fogo e a água), que ora estão aliados (água e terra, por exemplo), ora estão em oposição (água e fogo, por exemplo). Cada um destes elementos é composto por um conjunto de qualidades primárias: o quente e o frio, o úmido ou o seco. A partir destas bases, os escritores médicos admitiam que todos os corpos vivos são formados por quatro humores (...): 1) o sangue; 2) a bílis amarela; 3) a bílis negra; 4) a fleuma”, François MICHEAU, “A idade de ouro da medicina árabe”, em Jacques LE GOFF (apres.), *As doenças têm história*, Lisboa, Terramar, 1985, p. 61. Ver também nota 134.

(176) Caitiu, cativo, mas também com o sentido de “miserável”. GGL, vol. 1982, p. 273.

(177) A palavra jaer significa estar deitado, descansado. Portanto, mal jaer, literalmente significa mal descansado, mas com a idéia da falta do descanso na cama – Ricardo da Costa.





Muito se maravilhou Félix com a semelhança que o filósofo lhe fez, porque não lhe pareceu que a questão tivesse sido respondida. Por isso, pediu ao filósofo que lhe esclarecesse aquela semelhança. O filósofo então disse que a virtude da boa intenção do herege em ter uma áspera vida significava a virtude da fé do cônego, e naquela virtude convinham a intenção do herege e a virtude da santa fé católica, como convém uma propriedade à erva que o cão comeu e o apetite que ele teve para comer a erva que tinha a virtude de expulsar o mau humor de seu corpo.¹⁷⁸

– Senhor, disse Félix, grande maravilha me dá a virtude que a natureza possui nas ervas medicinais, porque segundo o que ouvi contarem, a virtude de uma mesma erva é boa para curar a doença de diversos membros, assim como a arnica, que é boa para curar o fígado quente, para clarificar a vista e muito proveitosa para mudar os olhos.

– Belo amigo, disse o filósofo, nesta árvore em que vês folhas e flores a virtude da vegetativa está diversificada de diversas maneiras, porque em tantas folhas e flores como as dessa árvore a virtude da vegetativa se diversifica em número, não estando uma

.....

(178) Um manual de medicina árabe do século XV definiu bem a concepção médica medieval dos humores do corpo: “O primeiro humor é a bÍlis. Ela deriva do fogo, que é o produto do calor e da seca. A bÍlis reside no corpo do homem perto do fÍgado, na vesÍcula biliar. O segundo humor é o sangue. Deriva do ar, que é devido à combinação do calor com a umidade. A sua sede, no homem, é o fÍgado. O terceiro humor, a pituíta (ou linfa, ou fleuma), derivada da Água, que foi criada pela combinação do frio e da umidade. Reside nos pulmões. O quarto humor, a atrabÍlis (ou bÍlis negra), deriva da terra, que é um composto do frio com o seco. Ocupa o baço. Estes quatro humores constituem os materiais do corpo, determinam o seu bem-estar ou mal-estar (...). Atendendo a estas diversas relações, dividiria os temperamentos em cinco espécies distintas: o temperamento bilioso, o temperamento sangÍneo, o temperamento linfático, o temperamento melancólico e o temperamento misto, que participa igualmente em todos os temperamentos”, citado em Françoise MICHEAU, “A idade de ouro da medicina árabe”, op. cit., p. 61-62. Esta teoria médica inseria-se num sistema global de explicação do mundo, medieval, do qual Lúlio compartilhava. É importante que seja destacado o fato dessa teoria médica ter prevalecido na medicina pelo menos até o século XVIII. Portanto, não se tratava de uma exclusividade das “trevas medievais” e sim de uma concepção profunda de mundo que ainda hoje possui fortes raízes em diversas tradições populares. Ver também notas 134 e 176 – Ricardo da Costa.





folha em outra nem uma flor em outra. Contudo, toda a virtude é una em si mesma, mas conforme a diversidade das coisas que a recebem, ela se difunde por toda a árvore.

– Belo filho, disse o filósofo, essa semelhança de que falastes significa a graça e a virtude que Deus enviou aos homens no mundo, que recebem essa virtude e graça de maneira diversa, conforme a diversidade humana de lembrar, de entender e de amar, e conforme a diversidade com que usam as coisas mundanas. Deus separou no mundo a influência de Sua Graça através dessa diferença de virtudes, e isso significa a virtude que Deus possui em Si mesmo, a qual é Una em essência sem diferença. Mas como o Pai, que é Virtude, engendra o Filho, que é Virtude, e o Espírito Santo nasce de ambos estando aquela mesma virtude no Pai e no Filho, apesar de o Pai, o Filho e o Espírito Santo serem distintos em propriedades pessoais, a virtude, que é totalmente una e sem diferença, se comunica e dá-se de maneira distinta nas divinas pessoas, sendo elas distintas umas das outras e somente uma mesma virtude por essência.

– Senhor, disse Félix, por qual virtude que existe nas plantas Jesus Cristo quis ser honrado por elas no dia de Ramos, quando as gentes foram a Ele e fizeram-lhe uma procissão, lançando os ramos pelos caminhos onde Ele deveria passar?

O filósofo respondeu à questão dizendo estas palavras:

– O dia que Jesus Cristo cavalgou humildemente sobre a mula significou a participação de todas as criaturas em Deus através da natureza humana de Cristo. Pois as árvores participam com a vegetativa de Cristo através de Seu corpo, porque Cristo desejou que a vegetativa das árvores fizesse honraria a Seu corpo, que é naturalmente vegetal. Por sua vez, a mula significou a unidade da criação da virtude sensitiva de Cristo e dos animais irracionais. Os homens que fizeram reverência e honra a Cristo significaram que Cristo estava em natureza humana semelhante a eles, e, como Cristo foi uma pessoa de duas naturezas, isto é, Deus e homem, Deus desejou que naquele dia todas as criaturas fizessem reverência à deidade e à humanidade de Cristo.





COMEÇA O SEXTO LIVRO, DOS METAIS

Após o filósofo ter falado por tanto tempo com Félix a respeito das plantas e Félix ter aprendido o significado da nobreza de Deus de diversas maneiras, o filósofo mudou o tema de suas palavras e disse que desejava falar do significado da nobreza de Deus nos metais.¹⁷⁹

33. DA GERAÇÃO DOS METAIS

Naqueles tempos quando Deus criou os elementos, Ele ordenou que os elementos significassem a glória dos corpos que estivessem na glória perdurável após o dia do juízo, pois os elementos se compõem e se dissolvem nos corpos elementais e buscam sua perfeição naqueles que não podem descobri-la.¹⁸⁰

– Belo amigo, disse o filósofo a Félix, não convém nenhuma corrupção à duração que não tem fim. Por isso, os elementos possuem um apetite natural de acordo com a finalidade para a qual

.....
(179) Lúlio utiliza a palavra *metall* no mesmo sentido do *metallum* latino, isto é, qualquer coisa extraída de uma mina (portanto, como sinônimo de mineral. Por exemplo, no cap. 34 do Livro da contemplação, Lúlio inclui o sal e as pedras preciosas sob este termo; nos Proverbis de Ramon (cap. 199), ele inclui estas e muitas outras substâncias atualmente consideradas minerais, não metais, e no Liber de ente reali et rationis (Opera parva IV, 91), o filósofo divide o gênero metal em duas espécies: os minerais (como o ouro, a prata, o ferro, etc.) e as pedras preciosas (rubis, safiras, etc.).

(180) Esse mesmo tema é tratado na obra *Questiones per Artem demonstrativam seu inventivam solubiles* (MOG IV, 180 = Int. iii, 164) e no Liber de ente reali et rationis (Opera parva IV, 89-96)





foram criados, isto é, são corpos compostos que se concordam sem nenhuma corrupção. E como os elementos se concordam melhor nos metais que em qualquer outro corpo elemental, se compõem e se ajustam nos metais, onde há menos corrupção que em qualquer outro corpo elemental.

O filósofo disse que o ouro, a prata, o ferro, as pedras e os outros metais podem se sustentar melhor na duração que qualquer outro corpo elemental. Isso acontece porque todos os outros corpos elementais, ao contrário dos metais, possuem mais conhecimento do que está fora de si, e os metais possuem tanta virtude em si mesmos que não têm tanta necessidade do que está fora deles como têm os outros corpos, isto é, os corpos das plantas e dos animais, que têm mais necessidade de ar e de água, da terra e do fogo que os metais.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza os metais têm maior concordância de elementos que as plantas ou os animais?

O filósofo respondeu com estas palavras:

– Belo amigo, disse a Félix, na geração que os elementos fazem dos metais não existe meio, porque eles mesmos se engendram sem que um metal engendre outro. Mas como uma planta engendra outra e um animal engendra outro, há uma geração mais forte nos metais que nas plantas e nos animais. Tudo isso acontece, belo amigo, para significar a eterna geração que existe em Deus, que é Deus Pai em Deus Filho sem existir nenhuma outra coisa, somente Deus.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza o ouro é mais durável que o ferro, já que o ferro é mais forte que o ouro?

O filósofo disse que um discípulo perguntou a seu mestre por qual natureza a terra se sustentava. Seu mestre lhe disse que a terra está sustentada porque um elemento está entrelaçado em outro, isto é, o fogo entra no ar, o ar na água, a água na terra e a terra no fogo. E pela leveza e o peso que existem igualmente nos elementos, a terra está no meio do firmamento por si mesma, e o firmamento a divide igualmente por todas as partes com a influência de seu movimento, tornando-a segura. E quando acontece algum impedimento àquele movimento – por algum vapor espesso que





se coloca na percussão que o firmamento faz na terra – há um terremoto naquelas partes onde acontece aquele obstáculo.¹⁸¹

34. DA QUESTÃO QUE HOUE ENTRE O FERRO E A PRATA

Aconteceu uma grande questão entre o ferro e a prata, pois o ferro dizia que ele era mais forte e mais necessário às gentes que a prata, e que por causa da prata os homens fazem muitos pecados e são desobedientes a Deus. Por sua vez, a prata argüiu o ferro e disse que ela era mais bela, mais leve e tinha melhor som que o ferro, sendo mais amada pelas gentes. Também acusou o ferro, pois com o ferro do gládio muitas gentes morrem, isto é, através do ferimento das facas, das lanças, das espadas e das pedras afiadas.

– Senhor, disse Félix ao filósofo, quem vos parece ter dito o melhor argumento, o ferro ou a prata?

O filósofo respondeu que numa praça onde estavam muitas gentes passaram duas senhoras: uma era bela e outra era feia. A senhora bela era imoral, cobiçosa e tinha grande inveja; a senhora feia era casta e tinha grande caridade e paciência, porque seu marido a menosprezava pela feiúra que tinha e amava a senhora bela que andava com ela. Na praça havia muitos homens que falavam mal da senhora bela e bem da senhora feia. Ambas andavam a caminho de uma igreja, onde havia a vigília de um santo. Naquela igreja havia um sino pequeno que soava muito nobremente e um sino quebrado que soava muito mal. A senhora feia disse à senhora bela que seria um grande bem que o sino grande soasse tão bem como o sino pequeno. A senhora bela considerou sua grandeza e quanto tinha de beleza e riqueza, e considerou também a feiúra da senhora e sua bondade, e por tal consideração teve conhecimento do pecado que cometia contra seu marido e contra si mesma. Por tanto tempo

.....
(181) Como já vimos, na cosmologia medieval a Terra era o centro do universo, no centro do mundo sublunar (ver notas 100 e 104). Assim, neste parágrafo, o filósofo explica a Félix o porquê da Terra conseguir se sustentar, e baseia sua explanação no entrelaçamento dos quatro elementos – Ricardo da Costa.





esteve a senhora nesta consideração, conhecendo seu pecado, que desejou ser boa como a senhora feia e, por esse desejo, foi casta e de vida santa, dizendo estas palavras: “Mais vale o ferro no arado que o ouro ou a prata na caixa; melhor está a espada na mão do príncipe que um tesouro de coragem; melhor está a castidade na feiúra que a luxúria na beleza; melhor canta o galo no alvorecer que na Igreja o clérigo malvado, luxurioso e avaro; mais vale o ímã na agulha que a safira no anel de ouro, e a força do homem humilde piedoso não pode se opor à força do homem orgulhoso”.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza existe mais ferro que prata, ouro e pedras preciosas?

O filósofo respondeu que Deus criou com mais abundância as coisas mais necessárias que as que não são tão necessárias, como o fogo, o ar, a água, a terra, o trigo, o sal, o ferro, as pedras e as outras coisas semelhantes a estas, pois todas essas coisas são mais úteis à vida do homem que a pimenta, o ouro, a prata e as pedras preciosas.

– Senhor, disse Félix, por que o ferro é mais benéfico que a prata ou o ouro? E por que as gentes amam mais o ouro e a prata que o ferro?

O filósofo respondeu:

– A mais nobre coisa que podemos entender e amar é Deus, mas o ouro e a prata são mais amados no mundo que Deus, que é mais necessário de ser amado e entendido pelo homem que a prata e o ouro.

O filósofo disse ainda que um mercador havia por muito tempo trabalhado para juntar dinheiros¹⁸², e quando havia juntado muitos dinheiros teve o desejo de ser honrado pelo rei e pelas gentes de sua cidade. Para ter a oportunidade de receber os dinheiros que o mercador havia juntado, o rei o fez bailio daquela cidade.¹⁸³ O mercador sentiu muito prazer em ser bailio e emprestou ao rei muitos de seus dinheiros. Como bailio, o mercador teve a

.....
(182) Para a questão das moedas medievais, ver nota 13.

(183) Bailio (batlle). Veja nota 58.





oportunidade de juntar mais dinheiro, e foi um homem injusto e contrário ao ofício no qual estava porque não sabia como fazer o que deveria fazer e amava mais os dinheiros que a justiça. Por isso, ele perdeu tudo o que tinha ganhado mercadejando no ofício da bailia, pois o rei lhe tomou tudo o que tinha por causa das injúrias que cometeu em sua bailia. Após perder tudo, o mercador disse ao rei estas palavras: 'Senhor, em uma cidade havia um homem cego que perdeu mil besantes, mas conseguiu recuperá-los'. O rei disse ao mercador para lhe contar a maneira pela qual o cego recuperou os mil besantes que havia perdido. "Senhor", disse o mercador, "um homem cego tinha ocultado mil besantes debaixo de uma pedra e, todos os dias, após fazer uma oração no local onde estavam os mil besantes, o homem cego via e pensava quais daqueles mil besantes havia ganho no dia. Um vizinho viu sua consideração e percebeu que o cego tinha dinheiro sob a pedra que estava em seu campo, foi até lá, encontrou os mil besantes e os levou. No dia seguinte, quando o cego veio ao local e não encontrou os mil besantes, teve opinião que seu vizinho os havia tomado. "Senhor vizinho", disse o cego, "eu desejo me aconselhar convosco e rogo-vos que me aconselhe, pois eu tinha mil besantes em um lugar e mais mil em outro. Pergunto-vos se colocaríeis os dois mil besantes em um só lugar ou se os deixaríeis assim como estão". O vizinho do cego quis que ele colocasse os outros mil besantes no mesmo local, sob a pedra, e aconselhou-o a colocar os dois mil besantes em um mesmo lugar. Aquele homem que tinha tomado os mil besantes colocou os mil besantes de volta no mesmo lugar, e o cego veio no dia seguinte, pegou os mil besantes, e depois disse ao seu vizinho que com os mil besantes que não tinha recuperou mil besantes que havia perdido, e disse que mais cego era ele, que não entendia o que ele, cego, via.

Félix pediu ao filósofo que lhe expusesse o propósito da semelhança que lhe havia feito, e o filósofo disse que a maior cegueira que pode existir no homem é amar mais o que não vê e o que não entende, e que aqui não convém nenhuma outra honra





senão amar a Deus¹⁸⁴, que tem o conhecimento de todas as coisas e que vale mais que tudo o que foi criado. E como o mercador desejou a honra que não tinha e se colocou num ofício do qual nada sabia, perdeu o que tinha e sabia, tanto porque não tinha quanto por não saber usar. E o rei também se enganou em seu ofício, pois não viu o que cabe por honraria ao ofício de rei, e esta honraria se perde quando se ama mais os dinheiros do que a justiça. Muito se maravilhou Félix com a semelhança que o filósofo lhe fez, porque lhe parecera muito obscura.¹⁸⁵ Contudo, entendeu aquela semelhança conforme a intenção final pela qual Deus criou todas as coisas, e entendeu que com o que o homem tem pode-se ganhar o que não tem, e assim cumpre-se a finalidade para a qual foi criado. E se o homem se desvia dessa finalidade perde o que tem pelo que não tem.

35. DA MAGNETITA E DO FERRO

Deus colocou na magnetita tanto da simplicidade da terra que o ferro tem o apetite dela. Por isso, a magnetita move-se naturalmente em direção ao ferro pela grande influência da simplicidade da terra, simplicidade essa que o ferro possui mais que qualquer outro metal. E por causa dessa simplicidade, o ferro é mais forte que todos os outros metais. Assim como o ferro tem o apetite da magnetita, porque ela possui a maior simplicidade de terra de todos os metais, a magnetita tem mais apetite de atrair o ferro que o ouro e a prata, que não possuem tanta simplicidade de terra quanto o ferro. Logo, todas essas coisas são a semelhança da perfeição que naturalmente existe em Deus e no homem, perfeição pela qual o homem deveria amar mais a Deus que qualquer outra coisa. E quando o homem faz algo contra a sua natureza, Deus lhe é mais contrário que a magnetita ao ferro, se estivesse na natureza

(184) "...e aqui não convém...", isto é, aqui nesse mundo – Ricardo da Costa.

(185) "...lhe parecera muito obscura", isto é, de difícil entendimento. Para a teoria da obscuridade luliana, ver nota 84 – Ricardo da Costa.





de ambos atraírem mais para si as coisas que contivessem mais da simplicidade do ar que da terra.

– Senhor, disse Félix ao filósofo, a virtude move-se da magnetita para o ferro ou do ferro para a magnetita?

O filósofo disse que em uma cidade havia uma igreja com uma bela cruz na qual estava a figura de Jesus Cristo. Naquela cruz havia muito ouro, prata, e muitas pedras preciosas. Um dia aconteceu que dois homens estavam ajoelhados diante o altar onde estava a cruz: um tinha dor da Santa Paixão de Cristo e lembrava isso pela representação da figura da cruz; o outro invejava o ouro, a prata e as pedras preciosas que estavam na cruz. O homem que tinha dor da paixão de Cristo estava no caminho correto, porque a maior virtude atrai para si a menor; o homem que invejava o ouro, a prata e as pedras preciosas estava no caminho do erro, porque a menor virtude move a maior.

– Félix, disse o filósofo, a magnetita possui a virtude com a qual a agulha se move em direção ao *vento à tramontana*¹⁸⁶ e ao *vento do meio-dia*¹⁸⁷, e ela é tão forte em sua secura que não pode converter o fogo em líquido, o mesmo fogo que converte o ferro. E como a magnetita tem maior virtude que o ferro, a menor virtude tem apetite natural à maior virtude.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza o fogo converte o ferro?

O filósofo disse a Félix estas palavras:

– Em uma cidade havia um rei que era muito luxurioso. Uma senhora daquela cidade se ornava e se pintava o melhor que podia, e ficava na janela todas as vezes que o rei passava pelo caminho onde se encontrava o albergue onde ela estava. Aquela senhora se mostrava ao rei de um modo que ele a cobiçasse ao deleite carnal.

.....
(186) Um dos quatro ventos principais. Trata-se da estrela polar, isto é, o vento ou lado do norte. Os outros são: Levante (leste), Poente (oeste) e Meio-Dia (Sul). Ver, nesta obra, o capítulo 27 (Dos ventos) – Ricardo da Costa.

(187) “Vento ao meio-dia” significa vento sul. Até o século XV, as terras e mares conhecidos pelos europeus situavam-se ao norte do Trópico de Câncer. Portanto, ao passar o Sol pelo meridiano local (meio-dia), fazia-o sempre na direção do sul – Ricardo da Costa.





Na companhia do rei havia um cavaleiro que teve opinião que a senhora estivesse enamorada dele, e então pediu uma loucura àquela senhora¹⁸⁸, que não quis consentir porque amava o rei.

A Félix pareceu muito obscura aquela semelhança, e então pediu ao filósofo que lhe expusesse melhor conforme a questão que havia feito.

– Belo amigo, disse o filósofo, o fogo é quente por sua própria natureza e seco pela terra. E como existe no ferro mais simplicidade da terra que em qualquer outro elemento, o fogo funde o ferro quando o esquenta muito com a intenção de ajustá-lo tão fortemente com a terra para que não exista ali nem ar nem água – e tal água e ar se aproximam pela liquefação. O fogo e a terra recebem a forma líquida no ferro fundido para que o ar e a água possam nascer, e o ar e a água não podem nascer de uma forma melhor a não ser na figura amolecida e convertida em líquido, não na figura sólida e dura. E como a terra se transforma em líquido, a água cuida para que amem mais participar com ela que com o fogo, porque ela não deseja partir da terra. O mesmo faz o ar, que cuida que o fogo ame mais participar com ele que com a terra, porque se transforma de sólido em líquido.

– Senhor, disse Félix, por qual natureza o ouro soa melhor que o ferro?

O filósofo disse a Félix que uma senhora tinha os peitos tão secos que a muito custo podia falar e respirar. Um louco médico pensava naquela senhora, e dava-lhe para comer coisas frias e úmidas para que a doença acabasse pelo calor ou pela secura. Por muito tempo esteve a senhora na cura do médico, e quanto mais se alimentava daquelas comidas que o médico lhe dava, mais piorava. Assim, o médico deu à senhora muitas comidas quentes e secas para que a doença terminasse através do frio e da umidade, mas

.....
(188) Aqui o verbo demanar (pedir) engloba também o desejo de obter. Assim, o cavaleiro pediu a "loucura" à senhora, isto é, que ela cedesse aos seus encantos e se deitasse com ele – Ricardo da Costa.





a senhora não ficou curada¹⁸⁹, pelo contrário, piorou. O médico ficou muito maravilhado com a doença da senhora, abandonou aquela cura e curou-a pela dieta, pois o calor natural consumiu os grossos humores indigestos que a senhora tinha por excesso de comida e bebida. Aqueles humores subiam e desciam crus pelos peitos da senhora, e havia ali tão grossos humores que o ar não tinha o movimento digestivo para formar a voz, ou entrar e sair conforme sua conveniência.

– Senhor, disse Félix ao filósofo, por qual natureza o ferro é mais forte que o ouro e a prata?

O filósofo respondeu que os elementos são mais nobres em virtude de sua forma que em virtude de sua matéria.¹⁹⁰ Por isso, como o fogo possui mais forma que qualquer outro elemento, é mais nobre e mais forte que os outros e, assim, pode destruí-los, pois, na matéria, a malícia do fogo é contida para que não a possua tão intensamente como possuem os outros elementos. Por isso, a forma não pode ter tanta virtude na própria matéria que seja de pouca quantidade, como poderia ter se aquela matéria estivesse em grande quantidade. O mesmo se segue do ar, que tem menos matéria que a água e a terra, e tem mais forma que a água e a terra, e a água, que tem mais forma e menos matéria que a terra. E assim, todos os elementos são em geral ordenados, proporcionados e adequados a um igual. No entanto, como uns são mais senhores que outros nos corpos elementais, estão em maior virtude uns nos outros; como o ferro, que é duro e forte por secura e frio, e o ouro, que é mole por calor e pela umidade, e a prata, pela umidade e pelo frio, estando mais a forma no ouro e na prata e menos matéria que no ferro. E como a forma do ferro é pouca e a matéria é muita, a matéria da terra é mais indigesta no ferro que no ouro e na prata, indigestão que torna o ferro mais forte e mais duro que o ouro e a prata.

.....
(189) Literalmente, "...mas aquela cura não foi proveitosa para a senhora" – Ricardo da Costa.

(190) Para os conceitos de "matéria" e "forma", ver nota 36.





– Senhor, disse Félix, já que o ferro tem mais matéria que o ouro, por qual natureza o ouro é mais denso que o ferro?

O filósofo disse que a esponja, que existe em grande quantidade, é mais leve que o ar, que existe em menor quantidade. O mesmo se segue do junco, que é mais leve que o buxo¹⁹¹, pois quanto mais sólida é a matéria, mais pesada ela é, por causa dos poros nos quais o ar e o fogo não podem entrar nem fazer parte e, por isso, se movem para cima pela leveza que possuem. O fogo e o ar movem a natureza do ferro parcialmente para cima, e podem entrar mais no ferro que no ouro, que não possui tantos poros quanto o ferro.

Após essas palavras, o filósofo disse que uma pobre fêmea, por amor a Deus, deu a um pobre uma moeda de ínfimo valor¹⁹² que possuía, e o rei, também por amor a Deus, deu àquele pobre suas vestimentas reais. Questionou-se quem deu mais ao pobre, o rei ou a fêmea pobre. Quando Félix ouviu essa semelhança, entendeu que o ferro possui mais matéria que o ouro, por que possui a matéria da terra. Mas, conforme a relação da matéria com o universal, existe mais matéria no ouro que no ferro, pois o ouro é mais espesso e mais denso que o ferro, assim como a vontade da pobre fêmea, que possui uma caridade mais intensa que a vontade do rei.

36. DA ALQUIMIA

Félix perguntou ao filósofo se a alquimia é a arte pela qual se pode fazer a transmutação de um metal em outro. O filósofo respondeu que convém à transmutação de um elemento em outro a transmutação substancial e a accidental, isto é, a forma e a

(191) Buxo – Arbusto ou pequena árvore, originária da Europa e da Ásia, da família das buxáceas (*Buxus sempervivens*), dotada de flores pequenas e alvas, frutos capsulares, e de madeira útil para marchetaria, torno, instrumentos musicais de sopro e instrumentos de desenho; buxeiro – Ricardo da Costa.

(192) No original, uma malla (mealla, mezalla); do latim vulgar medalha. Moeda ínfima com o valor de meio dinheiro.





matéria devem se transmutar, com todos seus acidentes, em uma substância nova composta de novas formas, matérias e acidentes.

– E tal obra, belo amigo, disse o filósofo a Félix, não pode ser feita artificialmente, porque a natureza possui o ofício de todos os seus poderes.¹⁹³

– Belo filho, disse o filósofo a Félix, em todo princípio natural existe uma intenção¹⁹⁴, porque convém aos elementos, quando geram os metais, mesclarem-se de tal maneira que umas partes estejam nas outras, assim como na taça de vinho e de água, onde todas as partes de vinho e de água estão mescladas substancial e acidentalmente, isto é, toda a forma, a matéria e os acidentes do vinho se mesclam com toda a forma, a matéria e os acidentes da água. E nessa mescla há diversas intenções naturais, conforme

.....
 (193) Em outras obras de Lúlio encontram-se referências condenatórias à alquimia (Començaments de medicina, Dist. VI, cap. 20, Arbre de ciència, OE I, 839; Ars generalis ultima, Part. IX, subj. 8, cap. 1, par. 8). Assim, é surpreendente que a lenda de Raimundo Lúlio como alquimista tenha conquistado tanto as imaginações dos homens do Renascimento. Para essa questão, ver, sobretudo, Frances A. YATES, Lulio y Bruno. Ensaios reunidos, México, Fondo de Cultura Económica, 1996.

(194) O conceito de intenção é um dos pilares da filosofia luliana. A doutrina da primeira e segunda intenção, já esboçada na primeira obra de Lúlio (*Compendium logicae Algazelis*) foi desenvolvida no *Llibre de contemplació en Deu (Liber contemplationis magnus, escrito por volta de 1272-1273)*, onde o autor afirma que Deus ordenou no homem a primeira e a segunda intenção: “Assim, Bendito sejais Vós, Senhor, que haveis desejado que a primeira intenção do homem seja amá-Lo, honrá-Lo, servi-Lo e conhecer a Vossa bondade e a Vossa nobreza; a segunda intenção que existe no homem, desejais que o homem queira possuir os bens que são consequência dos méritos da primeira intenção”. Para Lúlio, o homem não pode chegar à segunda intenção sem antes ter em si a primeira; isto seria uma corrupção de sua finalidade enquanto ser criado. Em sua essência, esta teoria toca no princípio da finalidade do homem – um tema entre a Ética e a Metafísica – e trata no fundamento da verdade, do valor e da ordem moral. O ser não pode ser passivo, se ele existe, existe para a atividade. Daí sua intensa ação, sua energia voltada para a reforma cristã da sociedade de seu tempo. A primeira intenção é Deus, e Ele está em contínua atividade, uma atividade ad intra. Esta atividade é a própria Santíssima Trindade. O pai (criação), através do Espírito Santo produz o Filho (o criado, o objeto). A segunda intenção é uma atividade peregrina (ad extra), que é a própria atividade de Deus, e tem como consequência o mundo criado. Esta criação será reflexo (imago) de Deus, quer dizer, reflexo da Santíssima Trindade, portanto atividade pura. Esta teoria é um dos pilares do pensamento luliano – Ricardo da Costa.





umas partes estão graduadas nas outras, e também a quantidade dessas partes, seus graus e suas situações¹⁹⁵ são inteligíveis, invisíveis, inestimáveis e inimagináveis.

Entre um alquimista e um fogo fez-se uma grande questão, porque o alquimista disse que se poderia artificialmente simplificar, depurar e repartir um elemento do outro, se cada elemento estivesse simples por si mesmo e composto tão somente de forma, matéria e acidentes simples. O fogo se maravilhou muito com a louca opinião do alquimista, que queria saber mais da existência dos elementos simples que ele. Disse então ao alquimista estas palavras: “Os elementos procuram sua perfeição nos metais e em todos os corpos elementais, mas não podem mais descobri-la depois que Deus criou o mundo. Aquela perfeição de cada elemento estava em sua simplicidade e em sua incorruptibilidade. Mas como Deus mesclou a qualidade dos elementos, isto é, o calor, a umidade, o frescor e a secura, e o sujeito daquelas qualidades são as formas e as matérias dos elementos, mesclados em confusão da simples matéria e da simples forma¹⁹⁶ – que são princípios comuns a todos os corpos elementais – é impossível que um elemento possa existir sem o outro. Porque se um elemento pudesse existir sem o outro, o ar poderia ser úmido por si mesmo, não teria nem um pouco de calor e existiria em sua própria forma e matéria, quantidade e calor, incorruptíveis, em algum corpo composto. Tal coisa é impossível e contra os princípios naturais, que são mais fortes no apetite natural que no apetite artificial do alquimista”.

O alquimista disse ao fogo que um pintor de cores representou na parede a figura de um homem. O fogo disse ao alquimista

.....

(195) No original, *assituacions*, palavra correspondente à categoria aristotélica *situs*, isto é, sua posição condicionada na matéria.

(196) Na obra *Lógica nova* (escrita em maio de 1303 em Gênova, portanto, depois da redação do *Livro das Maravilhas*), Dist. IV, *Cent formes*, n. 87, encontra-se a definição luliana para o conceito de *confusió*: “*Confusão* é o princípio no qual começa o movimento de geração e de corrupção. E por amor a isso, essa confusão é sujeito e meio do movimento de geração e de corrupção; e quando a confusão está consumada, a geração ou a corrupção está feita”.





que a forma e a matéria daquela figura estavam distantes e, por isso, aquela figura não tinha o movimento natural que pertence à natureza humana. O alquimista pediu ao fogo que da prata fizesse ouro. E o fogo disse ao alquimista estas palavras: “Em uma terra aconteceu que um leão combateu por muito tempo com um javali. Aquele leão se esforçava tanto quanto podia para matar o porco, pois queria comê-lo, e o javali se defendia, pois não desejava perder seu ser, nem desejava que sua carne se transmudasse na carne do leão, porque amava mais existir na espécie de porco que na espécie de leão”.¹⁹⁷

– Senhor, disse Félix ao filósofo, conforme vossas palavras parece que é coisa impossível fazer a transmutação de um elemento em outro e de um metal em outro segundo a arte da alquimia, pois dissestes que nenhum metal tem o apetite para mudar seu ser em outro. Porque se mudasse seu ser em outro, não seria o mesmo ser que amava ser. Logo, entendi bem todas as vossas razões e semelhanças. Mas de uma coisa maravilho-me fortemente: como o homem pode ter tão grande afeição à arte da alquimia se essa arte não é verdadeira?

O filósofo respondeu a Félix e disse estas palavras:

– Em uma terra aconteceu que um homem pensou de que forma poderia juntar um grande tesouro, e vendeu tudo o que tinha. Ele foi até um rei numa terra muito distante, e disse que era alquimista. Aquele rei teve um grande prazer com sua vinda, deu-lhe hospedagem e tudo mais que necessitava. Aquele homem tinha muito ouro em três recipientes, nos quais havia fervido ervas, e aquela fervura era semelhante a um letovari.¹⁹⁸ O homem pôs diante do rei um daqueles recipientes numa caldeira, e fundiu muitas moedas que o rei tinha-lhe dado para que as multiplicasse. O ouro que estava no recipiente pesava mil moedas, e o rei tinha mais duas mil na caldeira, e, no final, a massa do

.....
(197) Nessa passagem, o autor alterna “javali” e “porco”. Deixamos exatamente como no original – Ricardo da Costa.

(198) Sobre o letovari ver nota 171.





ouro pesou três mil moedas. Por três vezes o homem fez isso, e o rei acreditou que ele fosse um alquimista de verdade. No fim, o homem fugiu com uma grande quantidade de ouro que o rei lhe tinha confiado para multiplicá-lo, pois pensava que a substância que estava nos recipientes¹⁹⁹ tivesse a virtude com a qual o ouro se multiplicasse na fornalha.

– Em uma cidade havia um rico homem cuja mulher não podia ter filhos. A senhora, mulher daquele rico homem, desejava muito ter filhos. Naquela mesma cidade havia uma fêmea falsa que pensava uma forma de obter grandes dinheiros daquela senhora, e lhe disse que daria de comer coisas com as quais conseguiria engravidar. Aquela senhora tinha uma vontade tão grande de ter filhos que acreditou em tudo que a fêmea lhe disse. No final, quando a fêmea conseguiu muitos dinheiros²⁰⁰ da senhora, fugiu e foi para uma terra muito distante daquela cidade.

.....
(199) No original cofit, “substância preparada de diversos ingredientes, confecção”, GGL, vol. 1, p. 346, 1982, sem tradução para o português – Ricardo da Costa.

(200) Para a questão das moedas medievais, ver nota 13.





COMEÇA O SÉTIMO LIVRO, DAS BESTAS

Depois de se despedir do filósofo, Félix andou por um vale cheio de árvores e fontes. Ao sair daquele vale, encontrou dois homens que tinham barbas e cabelos longos e estavam pobrememente vestidos. Félix saudou-os e eles o saudaram.²⁰¹

– Belos senhores, disse Félix, de onde vindes? De qual ordem sois? Porque, segundo vossas vestimentas, parece-me que sois de alguma ordem.

– Senhor, disseram os homens, viemos de terras distantes e passamos por uma planície perto daqui. Naquela planície há um grande encontro de bestas selvagens que desejam escolher um rei. A nossa é a chamada *Ordem dos Apóstolos*, e nossas vestimentas

.....
(201) O Livro das Bestas foi publicado no Brasil separadamente do Livro das Maravilhas (RAIMUNDO LÚLIO, Livro das Bestas, São Paulo, Editora Giordano, 1990). No entanto, optamos por não nos basearmos nesta tradução (feita por Cláudio Giordano), pois nossa proposta difere significativamente da publicação supracitada, mais livre e com o objetivo de “facilitar a leitura” para uma maior divulgação. Aproveitamos, no entanto, as notas explicativas de Esteve Jaulent. Em nossa tradução, mantivemos as repetições e os termos medievais, além de toda a estrutura do texto original, respeitando o estilo do autor e sua época, sempre com o objetivo de oferecer ao leitor a tradução mais fiel possível ao original – Ricardo da Costa.





e nossa pobreza significam a conduta que os apóstolos tinham enquanto viveram neste mundo.²⁰²

Félix se maravilhou muito de como os dois homens haviam ingressado numa ordem tão elevada como essa dos Apóstolos²⁰³, e disse estas palavras:

– *A Ordem dos Apóstolos é a soberana de todas as outras ordens. E quem é da Ordem dos Apóstolos não deve temer a*

.....
 (202) Os Apóstolos ou Irmãos Apostólicos foram uma seita fundada em 1260 por Gerard Segarelli, de Parma. O seu franciscanismo exaltado combinado com o ideário apocalíptico de Joaquim de Fiore (c. 1135-1202) os fez entrar em conflito com a Igreja. No dia 11 de março de 1286, eles foram ordenados a aderir a uma ordem oficialmente reconhecida. Eles negaram e, portanto, foram considerados hereges. Em 7 de março de 1290, o papa Nicolau IV publicou uma bula condenando a seita, e a perseguição começou. Quatro seguidores foram queimados em 1294, e em 1300 o próprio Segarelli foi morto na fogueira. Em 1307, os derradeiros membros da seita foram encerrados nas montanhas próximas a Vercelli. Os nove chefes foram queimados e os sete aprendizes foram interrompidos de maneira definitiva. Ver o artigo de C. LOHR na Encyclopaedia Britannica (ed. 1971) e também L. SPÄTLING, “De apostolicis, pseudoapostolicis, apostoliniss”, em Diss. Pontifici Athenai Antoniani, Munich, 1974, p. 111-179. Para Joaquim de Fiore e o joaquinismo, ver Jean DELUMEAU, Mil anos de felicidade, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 32-87.

Nesta passagem e também na obra Blaquerna (*Libre d’Evast e d’Aloma e de Blaquerna, escrito em 1283 em Montpellier*, final do capítulo 76), Lúlio trata da Ordem dos Apóstolos em termos elogiosos. Em contrapartida, condena a mesma Ordem no Livro VIII, cap. 56, coisa que fez muitos críticos pensarem que Blaquerna e o Livro das Bestas foram escritos antes da condenação da seita em 1286, e o resto de Félix depois. Mas como afirmou acertadamente J. DAGENAIS (“New considerations on the Date and Composition of Lull’s Libre de bèsties”, Actes del Segon Col.loqui d’Estudis Catalans a Nord-Amèrica, Yale, 1979/Montserrat, 1982, p. 131-139), aquela menção dos Apostólicos não aparece nas fábulas animais do Livro das Bestas, a não ser em seu Prólogo, com Félix ainda em cena e, portanto, forma parte da estrutura central da novela. Ou como disse Dagenais: “Seria difícil sustentar o argumento de que algum tempo antes da escritura do Félix, Lúlio tenha escrito uma fábula animalésca com um prólogo que começa com um personagem chamado de Félix e que acabou de despedir-se de um filósofo”. Assim parece que se pode descartar aquele argumento a favor de uma redação anterior do Livro das Bestas. Para outra interpretação dessas distintas referências aos Apostólicos, ver nota abaixo.

(203) Anthony Bonner suspeita que Lúlio emprega a palavra orde aqui nesta passagem (e nas seguintes) não com o sentido específico de a Ordem dos Apóstolos, mas com a idéia genérica de “posição”, “condição”, “estado”. Dessa forma, acredita que possa suavizar uma possível contradição de Lúlio, já que mais tarde chama os Apóstolos de hipócritas (Livro VIII, capítulo 56). Antoni BONNER, OS, op. cit., volume 2, p. 126.





morte e sim mostrar o caminho da salvação aos infiéis que estão no erro e dar aos cristãos que estão em pecado a doutrina da vida santa, por obra e por pregação. Tal homem que esteja na *Ordem dos Apóstolos* não deve cessar de pregar e fazer boas obras com todo o seu poder.

Tais palavras e muitas outras Félix disse aos dois homens que se diziam da *Ordem dos Apóstolos*.

– Senhor, disseram os dois homens, não somos dignos de estar em tão elevada vida como a dos apóstolos, mas somos apenas uma imagem²⁰⁴ da conversão dos apóstolos, e essa imagem está representada em nossas vestimentas, em nossa pobreza e na passagem que fazemos pelo mundo, de terra em terra. Temos esperança de que Deus envie a este mundo homens de vida santa, que também sejam da *Ordem dos Apóstolos* e que tenham a ciência e a linguagem para saber pregar e converter os infiéis, com a ajuda de Deus, e que dêem aos cristãos um bom exemplo com sua vida e suas palavras santas. Assim, para que Deus se mova à piedade e para que os cristãos desejem a vinda de tais homens, representamos a figura dos apóstolos.

Félix teve muito prazer com o que os homens lhe disseram, e junto com eles chorou por muito tempo, dizendo estas palavras:

– Ah, Senhor Deus Jesus Cristo! Onde estão o santo fervor e a devoção que costumava existir nos apóstolos, os quais, por amá-Lo e conhecê-Lo, não duvidavam de sustentar trabalhos e a morte? Belo Senhor Deus, que seja de Vosso agrado que, em breve, venha um tempo no qual se complete a santa vida significada na vida desses homens.

.....
(204) "...somos apenas uma imagem"; no original figura, imagem, representação (N. dos T).





Depois dessas palavras, Félix recomendou os santos homens a Deus, e foi àquele lugar onde as bestas desejavam eleger um rei.

37. DA ELEIÇÃO DO REI

Em uma bela planície por onde passava uma bela água estavam muitas bestas que desejavam eleger um rei. A maior parte fez um acordo: que o Leão fosse rei. Mas o Boi se opôs fortemente àquela eleição, e disse estas palavras:

– Senhores, à nobreza do rei convém beleza de pessoa: que seja grande, humilde e que não dê dano às suas gentes. O Leão não é uma grande besta, nem é besta que vive de ervas, pelo contrário, ele come as bestas. O Leão possui uma palavra e uma voz que, quando grita, faz estremecer todos nós de pavor. Pelo meu conselho, deveis eleger o Cavalo como rei, porque o Cavalo é uma besta grande, bela e humilde, e é também uma besta ligeira, não tem orgulho semelhante ao Leão e nem come carne.²⁰⁵

O Cervo, o Cabrito, o Carneiro e a todas as outras bestas que viviam das ervas sentiram muito prazer com o que o Boi disse.

.....
(205) Anthony Bonner comenta uma nota do tradutor do século XVII, Luís de Flandres: "Neste tratado, os animais que comem carne significam os nobres; os que comem ervas os plebeus. A relação entre os animais e os personagens reais é: Leão = o rei, Leopardo = o honrado, Onça = a lisonjeira, Raposa = a astuta, Serpente = a prudente", Antoni BONNER, OS, op. cit., volume 2, p. 127. Para a questão da alimentação como elemento cultural diferenciador das ordens sociais na Idade Média, ver Massimo MONTANARI, "Estruturas de produção e sistemas alimentares", p. 282-291 e "Os camponeses, os guerreiros e os sacerdotes: imagem da sociedade e estilos de alimentação", p. 292-299; Gerd ALTHOFF, "Comer compromete: refeições, banquetes e festas", p. 300-310, e Antoni RIERA-MELIS, "Sociedade feudal e alimentação (séculos XII-XIII)", p. 387-408, em Jean-Louis FLANDRIN, e Massimo MONTANARI (dir.), História da Alimentação, São Paulo, Estação Liberdade, 1998 – Ricardo da Costa.





Mas Dona Raposa se adiantou para falar diante de todos²⁰⁶, e disse estas palavras:

– Senhores, disse Dona Raposa, quando Deus criou o mundo, não o fez para que o homem fosse conhecido e amado, e sim para que Ele fosse amado e conhecido pelo homem. E conforme tal intenção, Deus desejou que o homem fosse servido pelas bestas, pois o homem vive de carne e de ervas. E vós, senhores, não deveis considerar a intenção do Boi, que desama o Leão porque come carne, mas deveis seguir a regra e a ordenação que Deus fez nas criaturas.²⁰⁷

.....

(206) Com raras exceções (em algumas poucas passagens) a Raposa é o único animal da fábula luliana que tem um título, Dona Raposa – na Idade Média En e Na eram mais que simples artigos pessoais (En = Dom, Na = Dona). O nome Raposa vem do germânico Reginhard (da obra Ysengrimus, As Aventuras do Lobo, escrita por Guilherme de Gand em 1159. Ysengrimus, por sua vez, foi escrito tomando como base um poema latino baseado em tradição popular chamado Ecbasis captivi, composto em 837 por um monge da abadia de São Ebro, na Lorena), do qual deriva o moderno Reinhart. O chamado Ciclo da Raposa (cerca de 30 contos, 24.000 versos octossilábicos em várias obras de autores diferentes) se aplica a uma série de fábulas animais com características oriundas das Fábulas de Esopo (c. 600 a.C.) – muito populares na Idade Média pelo menos a partir da reforma carolíngia do século IX (ver Ernest Robert CURTIUS, Literatura Européia e Idade Média Latina, São Paulo, HUCITEC, 1996, p. 86-88). Estes escritos que compõem o Ciclo da Raposa surgiram na região da Lotaríngia entre os séculos X-XI. Disseminaram-se para a Alemanha, Países Baixos e principalmente a França, onde o Roman de Renart (séc. XII) ficou tão famoso que o nome Renart suplantou a palavra original que originalmente designava a raposa (goupil). Na Catalunha, a palavra Renart durante um certo tempo substituiu o termo mais usual de guineu, mas com certeza não perdurou depois da época de Lúlio, pois em um manuscrito de Félix do século XIV (ms. L) já se encontra a palavra guineu para explicar qual animal é Dona Raposa. Mesmo na época de Lúlio o termo mais comum era volp (do latim vulpe). Curiosamente, no francês, Raposa é um personagem masculino; no bestiário luliano, Raposa é feminino – seguindo a tradição ibérica (em catalão = guineu, guilla, rabosa, volp; em castelhano = zorra, raposa, gulpeja). Em contrapartida, apesar de Dona Raposa estar no feminino, no texto algumas vezes Lúlio acompanha Dona Raposa com adjetivos no masculino. Qual seria o seu propósito? Desconhecemos. Ver Gustave COHEN, La vida literaria en la Edad Media (La literatura francesa del siglo IX ao XV), México, Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 21, 94-96 e 135-136. Em nossa tradução optamos por deixar esses “erros” exatamente como se encontram no texto original (alternância de masculino/feminino) – Ricardo da Costa.

(207) A Raposa comete dois enganos: primeiro, é contra o que o Boi e seus companheiros querem – que o Cavalo seja rei – por julgar mal a intenção do Boi; segundo, para defender o seu interesse – que o rei seja o Leão – usa a favor de si mesma argumentos religiosos, que nesse momento estão fora de lugar. Além disso, o argumento é falacioso, pois se Deus quis que o homem fosse servido pelos animais, não foi para o homem se alimentasse deles – Esteve Jaulent.





De sua parte, o Boi, com seus companheiros, colocou-se contra as palavras de Dona Raposa, e disse que o Cavalo, que come ervas, deveria ser rei porque ele e seus companheiros tinham uma intenção verdadeira para a eleição do rei, porque se tivessem uma falsa intenção, não diriam que o Cavalo, que come a mesma erva que eles comem, deveria ser rei. E disse também que eles não deviam crer na opinião de Dona Raposa, que preferia que o Leão fosse rei porque vivia dos restos deixados pelo Leão quando ele comia a caça que havia apreendido, não por sua nobreza.

Tantas foram as palavras de uma e de outra parte que toda a corte se inquietou, e a eleição foi interrompida. O Urso, o Leopardo e a Onça²⁰⁸, que tinham esperança de serem eleitos como rei, pediram à corte que o tempo fosse prolongado até que se determinasse qual besta era mais digna de ser rei. Dona Raposa, sabendo que o Urso, o Leopardo e a Onça alongavam a eleição porque cada um tinha a esperança de ser rei, disse, na presença de todos, estas palavras:

– Em uma igreja catedral fez-se uma eleição, e houve uma discussão naquele capítulo a respeito da escolha do bispo.²⁰⁹ Uns cônegos desejavam que o sacristão daquela igreja, um homem muito sábio nas letras e abundante de virtudes, fosse bispo. O arcediogo, que cuidava para ser eleito bispo, e o mestre do coro da catedral, discordavam da eleição do sacristão e consentiram que um cônego simples, que era belo fisicamente e não sabia nenhuma ciência, fosse bispo. Aquele cônego era fraco de pessoa²¹⁰ e muito luxurioso. Muito se maravilhou todo o capítulo com o que disseram o arcediogo e o mestre do coro. Naquele capítulo havia um cônego que disse estas palavras: “Se o Leão é rei e o Urso, a Onça e o Leopardo se opõem à sua eleição, estarão todo o tempo

.....
(208) Com certeza Lúlio utiliza a palavra Onça com o sentido que tinha a Idade Média (do francês *once*, do inglês *ounce*): trata-se do lince europeu (a palavra *onça* vem do grego *lygx*, lince, mas o lince asiático).

(209) Um capítulo era uma reunião de dignidades eclesiásticas para tratar um determinado assunto, no caso do texto, uma eleição para o bispado (N. dos T.).

(210) “..fraco de pessoa”, isto é, fraco de caráter (N. dos T.).





na malevolência do rei. E se o Cavalo é rei e o Leão faz alguma falta contra o rei, como o Cavalo poderá se vingar, já que não é uma besta tão forte como o Leão?"²¹¹

Quando o Urso, a Onça e o Leopardo escutaram o exemplo que Dona Raposa disse, temeram fortemente o Leão e consentiram com a eleição, desejando que o Leão fosse rei. Pela força do Urso e das outras bestas que comiam carne – e malgrado as bestas que comiam erva – o Leão foi escolhido para ser rei e deu licença a todas as bestas que viviam de carne para que comessem e vivessem das bestas que comiam erva.

Um dia aconteceu que o rei estava no parlamento tratando da ordenação de sua corte. Todo aquele dia até a noite o rei e seus barões estiveram reunidos sem nada comer e beber. Quando o parlamento terminou, o Leão e seus companheiros tiveram fome e perguntaram ao Lobo e à Dona Raposa o que poderiam comer. Eles responderam que era tarde para procurar carne, mas que perto daquele lugar havia um vitelo²¹², filho do Boi, e um potro, filho do Cavalo, que poderiam ser comidos abundantemente. O Leão enviou-os àquele lugar e fez vir o vitelo e o potro, e todos os comeram. O Boi e o Cavalo ficaram muito irados com a morte de seus filhos, e foram juntos a um homem para se colocar a seu serviço e para que ele os vingasse da falta que seu soberano havia cometido contra eles. Quando o Boi e o Cavalo se apresentaram ao homem para servi-lo, este cavalgou o Cavalo e fez o Boi arar.

.....
(211) Diante do argumento da força, o Urso, a Onça e o Leopardo, temerosos, cedem. Entretanto, o surpreendente desta passagem é a arguição do cônego retornar à ficção animal. É este um dos contrapassos do texto – a ficção animal é parcialmente abandonada e Lúlio coloca na boca dos animais exemplos da vida humana. Dessa forma, a fábula animal inverte-se, e o leitor é obrigado a avançar ao contrapasso. O leitor deverá lembrar-se então de que é precisamente Dona Raposa quem está pondo o exemplo da eleição do Bispo, e o faz livremente – e como se vê pelo resultado alcançado, com êxito – para conseguir seus interesses. Cf. Patrick Gifreu, *L'élection du lecteur*, em "Raymond Lulle, *Le livre dès bêtes*", Editions du Chiendent 1985 – Esteve Jaulent.

(212) Vitelo = novilho menor de um ano (N. dos T.).





Um dia aconteceu do Cavalo e do Boi se encontrarem e cada um perguntar ao outro sobre seu estamento.²¹³ O Cavalo disse que estava trabalhando muito servindo a seu senhor, pois cavalgava todo o dia e ele o fazia correr para cima e para baixo, mantendo-o preso dia e noite. O Cavalo desejou muito sair da servidão de seu senhor e voltar a estar submetido ao Leão. Mas como o Leão comia carne e teve só alguns votos dele para ser eleito rei²¹⁴, o Cavalo hesitou em retornar à terra na qual o Leão reinava, e amou mais estar em trabalho sob a senhoria do homem, que não comia carne de cavalo, do que ao lado do Leão, que comia carne de cavalo.

Após o Cavalo contar seu estamento ao Boi, o Boi disse ao Cavalo que ele também estava em grande trabalho, todos os dias, arando, e seu senhor não o deixava comer o trigo da terra que ele arava, pelo contrário, convinha que, quando tivesse terminado e retirado o arado, fosse pastar as ervas que as ovelhas e as cabras haviam pastado enquanto ele arava. O Boi reclamou muito fortemente de seu senhor e o Cavalo o confortou tanto quanto pôde.

Enquanto o Boi e o Cavalo conversavam, um carnicheiro veio ver se o Boi estava gordo, porque seu senhor o havia vendido. O Boi disse ao Cavalo que seu senhor desejava vendê-lo, pois desejava matá-lo para ser comida pelos homens. O Cavalo disse que havia sido mal recompensado do serviço que havia feito. Por muito tempo o Cavalo e o Boi choraram. Então, o Cavalo aconselhou ao Boi que fugisse e retornasse à sua terra, porque mais valia estar em perigo de morte, sem trabalhar e entre seus parentes, do que em perigo de morte, em trabalho e com um senhor ingrato.

.....
(213) "...e cada um perguntar ao outro sobre seu estamento". No sentido do texto, Lúlio se refere à situação de ambos animais – a palavra poderia ser "condição", mas refere-se também à condição social, isto é, de animais herbívoros numa dupla situação social: inferior aos carnívoros e na servidão do homem, daí a tradução literal de estamento, palavra que em português significa exatamente a mesma coisa que em catalão – Ricardo da Costa.

(214) A tradução literal é: "...teve alguma voz para ser eleito rei", isto é, a votação era aberta e procedia em voz alta (N. dos T.).





38. DO CONSELHO DO REI

Quando o Leão foi eleito rei, fez um belo sermão diante de seu povo, e disse estas palavras:

– Senhores, é vossa vontade que eu seja rei. Todos sabem que o ofício de rei é muito perigoso e é um grande trabalho. É perigoso porque pelos pecados do rei muitas vezes Deus envia fome e doenças, morte e guerras à terra. O mesmo faz pelos pecados do povo. Por isso, reinar é uma coisa perigosa ao rei e a todo o seu povo. E como é um grande trabalho para o rei governar a si mesmo e a seu povo, vos peço que me deis conselheiros que me ajudem e que me aconselhem de tal maneira que sejam a minha salvação e a de meu povo. Peço-vos que aqueles conselheiros que me deres sejam homens sábios, leais, e que sejam dignos de serem conselheiros e pares do rei.

As palavras ditas pelo rei agradaram muito a todos os barões e ao povo daquela corte, e todos se sentiram bem-aventurados com a eleição do rei. Foi feito então um acordo que o Urso, o Leopardo, a Onça, a Serpente e o Lobo seriam conselheiros do rei. Todos esses, na presença da corte, juraram dar um conselho leal em tudo o que pudessem.

Mas Dona Raposa sentiu um grande desprazer por não ter sido escolhida para ser conselheiro do rei²¹⁵ e, na presença da corte, disse estas palavras:

– De acordo com o que se encontra escrito no Evangelho, Jesus Cristo, que é rei do céu e da terra, desejou ter a amizade e a companhia de homens simples e humildes. Por isso elegeu os apóstolos, que eram homens simples e pobres, para significar que sua virtude os exaltaria para que eles fossem ainda mais humildes.

.....
(215) Assim está no original: “Dona Raposa (...) eleita para ser conselheiro do rei”. Já assinalamos essa curiosidade do texto luliano, os adjetivos masculinos para um personagem feminino, a mistura de ambos numa só frase. No entanto, preservamos no texto essa curiosidade literária, ainda inexplicável para a maior parte dos especialistas (N. dos T.).





Para vossa instrução, digo que a mim parece que o rei deve ter em seu Conselho bestas simples e humildes, para que não se orgulhem de seu poder e de sua linhagem, não desejem se igualar ao rei e que assim sejam exemplo de esperança e humildade para as bestas simples e que vivem de erva.

Ao Elefante, ao Javali, ao Bode, ao Carneiro, e a todas as outras bestas que vivem de ervas pareceu bom o que disse Dona Raposa, e todos estes aconselharam ao rei que Dona Raposa, que era bem falante e tinha grande sabedoria, fosse do Conselho do rei. E Dona Raposa aconselhou e considerou bom que o Elefante, o Javali, o Bode e o Carneiro também fossem do Conselho do rei.

Em grande consideração estiveram o Urso, o Leopardo e a Onça quando ouviram que Dona Raposa seria do Conselho do rei, porque tiveram grande pavor que Dona Raposa, com sua eloquência e astúcia, fizesse a ira do rei ir contra eles, e principalmente porque Dona Raposa aconselhou mais que todas as outras bestas a eleição do rei.

– Senhor, disse o Leopardo ao rei, em vossa corte está o Galo, que é uma bela figura, sábio, e que sabe ser o senhor de muitas galinhas. Ele canta no alvorecer muito clara e belamente, e melhor convém que ele seja de vosso Conselho do que Dona Raposa.

O Elefante disse que seria bom que o Galo fosse do Conselho do rei para que lhe desse exemplo para reger e submeter a sua rainha, e para que o despertasse no alvorecer para pregar a Deus, mas que Dona Raposa também era boa para ser conselheiro do rei²¹⁶ porque era uma besta sábia e conhecedora de muitas coisas.

O Leopardo disse que não convinha ao Conselho do rei ter duas pessoas que se quisessem mal por natureza, porque pela má vontade que têm poderiam inquietar o Conselho do rei. Por sua vez, Dona Raposa falou, e disse que era apropriado ao Conselho do rei ter belas e grandes bestas como o Elefante, o Javali, o Bode, o Carneiro e o Cervo, porque à presença do rei convinha beleza pessoal.

.....
(216) Novamente Lúlio mistura o gênero quando se refere à Dona Raposa (N. dos T.).





O rei teve vontade que Dona Raposa e seus companheiros fossem da corte e de seu Conselho, e estaria tudo acabado se o Leopardo não dissesse secretamente ao rei estas palavras:

– Senhor, um conde estava em guerra com um rei. E como o conde não era tão poderoso como o rei, serviu-se habilmente da guerra contra o rei, isto é, o conde deu secretamente grandes presentes ao escrivão do rei para que lhe dissesse todos os ardis que o rei faria em sua guerra contra ele. E como o escrivão impedia o poder do rei, este não conseguia dar fim à guerra contra o conde.

Quando o Leopardo terminou suas palavras e o Leão entendeu a semelhança, disse que o Galo seria de sua corte, e não Dona Raposa, para que ele não dissesse ao Elefante e às bestas que vivem de erva os ardis do rei e de seus companheiros que comiam carne.

39. DA TRAIÇÃO QUE DONA RAPOSA ARMOU CONTRA O REI

Dona Raposa e seus companheiros sentiram muito desprazer com o fato de não estarem no Conselho do rei. A partir desse momento, Dona Raposa concebeu a traição em seu coração e desejou a morte do rei. Disse então estas palavras ao Elefante:

– Daqui em diante haverá grande inimizade entre as bestas que comem carne e as bestas que comem erva, pois o rei e seus conselheiros comem carne, e não tendes em seu Conselho nenhuma besta que seja de vossa natureza e que mantenha vosso direito.

O Elefante respondeu que tinha esperança de que a Serpente e o Galo defenderiam racionalmente seus direitos na corte do rei, porque eram bestas que não viviam de carne. Dona Raposa respondeu dizendo que em uma terra aconteceu que um cristão tinha um sarraceno em quem muito confiava e ao qual concedia muitos prazeres, e o sarraceno, por ser contrário





à Lei²¹⁷, não podia estimá-lo, pelo contrário, considerava todos os dias como o podia matar.²¹⁸

– Por isso, senhor Elefante, disse Dona Raposa, sendo a Serpente e o Galo de linhagem a vós e a vossos companheiros, embora não comam carne, nem por isso podeis confiar neles. Pelo contrário, crede certamente que considerarão tudo que seja prejudicial a vós e a todos os vossos companheiros.

O Elefante esteve em grande consideração com as palavras que Dona Raposa lhe dissera, e considerou por muito tempo o prejuízo que poderia advir a ele e a seus companheiros com a eleição do rei e de seus conselheiros. Enquanto o Elefante assim considerava, Dona Raposa lhe disse que não tivesse temor do rei e de seus companheiros, porque se ele desejasse ser rei, ela trataria para que ele pudesse ser rei. Mas o Elefante temeu que Dona Raposa o traísse, porque, conforme sua natureza, deveria amar mais as bestas que viviam de carne que as bestas que viviam de erva. E disse à Dona Raposa estas palavras:

– Em uma terra aconteceu que um milhafre²¹⁹ carregava uma ratazana e um eremita pediu a Deus que aquela ratazana caísse em seu colo. Por causa das orações do santo homem, Deus fez aquela ratazana cair no colo do eremita. Ele então pediu a Deus que a transformasse numa linda donzela. Deus atendeu às preces do eremita e fez da ratazana uma bela donzela. “Filha, disse o eremita,

.....

(217) “...por ser contrário à Lei”, isto é, contrário à religião, à doutrina católica (N. dos T.).

(218) Esta é uma passagem claramente autobiográfica, pois sabemos, graças à Vida Coetânia (1311) que Lúlio comprou um escravo e aprendeu o árabe com ele: “...E mais adiante comprou um mouro, para que dele pudesse aprender a língua arábica ou mourisca. E, como desta forma ele estivesse estado pelo espaço de nove anos, aconteceu que um dia de manhãzinha o dito mouro, ausente o dito reverendo mestre, blasfemou o suberizando nome de Jesus Cristo. A qual coisa depois como lhe fosse recontada, inquieto pelo intrínseco zelo de Nosso Senhor, feriu o dito mouro assim na boca como na cara, cabeça e outras partes de seu corpo, e, como o dito mouro fosse muito alto de coração e fosse quase do estado de mestre do dito senhor seu em mostrar-lhe a língua mourisca, o escravo teve grande ira dos ditos golpes, e de fato, pensou de que forma e maneira o poderia matá-lo”, RAMON LLULL, Vida Coetânia, 11.

(219) Ave de rapina européia da família dos falconiformes (N. dos T.).





desejais o Sol como marido?”. “Não, senhor, porque as nuvens tolfem a claridade do Sol”. E o eremita perguntou se ela queria a Lua como marido. Ela disse que a Lua não tinha claridade por si mesma, mas através do Sol. “Bela filha, desejais a nuvem como marido?”. Ela respondeu que não, porque o vento mandava as nuvens para onde desejava. A donzela não quis o vento como marido porque as montanhas impediam seu movimento, nem quis as montanhas, porque as ratazanas as furavam, nem desejou o homem como marido, porque ele matava os ratos. No final, a donzela pediu ao eremita que pedisse a Deus que a tornasse ratazana tal como era antes, e que lhe desse como marido um belo rato.²²⁰

Quando Dona Raposa ouviu o exemplo, entendeu que o Elefante suspeitava dele. Temendo que este a denunciasse, teria proposto com gosto que o Javali fosse rei, da mesma forma como propusera o Elefante. Mas para que muitos não soubessem de sua intenção, desejou tratar, custe o que custar, que o Elefante fosse rei, e disse estas palavras:

– Em uma terra aconteceu que um cavaleiro teve um belo filho de uma senhora. Aconteceu que a mulher daquele cavaleiro morreu e o cavaleiro tomou outra mulher, que desamava muito o jovem que seu marido muito amava. Quando aquele jovem chegou à idade de vinte anos, a senhora cogitou uma maneira de seu marido expulsar seu filho de sua casa. Disse então a ele que o jovem avançara loucamente sobre ela. O cavaleiro amava tão fortemente sua mulher que incontinenti acreditou em tudo o que ela disse. Então expulsou seu filho de sua casa²²¹ e ordenou que

.....
 (220) Esta é a primeira das fábulas comprovadamente de origem oriental contida no Livro das Bestas, e pertence a uma coleção chamada Kalila e Dimna – já publicada em português (IBN AL-MUKAFA, Calila e Dimna [trad. e apes. de Mansour Challita], Rio de Janeiro, Associação Cultural Internacional Gibran, s/d). – Ricardo da Costa.

(221) Interessante observar esse exemplo que na primeira citação de casa neste exemplum, Lúlio utiliza a palavra alberg (casa que serve de habitação para as pessoas), mas nesta última vez coloca hostel (casa onde se vive habitualmente e são admitidos hóspedes gratuitamente por amizade ou parentesco), o que sugere um tom mais íntimo que no primeiro caso (GGL, vol. I, 1982, p. 72 e GGL, vol. III, 1984, p. 95) – Ricardo da Costa.





nunca mais permanecesse na sua presença. O jovem ficou muito irado com seu pai porque o havia expulsado de sua casa e retirado todas as suas graças sem nenhuma razão.²²²

Conforme o exemplo que Dona Raposa disse, o Elefante ficou parcialmente consolado, e teve esperança no que Dona Raposa lhe disse, isto é, de tornar-se rei. Perguntou então à Dona Raposa como poderia fazer o rei morrer e ser eleito rei, pois o rei era tão forte e tinha um Conselho tão sábio e Dona Raposa era uma besta tão pequena e com um poder tão fraco. Dona Raposa respondeu dizendo este exemplo:

– Em uma terra aconteceu que todas as bestas concordaram em dar todos os dias ao Leão uma besta para que ele não atrapalhasse sua caça, e o Leão aceitou. Todos os dias aquelas bestas tiravam a sorte e a besta sobre a qual a sorte atingia ia até o Leão e ele a comia. Um dia aconteceu que a sorte caiu sobre uma Lebre, e ela demorou a ir ao Leão até a hora do meio-dia porque temia morrer. O Leão ficou muito irado com o atraso da Lebre, pois tinha grande fome, e perguntou à Lebre por que havia demorado tanto. A Lebre se desculpou, e disse que perto dali havia um Leão que dizia ser rei daquela terra e que havia tentado prendê-la. O Leão ficou muito irado e, pensando ser verdade o que a Lebre lhe dizia, pediu-lhe então que mostrasse o outro Leão. A Lebre saiu na frente e o Leão a seguiu. A Lebre chegou a uma grande e profunda reserva de água cercada por todos os lados de um grande muro. Quando a Lebre foi até a água e sua sombra e a do Leão apareceram na água,

.....

(222) Este exemplum dá a entender ao Elefante que, uma vez morto o rei, os conselheiros carnívoros expulsariam da corte real todos os animais herbívoros. Daí a conveniência de o Elefante se tornar rei – Esteve Jaulent.

Além disso, esta passagem pertence a outra tradição oriental chamada Os sete mestres sábios, O Livro de Simbad. Como o texto de Kalila e Dimna, esta tradição entrou na Europa de duas formas: uma foi o Roman des sept sages de Rome, do qual descende uma versão catalã em verso e diversas versões castelhanas dos séculos XV e XVI; a outra é o Libro de los engaños, traduzido para o castelhano em 1253 sob a ordem de D. Henrique, irmão de Afonso X. Desconhecemos qual das duas versões Raimundo Lúlio se valeu, contudo o exemplum narrado aqui se refere à história que proporciona o marco narrativo de Os sete mestres sábios.





disse ao Leão: “Senhor, vê o Leão que está na água e deseja comer uma lebre?”. O Leão pensou que sua sombra fosse outro Leão e saltou na água para combater o outro Leão. Assim, a Lebre matou o Leão com sua astúcia e ele morreu afogado.

Quando o Elefante ouviu o exemplo, disse à Dona Raposa este exemplo:

– Um rei tinha dois pajens que cuidavam de sua pessoa. Um dia aconteceu de o rei estar em seu trono e diante de si ter um grande número de altos barões e cavaleiros. Um dos pajens estava diante do rei e viu uma pulga em sua veste de preciosa seda branca. Aquele pajem pediu ao rei que lhe desse a satisfação de se aproximar dele e apanhar a pulga que estava em seu manto. O rei deu licença ao jovem para que se aproximasse, o jovem apanhou a pulga, o rei quis vê-la e mostrá-la a seus cavaleiros, e disse que era uma grande maravilha como uma besta tão pequena ousasse se aproximar do rei. O rei fez dar ao pajem cem besantes. O outro pajem teve inveja de seu companheiro. No dia seguinte, pôs um grande piolho no manto do rei e disse palavras semelhantes às de seu companheiro. O pajem deu o piolho ao rei que se esquivou fortemente, dizendo-lhe que era digno de morrer por não ter protegido suas vestes de piolhos. Assim fez dar cem açoites àquele pajem.

Dona Raposa compreendeu que o Elefante tinha pavor de ser rei²²³, e maravilhou-se de como em uma pessoa tão grande podia caber tanto pavor. Disse então ao Elefante estas palavras:

– Conta-se que a Serpente, aproveitando-se de que Eva era somente uma fêmea, fez vir a ira de Deus sobre Adão e todos os seus descendentes. Logo, se a Serpente e Eva procederam de uma forma tão maléfica, bem pode acontecer que eu, com meus sentidos e minha astúcia, possa fazer que o rei caia na ira de seu povo.

Na hora que Dona Raposa contou o exemplo de Eva, o Elefante concebeu a traição do rei e disse à Dona Raposa que ele seria rei

.....
(223) O exemplo contado pelo Elefante mostra que ele não confiava na astúcia nem na falsidade como meios para destronar o rei –Esteve Jaulent.





de boa vontade a partir do momento que Dona Raposa matasse o rei. Dona Raposa disse ao Elefante que ela trataria da morte do rei e o Elefante prometeu à Dona Raposa grandes títulos e honrarias se ela conseguisse torná-lo rei.

40. COMO DONA RAPOSA TORNOU-SE PORTEIRA DA CÂMARA REAL

Na corte do rei foi ordenado que o Gato fosse o camareiro do rei e o Cão fosse o porteiro. O Gato tornou-se camareiro para comer os ratos que destruíam os tecidos, e também por sua figura ser semelhante à do rei. O Cão tornou-se porteiro por que farejava²²⁴ longe, latia e dava a conhecer ao rei aqueles que a ele se dirigiam. Estando o Gato e o Cão em seus ofícios, Dona Raposa foi procurar o Boi e o Cavalo que haviam partido da corte do rei e encontrou o Boi no caminho, pois estava voltando à corte do rei. Em uma bela planície se encontraram Dona Raposa e o Boi. Cada um saudou o outro muito agradavelmente e o Boi contou a Dona Raposa seu estado, isto é, como tinha ido livremente ao homem, como o homem o havia colocado por muito tempo em servidão e, no fim, como o homem desejou vendê-lo a um carnicheiro que o queria matar.

De sua parte, Dona Raposa contou ao Boi o estamento da corte, conforme o que já foi dito acima.

– Senhor Boi, disse Dona Raposa, qual é a vossa vontade?

O Boi disse à Dona Raposa que vinha estar na corte do rei fugindo do homem que tinha desejado vendê-lo e matá-lo. Dona Raposa disse ao Boi estas palavras:

– Aconteceu de um reino ter um rei de muito maus costumes e um mau Conselho. E pela malícia do rei e de seu Conselho todo aquele reino estava em trabalho e na ira de Deus, porque era inestimável o mal que o rei e seu Conselho faziam às gentes que

.....
(224) No original, "sentia longe" (N. dos T.).





estavam naquele reino. Por tanto tempo durou aquele mal que o rei e seu Conselho faziam àquela terra que as gentes não o podiam mais suportar, e por aquela má vida e mau exemplo do rei e de seu Conselho as gentes desejaram a morte do rei e de seu Conselho.

De acordo com o que Dona Raposa disse, o Boi entendeu que o rei e seu Conselho eram malvados, e hesitou ir e viver submetido a um mau regimento. Disse então à Dona Raposa estas palavras:

– Em uma cidade havia um bispo que era muito contrário ao seu ofício e, por sua malícia, desonestidade e mau exemplo que dava a seu capítulo²²⁵ e às gentes daquela cidade, seguia-se um mal muito grande e se perdia muito do bem que poderia haver naquela cidade se o bispo fosse o que devesse ser, segundo a regra e a doutrina que Jesus Cristo deu aos apóstolos e a seus sucessores. Aconteceu um dia de o bispo cometer uma grande injúria e depois ir cantar a Missa. Um cônego ficou em tão grande abominação com a falta que o bispo cometeu que saiu daquela cidade, foi participar com os pastores a vida nos bosques, e disse que melhor coisa era estar com eles, que guardavam as ovelhas dos lobos, que com o pastor, que mata suas ovelhas e as dá aos lobos.

Quando o Boi contou esse exemplo, disse à Dona Raposa que sairia daquela terra, pois não desejava se submeter nem ao rei, nem a seu Conselho, pois seu governo era mau.

– Senhor Boi, disse Dona Raposa, ouvistes a pergunta que um eremita fez a um rei?

– Que pergunta foi essa? disse o Boi.

Dona Raposa disse que em uma alta montanha estava um santo eremita:

– Aquele eremita era um homem de santa vida, e ouvia todos os dias muitos clamores contra o rei daquela terra. O era homem pecador e mau governante, e as gentes diziam ao santo homem todo esse grande mal. O santo homem ficou muito descontente com o mau estado no qual se encontrava o rei, e teve a devoção de induzir

(225) Capítulo = reunião de dignidades eclesiásticas para tratar um determinado assunto (N. dos T.).





o rei a um bom estado. O bom homem desceu de seu eremitério e foi àquela bela cidade ter com o rei. “Senhor”, disse o bom homem ao rei, “qual coisa neste mundo vos parece mais agradável a Deus, a vida ermitã ou a vida de um rei de bons costumes que governa seu povo?”. Por muito tempo cogitou o rei a pergunta antes de respondê-la e, no final, disse que a vida do rei de boas obras é a oportunidade de proporcionar um bem maior do que a vida de eremita. “Senhor”, disse o eremita, “estou muito satisfeito com vossa resposta, pois significa que o mau rei produz mais danação que todo o bem que qualquer eremita pode fazer em seu eremitério. Por isso, desci de meu eremitério, vim a vós e propus-me estar muito tempo convosco até que vós e o vosso reino estejam em um bom estamento. Direi a vós palavras de Deus com as quais tendes amor a Ele, O conheçais e O temais”. Aquele eremita esteve por muito tempo na corte do rei dizendo boas palavras de Deus, com as quais o rei passou a estar em bom estamento e todo o seu reino em bom governo.²²⁶

Após Dona Raposa ter contado esse exemplo, ainda disse ao Boi estas palavras:

– Senhor Boi, sois uma besta semelhante ao eremita, e se o desejais, vos darei um conselho com o qual podereis induzir o rei, meu e vosso senhor, ao bom estamento, e do que fizerdes seguir-se-á um grande bem.

O Boi prometeu à Dona Raposa fazer todo o bem que pudesse, de tal modo que o rei e seu povo estivessem em bom estamento. Então, Dona Raposa aconselhou o Boi a ficar em um belo prado perto do lugar onde estava o rei e seus barões, e que ali comesse e descansasse de tal maneira que ficasse belo de se ver e forte para mugir.

– Senhor Boi, tão logo estiverdes recuperado e forte, deveis mugir três vezes ao dia e três vezes à noite o mais forte que possais, e enquanto isso falarei com o rei de vosso estamento.

.....
 (226) Este exemplum é de uma fonte desconhecida, apesar de os personagens do rei e do eremita possuírem uma certa semelhança com a parábola de Barlaam e Josafat e a história, como um todo, possuir também uma semelhança com o Libro de los enxemplos.





O Boi acolheu o conselho de Dona Raposa, que retornou à corte do rei.

Após o Boi ter descansado e recuperado suas forças, começou a mugir fortemente. E quando Dona Raposa ouviu o Boi mugir, foi estar diante do rei, e permaneceu diante dele, enquanto o Boi mugia. Em tão grande pavor estava o rei enquanto o Boi mugia, que não podia deixar de tremer, e tinha vergonha de seus barões porque temia que o tivessem por covarde. Enquanto o Leão estava assim apavorado e nenhum de seus barões percebia o pavor que o rei tinha, Dona Raposa se aproximou dele, o Galo cantou e o Cão latiu por ela ter-se aproximado do rei. O rei teve prazer com a aproximação de Dona Raposa, e então lhe perguntou se sabia de qual besta era aquela voz que ouvia, porque lhe parecia ser de uma besta grande e forte.²²⁷

– Senhor, disse Dona Raposa, um jogral colocou seu tambor num vale pendurado em uma árvore, e o vento balançava aquele tambor, ferindo-o com os galhos da árvore. Do ferimento que o tambor fazia em si mesmo na árvore nascia uma grande voz, que ressoava muito fortemente por todo aquele vale. Havia um símio naquele vale que ouviu o som e foi até aquele tambor. Aquele símio pensou que, assim como aquela voz era grande, da mesma forma o tambor estivesse cheio de manteiga, ou de alguma coisa que fosse boa para comer. O símio quebrou o tambor e encontrou-o todo vazio.²²⁸

– Assim, senhor, disse Dona Raposa ao Leão, podeis pensar que esta voz que ouvistes é de uma besta vazia e que não possui a força que sua voz aparenta. Sede forte e corajoso, porque não fica bem para um rei ter pavor, principalmente ter pavor de algo que não sabe o que é.

Enquanto Dona Raposa dizia estas palavras ao rei, o Boi gritou e mugiu muito fortemente. E gritou de tal maneira que todo aquele lugar onde estava o Leão ressoou muito fortemente, e o Leão e seus

(227) Este exemplo é extraído de Kalila e Dimna.

(228) Ainda que os personagens sejam distintos, a história é a mesma de Kalila e Dimna.





companheiros estremeceram. O rei não pôde se abster de mostrar sinais de pavor, e disse que se a força daquele besta fosse igual à sua voz, ele fazia mal em estar naquele lugar. O Boi mugiu outra vez e o Leão e todos aqueles de seu Conselho tiveram temor. Dona Raposa não mostrou nenhum semblante de pavor, pelo contrário, ficou alegre diante do rei. Muita se maravilhou o rei com o fato de Dona Raposa não ter pavor e todos os outros terem, e então disse à Dona Raposa estas palavras:

– Raposa, disse o rei, como podes não ter pavor dessa voz tão grande e tão estranha? Tu vês que eu, que sou tão poderoso, e o Urso, e o Leopardo, e muitas outras bestas que são mais fortes que tu, temos pavor dessa voz.

Dona Raposa respondeu ao rei com estas palavras:

– Um corvo fazia seu ninho em uma rocha e todos os anos uma grande serpente comia seus filhos. O corvo tinha uma grande ira da serpente que comia seus filhos, mas não ousava combatê-la, porque não era tão poderoso a ponto de poder vencê-la pela força das armas. Aquele corvo cogitou ajudar-se com a astúcia contra a serpente, pois lhe faltava a força. Um dia aconteceu da filha de um rei jogar com donzelas em um pomar²²⁹, e colocar sua guirlanda de ouro, de prata e de pedras preciosas no galho de uma árvore. Aquele corvo tomou a guirlanda e voou por muito tempo pelo ar, até que muitos homens o seguiram, para ver onde ele colocaria a guirlanda que a filha daquele rei muito amava e que chorava fortemente porque o corvo levava a guirlanda. O corvo colocou a guirlanda no lugar onde estava a serpente, e os homens, quando viram a guirlanda pendurada, também viram a serpente, e a mataram. Assim, o corvo, com a ajuda dos outros e com sua arte e astúcia, vingou-se da serpente.²³⁰

.....
(229) No original verger (do latim vulgar viridiariu), horta com uma grande variedade de flores e árvores frutíferas. Ver GGL, vol. V, 1985, p. 331 (N. dos T.).

(230) Lúlio, com este exemplo, diz-nos que no coração do oprimido nasce sempre uma ira, saudável e boa, toda vez que os poderosos agem injustamente e com crueldade. Este sentimento de ira aguça o engenho de tal sorte que, não poucas vezes, o pequeno, apesar de sua debilidade, chega a vencer o grande. Veja Fermín DE URMENETA, "Agostinismo y Lulismo", em Augustinus V, 1960, p. 548 – Esteve Jaulent. Este também é um exemplo retirado de Kalila e Dimna.





– Assim, senhor, disse Dona Raposa ao Leão, possuo tanta arte e astúcia que mesmo que acontecesse de não conseguir vencer pela força das armas a besta que possui essa voz tão forte e tão terrível, ajudar-me-ia com a arte e a astúcia de tal maneira que lhe causaria uma má morte.

Quando Dona Raposa terminou seu exemplo, a Serpente, que era uma dos conselheiros do rei, disse o seu:

– Em um lago havia uma garça habituada a pescar por muito tempo. Aquela garça envelheceu e, por causa de sua velhice, muitas vezes perdia sua caça. A garça pensou na arte e na maneira de se ajudar com a arte e com a astúcia, e através dessa arte ela encontrou a sua morte.

O Leão pediu à Serpente que lhe contasse a maneira pela qual a garça encontrou sua morte.

– Senhor rei, disse a Serpente, aquela garça esteve um dia inteiro até a noite sem querer pescar, e estava tristonha na beira daquele lago. Um caranguejo se maravilhou com o fato de a garça não pescar tal como estava habituada, e perguntou a ela porque estava assim pensativa. A garça começou a chorar, e disse que tinha grande piedade do peixe daquele lago com o qual havia vivido tanto tempo, e chorava muito sua morte e sua danação, visto que dois pescadores que pescavam em outro lago decidiram vir àquele lago quando terminassem de pescar ali. “Aqueles pescadores são sábios mestres na pescaria, pois nenhum peixe lhes pode escapar e, portanto, eles apanharão todos os peixes desse lago”. O caranguejo teve grande pavor quando ouviu essas palavras, e disse isso aos peixes que viviam naquele lago. Todos os peixes se reuniram, foram até a garça e pediram que ela lhes desse um conselho. “Só há um conselho”, disse a garça, “que eu vos leve a todos, um a um, para um lago que fica a uma légua daqui. Naquele lago há muitos bambus²³¹

.....
(231) Canya = planta da família das arundináceas. GGL, vol. I, 1982, p. 288. As arundináceas são gramíneas, plantas monocotiledôneas da ordem das glumifloras, e englobam vegetais conhecidos vulgarmente como capins e bambus. Numerosas são as de valor econômico: milho, trigo, arroz, cana, aveia – Ricardo da Costa.





e um grande lodo, e isso impedirá os pescadores de fazer-lhes mal". Todos os peixes consideraram a solução boa, e todos os dias a garça apanhava tantos peixes quanto queria, e parecia levar-lhes para o lago, mas pousava em uma montanha, comia-os e depois retornava para pegar a mesma quantidade de peixes. A garça esteve nisso por muito tempo e assim vivia sem o trabalho de pescar. Um dia aconteceu de o caranguejo pedir à garça que o levasse para aquele lago. A garça estendeu seu pescoço e o caranguejo se prendeu no pescoço da garça com suas duas mãos. Enquanto a garça voava assim com o caranguejo preso em seu pescoço, o caranguejo se maravilhava com o fato de não ver o lago onde pensava que a garça o levaria. Quando a garça estava perto daquele lugar onde costumava comer os peixes, o caranguejo viu as espinhas dos peixes que a garça havia comido e entendeu a armadilha que a garça fizera. O caranguejo pensou: "Enquanto tenho tempo, é preciso escapar dessa traidora que tem como objetivo comer-me". Então o caranguejo apertou tão fortemente o pescoço da garça que o partiu, e a garça caiu morta na terra. O caranguejo retornou aos seus companheiros e contou a traição que a garça havia feito, pela qual traição a garça teve o motivo de sua morte.²³²

– Senhor, disse Dona Raposa, naquele tempo que Deus expulsou Adão do Paraíso, Ele amaldiçoou a Serpente que havia aconselhado Eva a comer do fruto que havia proibido a Adão. E daquele tempo até hoje todas as serpentes são horríveis de se ver, são venenosas, e através da serpente vieram todos os males que existem no mundo. Por isso, um sábio homem fez expulsar uma serpente do Conselho do rei, serpente que o rei muito amava.

O Leão pediu à Dona Raposa que contasse esse exemplo.

– Senhor, disse Dona Raposa, um rei tinha ouvido falar de um santo homem que tinha grande sabedoria, e mandou procurá-lo. Aquele santo homem veio ao rei, e o rei pediu que ficasse e o aconselhasse a governar seu reino, repreendendo-o caso

.....
(232) Este é outro exemplo retirado de Kalila e Dimna.





visse algum vício nele também percebido pelas gentes. O santo homem esteve com o rei com a intenção de aconselhá-lo a fazer boas obras e a esquivá-lo do mal. Um dia aconteceu de o rei ter seu Conselho reunido para discutir um grande feito que havia acontecido em seu reino. Perto daquele rei estava uma grande serpente, com a qual o rei se aconselhava mais fortemente que todos os outros. Quando viu a serpente, aquele santo homem perguntou ao rei o que significava ser rei nesse mundo, e o rei disse: "O rei está estabelecido nesse mundo para significar Deus, isto é, o rei deve ter justiça na terra e governar o povo que Deus lhe deu para comandar". "Senhor", disse o sábio, "qual besta foi mais contrária a Deus quando Ele criou o mundo?". O rei disse que foi a serpente. "Senhor", disse o sábio, "de acordo com essa resposta, deveis matar a serpente, pois cometeis grande pecado ao tê-la em vossa corte. Porque se vós representais a imagem de Deus enquanto és rei, deveis odiar tudo o que Deus odeia, quanto mais aquilo que Ele odeia mais fortemente". Após as palavras do santo homem, o rei matou a serpente sem que ela pudesse se auxiliar com sua arte ou astúcia.²³³

Após Dona Raposa ter contado esse exemplo, o Boi gritou e mugiu tão fortemente que todo aquele lugar estremeceu novamente, e o Leão e todos os outros tiveram grande pavor. Assim, Dona Raposa disse ao rei que, se ele quisesse, ela iria até a besta da qual saía essa voz tão estranha e veria se aquela besta que poderia ameaçar o rei poderia vir para estar em sua companhia. Agradou ao rei Leão e a todos os outros que Dona Raposa fosse ver a besta que gritava. Dona Raposa pediu ao rei que, se fosse verdade que aquela besta com a qual ia se encontrar poderia ameaçar a sua corte, que ficasse então salvo e seguro na corte, e que ninguém fizesse mal à sua pessoa ou lhe fizesse alguma vilania. E o Leão, diante de todo seu Conselho, concedeu à Dona Raposa tudo o que havia lhe pedido.

.....
(233) Este exemplo aparece em diversas coleções semíticas e indianas, segundo E. J. NEUGAARD, "The Sources of the Folk Tales in Ramon Llull's *Llibre de les bèsties*", em *Journal of American Folklore* 84, Filadélfia, 1971, p. 333-337.





Dona Raposa foi ao prado onde o Boi estava descansando. Quando a viu, o Boi sentiu um grande prazer. Saudaram-se belamente, e Dona Raposa contou ao Boi tudo o que havia acontecido depois que partira dele.

– Belo amigo, disse Dona Raposa, ireis diante do rei, estareis com o semblante humilde e em vossos gestos dareis imagem de uma grande sabedoria, e direi que haveis tido uma grande contrição por ter estado por tanto tempo fora da senhoria do rei, e vós, diante de todos, pedireis perdão ao rei por terdes ido viver com o homem e prometeréis não vos colocardes sob outra senhoria. Falareis e estareis diante do rei e de sua corte de tal maneira, belo amigo, que o rei e todo o seu Conselho se agradarão com vossas palavras e com vossos gestos, e ainda contarás ao rei dos estamentos dos homens e aconselharás o rei a ter amizade com o rei dos homens”.

O Boi e Dona Raposa foram à corte do rei. Quando o rei e seus barões viram chegar o Boi e Dona Raposa, reconheceram o Boi e sentiram-se estúpidos pelo pavor que haviam tido do Boi. O rei se maravilhou de como o Boi pôde ter uma voz tão alta, tão grande e tão terrível. O Boi fez a seu senhor a reverência apropriada ao rei. O rei perguntou-lhe de seu estamento; o Boi contou-lhe tudo o que aconteceu enquanto estava na servidão do homem. O rei disse ao Boi que estava maravilhado de como o Boi havia mudado sua voz, e o Boi disse que ele gritava com temor e com contrição, porque pensava estar mal visto pelo rei e por toda a sua corte por tê-lo deixado por tanto tempo por outro senhorio. E como o temor e a contrição faziam estremecer sua coragem, havia mudado sua voz, que passou a significar temor, terror e espanto, porque saía de seu corpo onde estava um coração temeroso e penitente. O Boi pediu perdão ao rei e o rei lhe perdoou na presença de toda sua corte. O rei pediu ao Boi que lhe dissesse do estamento do rei dos homens. O Boi disse que a Serpente dissera a verdade: a pior e mais falsa besta que existe nesse mundo é o homem. O Leão pediu ao Boi que lhe contasse a razão pela qual a Serpente dissera que o homem é a pior e mais falsa besta que existe no mundo.





– Senhor, disse o Boi, uma vez aconteceu que um urso, um corvo, um homem e uma serpente caíram em um fosso.²³⁴ Por aquele lugar onde estava o fosso passava um santo homem que era eremita. Ele olhou preocupado para o fosso e viu todos os quatro que estavam ali e não podiam sair. Todos ao mesmo tempo pediram àquele santo homem que os tirassem do fosso, e cada um lhe prometeu uma boa recompensa. Aquele homem retirou do fosso o urso, o corvo e a serpente e, quando ia tirar o homem, a serpente disse que não o fizesse, porque, se o fizesse, seria mal recompensado. O eremita não quis acreditar no conselho da serpente e retirou o homem do fosso. O urso trouxe para o santo homem uma colméia de abelhas cheia de favos de mel, e após os comer à vontade, o eremita foi até uma cidade aonde desejava pregar. Ao entrar na cidade, o corvo trouxe-lhe uma preciosa guirlanda que era da filha do rei e que ele havia retirado de sua cabeça. O eremita tomou a guirlanda com grande satisfação, pois era muito valiosa. Naquela cidade havia um homem que andava gritando, dizendo que quem tivesse aquela guirlanda e a devolvesse à filha do rei receberia uma grande recompensa, mas se a guirlanda estivesse escondida e ele soubesse, quem a escondeu teria uma pena muito grande. O bom homem eremita foi ao caminho onde estava o homem que ele havia retirado do fosso, que era ourives. O santo homem confiou secretamente a guirlanda ao ourives, e o ourives a levou à corte e acusou o santo homem. O santo homem foi preso, espancado e encarcerado. A serpente que o santo homem havia retirado do fosso foi até a filha do rei que dormia, e mordeu sua mão. A filha do rei gritou e chorou, pois teve sua mão inflamada muito fortemente. O rei ficou muito irado com a doença de sua filha, cuja mão estava inflamada e envenenada, e fez gritarem por toda a cidade que daria grandes dons ao homem que pudesse curar sua filha. A serpente foi ao dormitório do rei e disse ao seu ouvido que no cárcere de sua corte havia um homem preso que tinha uma erva com a qual poderia curar sua filha. A serpente tinha dado aquela erva ao bom

(234) A palavra sija (sitja) significa uma cavidade subterrânea destinada a guardar a colheita, especialmente de trigo e outros cereais. GGL, vol. V, 1985, p. 105.





homem e lhe tinha mostrado como colocar a erva na mão da filha do rei e a forma de pedir ao rei que fizesse justiça com o ourives, que tão mal lhe recompensara o bem que lhe havia feito. Assim, aconteceu conforme a serpente havia ordenado, o santo homem foi liberto do cárcere e o rei fez justiça com o ourives.²³⁵

O Leão e todo o seu Conselho tiveram muito prazer com o exemplo que o Boi disse contra o homem, e perguntou ao Boi se lhe parecia que devesse ter temor do rei dos homens. O Boi disse ao Leão que era coisa muito perigosa ter a inimizade do rei dos homens, porque nenhuma besta pode se defender do homem mau, poderoso e mestre.²³⁶

O Leão esteve muito pensativo com o que o Boi disse, e Dona Raposa entendeu que o Leão tinha pavor do rei dos homens. Disse então ao rei estas palavras:

– Senhor, a mais orgulhosa besta e aquela onde existe mais avareza que em qualquer outra besta é o homem. Por isso, se fosse bom para vós e para vosso Conselho, seria de grande valia que enviásseis mensageiros e jóias ao rei dos homens, e que de vossa parte lhe contassem a boa vontade que lhe tendes e que lhe dessem vossas jóias, pois assim o rei conceberia o amor em seu coração para amar a vós e a vosso povo.

O rei e seu Conselho consideraram bom o que disse Dona Raposa, mas o Galo se opôs e disse estas palavras:

.....
(235) Outro exemplo retirado de Kalila e Dimna.
(236) Mestre (maestre) no sentido de engenhoso, astuto, pois a palavra significa na Idade Média o mestre das artes mecânicas. São Bernardo (1090-1154) já tinha dado a definição para as artes mecânicas: "...a carpintaria, a arte da edificação e outras que são exercidas para a utilidade da vida neste mundo" – BERNARDO DE CLARAVAL, "Sermão sobre o conhecimento e a ignorância", em Jean LAUAND (org.), Cultura e Educação na Idade Média. Textos do século V ao XIII, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 263. No entanto, Hugo de São Vítor (c. 1096-1141) foi o primeiro a situar as ciências mecânicas dentro da Filosofia. Em sua obra Didascálion. Da Arte de Ler (1127) (introd. e trad. de Antonio Marchionni. Petrópolis: Editora Vozes, 2001), ele propôs uma nova divisão quaternária para a Filosofia: 1) teórica (Teologia, Matemática e Física), 2) prática (individual, privada e pública), 3) mecânica (lã, armamento, navegação, agricultura, caça, medicina e teatro) e 4) lógica (Gramática e Raciocínio) – Ricardo da Costa.





– Em uma terra aconteceu que a Força e a Maestria²³⁷ se opuseram diante de um rei. A Força dizia que ela, por natureza, tinha senhoria sobre a Maestria, e a Maestria dizia o contrário. O rei quis saber qual das duas deveria ter senhoria sobre a outra e as fez combater. A Maestria venceu e superou a Força.

– Por isso, senhor rei, disse o Galo, se tiverdes a amizade do rei dos homens e lhe enviardes mensageiros, ele também vos enviará mensageiros que conhecerão vossa pessoa e vossos barões, que não possuem engenho ou arte para defender-vos contra o rei dos homens, visto que os que combatem com arte e engenho se apoderam de todos aqueles que combatem com a força, mas sem a arte e a astúcia.

De sua parte, Dona Raposa alegou que Deus faz o que faz sem traquinagem nem astúcia e, por isso, convém, conforme a natureza, que sejam mais poderosos na batalha todos aqueles que combatem com semelhantes armas às Suas do que os que combatem com armas dessemelhantes às armas de Deus.

O Leão teve muito prazer com o exemplo de Dona Raposa, e quis de todas as maneiras enviar jóias e mensageiros ao rei dos homens. O rei perguntou quais mensageiros Dona Raposa aconselharia que fossem ao rei dos homens e que jóias deveria enviar. Dona Raposa disse ao rei que o Boi o devia aconselhar, porque ele conhecia os costumes dos homens e com quais coisas eles se engrandeciam mais fortemente. O rei disse ao Boi que queria ser aconselhado com relação aos mensageiros e às jóias que desejava enviar ao rei dos homens, e então o Boi lhe disse estas palavras:

– Senhor rei, disse o Boi, é natureza do rei dos homens, quando envia seus mensageiros, escolhê-los entre os de seu Conselho, e dos mais nobres que há ali. Parece-me que entre os mais nobres conselheiros que tendes estão a Onça e o Leopardo. Por outro lado, o Gato é semelhante à vossa imagem, e o rei o terá em grande graça se enviardes jóias através do Gato e do

.....
(237) No original maestria, "arte e perícia própria de um mestre; astúcia; engenho; habilidade para enganar", GGL, vol. III, 1984, p. 263 (N. dos T).





Cão. O Gato porque lhe é semelhante, e o Cão porque caça, e os homens gostam muito da caça.

Quando o Boi disse isso, o Leão o fez, e enviou a Onça e o Leopardo ao rei dos homens como mensageiros, e o Cão e o Gato com as jóias. Quando os mensageiros partiram da corte, o rei fez do Boi camareiro de sua cama e Dona Raposa passou a ter o ofício que o Cão costumava ter.

41. DOS MENSAGEIROS QUE O LEÃO ENVIOU AO REI DOS HOMENS

O Leão doutrinou o Leopardo e a Onça sobre como deveriam ser mensageiros, e disse estas palavras:

– A sabedoria de um senhor é significada em mensageiros sábios, bem falantes, bons conselheiros e bons conciliadores. A nobreza de um senhor é significada em mensageiros que cumprem honradamente a sua missão, bem vestidos, que possuam uma companhia bem nutrida e bem ornamentada, e que eles e sua companhia não tenham avareza, gula, luxúria, soberba, ira, nem qualquer outro vício. Todas essas coisas e muitas outras são necessárias aos mensageiros de um nobre príncipe de tal maneira que a ação de enviar uma mensagem seja agradável ao príncipe e à corte aos quais são enviados os mensageiros.

Quando o Leão doutrinou seus mensageiros com a forma que deveriam falar e se comportar diante do rei, os mensageiros partiram de sua corte e andaram por muito tempo por muitas e diversas terras. Tanto andaram que chegaram à cidade onde o rei dos homens tinha um grande parlamento. Aconteceu que, ao entrarem na cidade, viram loucas fêmeas de um bordel que pecavam com homens diante deles. Muito se maravilharam os mensageiros quando as viram, e o Leopardo disse a seu companheiro estas palavras:

– Um burguês tinha uma mulher como senhora, a quem muito amava. Aquele burguês alugava uma casa perto de seu albergue





para uma louca fêmea.²³⁸ A mulher do burguês via freqüentemente loucos homens entrarem na casa daquela louca fêmea e ficou tomada pela vontade de usar a luxúria. Assim, aquela senhora ficou por muito tempo no pecado da luxúria. Um dia aconteceu que seu marido a encontrou pecando com um homem. O burguês ficou muito irado com a falta de sua mulher, e ela lhe disse estas palavras: “Uma vez aconteceu que em um prado combatiam dois bois selvagens, e pelos grandes golpes que davam, o sangue saía da frente. Aquele sangue caía na bela erva que havia naquela praça onde combatiam, e uma raposa lambia aquele sangue. Aconteceu que os dois bois investiram um contra o outro e encontraram a raposa no meio, ferindo-a nas costelas. Tão grande foi o golpe que deram na raposa que ela ficou à morte e, enquanto morria, disse que ela tinha sido a causa de sua morte”.

– Senhor Leopardo, disse o Cão, é uma grande maravilha como os homens, que acreditam em Deus, não têm consciência, pois deixam estas loucas fêmeas pecarem na presença das gentes que saem e entram nessa cidade. Parece-me que os habitantes e o senhor dessa cidade são luxuriosos e que, assim como os cães, usam desavergonhadamente da luxúria.²³⁹

.....
(238) Apesar de em outras passagens Lúlio se referir à mulher medieval, este trecho é bastante significativo para mostrar a forma com que ele se refere à mulher. Na mesma frase ele usa três palavras para defini-la: dona, muller e fembra (senhora, mulher e fêmea), quando cita a esposa do burguês (senhora e mulher) e a prostituta (louca fêmea). Deve-se entender dona (senhora) com o sentido respeitoso de “esposa de alguém”, como título nobiliárquico ou como uma mulher pertencente a alguma ordem religiosa; muller (mulher) para dar a idéia de esposa, mas sobretudo com o sentido carnal (mulher casada, subentendida “já desvirginada”) e fembra (fêmea) – quase sempre acompanhada do adjetivo “louca” (folla) – com um sentido dúbio e pejorativo, pois além de fêmea mesmo (mulher no sentido mais carnal da palavra) também designa prostitutas e cortesãs. Lúlio utiliza a palavra fêmea para designar a qualidade mais baixa da mulher, aquela que a mulher preferiu em detrimento da mulher ideal cristã, a boa virgem. Assim, Lúlio nada mais faz do que repetir a ladainha eclesiástica medieval da condição feminina. Para todas essas questões, ver, sobretudo, Georges DUBY, Eva e os Padres. Damas do século XIII, São Paulo, Companhia das Letras, 2001 – Ricardo da Costa.

(239) Essa é uma afirmação bastante curiosa, pois é o próprio cão que a faz. Assim, no bestiário maravilhoso Luliano, o cão está associado à luxúria.





Após o Cão ter dito estas palavras, eles entraram na cidade e foram ao albergue. Depois disso, o Leopardo e o Cão foram ao rei com as jóias que traziam.

Os mensageiros estiveram muitos dias naquela cidade antes que pudessem falar com o rei, pois aquele rei tinha como costume somente se deixar ver tardiamente, para significar sua nobreza, e porque se tinha também em alta estima. Um dia aconteceu que os mensageiros tinham estado todo o dia na porta do rei sem conseguir falar com ele. Eles ficaram muito descontentes com o rei e sentiram-se enojados de estar em sua corte. Um homem injuriado, que também tinha estado por muito tempo naquela corte sem ter podido falar com o rei, disse na presença dos mensageiros estas palavras: "Humilde é Deus, que é rei do Céu e da Terra e de tudo quanto existe, porque todas as vezes que o homem deseja ver e falar com Ele, pode vê-Lo e dizer suas necessidades. Este rei não tem porteiros aos quais o homem tenha que dar dinheiros²⁴⁰, nem conselheiros que, por dinheiros, façam maldades e enganar, nem acredita em nenhum homem adulator, nem faz magistrados²⁴¹, juízes, bailios²⁴² ou procuradores que sejam orgulhosos, vangloriosos, avaros, luxuriosos e injuriosos. Bendito seja um rei como este e todos aqueles que o amam, o conhecem, o honram e o servem!"

Através das palavras que aquele homem dizia, os mensageiros entenderam que o rei era um homem injurioso, e a Onça disse ao Leopardo estas palavras:

– Um rei desejava dar sua filha como mulher a um outro rei, e secretamente enviou um cavaleiro à terra daquele rei para perguntar

.....
 (240) O dinheiro (no original diner) era a moeda de prata (diners, do latim denarius [denário], antiga moeda romana de prata). GGL, vol. II, 1983, p. 141.

(241) Veguer (do latim vicariu, escravo) = magistrado que recebia a jurisdição do rei para governar e administrar a justiça em uma comarca ou distrito do reino. Ver GGL, vol. V, 1985, p. 312 – Ricardo da Costa.

(242) Na Catalunha, a justiça era exercida pelo viguiet, enquanto o bailio (batlle) administrava o patrimônio real. Em latim clássico, bajulare significa "carregar nas costas", e bajulus "carregador". Em francês medieval bailier (no sentido de administrar), no Sul bajulus e no Norte bailli, baillivus, do sentido genérico de administrador, servidor. Ver Bernard GUENÉE, O Ocidente nos séculos XIV e XV. Os Estados, São Paulo, EDUSP, 1981, p. 154-155 – Ricardo da Costa.





suas condições. Aquele cavaleiro perguntou aos camponeses e ao povo a respeito do estamento do rei, e todos lhe disseram coisas más.²⁴³ Um dia aconteceu de aquele cavaleiro encontrar dois jograis que vinham da corte do rei, o qual dera dinheiro e vestes àqueles jograis.²⁴⁴ O cavaleiro perguntou aos jograis a respeito dos costumes do rei e eles disseram que o rei era largo²⁴⁵, caçador e amante de mulheres²⁴⁶, e em muitas outras coisas louvaram o rei.

.....
(243) Embora já tenha surgido no Livro das Maravilhas a palavra camponês (no cap. 12 [Dos Apóstolos] – onde há um grande diálogo entre um rei e um camponês, e no cap. 31 [Da corrupção das árvores]), curiosamente esta é a primeira vez que aparece no texto o campesinato como ordem social e ao lado do povo, mas somente como atores sociais que não legitimam uma monarquia despótica – Ricardo da Costa.

(244) Jogral (Joglar) – Homem que andava pelos castelos e cortes de reis e senhores, cantando, bailando e tocando instrumentos ou fazendo jogos. GGL, vol. III, 1984, p. 175. Portanto, tratava-se de qualquer artista que se dedicava a entreter as gentes. Nas *Leges Palatinae* do rei Jaime II de Maiorca se diz que “o ofício do jogral é proporcionar alegria”. Antoni BONNER, OS, vol. II, 1989, p. 145. Assim, o jogral era, na Idade Média, o trovador ou intérprete de poemas e canções de caráter épico, romântico ou dramático. A interpretação também poderia ser realizada por alguém sob seu pagamento. Frequentemente eram homens de alta posição e notoriedade, mas em muitos casos, de origem modesta: “Às vezes (...) um homem rude, lascivo e brutal (...) Mesmo se de origem modesta, ele se eleva ao nível social (...) e é tratado como igual dos grandes (...) alguns jogladores põem-se a serviço de trovadores célebres, que seguem em suas andanças, cantando seus versos e forjando sua lenda...”, Roland DE CANDÉ, *História Universal da Música*, São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 260 – Ricardo da Costa.

(245) “...o rei era largo”, de largueza, generosidade. A largueza era a terceira das virtudes necessárias ao cavaleiro. Idealmente, ela realizava o gentil-homem, instaurando a distinção social, pois o cavaleiro tinha o dever de nada reter em suas mãos. De sua generosidade ele hauria a força que possuía e o essencial de seu poder – ou, pelo menos, o renome e a calorosa amizade que o cercava. Ver Georges DUBY, Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1987, p. 120-121. Em Raimundo Lúlio, a largueza (largesa, larguea, larguesa) significava o mesmo: abundância em dar, generosidade, liberalidade. Essa é a razão por que Ramon inclui na primeira figura A as virtudes cavaleirescas como se fossem divinas. A largueza também significa Lúlio a caridade do cavaleiro, o respeito pelos feridos na batalha – Ricardo da Costa.

(246) No amor cortês dos séculos XII-XIII, o fato de o rei (ou qualquer nobre) ser “amante de mulheres” era visto de uma forma positiva. A cultura profana de então valorizava o amor fora do casamento. Para esse tema, ver Ricardo da COSTA e Priscilla Lauret COUTINHO, “Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da Condição Feminina na Idade Média”, em Nilda GUGLIELMI (dir.), *Apuntes sobre família, matrimônio e sexualidade na Edad Media*. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12, Mar del Plata, GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP), diciembre de 2003, p. 4-28.





Nestes louvores e na blasfêmia que o rei tinha por parte de seu povo, o cavaleiro entendeu que o rei era um homem mau e de vis costumes.²⁴⁷ O cavaleiro contou a seu senhor o que ouvira dizer do rei, e o rei não quis dar sua filha àquele rei, pois sua consciência não queria dar sua filha a um homem de maus costumes.

Depois destas palavras, os mensageiros entraram na corte do rei e lhe deram as jóias que o Leão lhe enviara e uma carta da parte de seu senhor com as seguintes palavras: “Em uma província havia um rei que tinha muitos barões honrados e que eram homens de grande poder. Para que seus barões o temessem e para que tivesse paz e justiça em sua terra, o rei procurou a grande amizade do imperador. Aquele imperador amava muito esse rei pelos prazeres que o rei lhe fazia e pelos bons costumes que tinha, e os barões do rei, por temor do imperador, não lhe ousavam desobedecer nada que seu senhor ordenava, e assim estavam submissos e o rei tinha paz em sua terra”.

Quando o rei ouviu a carta que o Leão lhe enviou²⁴⁸ e recebeu as jóias, deu o Gato a um trapeiro²⁴⁹ que estava diante dele, e deu o Cão a um cavaleiro que gostava de caçar. Os mensageiros sentiram muito desprazer com o fato de o rei ter dado o Gato, que fora enviado pelo Leão para significar a sua pessoa, ao trapeiro, um homem que não era honrado.

.....

(247) Anthony Bonner afirma que esta passagem é uma inversão total da visão tradicional do mundo trovadoresco medieval que é apresentada nas histórias literárias. Aqui Lúlio afirma que qualquer pessoa que se aproxima do ideal “normal” de mecenas trovadoresco é necessariamente um governante mau. Para um tratamento distinto do tema, ver o capítulo 118 do *Llibre de contemplació (Liber contemplationis magnus, escrito por volta de 1272-1273)*. Antoni BONNER, OS, vol. II, 1989, p. 146.

(248) As cartas na Idade Média não possuíam o sentido privado e íntimo das cartas modernas. Eram textos para serem lidos em voz alta, perante uma platéia, e muitas vezes tinham uma intenção moralizante. “Não se escrevia uma carta no século XII como no tempo de Leopardi ou de Flaubert, nem como se escreve hoje, se é que ainda se escrevem cartas (...) A escrita, enfim, se conformava naquele tempo a regras codificadas e ensinadas com muita precisão. Sem conhecê-las bem, corremos o risco de nos enganar redondamente sobre o sentido do discurso assim construído” (Georges DUBY, *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*, Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1995, p. 68-69) – Ricardo da Costa.

(249) Draper = Fabricante ou vendedor de trapos (N. dos T.).





Após os mensageiros retornarem para casa depois de terem falado por muito tempo com o rei a respeito da missão pela qual tinham vindo; o Cão foi até lá e lhes disse que estava muito descontente com o rei por tê-lo dado àquele cavaleiro, pois o fizera caçar o povo miúdo do Leão. Por isso, ele tinha consciência de estar fazendo uma coisa contra o seu senhor.

Um dia o rei convidou os mensageiros para uma grande corte. Em uma bela sala, o rei e a rainha comeram com muitos cavaleiros e senhoras, e diante do rei os mensageiros também comeram. Enquanto o rei e a rainha comiam, jograis andavam cantando e soando instrumentos pela sala, para e cima e para baixo, e diziam cantares desonestos e contrários aos bons costumes. Aqueles jograis louvavam o que devia ser blasfemado, e blasfemavam o que devia ser louvado. O rei, a rainha e todos os outros riam, e tinham prazer no que aqueles jograis faziam.²⁵⁰

Enquanto o rei e todos os outros se divertiam com o que os jograis faziam e diziam, um homem pobrementemente vestido, com grande barba, veio àquela sala e disse, na presença do rei, da rainha e de todos os outros, estas palavras²⁵¹:

– Não se esqueçam, rei, rainha, seus barões e todos os outros, grandes e pequenos que comem nesta sala, que Deus criou todas

.....
 (250) Lúlio fora trovador, e conhecia bem tanto esse ambiente cultural nobiliárquico quanto esse ofício. No início da Vida Coetânea (1311), ele nos conta que era "...afeito na arte de trovar e compor canções e ditados das loucuras deste mundo" (I, 2). Assim, após sua conversão, reiteradamente criticou em várias passagens de obras suas os jograis e trovadores, como, por exemplo, no Livro da Ordem de Cavalaria: "O escudeiro deve jejuar na vigília da festa, por honra do santo da festa. E deve vir a Igreja orar a Deus na noite antes do dia que deve ser feito cavaleiro; deve velar e estar em preces e em contemplação e ouvir palavras de Deus e da ordem de cavalaria; e se escuta jograis que cantam e falam de putarias e pecados, no começo que entra na ordem de cavalaria começa a desonrar e a menosprezar a ordem de cavalaria (IV, 3)" – RAMON LLULL, O Livro da Ordem de Cavalaria (apres., trad. e notas de Ricardo da Costa), São Paulo, Editora Giordano/Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000, p. 67.

(251) Novamente surge na narrativa um personagem semelhante ao autor. Esta cena é similar à descrita no capítulo 30, livro 5, o que possivelmente indica tratar-se mais uma vez de uma passagem autobiográfica.





as criaturas que estão na tábola do rei e de todos os outros: criou diversas e delicadas comidas e as fez vir de longas terras para estar a serviço do homem, e o homem a serviço de Deus. Rei e rainha, não pensem que Deus esquece a desonestidade e o desordenamento que existe nesta sala, na qual Deus está sendo desonrado. Aqui não existe quem repreenda o que deve ser repreendido, quem louve o que deve ser louvado, nem quem faça graças a Deus pela honra que Deus fez neste mundo ao rei, à rainha e a todos os outros.

Quando o bom homem disse essas palavras, um sábio escudeiro ajoelhou-se diante do rei e pediu que lhe desse um ofício em sua corte para louvar o que deveria ser louvado e blasfemar o que deveria ser blasfemado. O rei não quis consentir com a vontade do escudeiro, pois tinha pavor que o escudeiro o blasfemasse pelas faltas que estava habituado a fazer, faltas nas quais se deleitava e estava predisposto a fazer até o fim de seus dias, e que somente no fim se propunha a fazer penitência de seus pecados.

Enquanto o escudeiro pedia ao rei que lhe desse o ofício e o rei lhe dizia não, o juiz²⁵² daquela cidade entrou na corte e ficou diante do rei, e apresentou um homem que tinha matado um cavaleiro de maneira torta.²⁵³ Aquele rei mandou enforcar o homem que havia matado o cavaleiro, e o homem disse ao rei estas palavras:

– Senhor rei, é costume de Deus perdoar o homem que lhe clama misericórdia. A vós, que na terra ocupais o lugar de Deus, peço perdão, e deveis perdoar, pois Deus perdoa.²⁵⁴

O rei respondeu com estas palavras:

– Deus é justo e misericordioso. Faz justiça se perdoa a quem não comete conscientemente uma falta. Quando erra por algum acidente ou porventura se penitencia e pede perdão, a misericórdia

.....
(252) Na Catalunha, a justiça era exercida pelo viguier. Ver Bernard GUENÉE, *O Ocidente nos séculos XIV e XV*. Os Estados, São Paulo, EDUSP, 1981, p. 154-155 – Ricardo da Costa.

(253) “De maneira torta”, isto é, de forma indigna (N. dos T.).

(254) Para toda esta tradição de magnanimidade real para perdoar homicídios, ver especialmente Natalie Zemon DAVIS, *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001 – Ricardo da Costa.





de Deus o perdoa. Mas a justiça de Deus não concordaria com a misericórdia se a misericórdia perdoasse o homem que propõe cometer pecado e depois tem esperança de pedir perdão. E como tu propuseste matar o cavaleiro e depois tiveste a esperança de que eu te perdoaria, não és digno de perdão.

Através das palavras ditas pelo rei, os mensageiros entenderam que o rei dizia palavras opostas às do escudeiro, e que não queria dar-lhe o ofício pretendido.

Após o rei e todos os outros terem comido e saído da sala, os mensageiros voltaram para suas casas, e um disse ao outro que grande seria a nobreza da corte e o poder que o rei tinha de gentes e de tesouros se ele fosse um homem sábio e temente a Deus. Ambos mensageiros foram para casa, onde encontraram um hospedeiro que chorava muito fortemente e mostrava grande dor.

– Senhor hospedeiro, disseram os mensageiros, por que chorais? O que há?

– Senhores mensageiros, disse o hospedeiro, nesta cidade o rei teve um grande parlamento, onde uniu muitas gentes vindas de distantes terras. As despesas que o rei teve foram grandes e, por isso, impôs uma coleta muito grande de dinheiro a essa cidade, e isso me custou mil *souls*, os quais terei que pedir aos judeus.

– Senhor hospedeiro, disseram os mensageiros, o rei não tem um tesouro?

O hospedeiro respondeu que o rei não tinha um tesouro, mas pedia emprestado de suas gentes e fazia essa coleta durante as cortes, que reunia duas vezes todos os anos. E assim, ele arruinava suas gentes, pois fazia grandes despesas nas cortes e toda a sua terra empobrecia pela grande despesa que tinha.

– Belo amigo, disse a Onça, qual a utilidade das cortes que o rei faz todos os anos?

O hospedeiro respondeu que não havia nenhuma, pelo contrário, seguia-se um grande prejuízo, porque as gentes empobreciam e, pela pobreza que tinham, cometiam muitos enganos e faltas, e o rei ficava em ira contra todo seu povo, porque





dava tanto e gostava de suas cortes que sua renda não era suficiente para provê-las e, assim, tolhia a uns e dava a outros. E quando se esperava que o rei dissesse alguma novidade e apresentasse algum grande fato a tratar, ele não dizia nada, e partiam do rei totalmente descontentes, escarnecendo-o e menosprezando-o totalmente.

Quando os mensageiros ouviram tais palavras sobre o rei, menosprezaram tanto o rei quanto todos os homens de sua terra, e o Leopardo disse ao hospedeiro estas palavras:

– Existe um grande dano nesta terra porque não há senhor de bons costumes que a tenha em justiça e em paz.

– Senhor, disse o hospedeiro, não se poderia calcular o dano que se segue por causa do mau príncipe; um é pelo mal que faz, o outro, pelo bem que poderia fazer e não o faz. Assim, através de um mau príncipe, segue-se dano de duas maneiras, segundo o que ouvistes. Este rei a quem fostes enviados é um homem que confia muito em seu Conselho, mas seu Conselho é perverso, malvado e de vis homens. E cada um de seu Conselho pensa mais em ser rei que o próprio rei e, juntos, consomem o reino. Por sua vez, o rei não lhes protege nem lhes dá atenção, mas somente anseia pela caça, a diversão, a luxúria e a prática de vaidades.²⁵⁵

Após o rei ter dormido, os mensageiros foram ao seu palácio, mas não puderam entrar nem falar com ele até subornar os porteiros. Quando os mensageiros estiveram diante do rei, ele honrou mais o Leopardo que a Onça, dirigindo-lhe um olhar mais prazeroso e fazendo-o sentar mais perto de si que a Onça. A Onça teve inveja disso e ficou irada com o rei, porque acreditava que ele a devia honrar tanto ou mais que o Leopardo. Enquanto o rei estava com os mensageiros, quatro cidades enviaram-lhe oito bons-homens²⁵⁶, que fizeram queixas dos oficiais que tinham em suas cidades, que eram homens maus, pecadores e destruíam sua terra. Em nome de todas as cidades

.....
 (255) Talvez essa seja uma crítica indireta – como as de seus contemporâneos – aos conselheiros de Filipe IV, o Belo, da França (1268-1314).

(256) No original *prohòmens*, “homens respeitáveis, que merecem uma consideração especial”, GGL, vol. IV, 1985, p. 249 (N. dos T.).





os oito bons-homens pediram ao rei que lhes dessem bons oficiais, e o rei enviou-os a seu Conselho, dizendo que seu Conselho proveria seus pedidos. Quando os oito bons-homens foram ao Conselho do rei e mostraram suas razões, o Conselho os repreendeu fortemente, pois naquele Conselho havia amigos dos oficiais das quatro cidades, e por seu próprio conselho faziam o mal que faziam, e dividiam os dinheiros ganhos desonestamente. Aqueles oito bons-homens retornaram sem resolver nada com o rei.

– Senhor rei, disse o Leopardo, que desejais dizer a meu senhor o rei?

O rei disse ao Leopardo que saudasse seu rei e que lhe dissesse para enviar um belo urso e um lobo, porque ele tinha um javali muito forte que desejava colocar em combate com o urso mais forte que pudesse encontrar. E tinha também um cão de caça²⁵⁷ que desejava colocar para lutar contra o pior lobo que existisse na corte do Leão.

Ambos mensageiros despediram-se do rei e partiram descontentes de sua corte, porque o rei os retivera por tanto tempo sem lhes dar nada nem enviar nenhuma jóia ao rei seu senhor, pelo contrário, fez parecer aos mensageiros que desejava subjugar seu senhor, o Leão.

No caminho no qual retornaram para sua terra, os mensageiros encontraram os oito bons-homens que também retornavam muito irados e descontentes com o rei e todo o seu Conselho. Tanto andaram os mensageiros com os bons-homens que falaram das palavras do rei, de seu Conselho e de seu comportamento. Uns e outros falaram mal do rei e de seu Conselho. O Leopardo fez então esta pergunta aos bons-homens:

– Senhores, por acaso parece-vos que o rei tem culpa do dano que se segue por causa de seu mau governo?

Um dos oito bons-homens respondeu com estas palavras:

.....
(257) No original alà, "cão de caça, grande e forte, de raça espanhola", GGL, vol. I, 1982, p. 71.





– Em uma cidade havia um nobre burguês muito rico que, ao morrer, deixou tudo o que tinha para seu filho. Muitas pessoas pediram e ofereceram coisas ao filho do burguês: uns desejavam dar-lhe uma mulher, outros pediram que entrasse em uma ordem. O jovem teve vontade de vender tudo o que tinha e construir um albergue e uma ponte: o albergue seria para hospedar os peregrinos que passavam por aquela cidade quando vinham de Ultramar²⁵⁸, e a ponte seria para os peregrinos passarem sem cair na água, pois a água ficava na entrada da cidade e muitos peregrinos que vinham e iam para Jerusalém ali se afogavam. Quando o filho do burguês construiu o hospital e a ponte, uma noite, quando foi dormir, sonhou que teria mérito diante Deus por tudo de bom que o hospital e a ponte proporcionavam.²⁵⁹

As palavras que o Leopardo ouviu fizeram com que ele entendesse que o rei sofreria uma pena no Inferno, tão grande o dano que sempre se seguiria por causa dos maus costumes que seu mau Conselho introduzia na sua terra, e disse que a pena que estava reservada ao rei e seu Conselho era inestimável. Disse ainda a si mesmo que amava mais ser uma besta irracional – embora nada restasse de si depois de sua morte – que ser rei dos homens, no qual existe tanta culpa pelo mal que se segue de sua maldade. Os mensageiros e os bons-homens despediram-se agradavelmente

.....
 (258) Ultramar = Palavra que na Idade Média designava o Oriente Médio, a Palestina, e mais especificamente a cidade sagrada de Jerusalém. Na Idade Média, um hospital era uma espécie de hospedaria, dedicada a receber pobres, doentes e, sobretudo, peregrinos e viajantes. Por exemplo, a Ordem do Hospital de São João de Jerusalém, criada em 1048 e transformada em uma ordem monástico-militar em 1120, tinha exatamente essa atividade: o obsequium pauperum, o serviço dos pobres e a atividade hospitalar (além da tuito fidei, a proteção da fé ou dos fiéis e de seus territórios). Ver Ricardo da COSTA, *A Guerra na Idade Média*. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica, Rio de Janeiro, Edições Paratodos, 1998, p. 123 e Annie SAUNIER, “A vida quotidiana nos hospitais da Idade Média”, em Jacques LE GOFF (apres.), *As doenças têm história*, Lisboa, Terramar, 1985, p. 205-220 – Ricardo da Costa.

(259) Mais uma vez no Livro das Maravilhas o sonho surge na história como um canal com a consciência do homem. Lúlio já se referira ao sonho no cap. 16 (Da palavra dos anjos).





e partiram. O Leopardo disse aos bons-homens que confiassem em Deus, que num breve espaço de tempo daria um bom senhor com um bom Conselho e bons oficiais, e não se desesperassem de Deus, porque Ele não permite que um mau príncipe viva por muito tempo para fazer tanto mal quanto faria se vivesse longamente.

Assim que o Leão enviou seus mensageiros e suas jóias ao rei dos homens, Dona Raposa, que agora era porteiro do rei, disse a ele que o Leopardo tinha como mulher a mais bela besta que existe em todo o mundo. Dona Raposa louvou tanto Dona Leoparda que o rei se enamorou da Leoparda e a tomou como mulher, malgrado a rainha e todo seu Conselho, que tiveram grande pavor de Dona Raposa, ao verem que havia induzido o rei a uma falta tão grande contra sua boa mulher e contra o Leopardo, que era seu leal servidor.

– Belo amigo, disse o Boi à Dona Raposa²⁶⁰, tenho grande temor que o Leopardo vos mate quando souber que haveis induzido o rei a forçar sua mulher.

Dona Raposa disse ao Boi estas palavras:

– Uma vez aconteceu de uma donzela cometer uma grande falsidade contra a rainha a quem servia. O rei tinha um grande cuidado com aquela donzela²⁶¹, e a rainha a temia por isso. Por causa desse pavor, a rainha não se vingava da donzela.

Quando os mensageiros chegaram e foram contar a sua missão, o Leopardo foi para sua casa esperando encontrar sua mulher, que muito amava. A Doninha e todos os outros que eram da casa do Leopardo ficaram em grande tristeza quando viram seu senhor, e contaram ao Leopardo a desonra que o rei lhe fez quando forçou sua mulher. O Leopardo, maravilhado, ficou irado contra o rei e perguntou à Doninha se sua mulher ficou irada ou satisfeita quando o rei a tomou para seu serviço.

.....
(260) Já comentamos anteriormente a curiosidade do texto luliano em relação à Dona Raposa, quando usa adjetivos masculinos para designar qualidade de um personagem feminino (N. dos T.).

(261) "...tinha um grande cuidado com aquela donzela", isto é, ela era uma favorita do rei (N. dos T.).





– Senhor, disse a Doninha, Dona Leoparda ficou muito irada com a aproximação do rei e chorou por muito tempo, lamentando separar-se de vós, porque vos amava acima de todas as coisas.

A ira do Leopardo cresceu porque sua mulher foi ao serviço do rei forçada, pois se ela tivesse ido satisfeita, ele não teria tanto desprazer. Estando o Leopardo nessa ira, ele cogitou uma maneira de se vingar do Leão, que tão grande traição lhe fizera.

42. DO COMBATE DO LEOPARDO E DA ONÇA

O Leopardo foi à corte do rei, e quando Dona Raposa o viu chegando, disse secretamente ao rei estas palavras:

– Senhor, por causa de vossa aproximação à Leoparda caí na ira do Leopardo. Logo, se diante do Leopardo não me honrardes e não me fizerdes a honra de estar mais perto de vós que qualquer outro, creio que o Leopardo me matará.

Naquela hora o Leão colocou Dona Raposa em seu Conselho e a fez estar perto de si para que o Leopardo não ousasse feri-la nem matá-la. E pelo conselho de Dona Raposa, fez o Pavão de porteiro, por seu olfato apurado. O Conselho do rei e todos os barões que estavam naquela praça tiveram desprazer com a honra que o rei fez à Dona Raposa e, acima de todos, o Leopardo, ao qual haviam dito que Dona Raposa fora a causa do casamento de sua mulher com o rei.

O Leopardo foi perante o rei e muitos outros honrados barões e acusou o rei de traição, dizendo que ele falsamente havia tomado sua mulher. E que se houvesse algum barão na corte que desejasse redimir o rei de sua traição, ele o combateria e lhe faria dizer que o rei era traidor. Naquele momento, o Leopardo firmou a batalha e deu sua garantia ao rei. Como o Leopardo havia acusado o rei de traição diante de todo seu povo, o rei ficou muito irado com o Leopardo e teve grande vergonha por suas gentes, por ter sido chamado de traidor. O rei disse a seus barões:

– Quem de vós deseja tomar a batalha contra o Leopardo que me acusa de traição?

Todos os barões se calaram, até que Dona Raposa disse estas palavras:





– A traição é uma coisa muito desagradável a Deus, e causa grande desonra a todo o povo do rei que seu senhor seja chamado de traidor. Assim como o Leopardo comete grande desonra a seu senhor, e por fazer desonra desejou o rei colocá-lo em perigo de morte, da mesma forma fará honra todo bom barão que livre o rei da traição e que, por salvar sua honra, se coloque em batalha, recebendo do rei uma grande recompensa.

Pela grande desonra que o rei tinha recebido quando o Leopardo o acusou de traição – e porque a Onça odiara o Leopardo quando o rei dos homens o havia honrado superior a ela – a Onça tomou a batalha para desculpar o rei de traição. Contudo, doía-lhe a consciência, pois sabia que o rei cometera maldades e enganos contra o Leopardo que sempre lealmente o servira.

O Leopardo e a Onça foram para o campo e todo o povo disse: “Agora aparecerá o vencedor, a verdade ou a falsidade”.

Naquele momento, o Galo perguntou à Serpente quem lhe parecia que devesse vencer a batalha, e a Serpente disse estas palavras:

– A batalha foi travada para que a Verdade confundisse e destruísse a Falsidade. Deus é Verdade, toda pessoa que sustenta a Falsidade combate contra Deus e Sua Verdade.

O Leopardo e a Onça entenderam as palavras que a Serpente dizia secretamente ao Galo. O Leopardo ficou muito consolado e a Onça recorreu tristemente à consciência. Teve pavor que os pecados do rei fossem a oportunidade de sua desonra e morte.²⁶²

A batalha entre o Leopardo e a Onça durou todo aquele dia até a hora das completas.²⁶³ A Onça defendeu-se muito fortemente do Leopardo, a qual teria vencido e matado se sua consciência não

.....
(262) No Livro dos Mil Provérbios (1302) Lúlio afirma que “A verdade não tem pavor e a mentira e a falsidade não têm coragem” (XIX. Da Verdade, trad.: Ricardo da Costa e Grupo II de Pesquisas Medievais da Ufes) – Esteve Jaulent.

(263) Completas, isto é na hora de dormir. “As horas do dia eram denominadas segundo as horas de orações: matinas (meia-noite), laudes (três da manhã), primas (primeiras horas do dia, ao nascer do Sol ou cerca de seis da manhã), vésperas (seis da tarde) e completas (na hora de dormir)”, Barbara W. TUCHMANN, Um Espelho Distante. O terrível século XIV, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1990, p. 56 – Ricardo da Costa.





a atormentasse. O Leopardo se esforçava e se revigorava, através da verdade e da ira, contra o rei, cuidando de não desfalecer. Tão forte era o Leopardo pela esperança em seu direito que tinha a certeza de que nada o venceria.²⁶⁴ Por fim, a Onça foi vencida, e ela teve que dizer, diante de toda a corte, que o rei, seu senhor, era falso e traidor. O rei ficou muito confuso e envergonhado com aquela batalha. O Leopardo matou a Onça e todo o povo teve vergonha da desonra de seu senhor.

Por sua vez, o rei esteve em tamanha vergonha e abatimento²⁶⁵ diante de seu povo e ficou tão irado com o Leopardo, que lhe havia feito tão grande desonra, que não se conteve e matou o Leopardo diante de todos, que não pôde se defender porque estava cansado. Todos que estavam na praça do rei sentiram-se descontentes com a falta que o rei havia cometido, e cada um desejou estar na senhoria de outro rei, porque a sujeição do povo a um rei injurioso, irado e traidor é coisa muito perigosa.

O rei esteve toda aquela noite irado e abatido. Na manhã seguinte, ele reuniu seu Conselho e pediu que o aconselhassem sobre o pedido que o rei dos homens lhe fizera, isto é, que lhe enviasse um urso e um lobo.

– Senhor, disse a Serpente, que era o mais sábio conselheiro que o rei tinha, há em vossa terra muitos ursos e lobos. Podeis escolher, a vosso prazer, o urso e o lobo que quiserdes enviar.

Por sua vez Dona Raposa falou que o rei dos homens é o mais nobre e o mais poderoso rei que existe em todo o mundo:

– Por isso, é necessário que envieis, senhor, os mais sábios e mais fortes ursos e lobos que tiverdes, porque se não o fizerdes, poderás ser blasfemado e estar em perigo.

O rei perguntou à Dona Raposa quais eram os mais sábios e os mais fortes ursos e lobos que existiam em seu reino, e Dona Raposa respondeu que eram o Urso e o Lobo de seu Conselho, e que lhe

.....

(264) Pautar-se pela razão faz o Leopardo sentir-se forte – Esteve Jaulent.

(265) No original confusió, "estado psicológico de derrota, de ter sido vencido", GGL, vol. I, 1982, p. 398.





parecia que cada um era mais sábio e mais forte que qualquer urso ou lobo que existiam em seu reino.

O rei achou por bem enviar o Urso e o Lobo que eram do seu Conselho, e o Urso e o Lobo não desejaram esquivar-se, porque amavam a honraria e temiam se esquivar e serem julgados por covardes. Dona Raposa disse ao rei que, assim como enviava ao rei dos homens as mais nobres pessoas de toda a sua terra, deveria enviar também o mais sábio mensageiro de sua corte para guiar o Urso e o Lobo com seus presentes. O rei achou isso bom, e disse à Serpente que ela seria sua mensageira.

Mas antes que a Serpente saísse da corte do rei para ser sua mensageira, disse estas palavras:

– Uma vez aconteceu que uma raposa encontrou em uma bela planície um monte de vísceras e um anzol que um pescador havia colocado para prender a raposa, caso ela comesse aquelas vísceras. A raposa, vendo as vísceras, não as quis tocar, e disse estas palavras: “Estas vísceras não foram colocadas neste prado sem alguma intenção de provocar trabalho e perigo”.

Depois de o Leão ter pecado e matado o Leopardo, não teve mais tanta sutileza nem engenho como tivera antes, e não entendeu o significado das palavras que a Serpente disse.²⁶⁶

.....
(266) “Se o Leão já começara a perder a integridade interior – e, em consequência, a sua capacidade intelectual, iniciara o processo de deterioração – o leoparcidício, que fora também outro ato irracional motivado por um excesso de sentimento mau, agravou por demais a intoxicação de sua mente. Parece-nos que a concepção luliana de lucidez, pelas perspectivas de aplicação prática que apresenta, é um dos temas que mais deveria atrair os estudiosos de sua obra, toda ela impregnada dessa doutrina que, além do mais, nos parece profundamente experienciada pelo próprio Lúlio. Referindo-se a si mesmo nos anos anteriores à sua conversão, conta-nos que, “como água barrenta, suja e envenenada, assim estão cheios de trevas meus pensamentos” (*Llibre de contemplació*, [*Liber contemplationis magnus*, escrito por volta de 1272-1273]), cap. 166, 22. Ver também OE, 1960, vol. II, p. 476-477). O homem reconquistará a sua lucidez mediante os hábitos bons, obras racionais, fruto da liberdade humana. Os hábitos bons possibilitam a penetração do racional na sensibilidade, acabando de vez com a indeterminação dos sentimentos.” – Esteve JAULENT, “Capítulos Introdutórios”, em RAMON LLULL, *Livro das Bestas*, São Paulo: Editora Giordano / Edições Loyola, 1990, p. 28-29.





Pedi então à Serpente que lhe expusesse as palavras conforme seu entendimento. A Serpente disse que depois que o Boi e Dona Raposa foram à sua corte, esta não ficou mais sem trabalhos e tribulações. Por isso, a honraria que o Leão havia feito ao Boi e à Dona Raposa seria também a causa de existirem trabalhos e tribulações para o rei e sua corte.

Quando o Boi ouviu que a Serpente o estava acusando perante o rei, se defendeu diante dele e diante da Corte, e disse que não era culpado de coisa tão má, nem lhe parecia ter feito alguma coisa má contra o rei e sua Corte, porque o rei o tinha honrado e porque sendo besta boa para comida do rei, mesmo assim o rei não queria comê-lo e, por isso, devia guardar e salvar toda a honra do rei. Então o Boi se desculpou ao rei de todas as maneiras, e disse como Dona Raposa lhe aconselhara gritar três vezes à noite e três vezes ao dia, e que depois viesse à corte para tratar coisas boas com o rei.

O Boi desculpou-se ao rei de tal maneira que Dona Raposa teve desprazer e em seu coração concebeu uma má vontade contra o Boi. Um dia nevou muito e fez muito frio, e o Leão e aqueles de sua corte não tinham o que comer e tiveram grande fome. O Leão perguntou à Dona Raposa o que poderiam comer. Dona Raposa disse que não sabia, mas que iria ao Pavão para lhe perguntar se alguma besta estava perto daquele lugar, para que o rei e seus companheiros pudessem comer.

O Pavão, vendo Dona Raposa chegar, teve grande pavor porque muito a temia. Dona Raposa disse ao Pavão que se o rei lhe perguntasse de alguma besta que pudesse ser comida, que dissesse ao Leão que não sabia de nenhuma, mas que, sentindo a respiração do Boi, achava que ele deveria morrer em breve de alguma doença. O Pavão, por temer Dona Raposa e porque o Boi comia seu trigo, consentiu em sua morte, e disse ao Leão o que Dona Raposa lhe havia dito.

Quando o Leão perguntou ao Pavão o que poderia comer, o Pavão disse ao Leão que não sabia, mas sabia que o Boi deveria morrer em breve conforme o significado de sua respiração corrompida, o





Leão teve vontade de comer o Boi, mas pesou-lhe na consciência o pensar em matá-lo, porque lhe havia prometido lealdade e porque o Boi o servira por muito tempo e confiava nele.

Quando Dona Raposa viu que o rei hesitava em comer o Boi, se aproximou do rei e lhe perguntou por que não comia o Boi, já que o Boi deveria morrer em breve por doença, segundo o conhecimento do Pavão, e principalmente sendo vontade de Deus que o rei tenha suas necessidades satisfeitas pelos seus súbditos, todas as vezes que for necessário.

O Leão respondeu à Dona Raposa, e disse que por nada quebraria a fé que havia depositado no Boi.

– Senhor, disse Dona Raposa, comereis o Boi se eu fizer que ele mesmo peça que comais e se ele vos livrar da fé que lhe haveis prometido?

O Leão prometeu que sim.

Naquele momento Dona Raposa foi a um Corvo que tinha grande fome, e lhe disse estas palavras:

– O Leão tem fome, e planejo matar o Boi, que é muito grande e bastará a todos, como grande besta que é. E se o Leão disser diante de ti que tem fome, tu te oferecerás ao rei e dirás que te coma. Mas ele não te comerá, porque te defenderei, e ele não rejeitará meu conselho porque tudo o que aconselho, ele faz; e se eu me oferecer ao rei como comida, tu dirás que não sou bom para ser comido, e que minha carne não é saudável.

Após ter doutrinado o Corvo, ele foi ao Boi e lhe disse que o rei desejava comê-lo, porque o Pavão lhe tinha dito que sabia que tinha pouco tempo de vida por causa de sua doença. O Boi teve grande pavor e disse que a palavra que o camponês disse ao cavaleiro era verdadeira.

– E como foi isso? – perguntou Dona Raposa. O Boi lhe disse então estas palavras:

– Um rico camponês desejava honraria e deu sua filha como mulher a um cavaleiro que amava a riqueza do camponês. A honraria converteu-se em riqueza, mas a riqueza não conseguiu ter





tão grande poder no camponês que o tornasse honrado. A honraria do cavaleiro tirou a riqueza do camponês de tal maneira que este ficou pobre e sem honra, e o cavaleiro rico e honrado. Então o camponês disse ao cavaleiro que a intimidade entre o cavaleiro e o camponês fez o camponês ficar em trabalhos e pobreza, e o cavaleiro em honra. Assim, disse o Boi, a intimidade do Boi com o Leão resultará na morte do Boi e na satisfação do Leão.²⁶⁷

Dona Raposa disse ao Boi que não tivesse medo, pois o Leão lhe fizera uma promessa de fidelidade e que não lhe trairia, e aconselhou o Boi que, caso fosse necessário, se oferecesse como comida ao Leão, e então o Leão lhe seria muito grato e por essa gratidão ofertada e pela dívida que tinha com ele não lhe faria nenhum mal. E ainda – disse ela – que o ajudaria de tal maneira que o Leão não lhe faria vilania nem injustiça.

Quando Dona Raposa ordenou todas essas coisas, foi até o Leão com o Boi e o Corvo, e o Corvo se aproximou do Leão e lhe disse que sabia de sua fome e pediu que o comesse. Dona Raposa respondeu e defendeu o Corvo, dizendo que não era carne conveniente para ser comida de rei. Depois dessas palavras, Dona Raposa disse ao rei que a comesse, porque não tinha outra coisa para dar-lhe para comer, mas somente a si mesma, e o Corvo disse ao Leão que a carne de Dona Raposa não era saudável para comer. Naquele momento, com palavras semelhantes o Boi se ofereceu ao Leão, e disse ao Leão que o comesse, porque ele era grande e

.....
(267) Além da idéia da intimidade como algo prejudicial às partes envolvidas, este exemplum contado pelo Boi à Dona Raposa mostra bem o caráter estamental da sociedade medieval, isto é, a condição social do indivíduo era determinada por seu nascimento e sua função, e não por sua riqueza material. Daí a possibilidade da existência de um camponês rico e um nobre pobre (“A maioria dos cavaleiros leva, numa casa rural, uma existência semicamponesa e dirige sozinho o cultivo de suas pequenas propriedades quando não precisa atender às funções bélicas; e não faltam fidalgotes famélicos [...] que mal conseguem custear suas armas e que são obrigados, para não descer ao nível dos camponeses, a lançar-se à aventura”, Maurice CROUZET, [dir.], *História Geral das Civilizações. A Idade Média. O período da Europa feudal, do Islã turco e da Ásia mongólica [séculos XI-XIII]*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994, vol. VII, p. 22) – Ricardo da Costa.





gordo e tinha uma boa carne para ser comida. Então o Leão matou o Boi, e Dona Raposa, o Corvo e o rei comeram dele à vontade.²⁶⁸

Quando o Boi foi morto, o Leão perguntou ao Galo e à Dona Raposa quem seria seu camareiro. O Galo desejou falar primeiro, mas Dona Raposa lhe olhou com ira e ele hesitou falar antes que Dona Raposa falasse. Dona Raposa falou ao rei, dizendo-lhe que o Coelho tinha um belo semblante, era uma besta humilde e estaria bem no ofício exercido pelo Gato e o Boi. O Leão perguntou ao Galo se achava bom o que dizia Dona Raposa, e o Galo não ousou dizer nada contra o conselho de Dona Raposa, porque muito temia, e aconselhou o rei a fazer a mesma coisa que Dona Raposa havia aconselhado. O Leão fez do Coelho camareiro, e Dona Raposa teve grande poder na Corte, porque o Galo, o Pavão e o Coelho a temiam, e o Leão acreditava em tudo que Dona Raposa lhe dizia.

Um dia aconteceu que o rei teve que entender um grande feito que havia acontecido em seu reino e se aconselhou com o Galo e com Dona Raposa. O Galo disse ao rei que em tão grandes negócios ele não era suficiente para aconselhá-lo sem outros companheiros, e aconselhou o rei a aumentar seu Conselho, porque não era honra de rei ter um conselho diminuído, o qual Conselho havia diminuído depois da perda da Serpente, do Leopardo, da Onça e do Lobo. O rei houve por bem fazer conselheiros, e o teria feito se Dona Raposa não lhe tivesse dito estas palavras:

– Em uma terra vivia um homem a quem Deus dera tanta ciência que entendia tudo o que diziam as bestas e os pássaros. Deus dera-lhe aquela ciência com a condição de não dizer nada do que as bestas e os pássaros ouviam e diziam a nenhuma pessoa, pois, no dia que dissesse, morreria. Aquele homem tinha uma horta na qual um boi puxava água de um poço com

.....
 (268) Esta história também é proveniente de Kalila e Dimna, mas no original é o Corvo que prepara a trama (e não Dona Raposa) com um Lobo e um Chacal como companheiros e um Camelo, que é devorado no fim.





uma nora²⁶⁹, e um asno carregava os excrementos com os quais adubava aquela horta. Aconteceu que, nas vésperas²⁷⁰, o Boi estava cansado, e o asno o aconselhou a não comer a cevada para que, no dia seguinte, ele repousasse, e o homem não o colocasse a puxar água. O boi seguiu o conselho do asno e não comeu a cevada nas vésperas. O hortelão cuidou do boi como se ele estivesse doente, e colocou o asno em seu lugar para tirar a água. Todo aquele dia o asno esteve em grandes trabalhos puxando a água. Quando chegou a noite, ele foi para o estábulo, onde encontrou o boi deitado e descansando. O asno chorou diante do boi e disse estas palavras: “O senhor”, disse o asno, “quer que vá a um açougueiro pois está pensando que estás doente. Por isso, antes que te mate, é bom que tu retornes a teu ofício e não mostre um semblante doente”.

O asno disse essas palavras ao boi para que o homem não tornasse a levá-lo a puxar água do poço, que era um trabalho maior que o de carregar os excrementos. O boi teve pavor de morrer e comeu a cevada naquela noite para ficar com o aspecto de curado. O homem, que era o senhor do boi e do asno, entendeu o que eles disseram, e riu diante de sua mulher daquilo que o asno e o boi disseram. A mulher daquele homem quis saber do por que seu marido ria, e ele não quis dizer, porque temia a morte que lhe sobreviria se dissesse que entendia o que as bestas e as aves diziam. A mulher pediu por muito tempo a seu marido que dissesse do que estava rindo, mas ele não quis dizer. Sua mulher disse que não comeria nem beberia e que se deixaria morrer se seu marido não lhe contasse. Todo aquele dia e toda a noite a mulher má jejuou, não querendo comer nem beber. O marido, que muito a amava, disse que lhe diria e fez seu testamento. Depois do

.....
(269) Sínia, nora (do árabe *anna'urâ*), aparelho para tirar água dos poços, cisternas, rios, cuja peça principal é uma grande roda de madeira em volta da qual passa uma corda a que estão presos alcatruzes.

(270) Vésperas = seis da tarde. Matinas (meia-noite), laudes (três da manhã), primas (primeiras horas do dia, ao nascer do Sol ou cerca de seis da manhã), vésperas (seis da tarde) e completas (na hora de dormir) – Ricardo da Costa.





testamento, quis dizer à sua mulher do que ria. Mas ouviu o que o cão disse ao galo e o que o galo respondeu ao cão.

– E o que foi isso? – perguntou o Leão à Dona Raposa.

Dona Raposa contou ao Leão que, enquanto o homem fazia seu testamento, o galo cantou e o cão repreendeu o galo que cantava, pois seu senhor devia morrer. Muito se maravilhou o galo por o cão o ter repreendido por seu cantar, e o cão lhe contou como seu senhor deveria morrer, e desejava morrer, para que sua mulher vivesse. O galo respondeu que era bom que morresse, porque ele era um homem perverso já que não sabia ser senhor de uma fêmea. Naquele momento o galo gritou para dez galinhas que tinha, reuniu todas num lugar e fez delas o que bem quis. O galo fez isso para que o cão se consolasse da morte de seu senhor. Ambos se consolaram da morte de seu senhor, o galo cantou e o cão se alegrou. “Companheiro”, disse o cão ao galo, “se você tivesse uma mulher tão louca como tem meu senhor, o que farias se, porventura, uma mulher te colocasse à porta da morte como fez a de meu senhor?”. O galo disse que, se ele estivesse no lugar de seu senhor, cortaria cinco galhos de uma romãzeira que tinha em sua horta e bateria tanto na mulher até que todos os galhos se partissem, e ela se decidisse a beber e comer, ou a deixaria morrer de fome e sede. O homem, que entendera as palavras do cão e do gato, se levantou do leito e fez o que o galo havia aconselhado, e sua mulher, após ter sido bem surrada, comeu, bebeu, e fez tudo o que seu marido quis.²⁷¹

Quando Dona Raposa contou o exemplo dito acima, disse que o galo era tão sábio que sabia aconselhar todas as coisas e, por isso, não era necessário que o rei aumentasse seu Conselho, especialmente porque em multidão de conselheiros existe grande desvario de diversas intenções, opiniões e vontades, e essa multidão muitas vezes transtorna o Conselho do príncipe.

Quando Dona Raposa terminou de falar, o Galo disse estas palavras:

.....
(271) Esta história provém do Prólogo das Mil e uma Noites.





– Um papagaio estava em uma árvore com um corvo, e sob a árvore havia um símio que colocara lenha sobre um vaga-lume, porque pensava que fosse fogo, e soprava aquela lenha com a intenção de fazer fogo para se aquecer. O papagaio gritava ao símio que aquilo não era fogo e sim um vaga-lume. O corvo disse ao papagaio que deixasse de querer castigar ou doutrinar quem não recebia conselho nem correção. Muitas vezes o papagaio disse ao símio que aquilo era vaga-lume e não fogo, como ele pensava, e o corvo repreendia o papagaio por querer endireitar o que é naturalmente torto. O papagaio desceu da árvore e se aproximou do símio para poder dá-lo a entender melhor sua reprovação, e tão perto ficou do símio que ele o prendeu e o matou.²⁷²

Quando o Galo disse esse exemplo, o rei teve opinião que aquilo era para si e fez um semblante áspero contra o Galo, um semblante de má vontade. Naquele momento, Dona Raposa prendeu o Galo e o matou, comendo-o diante o rei.

Após Dona Raposa ficar como o único conselheiro do rei – o Coelho como camareiro e o Pavão como porteiro – esteve em grande alegria, pois o rei fazia tudo o que desejava. Enquanto Dona Raposa estava nesta alegria, lembrou-se da traição que havia

.....
(272) Este é mais um exemplum de Kalila e Dimna. Lúlio já contara essa história em *Blaquerna (Libre d'Evast e d'Aloma e de Blaquerna, escrito em 1283 em Montpellier)*, e a repetirá, com alterações dos personagens, na *Árvore da Ciência* (1295-1296): “Conta-se, disse o aguazil, que dois símios haviam colocado lenha sobre um vagalume, pois acreditavam que fosse fogo, e porque haviam feito isso, desejavam acender o fogo para se aquecer. A pomba disse muitas vezes aos símios que o vag-lume não era fogo, e que lhe parecia que os símios, que desejavam ser homens, eram figuras muito feias em comparação com os homens; a garça disse à pomba que não desejava castigar o homem torto e obstinado, porque poderia daí haver dano, porque homem torto e obstinado não se deixa castigar e causa dano àqueles que o castigam. A pomba não quis acreditar no conselho que a garça lhe dava, e cuidou para que os símios não a ouvissem da outra árvore que estava. E então a pomba voou baixo na terra dos símios, e disse a eles que o vagalume não era fogo. Os símios pegaram a pomba, a mataram e a comeram. E a garça disse que ela havia perdido suas palavras na pomba, mas em si mesma as havia encontrado, porque do que havia dito tinha experiência” (a tradução é minha) (RAMON LLULL, *Árvore Exemplifical. Dos provérbios do tronco Imperial*, em ORL, vol. XII, tomo II, 1923, p. 375-377) – Ricardo da Costa.





concebido contra o rei e, naquele momento, disse ao Elefante que cuidaria da morte do rei para que ele fosse rei. Dona Raposa desejava continuar no estado em que se encontrava, mas tinha temor de que o Elefante a denunciasse. Por isso, quis tratar da morte do rei para dar ao Elefante o que lhe prometera.

43. DA MORTE DE DONA RAPOSA

Dona Raposa não esqueceu de tratar da morte do rei, mas esqueceu a honraria que o rei lhe fizera diante de todos os barões de sua corte. Um dia Dona Raposa disse ao Elefante que chegara a hora da morte do rei, principalmente porque tudo estava preparado, já que em sua corte não havia mais outro conselheiro, somente Dona Raposa. O Elefante por muito tempo considerou o que Dona Raposa dizia, e teve escrúpulos de consciência em consentir na morte do rei. Por outro lado, ele temia que se fosse desobediente à Dona Raposa poderia ser denunciado e morto.

Finalmente, o Elefante decidiu não se associar à Dona Raposa, porque sua consciência não lhe permitia dar morte ao rei. Por outro lado, temia que se fosse rei, Dona Raposa o traísse da mesma forma como traiu o rei, e o Elefante preferiu estar em perigo de morte a cometer traição contra seu senhor natural. Enquanto o Elefante assim considerava, disse para si que assim como Dona Raposa desejava matar o rei com maestria, da mesma forma ele, com maestria, faria o rei matar Dona Raposa. “- Porque, se no corpo de Dona Raposa cabem traição, astúcia e habilidade”, pensou o Elefante, “meu corpo, que é tão grande, deve caber mais ainda lealdade, sabedoria e habilidade”.

– Senhor Elefante, disse Dona Raposa, o que considerais? E por que não cuidais de ser rei antes que a Serpente, que é muito sábia e astuta, retorne de sua missão?

Então o Elefante teve a idéia de esperar a Serpente chegar antes de tratar qualquer coisa contra Dona Raposa, e trataria com a Serpente a maneira com a qual o rei mataria Dona Raposa.





Quando Dona Raposa viu que o Elefante negligenciava seu negócio, teve temor que a Serpente não retornasse e que o Elefante não a descobrisse. Então Dona Raposa disse ao Elefante que se apressasse, porque se não o fizesse, ele trataria de fazê-lo de uma maneira que ele não imaginava.

O Elefante teve grande pavor da astúcia de Dona Raposa, e quis saber em qual condição desejava estar com ele quando fosse rei. Dona Raposa disse que ele desejava estar na mesma condição que estava com o rei, isto é, ser somente seu conselheiro, e que o Coelho fosse seu camareiro e o Pavão seu porteiro. Depois que Dona Raposa disse sua condição ao Elefante, perguntou à Dona Raposa como seria a morte do rei, e Dona Raposa contou ao Elefante a maneira que havia pensado a morte do rei, dizendo estas palavras:

– Entre o Javali e o rei porei uma grande malevolência, pois o Javali pensa ser como o rei, em pessoa e força. Direi ao Javali que vigie o rei, pois esse deseja matá-lo, direi ao rei que vigie o Javali, pois esse deseja ser rei, e farei com que o rei mate o Javali. E quando o Javali estiver morto e o rei estiver cansado da batalha com o Javali, então vós, senhor Elefante, poderás matar rapidamente o rei e poderás ser rei.

Pela maneira pensada por Dona Raposa, o Elefante decidiu enganar Dona Raposa, e disse estas palavras:

– Vã é toda promessa sem testemunhas e, por isso, considero bom que vós, Dona Raposa, tenhais testemunhas daquela promessa que desejais que eu faça, isto é, que sejais somente meu conselheiro, que o Coelho seja meu camareiro e que o Pavão seja meu porteiro. Porque sem testemunhas, se eu negasse vossa promessa, vós o poderíeis provar, e eu, se porventura fosse rei, não teria tanta obrigação de vos honrar quanto faço agora que não sou rei, e sois conselheiro do rei.

Dona Raposa considerou por muito tempo o que o Elefante disse, e teve pavor que as testemunhas descobrissem sua traição. Quando o Elefante viu Dona Raposa estar pensativo, disse à Dona





Raposa que as melhores testemunhas que ele poderia ter eram o Coelho e o Pavão, que temiam Dona Raposa e teriam prazer de serem seus oficiais. E não precisava ter temor que eles descobrissem qualquer coisa secreta sua.

Dona Raposa considerou bom o conselho que o Elefante lhe deu, e este, na presença do Coelho e do Pavão, firmou sua promessa, e o Coelho e o Pavão prometeram segredo ao Elefante e à Dona Raposa.

Depois dessas palavras, o Elefante aconselhou Dona Raposa que dissesse primeiramente ao Porco²⁷³ que o rei desejava matá-lo, e depois que o dissesse ao rei. Dona Raposa foi primeiramente falar com o Porco, e o Elefante, enquanto Dona Raposa falava com o Javali²⁷⁴, falou com o rei, ao qual lhe disse tudo o que Dona Raposa havia planejado, e pediu perdão ao rei por ter concebido traí-lo. Disse-lhe ainda como estava arrependido e como amava mais ser um súdito leal que um rei traidor.

– Como, disse o Leão, posso estar certo que o que dizeis, Elefante, seja verdade?

O Elefante disse que o rei poderia saber o que Dona Raposa havia feito, pois em seu Conselho não havia mais nenhuma outra besta a não ser Dona Raposa, o Coelho e o Pavão, que o temiam por natureza, e estes Dona Raposa os trouxera para a casa do rei.

– Além disso, senhor Leão, vos darei outra certeza: como Dona Raposa foi até o Javali e lhe disse que desejais matá-lo, dirá a mesma coisa a vós, que o Javali deseja matá-lo, e vos aconselhará a mostrar um semblante orgulhoso ao Javali para que o Javali acredite ser verdade o que Dona Raposa lhe disse.

Após estas palavras, o Elefante disse ao rei que o Coelho e o Pavão tinham consentido com sua morte. O rei ficou muito maravilhado que Dona Raposa, a quem havia feito tanta honraria, pudesse conceber engano e pecado contra ele. E disse estas palavras:

.....
(273) No original está exatamente assim: primeiramente Lúlio chama a besta de Javali, e nesta passagem de Porco. Preservamos o texto como está no original (N. dos T.).

(274) Nesta passagem volta a chamar o Porco de Javali.





– Ouvi de meu pai que meu avô, que era rei de uma grande terra, desejou rebaixar os barões, aos quais pertencem as honras, e desejou exaltar as vis bestas, às quais não convêm honraria, entre as quais estava o Símio, que foi muito honrado. Aquele Símio, por ser semelhante ao homem, teve desejo de ser rei, e concebeu, no lugar da honraria, uma traição contra meu avô.

– Senhor, disse o Elefante, numa taça pequena não pode caber muito vinho, nem em uma pessoa que seja de lugar vil pode caber honraria e grande lealdade. Por isso, é bom que mateis Dona Raposa, tenhais bom Conselho, sejais livre em vosso senhorio e não submetais a nobreza que Deus vos deu por linhagem e ofício a uma má pessoa.²⁷⁵

Após estas palavras, o Elefante foi ao Javali, com quem Dona Raposa havia falado, e disse que sabia o que Dona Raposa lhe dissera. Assim, o Elefante disse ao Javali o que Dona Raposa lhe disse. O Javali se maravilhou de como o Elefante sabia disso, e o Elefante contou-lhe todo o feito.

Enquanto o Elefante falava com o Javali, Dona Raposa foi ao Leão e lhe disse que o Javali desejava matá-lo. Então o Leão entendeu que Dona Raposa desejava traí-lo. O rei reuniu muitos barões diante de si, entre eles o Elefante, o Javali, Dona Raposa, o Coelho e o Pavão. Diante de todos, o Leão ordenou ao Coelho e ao Pavão que lhe dissessem a verdade sobre o testemunho que haviam prometido fazer à Dona Raposa após a sua morte. O pavor do Coelho e do Pavão foi muito grande²⁷⁶, mas muito maior foi o de Dona Raposa, que disse ao rei estas palavras:

.....
(275) Interessante passagem que exprime com clareza a idéia medieval de ordem social, isto é, todos estão nos seus devidos lugares e sempre deverão estar – Ricardo da Costa.

(276) Um sentimento mau, neste caso o medo da Raposa dominava o Coelho e o Pavão, impedindo-os de manifestar a verdade. O gênio imaginativo e fecundo de Lúlio mostra, assim, de modo claro e definitivo, como seria impossível a uma sociedade reconhecer a verdade – e, por conseguinte, crescer em conhecimento e desenvolver-se – se esta não impregnasse a conduta das pessoas. E para tanto, torna-se necessário corrigir os sentimentos. Somente pouco depois, quando o urro do Leão propiciar, no Coelho e no Pavão, a troca de seu sentimento mau – o medo de dizer a verdade – por outro bom – o medo de mentir –, é que a verdade triunfará e, tornando-se patente a todos, poderá servir como guia e regra de seu autogoverno. – Esteve Jaulent.





– Senhor rei, para provar que vossos barões são bons e leais, disse o que disse ao Elefante, e disse o mesmo ao Javali. Do Coelho e do Pavão asseguro-vos que não falei o que o Elefante me acusa.

Dona Raposa confiava que o Coelho e o Pavão, por tanto o temerem, não ousariam acusá-lo ao rei, nem revelariam nada. Após Dona Raposa ter falado, o rei olhou horrivelmente para o Coelho e o Pavão, e gritou um urro muito grande a fim de que a natureza de seu alto senhorio tivesse maior virtude na consciência do Coelho e do Pavão do que a natureza por força da qual o Coelho e o Pavão têm pavor de Dona Raposa. Quando o Leão deu o grande urro, disse furiosamente ao Coelho e ao Pavão que dissessem a verdade, e o Coelho e o Pavão não puderam conter-se e disseram a verdade ao rei. E naquele mesmo instante o rei pessoalmente matou Dona Raposa.

Depois que Dona Raposa foi morta, a corte do rei desfrutou de um bom estamento. O rei fez o Elefante, o Javali e outros honrados barões de seu Conselho, e expulsou o Coelho e o Pavão.

Está terminado o *Livro das Bestas* que Félix levou a um rei a fim de que ele, olhando o que fazem as bestas, visse a maneira segundo a qual deve reinar e como deve se proteger dos maus conselhos e dos homens falsos.²⁷⁷

.....
(277) Todos os especialistas são unânimes em afirmar que este rei é Filipe, o Belo, da França (1285-1314 n. 1268).







Assim Falava Zaratustra
Nietzsche - Ed. 01



As Paixões da Alma
Descartes - Ed. 06



Monarquia
Dante Alighieri - Ed. 11



A Política
Aristóteles - Ed. 16



A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado
Engels - Ed. 02



A Origem da Desigualdade Entre os Homens
Rousseau - Ed. 07



O Príncipe
Maquiavel - Ed. 12



Cândido ou o Otimismo
Voltaire - Ed. 17



Elogio da Loucura
Erasmo - Ed. 03



A Arte da Guerra
Maquiavel - Ed. 08



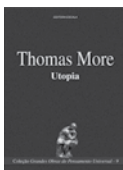
O Contrato Social
Rousseau - Ed. 13



Reorganizar a Sociedade
Comte - Ed. 18



A República (Tomo I)
Platão - Ed. 04



Utopia
Thomas More - Ed. 09



Banquete
Dante Alighieri - Ed. 14



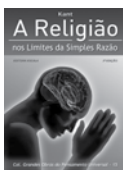
A Perfeita Mulher Casada
Luis de León - Ed. 19



A República (Tomo II)
Platão - Ed. 05



Discurso do Método
Descartes - Ed. 10



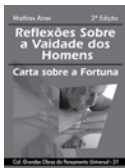
A Religião nos Limites da Simples Razão
Kant - Ed. 15



A Genealogia da Moral
Nietzsche - Ed. 20



Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal



Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens
Mathias Aires - Ed. 21



A Dignidade do Homem
Pico Della Mirândola - Ed. 26



Além do Bem e do Mal
Nietzsche - Ed. 31



Soliloquios
Santo Agostinho - Ed. 36



De Pueris (Dos Meninos)
Erasmo - Ed. 22



Os Sonhos
Quevedo - Ed. 27



A Princesa da Babilônia
Voltaire - Ed. 32



O Livro do Amigo e do Amado
Lúlio - Ed. 37



Caracteres
La Bruyère - Ed. 23



Crepúsculo dos Ídolos
Nietzsche - Ed. 28



A Origem das Espécies (Tomo I)
Darwin - Ed. 33



Fábulas
Fedro - Ed. 38



Tratado Sobre a Tolerância
Voltaire - Ed. 24



Zadig
Voltaire - Ed. 29



A Origem das Espécies (Tomo II)
Darwin - Ed. 34



A Sujeição das Mulheres
Stuart Mill - Ed. 39



Investigação Sobre o Entendimento Humano
Hume - Ed. 25



Discurso Sobre o Espírito Positivo
Comte - Ed. 30



A Origem das Espécies (Tomo III)
Darwin - Ed. 35



O Sobrinho de Rameau
Diderot - Ed. 40





O Diabo Coxo
Guevara - Ed. 41



Cartas Persas (Tomo I)
Montesquieu - Ed. 46



A Hora de Todos
Quevedo - Ed. 51



O Governo Representativo
Stuart Mill - Ed. 56



Humano, Demasiado Humano
Nietzsche - Ed. 42



Cartas Persas (Tomo II)
Montesquieu - Ed. 47



O Anticristo
Nietzsche - Ed. 52



Ecce Homo
Nietzsche - Ed. 57



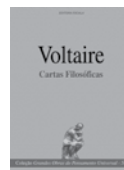
A Vida Feliz
Sêneca - Ed. 43



Princípios do Conhecimento Humano
Berkeley - Ed. 48



A Tranquilidade da Alma
Sêneca - Ed. 53



Cartas Filosóficas
Voltaire - Ed. 58



Ensaio Sobre a Liberdade
Stuart Mill - Ed. 44



O Ateu e o Sábio
Voltaire - Ed. 49



Paradoxo Sobre o Comediante
Diderot - Ed. 54



Cartas Sobre os Cegos
Diderot - Ed. 59



A Gaia Ciência
Nietzsche - Ed. 45



O Livro das Bestas
Lúlio - Ed. 50



O Conde Lucanor
Don Juan Manuel - Ed. 55



A Amizade
Cícero - Ed. 60

Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal



Do Espírito Geométrico
Pascal - Ed. 61



Aurora
Nietzsche - Ed. 66



Manifesto do Partido Comunista
Marx e Engels - Ed. 71



O Livro do Filósofo
Nietzsche - Ed. 76



Crítica da Razão Prática
Kant - Ed. 62



Belfagor, o Arquidiabo
Maquiavel - Ed. 67



A Constância do Sábio
Sêneca - Ed. 72



A Miséria da Filosofia
Marx - Ed. 77



A Velhice Saudável
Cícero - Ed. 63



O Livro dos Mil Provérbios
Lúlio - Ed. 68



O Nascimento da Tragédia
Nietzsche - Ed. 73



Soluções Positivas da Política Brasileira
Pereira Barreto - Ed. 78



Dos Três Elementos
López Medel - Ed. 64



Máximas e Reflexões
La Rochefoucauld - Ed. 69



O Bisbilhoteiro
Quevedo - Ed. 74



A Filosofia da Miséria (Tomo I)
Proudhon - Ed. 79



Tratado da Reforma do Entendimento
Spinoza - Ed. 65



Utilitarismo
Stuart Mill - Ed. 70



O Homem dos Quarenta Escudos
Voltaire - Ed. 75



A Filosofia da Miséria (Tomo II)
Proudhon - Ed. 80



A Brevidade da Vida
Sêneca - Ed. 81



O Caso Wagner
Nietzsche - Ed. 86



Os Deveres (Tomos II e III)
Cícero - Ed. 91



O Viajante e sua Sombra
Nietzsche - Ed. 82



A Clemência
Sêneca - Ed. 87



A Filosofia na Época Trágica dos Gregos
Nietzsche - Ed. 92



A Liberdade do Cristão
Lutero - Ed. 83



Da Utilidade e do Inconveniente da História para a vida
Nietzsche - Ed. 88



A Cidade do Sol
Campanella - Ed. 93



Miscelânea de Opiniões e Sentenças
Nietzsche - Ed. 84



Os Deveres (Tomo I)
Cícero - Ed. 89



David Strauss Sectário e Escritor
Nietzsche - Ed. 94



A crítica Kantiana do Conhecimento
Leonardo Polo - Ed. 85



Schopenhauer Educador
Nietzsche - Ed. 90



Impressão e Acabamento:
Oceano Ind. Gráfica – (11) 4446-7000
• 2009 •

